

MARCELLA NUNES CORDEIRO COSTA

**PROJETOS DE VIDA E CAMPO DE POSSIBILIDADES DOS JOVENS
ESTUDANTES DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PAULO FREIRE (EFAP)**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Extensão Rural, para obtenção do
grau de Magister Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL

2014

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

C837p
2014
Costa, Marcella Nunes Cordeiro, 1988-
Projetos de vida e campo de possibilidades dos jovens da
Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP) / Marcella Nunes
Cordeiro Costa. – Viçosa, MG, 2014.
xv, 159f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Douglas Mansur da Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f.156-159.

1. Jovens - Ensino agrícola. 2. Educação rural. 3. Jovens -
Emprego. 4. Sociologia rural. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Economia Rural. Programa de Pós-graduação
em Extensão Rural. II. Título.

CDD 22. ed. 630.7

MARCELLA NUNES CORDEIRO COSTA

**PROJETOS DE VIDA E CAMPO DE POSSIBILIDADES DOS JOVENS
DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PAULO FREIRE (EFAP)**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa, como
parte das exigências do Programa de
Pós-Graduação em Extensão
Rural, para obtenção do título de
Magister Scientiae.


APROVADA: 25 de junho de 2014.



Sheila Maria Doula



Marcelo Loures dos Santos



Douglas Mansur da Silva
(Orientador)

Dedico esse trabalho a todos os jovens da Escola Família Agrícola Paulo Freire, que movidos por muita alegria e entusiasmo, seguem acreditando em seus sonhos e lutando por um espaço, de vida e trabalho, na sociedade.

Sociedade

Eles cantaram às margens dos grandes rios
Havia a sociedade de consumo mais eles perguntaram. E o homem?
É só o que consome, só o homem e o seu sumo?
Onde está o homem?
E cantavam nas margens dos grandes rios...
Havia automóveis, frigoríficos, televisão...
Havia sociedade por ações, mas eles perguntaram:
E o amor?
É somente a solidão
É só esta mobília a prestação?
E cantavam nas margens dos grandes rios
Havia o verbo ser e o verbo ter
Havia o não haver e o haver
Demais outros, mais eles se perguntavam:
E viver?
E só este não ser para ter mais?
E cantavam nas margens dos grandes rios

Luis Carlos Vieira e Cleyson Kehher (2º ano da EFAP, 2013).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e às forças protetoras do universo que me impulsionaram à realização deste trabalho.

Também quero agradecer aos jovens da Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP), os grandes sujeitos dessa pesquisa, pelo aprendizado pessoal e por terem compartilhado comigo suas histórias de vida, o que me fez crescer muito espiritualmente, socialmente e intelectualmente. Agradeço pelas alegrias partilhadas, pela receptividade e pela riqueza de experiências que me foram proporcionadas. Da mesma forma agradeço aos monitores e profissionais da EFAP, em geral, que desde sempre me receberam muito bem e contribuíram em todas as necessidades que eu tive durante o processo. Agradeço, especialmente, ao Luís, monitor de Geografia e companheiro na socialização de conhecimentos, que me possibilitaram um crescimento pessoal e compreensão do universo das EFAs. Além disso, agradeço por ter me apresentado e encaminhado à escola. À família EFAP, em geral, tenho profunda gratidão pelo acolhimento.

Quero agradecer também ao meu orientador Professor Douglas Mansur da Silva, que é um exemplo de pesquisador e professor para mim. Agradeço, principalmente, pelo crescimento intelectual proporcionado e pela paciência e compreensão em relação a minha condição de mãe. Agradeço à disposição dos membros da banca Professor Marcelo Loures dos Santos e Professora Sheila Maria Doula, a quem também tenho gratidão pela contínua colaboração intelectual, bem como por ter me acolhido em seu grupo de pesquisa Observatório da Juventude Rural.

Meu agradecimento especial vai para meu companheiro Adriano por estar sempre dividindo comigo as alegrias, as dificuldades, os conhecimentos e sempre me dando força a continuar seguindo em frente, com esperança e determinação. À minha filha – florzinha, luzinha, princesa – Alice, que me faz rir e brincar todos os dias e que é a grande motivação para minha vida pessoal e profissional. À minha família, aos meus dois amores, tenho gratidão inesgotável.

Agradeço à UFV, que me possibilitou toda a minha trajetória e crescimento intelectual, social, político, ideológico, cultural... Agradeço aos amigos do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural Diego, Rodrigo, Aline, Jaqueline, Isabela, Gustavo, Álvaro, Elenice, Vanessa, Gilmar, Ana, Raíssa e especialmente à Renata, pelo companheirismo e amizade e pelas experiências e conhecimentos partilhados. Agradeço, ainda, aos parceiros do grupo de pesquisa Observatório da Juventude Rural pelo amadurecimento acadêmico e teórico

proporcionado. Agradeço aos demais professores do programa pelas disciplinas oferecidas que me possibilitaram um crescimento muito relevante.

Também devo agradecer a Capes pelo financiamento dos meus estudos, o que me possibilitou dedicação exclusiva às atividades mestrado.

Tenho eterna gratidão aos meus pais, Lucinéia Nunes Cordeiro Costa e Aristides Costa Filho, meus exemplos de vida e determinação, pelo apoio e amor incondicional. Agradeço aos meus irmãos, Márcio e Marcone que mesmo distantes, estão sempre torcendo pela minha felicidade. Aos meus sobrinhos, Gabriel e Lucas, crianças cheias de luz, que me fazem acreditar que estamos adentrando uma era mais otimista no nosso mundo. Aos meus queridos avós Elizabete, Floriano e Santa, às minhas tias Luciene e Lucyara, à minha prima Stephanie, e aos meus priminhos Neto, Melissa e Miguel, eu agradeço pelo carinho e por estarem sempre enviando suas orações.

Agradeço aos amigos do Canelas, Luisa, Tommy, Grasi, Ramom, Eduardo e à pequena Iara, pessoas cuja convivência nos dois últimos anos, além de ter trazido tantas alegrias, tem me proporcionado um crescimento pessoal e uma evolução humana.

Agradeço, enfim, aos companheiros da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFV), mais uma vez pela força e compreensão, e por estarem contribuindo com meu engrandecimento profissional. Agradeço, especialmente, ao Raphael que me ajudou na confecção dos mapas e à Professora Bianca Aparecida Lima Costa pelo aprendizado e confiança.

BIOGRAFIA

Marcella Nunes Cordeiro Costa, filha de Lucinéia Nunes Cordeiro Costa e Aristides Costa filho, nasceu em 20 de março de 1988, em Governador Valadares-MG.

No ano de 2006, aos 18 anos, ingressou no curso de história na Universidade Federal de Viçosa, graduando-se em janeiro de 2011, em licenciatura, e em março de 2012, em bacharelado. A trajetória dentro da Universidade incluiu, além das disciplinas da grade curricular, atividades como a participação no Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV), como estagiária, no ano de 2007, e coordenadora, no ano de 2008. Essa experiência foi a porta de abertura para as perspectivas políticas, sociais, culturais e acadêmicas adotadas pela autora daí em diante.

Em 2008 ingressou no Programa de Extensão Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFV (ITCP/UFV) no qual permaneceu como estagiária até completar o curso. Durante o período da graduação também buscou atuar no movimento estudantil, a exemplo do Centro Acadêmico de História. Foi na ITCP/UFV que conheceu seu atual companheiro Adriano Pereira Santos.

Todas essas vivências, bem como as atividades curriculares do curso de história foram de suma importância para o despertar de uma sensibilidade da autora junto aos movimentos sociais e às iniciativas populares em prol de uma sociedade mais justa e igual à todos os sujeitos históricos e sociais.

No ano de 2011 teve oportunidade de atuar, como técnica, junto à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São Carlos num projeto que tinha o foco na cadeia produtiva de resíduos sólidos e o apoio ao trabalho de empreendimentos solidários nesse âmbito, principalmente aos catadores de materiais recicláveis.

Foi ao final do ano de 2011 que a autora vivenciou uma de suas maiores alegrias: a experiência de se tornar mãe de Alice Cordeiro Costa Santos.

Junto com a vinda de Alice, em 2012, enfim, a autora ingressa no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e deu início a sua trajetória de pesquisa, cujo interesse inicial pelo universo das EFAs e da juventude rural, foi movido pela sua própria história de vida dentro da academia, que contribuiu para esse olhar em relação às alternativas de organização popular nos diversos âmbitos da vida social.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE GRÁFICOS	x
LISTA DE SIGLAS	xii
RESUMO	xiv
ABSTRACT	xv
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.2. METODOLOGIA	5
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA EFAP	10
2.1. UMA HISTÓRIA DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS (EFAS).....	10
2.2. A PERSPECTIVA POLÍTICA E PEDAGÓGICA DAS EFAS.....	12
2.3. HISTÓRIA DA EFAP	17
2.4. MINHA INSERÇÃO NA ESCOLA: PRIMEIROS OLHARES	26
2.5. OS ESTUDANTES DA EFAP E SEUS FAMILIARES	32
2.6. O PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DA EFAP	54
3. JUVENTUDE RURAL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: O CASO DA EFAP	63
3.1. ABORDAGENS SOBRE A JUVENTUDE E A JUVENTUDE RURAL	63
3.1.1. Juventude entendida a partir de elementos físicos, psicológicos ou comportamentais.....	64
3.1.2. A juventude como problema ou solução.....	65
3.1.3. A Juventude como “juventudes”, configuradas socialmente.....	66
3.1.4. A juventude entendida a partir das relações intergeracionais.....	68

3.2. A JUVENTUDE NO CONTEXTO DA NOVA RURALIDADE	70
3.3. JUVENTUDE E ESCOLA	73
3.4. REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE NO CONTEXTO DA EFAP.....	79
4. PROJETOS DE VIDA E CAMPO DE POSSIBILIDADES DOS JOVENS ESTUDANTES DA EFAP	97
4.1. PROJETO DE VIDA E CAMPO DE POSSIBILIDADES.....	98
4.2. OS PROJETOS PROFISSIONAIS DOS JOVENS ESTUDANTES DA EFAP	99
4.2.1. Narrativas dos projetos de vida dos jovens que querem estudar na área das ciências agrárias.....	103
4.2.2. Narrativas dos projetos de vida dos jovens que querem trabalhar na área agropecuária.....	112
4.2.3. Narrativas dos projetos de vida dos jovens que querem ser agricultores ou pecuaristas.....	114
4.2.4. Narrativa dos projetos dos jovens que querem estudar em outras áreas do conhecimento, que não a agropecuária	118
4.2.5. Narrativa dos projetos dos jovens que querem trabalhar em outras áreas, que não a agropecuária	129
4.3. OS PROJETOS PARA ALÉM DA VIDA PROFISSIONAL.....	134
4.4. O CAMPO DE POSSIBILIDADES DOS JOVENS DA EFAP	137
4.5. OS JOVENS DA EFAP QUEREM IR EMBORA?	147
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pilares da Formação das EFAs	16
Figura 2: Localização da EFAP	18
Figura 3: Municípios Atendidos pela EFAP	25
Figura 4: Entrada da EFAP	27
Figura 5: Viveiro de Mudanças	28
Figura 6: Escola Família Agrícola Paulo Freire	39

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ano escolar dos estudantes.....	32
Gráfico 2: Sexo dos estudantes.....	33
Gráfico 3: Cor dos estudantes.....	34
Gráfico 4: Local de residência dos familiares dos estudantes.....	35
Gráfico 5: Condição da moradia.....	35
Gráfico 6: Abastecimento de água.....	36
Gráfico 7: Esgoto.....	37
Gráfico 8: Manejo dos resíduos sólidos	37
Gráfico 9: Bens duráveis que as famílias possuem	38
Gráfico 10: Acesso aos meios de transporte	39
Gráfico 11: Frequência dos acesso aos meios de transporte.....	39
Gráfico 12: Condução até a escola	40
Gráfico 13: Escolaridades dos familiares	41
Gráfico 14: Fonte de renda das famílias.....	42
Gráfico 15: Familiares que trabalham fora das propriedades.....	44
Gráfico 16: Migração na família	46
Gráfico 17: Motivo da migração	47
Gráfico 18: Origem e destino da migração.....	48
Gráfico 19: Acesso às TICs	49
Gráfico 20: Frequência do acesso à TICs	50
Gráfico 21: TICs acessadas	51

Gráfico 22: Acesso a lazer	52
Gráfico 23: Frequência do acesso a lazer	52
Gráfico 24: Formas de lazer acessadas.....	53
Gráfico 25: Classificação dos estudantes da EFAP	80
Gráfico 26: Classificação dos estudantes da EFAP	80
Gráfico 27: Os jovens da EFAP se classificam como rurais ou urbanos?	92
Gráfico 28: Projetos profissionais dos estudantes da EFAP	100
Gráfico 29: Cursos universitários citados pelos estudantes da EFAP	101
Gráfico 30: Contribuição da EFAP para a concretização dos projetos de vida dos estudantes	137
Gráfico 31: Contribuição da EFAP para a concretização do projeto de vida dos estudantes que querem atuar na área da agropecuária	138
Gráfico 32: Contribuição da EFAP para a concretização do projeto de vida dos estudantes que querem atuar em outras áreas	142
Gráfico 33: Local em que os jovens da EFAP pretendem morar no futuro.....	148

LISTA DE SIGLAS

AAPRA – Associação de Artesãos e Produtores Rurais de Acaiaca
AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural
AMEFA – Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas
AREFAP – Associação Regional Escola Família Agrícola Paulo Freire
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base.
CEPA – Comunidade Educativa Popular Agrícola
CTA-ZM – Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira
EFAP – Escola Família Agrícola Paulo Freire
EFAS – Escolas Famílias Agrícolas
EIV – Estágio Interdisciplinar de Vivência
EMATER/MG – Empresa de Assistência técnica e Extensão Rural de Minas Gerais
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
EPAMIG – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
ETEFAB – Escola Técnica da Família Agrícola de Riacho de Santana
GCAT – Associação dos Grupos Culturais e Artistas da Terra
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ITCP/UFV – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFV
MAP – Associação dos Municípios do Vale do Piranga
MEC – Ministério da Educação
MEPES – Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PPJ – Projeto Profissional Jovem
PPP – Projeto Político Pedagógico
SPSS – Statistical Package for Social Sciences
STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais
TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação
UEMG – Universidade Estadual de Minas Gerais
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto
UFV – Universidade Federal de Viçosa
UFVJM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UNEFAB – União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

RESUMO

COSTA, Marcella Nunes Cordeiro. M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2014. **Projetos de Vida e Campo de Possibilidades dos Jovens Estudantes da Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP)**. Orientador: Douglas Mansur da Silva.

Esta dissertação teve como objetivo principal compreender a elaboração dos projetos de vida dos jovens estudantes da Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP), situada no Município de Acaiaca-MG. A ideia consistiu em entender qual a eventual relação que esses teriam com o projeto ético-político da instituição de ensino analisada. Esta pesquisa buscou, ainda, perceber de que forma as transformações que vêm ocorrendo no mundo rural, resultantes dos processos sociais mais globais – industrialização, modernização da agricultura e urbanização – têm sido tomadas como referência para a configuração dos projetos de vida dos jovens. Por meio de trabalho de campo realizado no cotidiano escolar, entrevistas semiestruturadas com os jovens e monitores, grupos focais, análise documental e questionário socioeconômico, procurou-se compreender quais são as principais motivações para a configuração dos projetos de vida dos jovens da EFAP e se essas incluem: aspectos das diretrizes políticas e pedagógicas da escola, que tem como um dos pilares contribuir para que o jovem possa criar condições de permanecer no meio rural com dignidade; e aspectos da cultura mais ampla. Este trabalho justifica-se, pois pode contribuir com a formulação de políticas públicas para esse segmento social que é perpassado por inúmeras vulnerabilidades, no que tange o seu acesso aos direitos civis básicos, tais como o trabalho e a renda, a educação, a habitação, a saúde, a cultura, o lazer, etc. É relevante, ainda, pois visa contribuir com a visibilidade acadêmica desses sujeitos. Foi possível considerar que para uma expressiva parte dos estudantes, o projeto ético-político da escola tem sido referência para seus projetos individuais, uma vez que estes pretendem trabalhar ou estudar na área da agropecuária, que é a formação profissional e o principal campo de possibilidades oferecido pela instituição. Outros tantos, porém, têm a pretensão de realizar atividades para além da referida área, atuando em profissões diversas. Para esse segundo grupo, a escola contribuiu mais em relação à formação pessoal, para a vida, do que para a questão profissional. Em linhas gerais, percebeu-se que muitos dos jovens têm a pretensão de morar no meio rural num futuro próximo ou mais longo. Compreende-se, dessa forma, que o aspecto do projeto ético-político da escola que visa formar sujeitos sensíveis à realidade do meio rural, está presente nas escolhas individuais dos estudantes, pois a maioria deles não quer perder a relação que tem com esse meio. Da mesma forma, aspectos que perpassam a “nova ruralidade” que se configura no campo, diluindo as fronteiras entre o meio rural e urbano, também referencia as escolhas de alguns dos sujeitos analisados.

ABSTRACT

COSTA, Marcella Nunes Cordeiro. M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2014. **Life Projects and Field of Possibilities of Young Students of the Agricultural Family School Paulo Freire (EFAP)**. Adviser: Douglas Mansur da Silva.

This thesis aimed to understand the development of the life projects of young students of the Agricultural Family School Paulo Freire (EFAP), located in Acaiaca-MG. The proposal was to understand what is the possible relation between these life projects and the ethical-political project of the analyzed school. This study also sought to understand how the changes that are taking place in rural areas, consequences of the global processes – industrialization, urbanization and modernization of agriculture – have been taken as reference for the setting of life projects of these young people. The empirical investigation was held on the school routine, with semi-structured interviews with the young people and teachers, focus groups, documental analysis and socioeconomic questionnaire. We tried to comprehend what are the main motivations for the configuration of their life projects and if their motivations includes the aspects of political and pedagogical guidelines of the school, which have as a pillar the aiming to create conditions for the young student to stay in rural areas with dignity. This work intends to contribute to the formulation of public policies for this segment of society that is permeated by numerous vulnerabilities, regarding their access to basic civil rights, such as work and income, education, housing, health, culture, leisure, etc. And also it seeks to contribute to the visibility of these academic actors. A significant portion of the students had as reference to their individual projects the ethical-political project of the school, since they intend to work or study in the field of agriculture, which is the training and the most important field of possibilities offered by the institution. Many others, however, claim to perform activities beyond that area, working in diverse sort of professions. For this second group, the school contributed more in relation to personal preparation, than for professional issues. In general, it was noticed that many young people claim to live in rural areas in the near or longer future. It was clear that the aspect of the ethical-political project of the school that aims to prepare sensitive actors to deal with the reality of rural, is present in the individual choices of students, since most of them do not want to lose the relationship they have with this zone. Likewise, aspects which are present in the "New Rurality" that is configured in the countryside, thinning the boundaries between rural and urban areas, also references the choices of some of the actors analyzed.

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre juventude rural têm ganhado expressividade na atualidade. Até muito recentemente, porém, esses sujeitos permaneciam invisíveis, no que tange à produção científica e acadêmica. Por outro lado, o tema da migração juvenil campo-cidade foi significativamente abordado, ou seja, os jovens rurais foram e ainda são muito retratados como indivíduos profundamente impactados pela necessidade de migração campo-cidade que, frequentemente, é motivada pela necessidade e dificuldades encontradas no meio rural, no âmbito do acesso ao trabalho, a bens e serviços. O desinteresse pelo campo e atração pela cidade também têm sido muito apontados como elementos que impulsionam tais processos migratórios. Nesse sentido, o jovem aparece enquanto sujeito cuja atividade agrícola não lhe atrai, ao ponto em que o acesso às tecnologias, informações e manifestações tidas como urbanas, ou seja, “as coisas da cidade”, têm lhes motivado a sair de suas localidades.

Esse jovem está inserido, dessa forma, em um mundo rural que cada vez mais se transforma, em termos de atividade econômica, o que o tem tornado mais dinâmico. Em linhas gerais, o campo, nos dias atuais, não é mais apenas agrícola, mas envolve atividades e ocupações diversas. Nesse sentido, não só o âmbito econômico foi impactado pelas transformações advindas com a modernização agrícola capitalista, mas também outros aspectos da vida social dos sujeitos do campo, entre eles, a configuração dos seus projetos de vida.

Sabe-se que o jovem rural vivencia uma dinâmica social específica e elabora seus projetos individuais em interação com diferentes atores, oscilando, por vezes, entre permanecer no campo ou migrar para cidade. Nessa perspectiva, ainda, a juventude rural, enquanto grupo que possui significativa importância no que tange à condução do processo histórico no campo, teria um papel primordial em relação à manutenção ou descontinuidade dos processos sociais locais. Os jovens rurais estão, dessa forma, imersos numa dupla interação social – campo e cidade, ruralidade e urbanidade, tradição e modernidade – e elaboram seus projetos de vida, os quais muitas vezes também são conflituosos, contraditórios e oscilantes.

A motivação para essa pesquisa, portanto, surgiu da necessidade de se compreender o universo dos jovens imersos em um campo que se modernizou, mas que mantém algumas de suas tradições, ou seja, um campo que está inserido na perspectiva de uma “nova ruralidade” (CARNEIRO, 1988). Discutir juventude nessa perspectiva é,

portanto, discutir o próprio rural e as transformações que ele tem sofrido, assunto que não é consenso e que e tem gerado um amplo debate entre os pesquisadores da área. Essas transformações diminuíram a fronteira entre o rural e o urbano, o que tem impactado principalmente os jovens e a configuração de seus projetos de vida, que são referenciados tanto pela cultura global como pelas culturas locais (CARNEIRO, op.cit.).

Os jovens das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) também, tema deste trabalho, vivenciam o cotidiano de uma instituição de ensino que possui um projeto ético-político específico, que busca construir, juntamente com seus atores, uma perspectiva de valorização dos processos sociais do meio rural, contribuindo, dessa forma, para que eles possam conhecer ações bem sucedidas, criar condições de permanecer nesse meio, e viver com dignidade, sem precisarem migrar para a cidade. Ancoradas na Pedagogia da Alternância e em princípios da Educação do Campo, as EFAs buscam contribuir com o Desenvolvimento Rural Sustentável. Compreender a elaboração dos projetos de vida dos jovens em interação com o campo social das EFAs é, portanto, de suma importância para a presente iniciativa de pesquisa, uma vez que, para além das influências de um campo mais modernizado, o campo social desses sujeitos envolve a vivência escolar numa instituição de ensino a qual se pauta por uma perspectiva pedagógica específica. Em outras palavras, essa instituição baseia-se num projeto ético-político que busca atender a demandas do meio rural e possibilita aos estudantes uma aprendizagem a partir de sua própria realidade. As EFAs buscam, dessa forma, contribuir para que os jovens criem não apenas condições de permanecer no meio rural, mas de transformá-lo (NASCIMENTO, 2005).

Com o desenvolvimento econômico capitalista, as populações rurais iniciaram no Brasil um movimento de migração campo-cidade que permanece até os dias atuais. O campo ainda transfere um contingente significativo de trabalhadores para as zonas urbanas, em busca de melhor qualidade de vida. O mercado de trabalho urbano tem sido atrativo para as populações rurais (GASQUES, 2010). Segundo Ferreira (2009) os dados demográficos brasileiros evidenciam que há uma continuidade no processo de migração campo-cidade e os fatores para tal processo são, em geral, ligados às oportunidades de trabalho nas zonas urbanas e demais atrativos e as dificuldades da vida no campo e da atividade agrícola. Os jovens são uma considerável parcela da população que buscam realizar projetos de vida nas cidades (FERREIRA, op.cit., 2009). Porém, as EFAs fundamentam-se na assertiva de que quando se tem prosperidade no campo é

possível diminuir tal migração e criar possibilidades para que os jovens vivam no meio rural.

Dessa forma, a presente pesquisa tem a intenção de avançar na análise de questões como: qual é o projeto de vida dos jovens rurais que vivenciam o cotidiano de uma EFA, ancorada nos princípios da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância? A “nova ruralidade” tem sido referência para a elaboração desses projetos? Esses jovens vivenciam conflitos, entre permanecer no campo ou migrar para a cidade, entre aspectos da cultura local e da cultura mais ampla, entre o rural e o urbano, entre seus anseios individuais e projeto (coletivo) ético-político da EFAP? E, ainda, há afinidade entre as diretrizes da escola e o projeto de vida desses jovens?

Nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa é compreender o projeto de vida dos jovens que frequentam a instituição de ensino médio e técnico em agropecuária Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP), localizada no município de Acaiaca, Zona da Mata de Minas Gerais. Dessa forma, pretende-se, de modo complementar, compreender como esses atores sociais são influenciados pelo campo social que estão inseridos – seja pela cultura local e por projetos ético-políticos ligados à educação e aos movimentos sociais, seja por aspectos da modernidade e da globalização. Sem necessariamente colocar essas perspectivas em campos opostos ou complementares, pretende-se identificar essas tensões dialéticas nas escolhas e nas narrativas dos jovens em relação à elaboração dos seus projetos de vida.

É objetivo, ainda, compreender a configuração desses projetos e a relação que esses porventura têm com o projeto ético-político da instituição de ensino, cuja meta é contribuir para que os jovens criem condições de reproduzir socialmente suas vidas no meio rural. Em outras palavras, busca-se compreender em que medida a coletividade composta pela instituição EFAP é tomada como referência para a formulação das escolhas individuais dos jovens estudantes. E, nesse sentido, pretende-se verificar se há motivação dos jovens em viver no campo ou na cidade.

Para tanto, é necessário compreender o projeto ético-político da EFAP, suas diretrizes e ações. Esta pesquisa buscou, nesse sentido, contextualizar a realidade da EFAP, sua história e a perspectiva político-pedagógica pelas quais ela se fundamenta, uma vez que é objetivo principal desse estudo compreender a relação do projeto ético-político da escola e as escolhas individuais dos jovens estudantes.

Buscou-se, ainda, caracterizar socioeconomicamente os jovens da EFAP e seus familiares, procurando identificar aspectos como: acesso às Tecnologias de Informação

e Comunicação (TICs), condições de moradia e saneamento básico, acesso a lazer, transporte, etc. Essa iniciativa contribuiu para compreender o campo socioeconômico desses sujeitos, uma vez que não foram realizadas visitas às famílias.

Esse estudo teve, por fim, o objetivo de diagnosticar quais são as representações de juventude predominante entre os jovens (auto-representação) e a comunidade escolar, ou seja, compreender o que é ser jovem para essa realidade específica. Para tanto, fez-se necessário realizar um levantamento das abordagens de juventude e juventude rural, bem como foi de suma relevância a investigação sobre temas como juventude e a “nova ruralidade” e “juventude e escola”.

Esta pesquisa justifica-se, pois, apesar do aumento de visibilidade acadêmica que o tema vem alcançando, é de suma importância, ainda, realizar investigações sobre a juventude rural, tendo-se em conta o quadro alarmante no que tange à concretização de Direitos Humanos e a formulação de políticas públicas destinadas a esse segmento, tais como de geração de trabalho e renda, educacionais, contra a violência e a mortalidade juvenil, habitacionais, de saúde, culturais e de lazer. No entanto, a situação social do jovem brasileiro, apesar dessas ações governamentais, continua perpassada por vulnerabilidades, ainda mais quando se trata de jovens rurais. É inegável que a Política Nacional de Juventude¹ tem orientação clara para dialogar com as populações mais pobres e possui resultados que contribuiriam para melhorar consideravelmente as condições de vida dos jovens, porém, ela precisa ser ampliada e universalizada, haja vista a diversidade das experiências juvenis brasileiras (SILVA e ANDRADE, 2009).

Os atuais programas de governo direcionados para jovens rurais são também insuficientes e não produzem modificações significativas, atendendo a uma parcela mínima de indivíduos. Esses possuem, em geral, acesso a ensino precário e dificuldade de acesso a serviços básicos de saúde, além da falta de oportunidades de trabalho no campo (FERREIRA, op.cit., 2009). Daí a importância do presente estudo e de se refletir sobre as especificidades desses jovens, com vistas na contribuição para a formulação de políticas públicas com um melhor alcance para essas populações. Compreender o universo dos jovens e, especificamente, do jovem rural, faz-se necessário, portanto, pois esse segmento social é perpassado por vulnerabilidades, haja vista o próprio tema da migração campo-cidade, a qual ainda ocorre de forma significativa no meio rural e impacta, sobretudo, a juventude. Outros tantos problemas sociais atingem esses sujeitos,

¹ A Política Nacional de Juventude foi implementada no Brasil em 2004 e reformulada várias vezes. Envolve programas de apoio e assistência juvenil em áreas como saúde, moradia, educação, etc.

tais como as dificuldades no que tange a escolarização e o acesso a terra, ao trabalho, etc. É muito relevante, dessa forma, realizar investigações nesse sentido, com vistas em contribuir para equacionar tais questões presentes no meio rural.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No capítulo dois, após esta introdução, primeiramente é abordada a história das EFAs e suas perspectivas político-pedagógicas. Num segundo momento adentra-se nas especificidades da EFAP, que foi o objeto dessa pesquisa. Nessa linha, é apresentada a história da escola, seguida de uma caracterização da instituição, dos estudantes e de seus familiares. Por fim, o capítulo aborda acerca do projeto ético-político da escola, o qual é mapeado por meio dos vários discursos que serviram de base para a análise aqui realizada.

No terceiro capítulo foram reunidas abordagens teóricas sobre juventude e juventude rural que subsidiaram a tentativa de delineamento das diversas representações de juventude presentes na EFAP, visto que os sujeitos dessa pesquisa foram os jovens estudantes da escola. Dessa forma, buscou-se, nesse capítulo, compreender o que é ser jovem no contexto da instituição de ensino em questão. Também foram trabalhados temas como juventude e escola e juventude no mundo rural, atentando para os dilemas desse segmento social na contemporaneidade.

Por fim, no quarto e último capítulo, foi realizada uma discussão acerca dos projetos de vida dos jovens da EFAP, por meio da construção de narrativas baseadas nos relatos de alguns casos. Buscou-se realizar um diálogo desses relatos com aspectos do projeto ético-político da escola e com as questões que perpassam o mundo rural na atualidade, atentando para quais são as motivações para a elaboração de tais projetos. Posteriormente, nesse capítulo tentou-se verificar qual é o campo de possibilidades para o qual a EFAP tem preparado os seus estudantes. E, por fim, buscou-se compreender se há motivação dos jovens em permanecer no campo ou migrar para a cidade.

1.2. METODOLOGIA

O trabalho de campo desta pesquisa foi realizado durante o segundo semestre letivo do ano de 2013. A EFAP foi o lócus empírico desse estudo e os jovens que a frequentam foram os principais sujeitos, analisados e compreendidos. Durante cerca de três meses a pesquisadora buscou acompanhar o cotidiano da escola e realizar a sua pesquisa de campo.

Trata-se de um estudo de caso, em uma perspectiva qualitativa, agregando material documental à realização de entrevistas, individuais e coletivas, e aplicação de um questionário socioeconômico. O estudo de caso, para Gil (2002), “é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (ibid., p. 54). Foram considerados os projetos individuais dos estudantes e o projeto ético-político da EFAP e as unidades de análise foram os próprios jovens rurais, os profissionais da instituição de ensino e os documentos presentes no arquivo escolar. A análise foi complementada com pesquisa bibliográfica.

Cabe ressaltar que a EFAP é uma instituição de ensino médio e técnico em agropecuária, voltada para educação do campo, que reúne jovens filhos de agricultores e filhos de não agricultores. A população foi, portanto, todos esses estudantes, os monitores e profissionais da comunidade escolar, que aceitaram participar das entrevistas e do questionário socioeconômico e que estavam presentes durante a pesquisa de campo. Dos 65 estudantes matriculados no ano de 2013, foram entrevistados 58 jovens e aplicados 60 questionários socioeconômicos. Entre os 18 profissionais, foram entrevistados 12 indivíduos.

O presente estudo é também de caráter interpretativo, pois tem a preocupação de compreender, a partir das próprias narrativas dos sujeitos, os fatores que contribuem ou determinam a configuração dos projetos individuais dos jovens estudantes da EFAP; e descritiva, pois também busca caracterizar socioeconomicamente esses indivíduos e descrever os dados por meio de narrativa.

Em relação aos métodos e técnicas de coleta de informações, foi realizada uma pesquisa histórica documental para levantamento de fontes junto ao acervo da instituição de ensino, as quais buscaram contribuir para a compreensão da trajetória e das diretrizes político-pedagógicas da escola. A pesquisa histórica documental, segundo Gil (ibid.) fundamenta-se em matérias que ainda não receberam algum tipo de tratamento analítico ou ainda que possam ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Na pesquisa documental é necessária a organização de informações que geralmente encontram-se dispersas com o intuito de garantir-lhes um novo grau de importância como fonte de dados.

A pesquisa bibliográfica também é um instrumento que foi utilizado. A principal distinção entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental consiste na natureza

das fontes utilizadas. Assim, diferentemente da pesquisa documental, a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, principalmente de livros e artigos científicos: “a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto” (ibid., p.51). Dessa forma, para o aprofundamento do objeto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as temáticas transversais a esse estudo: juventude e juventude rural; juventude e escola; projeto; projeto ético-político; o mundo rural e suas transformações; as EFAs; etc.

A pesquisa utilizou, ainda, metodologias qualitativas para a coleta de informações. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2012), busca se aprofundar no mundo dos significados e interpretar o não visível a priori ou o não quantificável, dentro das relações e fenômenos humanos. Ela se ocupa, portanto:

[do] universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (ibid., p. 21).

Uma primeira técnica utilizada foi a observação participante, com uso de diário de campo e elaboração de quadros sinópticos dos dados. Minayo (ibid.) define observação participante como:

Um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente (ibid., p. 70).

Dessa forma, o cotidiano da escola e de seus atores foi observado durante todo o período de vigência da pesquisa de campo, na qual buscou-se verificar, entre outros, os seguintes elementos: 1) participação em grupos sociais, movimentos, associações, espaços sociais; 2) acesso às tecnologias, mídias, internet, etc.; 3) formas de lazer; 4) migração entre os familiares; 5) expectativas de projeto de vida; 6) e o projeto ético político da escola na visão dos sujeitos.

Foram utilizadas também entrevistas semiestruturadas para identificar alguns aspectos que sobressaíram do projeto de vida de todos os estudantes e suas relações com o projeto-ético político da escola. Os temas que perpassaram as entrevistas com os estudantes foram: juventude e juventude rural; família e história de vida; inserção na EFAP; importância da EFAP; e projeto de vida. Para compreender a visão dos profissionais a respeito do projeto ético-político da EFAP e sua relação com as escolhas individuais dos jovens também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que abordaram assuntos tais como: a história da EFAP; os princípios e objetivos da EFAP; juventude e juventude rural; e o projeto da instituição.

A entrevista, de um modo geral, para Minayo (ibid.), é uma técnica de coleta de dados privilegiada, pois permite uma ampla comunicação e interação social, o que favorece a construção de informações por meio do diálogo, ou seja, da conversa a dois ou mais interlocutores com vistas nos objetivos da pesquisa. Essa técnica favorece a realização de reflexões subjetivas dos indivíduos entrevistados acerca da sua própria realidade, ou seja, a entrevista permite que o entrevistador mapeie representações da realidade – crenças, sentimentos, opiniões, maneiras de pensar e atuar, condutas, etc. As entrevistas semiestruturadas, mais precisamente, combinam “perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (ibid., p. 64).

Foram realizados também dois grupos focais, um com os jovens do primeiro e outro com os do terceiro ano, tendo em vista o estabelecimento de uma base comparativa entre os indivíduos que adentram e os que já estão saindo da escola. Essa técnica, segundo Minayo (ibid.) é uma modalidade de entrevista em grupo, com uma dinâmica específica, a qual permite o levantamento de depoimentos e o confronto dos mesmos, bem como possibilita a construção de consensos sobre determinados temas ou “cristalizar opiniões díspares, a partir de argumentações” (ibid., p. 69). Dessa forma, nos grupos focais os indivíduos foram estimulados a falar sobre as seguintes temáticas: juventude rural; projeto de vida; projeto ético-político da EFAP; migração campo-cidade; inserção no mercado de trabalho. Esses procedimentos tiveram como objetivo construir reflexões dos jovens acerca da posição deles diante do mundo rural, da sociedade e do mundo moderno (da cultura global), atentando para o campo de possibilidades oferecido pela instituição de ensino.

Também foi aplicado um questionário socioeconômico aos estudantes, que buscou coletar informações acerca de aspectos mais gerais da vida dos jovens e suas

famílias, tais como: renda, escolaridade, quantidade de membros da família, profissão dos membros da família, acesso a lazer, saneamento básico, acesso a TICs, etc. Esse questionário contribuiu para a identificação dos perfis socioeconômicos dos estudantes e seus familiares.

As informações obtidas por meio das entrevistas (individuais e em grupo) foram devidamente registradas a partir da gravação das conversas, que posteriormente foram transcritas. Os documentos selecionados no acervo histórico da escola foram catalogados e foram elaboradas, ainda, fichas de identificação documental e, a partir disso, foram selecionadas as informações mais importantes. A partir dos dados obtidos por meio da observação participante, registrados no caderno de campo, foram elaborados sinóticos para confronto com a bibliografia e demais dados coletados. Os dados dos questionários socioeconômicos foram tabulados no EXEL e inseridos no software SPSS 20.0 (Statistical Package for Social Sciences), que auxiliou no processamento e análise dos dados.

Em geral, todos os dados foram ordenados, classificados e analisados com base na bibliografia e na construção da dialogia entre as narrativas. Foi realizada a análise de narrativa, por meio da construção de categorias, em cada capítulo. Buscou-se extrair dos dados os elementos que davam unidades aos relatos, ou, ainda, os que geraram conflitos e os que mais dialogavam com a bibliografia escolhida. A análise buscou caminhar, dessa forma, tanto na direção do que foi homogêneo, quanto no que se diferenciou entre os informantes. Foram feitas descrições dos dados, por meio de narrativas, que posteriormente foram analisadas. Todo material foi ancorado ao propósito da pesquisa e nas abordagens teóricas utilizadas. Para manter o sigilo das identidades dos sujeitos, eles foram tratados por nomes fictícios.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA EFAP

Este capítulo tem como objetivo principal contextualizar a Escola Família Agrícola Paulo Freire. Nas linhas que seguem, pretendo guiar o leitor para o estabelecimento de um olhar “de fora” para “dentro”, do geral para o específico e particular. Neste sentido, o roteiro previsto para este capítulo inicia-se com uma breve abordagem histórica das EFAs, no Brasil e no mundo, bem como das perspectivas político-pedagógicas que fundamentam as ações dessas instituições de ensino. Em seguida, proponho um resgate histórico EFAP para, adiante, iniciar uma descrição da escola e da realidade socioeconômica dos principais sujeitos dessa pesquisa: os jovens da EFAP. Isto posto, busco, por fim, mapear o projeto ético-político da instituição, haja visto que um dos objetivos dessa pesquisa é compreender a relação que este eventualmente possa ter com os projetos de vida dos estudantes.

2.1. UMA HISTÓRIA DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS (EFAs)

Segundo Nascimento (2005) as EFAs surgiram por volta do ano de 1935, em Lauzun, na França, como resposta alternativa aos problemas da educação rural daquele país. Na época, as EFAs configuraram-se como uma iniciativa viável para os filhos dos camponeses que antes não tinham acesso a um ensino formal. Diante dessa realidade camponesa, viu-se a necessidade de formar uma educação que se aproximasse das demandas específicas do meio rural. Surge assim, a chamada Pedagogia da Alternância. As Maison Familiale Rural nasceram de uma iniciativa de um grupo de atores sociais – agricultores, pequenos empresários, dirigentes sindicais, sacerdotes e pessoas da cidade e do campo – que tinham em comum uma preocupação com o futuro do meio rural (GARCÍA-MARIRRODRIGA E PUIG-CALVÓ, 2010). A figura do Padre Abbé Granerau também foi muito importante nesse processo, pois ele diagnosticou as necessidades dos pobres filhos de agricultores da sua igreja, os quais sentiam a dificuldade de dar continuidade aos estudos devido à distância e também devido ao limite das escolas levarem em conta somente o universo valorativo urbano, tanto no âmbito espacial quanto pedagógico, ou seja, haveria, na perspectiva daqueles que propunham as EFAs, uma inadequação do sistema escolar à realidade rural (NASCIMENTO, op.cit., 2005). Assim, as EFAs e a Pedagogia da Alternância têm sua

origem junto à Igreja e às estruturas eclesiais, inclusive no Brasil.

A primeira Escola Família Agrícola surgiu na França, em 1935, por convicção de um grupo de camponeses e de um pároco que acreditavam ser possível criar uma escola que atendesse às necessidades do meio rural e que ajudasse a ampliar as possibilidades dos conhecimentos básicos do jovem do campo. A partir dos anos 50 esse modelo pedagógico passou a ser propagado a diversos países e continentes: Itália, Espanha, Portugal, Continente Africano, Continente Asiático, América do Norte, Canadá. De acordo com a UNEFAB (União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil), existem atualmente mais de 1000 Escolas famílias Agrícolas em todo o mundo (FOERSTE e JESUS, s.d., p. 1).

Para Silva (2005), no Brasil as EFAs surgem a partir da mobilização de pequenos agricultores que lutavam, inclusive, por alternativas educacionais no campo e que fossem ao encontro das necessidades sociais e históricas dos atores do campo. De acordo com a autora, o processo de modernização da agricultura e a entrada do capital industrial no meio rural brasileiro gerou profundos impactos sociais nas condições de vida dos pequenos agricultores, tais como o agravamento da pobreza e o deslocamento das populações do campo para as cidades. Por outro lado, esse processo também gerou reações desses sujeitos, por meio de diferentes formas de mobilização, incluindo as EFAs.

Inspiradas nas experiências francesas das Maisons Familiaes Rurales, as EFAs surgem no Brasil por volta da década de 1960, por meio do trabalho do Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo (MEPES)². O Estado do Espírito Santo foi o berço das primeiras experiências de Pedagogia da Alternância do país.

Em 1969, a partir da iniciativa do Padre Humberto Pietogrande, um jesuíta, a Pedagogia da Alternância foi vista como uma alternativa frente ao significativo êxodo rural e à falta de mão de obra qualificada pela grande parte dos migrantes alemães e italianos daquela região. Tal êxodo, assim como a carência de mão de obra, também marcaram a sociedade brasileira entre as décadas de 1940 a 1970 – quando o país deixa

² Segundo Foerste e Jesus (s.d.) “o MEPES é uma instituição filantrópica, sediada no município de Anchieta- ES e que desenvolve suas ações em três áreas: na saúde, com o objetivo de promover a ação sanitária, para isso mantém um hospital e maternidade em Anchieta - ES; na ação comunitária, desenvolve um trabalho de apoio e assistência a projetos associativos, promovendo a formação de multiplicadores de ações comunitárias, financia projetos para ex-alunos das Escolas Famílias Agrícolas, promove cursos para mulheres, agricultores e mantém quatro creches que atendem a crianças de 0 a 6 anos no município de Anchieta, nas localidades onde existe maior concentração de mães trabalhadoras; e, na educação o MEPES é conhecido no Brasil por suas Escolas Famílias Agrícolas. Atualmente são 16 escolas espalhadas de norte a sul no Espírito Santo, sendo 15 Escolas Famílias Agrícolas situadas em regiões campesinas, assistindo ao filho do homem do campo, e, 1 Escola Família de Turismo, situada no município de Piúma- ES, com a mesma filosofia e metodologia das demais EFAs, porém, voltada para um público urbano e para a formação em hotelaria e gastronomia”.

de ser iminentemente rural e passa a ter a maior parte de sua população em contextos urbanos. De certo modo, esses aspectos ainda marcam os processos sociais vividos no campo, em diversos contextos da sociedade brasileira.

Na concepção de Silva (2005), com essas iniciativas buscava-se a fixação do jovem no meio rural, bem como a conscientização desses acerca dos seus papéis políticos junto aos seus grupos sociais, ou seja, junto aos atores sociais do campo. Assim, essas primeiras experiências fundavam-se tanto na Pedagogia da Alternância como no princípio da valorização comunitária e na participação dos pais e responsáveis na condução do processo educacional.

O conjunto dessas primeiras experiências das EFAs influenciaram diretamente a implantação de outras no restante do território brasileiro e a partir da década de 1980 viu-se surgir EFAs em diversos Estados do país (ibid.). Atualmente, as EFAs estão distribuídas em 22 Estados brasileiros, somando cerca de 200 instituições em funcionamento e 40 em implantação. Elas beneficiam aproximadamente 20 mil estudantes, 100 mil agricultores e contam com 850 monitores (UNEFAB, 2013). O Estado de Minas Gerais conta com 18 EFAs (AMEFA, 2013).

Cada EFA possui uma associação que mantém uma instituição de ensino. Por sua vez, as EFAs estão organizadas: regionalmente em associações; nacionalmente na UNEFAB, com sede em Brasília- DF; e mundialmente na AIMFR (Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural), “que tem por objetivo representar as EFAs junto aos organismos supranacionais, assim como, incentivar a Pedagogia da Alternância a partir das pesquisas junto às Universidades do mundo inteiro” (NASCIMENTO, op.cit., 2005, p. 4). Em Minas Gerais, particularmente, as EFAs estão organizadas por meio da Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas (AMEFA).

Em linhas gerais as EFAs surgem no Brasil, segundo Silva (2007), como contraponto às históricas condições de precariedade do acesso e funcionamento e da escola rural. O acesso e à permanência na escola sempre foram um desafio e muitas vezes um direito negado às populações do campo. O quadro educacional no campo, segundo Silva (ibid.) é perpassado por carências quanto à escassez de escolas, de infraestrutura e de pessoal especializado. Além disso, a própria concepção educacional veiculada no campo possui uma perspectiva em que predomina a relação unilateral campo-cidade e valores que não levam em consideração o universo cultural e o modo de vida dos sujeitos sociais do campo (ibid.).

2.2. A PERSPECTIVA POLÍTICA E PEDAGÓGICA DAS EFAS

As EFAs são instituições de ensino que têm como especificidades: 1) o foco na Pedagogia da Alternância; 2) e um direcionamento para a Educação do Campo. Têm como objetivo, sobretudo, oferecer uma educação diferenciada para o jovem rural. Essas escolas veiculam conteúdos que julgam adequados para a realidade dos estudantes, associando a formação intelectual e a formação para o trabalho e distanciando-se de um modelo educacional classificado como urbanocêntrico.

A Educação do Campo é uma formulação mais atual. Foi a partir da Primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia- GO, em 1998, que esse termo surgiu (NASCIMENTO, op.cit., 2005). Ela surge das iniciativas de diversos movimentos sociais e da articulação e mobilização das populações do campo em prol de políticas públicas que garantam o acesso à Educação do Campo, que seja no e do campo. A Educação do Campo engloba a reflexão de que o campo é um lugar em que não apenas se reproduz, mas se produz pedagogia (SILVA, op.cit., 2007).

E aqui cabe ressaltar que, muito mais que uma mudança de nomenclatura – rural para campo – a expressão Educação do Campo constituiu um dos traços marcantes da identidade de um movimento nacional que garantam o direito da população rural a uma educação que seja no e do campo. É um movimento que, conforme destaca Caldart (2004), mais que o direito da população ser educada onde vive, defende o direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada a sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. (ibid., p. 106).

Essa Educação do Campo seria diferente da educação rural, por ser protagonizada por e para os sujeitos e movimentos sociais, territórios, práticas e identidades, ou seja, o contexto sociocultural que compõe a diversidade do campo, vinculando-se com uma possibilidade desses sujeitos criarem condições de existência no meio rural (NASCIMENTO, op.cit., p. 6). A Educação do Campo, na visão de Molina (2011) apresenta-se como um projeto de sociedade maior, de uma educação da classe trabalhadora. Ela compreende estratégias de socialização que possam contribuir para manter a identidade, a memória, a cultura e os valores dos sujeitos do campo, por meio de um processo formativo. Nesse sentido, é importante compreender os elementos ideológicos, políticos e pedagógicos que a fundamentam, a fim de se criar as condições de análise da EFAP.

A Educação do Campo, segundo Silva (op.cit., 2007) deve ser pensada como um Direito “universal, humano e social” e que forme “sujeitos de direitos”. Por isso a necessidade da busca por uma política educacional que respeite esses sujeitos e o jeito de educá-los. Cabe ressaltar, assim, que a Educação do Campo surge como uma opção de política pública. Assim, em 2002, a Educação do Campo se afirma como iniciativa governamental, fruto, obviamente das mobilizações sociais, e as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo são estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação.

A Educação do Campo, portanto, é um movimento que, na afirmação e diálogo dos seus diferentes sujeitos, busca vincular a luta por educação com o conjunto de lutas pela transformação das condições sociais de vida no campo, marcadas por uma realidade de violenta desumanização. Vincular a luta por educação às lutas sociais tem como pressuposto básico de que não há como educar verdadeiramente sem transformar as condições atuais de sua desumanização [...]. (ibid., p. 107).

Como mencionado, outro princípio fundamental que norteia os projetos educacionais das EFAs é a Pedagogia da Alternância, que consiste na articulação e combinação de períodos de vivência na escola e períodos de vivência no meio familiar. “Alterna-se, assim, a formação agrícola na propriedade com a formação teórica geral na escola [...]” (ibid., 2007). Segundo Pessotti (1975), o sistema de alternância permite ao estudante passar, no decurso de um período de três anos, um terço do seu tempo num quadro escolar e os dois outros terços no quadro familiar. É um ritmo apropriado que engloba um período de estudo na escola, seguido de outro período no trabalho. Mais do que alternar o período escolar com o período familiar, o princípio educativo da alternância visa à formação integral do jovem a partir da interação entre universos os quais, a priori, são considerados opostos: o meio sócio-familiar e o meio sócio-escolar, “a teoria e a prática, o abstrato e o concreto” (SILVA, op.cit., p. 108). Significa, dessa forma, compreender que a dimensão da vida também tem valor educacional e de reflexão.

Tendo em vista o já mencionado cenário de abandono do Estado em relação às escolas rurais, – marcado por insuficiência de instituições de ensino, precária infraestrutura, currículos inadequados e profissionais sem a devida qualificação – e as dificuldades encontradas pelos atores sociais do campo, que acabam por optar ou por evadir da escola ou pela migração para a cidade, a Pedagogia da Alternância surge como uma alternativa ao modelo educacional vigente (ibid, 2007). Nesse sentido, pode-

se apresentar como uma alternativa de acesso à escola sem ter que sair do campo, uma possibilidade de permanência do jovem no meio familiar:

[...] uma lógica de adequação da escola e da educação às condições de vida e de trabalho da população rural. A ideia de alternância assume, nesse contexto, um sentido de estratégia de escolarização que possibilita aos jovens que vivem no campo conjugar a formação escolar com as atividades e as tarefas na unidade produtiva familiar, sem desvincular-se da família e da cultura do campo. (ibid., p. 108).

A Pedagogia da Alternância prevê a família como uma importante agente de formação dos indivíduos e, assim, é de suma importância a colaboração das famílias no processo educacional no contexto das EFAs. Na verdadeira alternância, segundo Silva (ibid.), a família é co-produtora do processo educacional e não simplesmente espaço de aplicação do conhecimento teórico, adquirido na escola. Para a alternância ocorrer efetivamente é necessário que a sucessão família-escola também ocorra. A família deve ser uma parceira no processo de formação dos estudantes.

Além disso, a alternância tem que ser, para Silva (ibid.) de caráter integrativo tanto no âmbito familiar quanto no âmbito cultural, político e econômico dessas famílias. Para a alternância ocorrer é necessária a interação família, escola e contexto sociopolítico dos estudantes. Assim, as organizações e movimentos sociais da realidade local são outros pilares da educação por alternância, tendo em vista que, além de um projeto de vida para os jovens, as EFAs visam também um projeto para o futuro das localidades em que estão inseridas.

García-Marirrodriaga e Puig-Calvó (op.cit., 2010) aludem que a alternância e a associação são aspectos fundamentais nas EFAs. Para eles a alternância é a diretriz educacional e metodológica para a formação dentro dessas instituições. E a associação envolve as famílias na gestão e funcionamento cotidiano da escola e conseqüentemente tornam-nas coautoras do desenvolvimento rural, outro papel das EFAs, mencionado por esses autores. Dessa forma, as EFAs são parte de um projeto de formação impulsionado por organizações associativas de comunidades do campo e que tem como componente educativo principal a alternância, elemento fundamental para o desenvolvimento social, profissional e cultural dos jovens. Sendo assim, as EFAs são associações de famílias, “pessoas e instituições, que buscam solucionar uma problemática comum do Desenvolvimento Local através de atividades de formação em alternância, principalmente de jovens” (ibid., p. 59, 2010).

Os autores apontam, ainda, como finalidades das EFAs os seguintes pontos: a formação integral das pessoas e o desenvolvimento local. E, como meios para alcançar tais finalidades, a alternância e a associação local. Esses elementos – a formação integral das pessoas, o desenvolvimento local, a alternância e a associação – seriam os quatro pilares das EFAs, como ilustrado na Figura 1.

Figura 1- Pilares da Formação das EFAs



Fonte: Site UNEFAB.

A formação integral dos jovens pressupõe, na visão de García-Marirrodriaga e Puig-Calvó (ibid.), um processo educacional que ocorre em vários âmbitos, tais como: profissional, social, cultural, intelectual, humano, espiritual, etc. O desenvolvimento local aparece no sentido de tornar os estudantes das EFAs protagonistas do desenvolvimento do meio em que estão inseridos, evitando, assim, que os indivíduos do meio rural sejam obrigados a migrar. Para alcançar tais objetivos, é indispensável, segundo os autores, uma metodologia pedagógica como a alternância, que prima à formação do jovem tanto no âmbito escolar como no âmbito familiar ou sócio-profissional. Os autores chamam de alternância integrativa o envolvimento de todos os atores – a família, os monitores, os estudantes, etc. – no processo educativo. E a associação, por fim, torna as famílias dos estudantes os próprios gestores desse processo educativo. Esses elementos reunidos contribuem para o principal objetivo das EFAs: o desenvolvimento das pessoas e do seu meio social (ibid.).

Portanto, são princípios que perpassam os processos educacionais das EFAs: a

Educação do Campo, a Pedagogia da Alternância, a formação integral do jovem, o desenvolvimento do meio e a participação das famílias na condução dos projetos educativos e na gestão da escola. Para tanto, as EFAs utilizam alguns instrumentos pedagógicos que são ferramentas adotadas para que esse processo de formação ocorra efetivamente. São eles: visitas às famílias, planos de estudos, visitas de estudo, cadernos de campo, colocação em comum, intervenções externas, projeto profissional jovem, etc. (SILVA, *op.cit.*, 2007).

A escola, além de buscar a preparação básica escolar, visa contribuir para uma formação comunitária e associativa do estudante, por meio da aprendizagem da vida em grupo, ou seja, por meio da convivência coletiva que ocorre entre os próprios estudantes e entre estudantes e monitores no meio escolar. De acordo com seus propositores, as atividades realizadas coletivamente favorecem o estímulo da responsabilidade individual e para com o outro, e também a solidariedade entre os jovens. Para García-Maridorriga e Puig-Calvó (*ibid.*), esse aspecto da EFA permite que os estudantes possam se afirmar dentro do grupo e ser protagonistas de suas próprias formações. E, ao se organizarem nas responsabilidades internas, eles aprendem a viver em sociedade, bem como se preparam para a vida profissional.

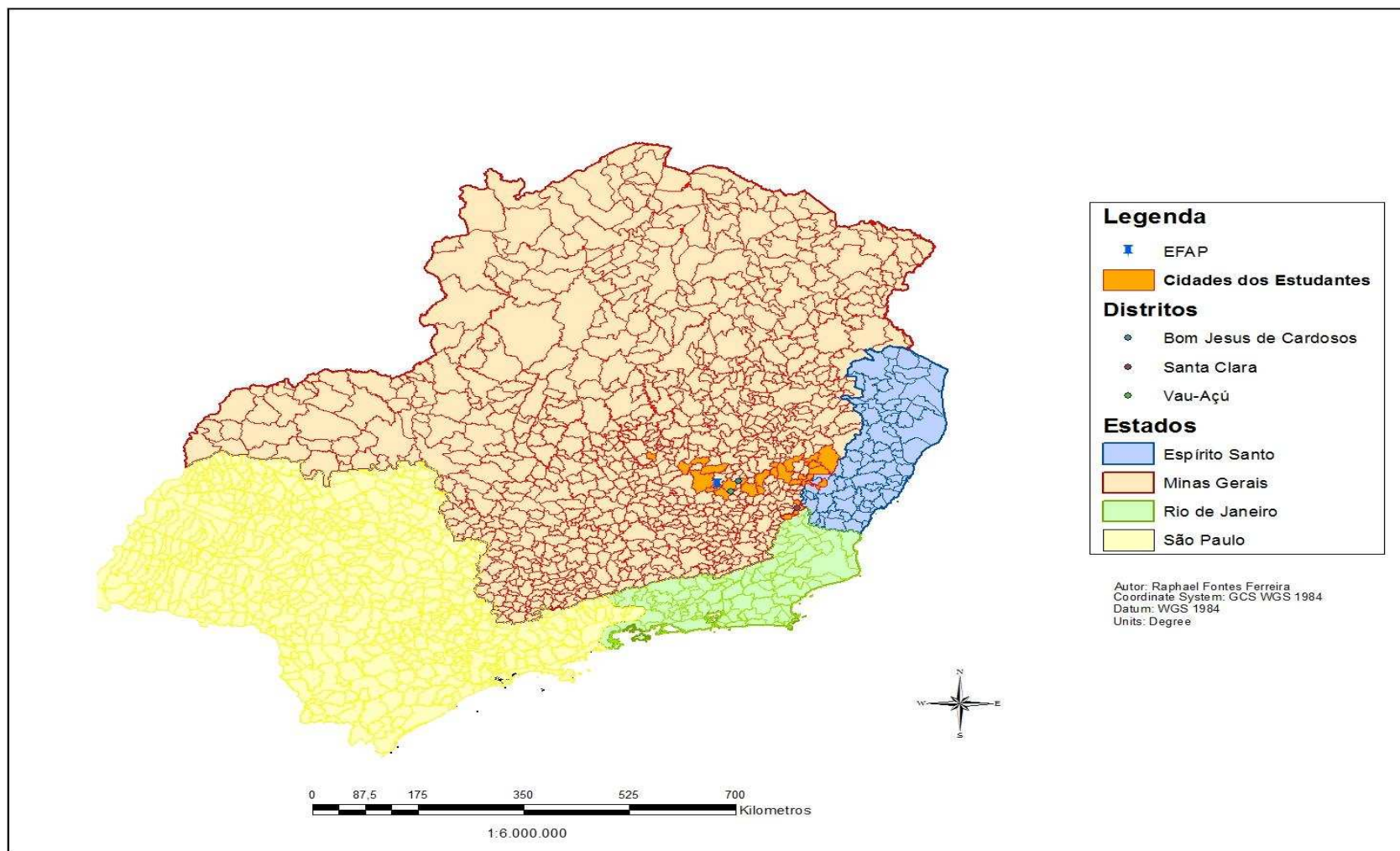
Nesse sentido, as tarefas executadas, assim como as vivências em sala de aula, os momentos das refeições, dos jogos, das atividades de lazer e recreação, são consideradas situações que contribuem para favorecer momentos e modalidades diferentes de encontros e interações dos alunos entre si e dos alunos com os monitores. São situações que, diferentes do contexto das escolas tradicionais, estimulam e favorecem o diálogo, um clima de amizade e confiança, ampliando as relações entre os alunos e monitores e contribuindo para a criação de um ambiente educativo, favorável no cotidiano escolar das experiências de alternância (SILVA, *op.cit.*, 2007, p. 108).

Para Silva (*ibid.*), as EFAs, sobretudo, buscam valorizar os sujeitos e os processos sociais do campo, ao construírem uma educação e uma escola enraizada na cultura, nos valores e nos modos de vida do campo. O projeto educativo das EFAs, em suma, visam a formação dos jovens e o desenvolvimento do próprio meio em que eles vivem.

2.3. HISTÓRIA DA EFAP

A EFAP, lócus empírico desta pesquisa, tem sede na comunidade rural Boa Cama, situada em Acaiaca- MG. A escola surgiu em 2004 e está vinculada à Associação Regional Escola Família Agrícola Paulo Freire – AREFAP, entidade mantenedora do projeto. Ela oferece o ensino médio integrado ao técnico em agropecuária para filhos de agricultores e de não agricultores de diversas localidades do Estado de Minas Gerais, e inclusive de outros Estados. Segue um mapa com a localização da escola:

Figura 2- Localização da EFAP



Fonte: FERREIRA, Raphael Fontes

De acordo com o Regimento Interno da EFAP, as primeiras discussões acerca da possibilidade de criação de uma EFA na cidade de Acaiaca ocorreram por volta dos anos 1990, época em que, segundo boa parte das entrevistas realizadas com os profissionais da escola, o Padre João do Carmo Macedo tornou-se dirigente religioso da Igreja católica do município, na Paróquia São Gonçalo. Foi com a vinda dessa liderança religiosa que os debates em torno das dificuldades enfrentadas pela população rural para frequentar as escolas foram levantadas. Assim, relatou Maura, uma das monitoras:

A EFA surgiu, assim, numa preocupação dos pais, da comunidade, do sindicato, até mesmo do ex-prefeito Padre João que estava bem, assim, engajado, nessa área da preocupação do êxodo rural, dos meninos saindo da zona rural e indo pra cidade. Às vezes voltando também porque não deu certo por lá. Às vezes porque não estava [...] uma coisa voltada pra tudo aquilo que eles viviam, na zona rural. E que os pais sabiam também. Às vezes iam pra fora e não dava certo, voltava. Às vezes se perdiam por lá, não voltavam, não dava notícia, nem nada. E queria alguma coisa pra vê se eles ficavam fixo aqui e desenvolviam na comunidade, nos trabalhos, pra tirar o próprio sustento dali mesmo. Era bobagem ir para os grandes centros que já estavam lotados. E sem também perspectiva, porque iam pra lá e acabava indo pra conglomerados. E era violência, violência, do jeito que a gente vê hoje, até hoje. Então, quando o padre João veio, como padre primeiro, pra paróquia, lá de Acaiaca, era muita reunião. Eu não sei falar, se era CEBs. É um conceito de grupos de igreja que tinha a pastoral da família, a pastoral da criança, e isso vinha crescendo muito nas reuniões até chegar numa opinião, num consenso que deveriam unir e fazer alguma coisa que conseguisse segurar os alunos aqui e que [...] fizesse com que eles tirassem renda da própria terra (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Assim, o projeto da escola começou a ser idealizada, mais precisamente, em 1991, em um encontro regional de representantes das CEBs ³ (Comunidades Eclesiais de Base), promovido pela já referida Paróquia São Gonçalo, e que contou com a presença de agricultores e jovens filhos de agricultores, além de lideranças religiosas. Nessa ocasião foram discutidas e levantadas algumas preocupações em relação às populações rurais do município, tais como: a formação dos agricultores e dos jovens rurais, o êxodo rural, as agressões ao meio ambiente, o uso de agrotóxicos e as constantes queimadas, a pecuária extensiva, etc. (EFAP, 2009).

Em 1992 foi criada a Pastoral da Juventude Rural na Igreja católica de Acaiaca, que tinha como objetivo formar, sensibilizar e organizar os jovens provenientes das comunidades rurais. Em 1993 alguns jovens rurais e membros da CEBs promoveram uma visita para conhecer a Escola Família Agrícola de Piranga, que atualmente já não existe mais. Em 1994, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Acaiaca reestruturou-se e tornou-se um

³ São comunidades ligadas à Igreja, pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) e da capela (rural), e impulsionados pela Teologia da Libertação. São, geralmente, reunidas em função da proximidade territorial e trabalham em prol das classes populares e dos despossuídos.

parceiro nesse movimento que estava atentando-se para as questões do campo e dos jovens rurais (EFAP, 2009).

Foi por meio dessa articulação da CEBs, Pastoral da Juventude e da Juventude Rural e STR que surgiram as discussões acerca da importância de se implantar uma EFA na região. Na época foram realizadas várias reuniões, encontros, cursos, seminários, viagens de estudo, visitas e assembleias nas comunidades, em que se discutia a necessidade de criar uma EFA por perto. Essa história das primeiras manifestações em torno da criação da escola foi relatada por Elizabete, uma das entrevistadas:

Bom, aqui no município de Acaiaca, a EFA na verdade, assim que o Padre João do Carmo veio para o município enquanto diácono, [...] em 1991. Aqui a igreja era muito fechada. Não tinha abertura, assim, pra sociedade mais pobre. Era mais os ricos que cuidava, até carregar o santo nem os pobres, era só quem tinha paletó [...]. Aí padre João abriu as portas da igreja pra todo mundo. Com a chegada dele, ele começou a discutir a questão da juventude rural do município, a questão das queimadas, começou a nos provocar para as problemáticas do município [...] Eu era bem criança, mas eu lembro de algumas coisas. Quando foi daí pra cá ele trouxe o trabalho da CEBs, as comunidades eclesiais de base, para o município e começou a discutir dentro dessas questões das problemáticas. Criou-se a Pastoral da Juventude Rural, e a partir da Pastoral da Juventude Rural começou-se a discutir a questão do êxodo rural, da problemática da juventude do campo (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Nesse contexto, por volta de 1995, por falta de recursos para construir uma EFA na região, as comunidades rurais organizadas pela Igreja escolheram dois jovens acaiaquenses para estudar em uma EFA de ensino fundamental, a EFA Camões, situada no município de Sem Peixe. Um desses jovens, Gilmar, citado por Elizabete e por vários outros profissionais, permaneceu na escola, completando o ensino fundamental:

[...] Quando foi em 95 [...] o Gilmar que é um dos jovens que está na luta até hoje. Nós pegamos e encaminhamos ele pra ir pra Sem Peixe. Ele foi eleito pelo conselho da paróquia pra ir pra Sem Peixe, pra poder estudar lá, de quinta á oitava, que era uma das EFAs que estava surgindo aqui na região (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Com a presença de representantes de entidades governamentais, de entidades não governamentais, de igrejas, da AMEFA, de EFAs, pastorais sociais, agricultores e jovens rurais, ocorreu em 1998 a assembleia da Comunidade Educativa Popular Agrícola (CEPA), projeto da Diocese de Mariana-MG ligado à Fundação Marianense de Educação. Nessa ocasião foram escolhidos dois ex-estudantes da EFA de Sem Peixe para cursar ensino médio na Escola Técnica da Família Agrícola de Riacho de Santana (ETEFAB), na Bahia. Gilmar, mais uma vez, foi um dos escolhidos (EFAP, 2009). Após isso, os debates em torno da

implantação de uma EFA continuaram por alguns anos na região de Acaiaca, mas com menos intensidade. De fato, foi em decorrência de um projeto profissional pessoal de Gilmar, quando ele retornou da Bahia, que a EFAP, já nos anos 2000, se consolidou. Esses fatos também foram contados por Elizabete:

Depois que o Gilmar volta, termina [...] a oitava série, naquela época, que hoje é o nono ano, e aí vai pra Bahia pra fazer o curso técnico em agropecuária lá em Feira de Santana. [...] E quando ele volta em 2002, a gente retoma toda essa questão da discussão das EFAs. (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Foi por volta do ano de 2000, portanto, que os agricultores de Acaiaca e região, com apoio e a parceria de outras entidades, retomaram a discussão e a busca por uma proposta educacional alternativa que viesse ao encontro: das necessidades dos jovens rurais que queriam frequentar a escola, mas não nos moldes vigentes; e das necessidades das famílias rurais. Segundo o Regimento Interno da EFAP, a instituição foi criada “pelo povo para atender à necessidade do próprio povo” (EFAP, 2012, p. 1). Foi nessa época, assim:

que os agricultores de Acaiaca uniram-se a outros agricultores de vários municípios da região e aliaram-se a várias entidades para discutir e buscar uma escola que atendesse os anseios dos jovens rurais que pretendiam continuar estudando e não se adaptavam à proposta de ensino das escolas existentes. Também para atender às famílias que pretendiam ter participação ativa no estudo e formação dos filhos (EFAP, 2012, p. 1).

Após vários encontros e muito diálogo entre esse grupo de atores sociais, o município de Acaiaca foi escolhido para a fundação de uma escola que atendesse o público rural e oferecesse o ensino médio e o curso técnico em agropecuária, atividade de destaque na região. O grupo optou, dessa forma, por uma instituição de ensino no formato de uma Escola Família Agrícola, visto que já haviam experiências consolidadas e bem sucedidas nesse sentido em diversos lugares. A proposta, desde o início, era atender um número maior de cidades da região.

Nesse mesmo ano, Padre João do Carmo Macedo foi eleito prefeito da cidade de Acaiaca. E, por volta de 2002, foi construído pelo poder público em parceria com as comunidades rurais e outras entidades o Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, no qual a criação de uma EFA foi apontada como uma das prioridades. Segundo Elizabete,

foi dentro do Plano Municipal de Desenvolvimento Rural e Sustentável, PMDRS,

[...] que a gente elegeu a questão da EFA como prioridade. Na verdade, assim, ela poderia ser em Piranga ou qualquer outro lugar. Aqui foi escolhido por melhor localização (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Em abril de 2002 ocorreu a primeira assembleia na qual foi instituída a comissão pró-EFA. Estavam presentes entidades não governamentais, poder público, agricultores e jovens rurais de diversos municípios de Minas Gerais, tais como: Acaiaca, Barra Longa, Mariana, Guaraciaba, Araponga, Diogo de Vasconcelos, Piranga, etc. Essa comissão trabalhou durante o ano de 2002 para realizar a mobilização das comunidades e jovens rurais – o trabalho de base, como é denominado pelos sujeitos das EFAs – e em prol da formalização de uma associação para a escola que estava sendo projetada (EFAP, 2009). Segundo uma das profissionais entrevistadas, naquela época a escola, que ainda era um projeto, já tinha estudantes, espaço, mas não tinha formalizado a associação para a gestão da escola. E foi por isso que eles criaram a comissão pró-EFA. Assim,

“Foi em Assembleia no dia 15 de dezembro de 2002 que a Associação Regional da Escola Família Agrícola Paulo Freire (AREFAP) foi criada e em abril de 2003 foi reconhecida como Utilidade Pública Municipal pela Lei 376/2003” (EFAP, 2012, p.1).

Na época, o nome “Paulo Freire” foi escolhido, pois a proposta pedagógica da escola aproximava-se da pedagogia utilizada por esse reconhecido educador e filósofo brasileiro. Na visão da monitora Elizabete,

a escolha do nome foi o seguinte. Surgiu-se vários nomes: Dom Luciano, vários nomes mesmo. Só que na época estava acontecendo aqui em Acaiaca o EJA, a formação do EJA, educação de jovens e adultos, e aí vários educadores nossos estavam fazendo esse curso, preparando para dar aula e o Gilmar era um deles, dava aula no EJA. E aí o povo o quê que fez: no Gilmar ter conhecido Paulo Freire [pedagogia de Paulo Freire] aí colocou toda história da questão de Paulo Freire. [...] E aí, veio, contou toda a história de Paulo Freire e acabou ficando o nome de Paulo Freire. (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Em 22 de maio de 2004 foi inaugurada a EFAP e deu-se início às atividades formativas da instituição com a primeira turma, de 30 estudantes. Por meio do relato de uma das profissionais da EFAP, que fez parte dessa primeira leva de jovens, percebe-se que a escola foi construída pelos próprios estudantes, profissionais e parceiros da instituição. Eles enfrentaram muitas dificuldades no início, pois não havia nada pronto. Todo mundo entrou na escola mais como militante do que estudante, pois não havia escola, efetivamente. Isso foi percebido por meio do relato de Elizabete, que é uma egressa da EFAP:

Nós, os estudantes, os 30 estudantes que começamos... [...] da primeira turma. Nós entramos aqui na marra. Na verdade no dia que nós fizemos nossa semana de adaptação⁴, estava chegando cama, fogão, freezer. Essas coisas todas estavam chegando. A gente montando, lavando a escola e montando as camas e as coisas todas. [...] Nós mesmos construímos. O espaço que hoje é a horta, ali, do lado da escola, onde foi ampliada aquela cozinha, ali era um bambu, tudo bambu. Se for ver as pastas de foto antiga da escola, tem ainda as fotos, na pasta histórica. Não tinha espaço de produção, então a gente tirou tudo no braço. Esse lado aqui que hoje eles estão construindo um sistema de agrofloresta, era puro lixo, [...] que o povo passava e só jogava pra baixo. [...] estava uma escola abandonada, foi nucleada (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Segundo essa mesma entrevistada, no ano de 2004, a EFAP funcionou como uma espécie de centro de formação, uma escola que oferecia formação técnica. Por decisão dos agricultores, dos estudantes e das entidades parceiras, deu-se início ao curso Qualificação Profissional em Agropecuária, de nível básico (EFAP, 2009). Foi só em 2005 que o Curso Técnico em Agropecuária, integrado ao ensino médio entrou em vigor, quando obteve o reconhecimento pelo Ministério da Educação (MEC).

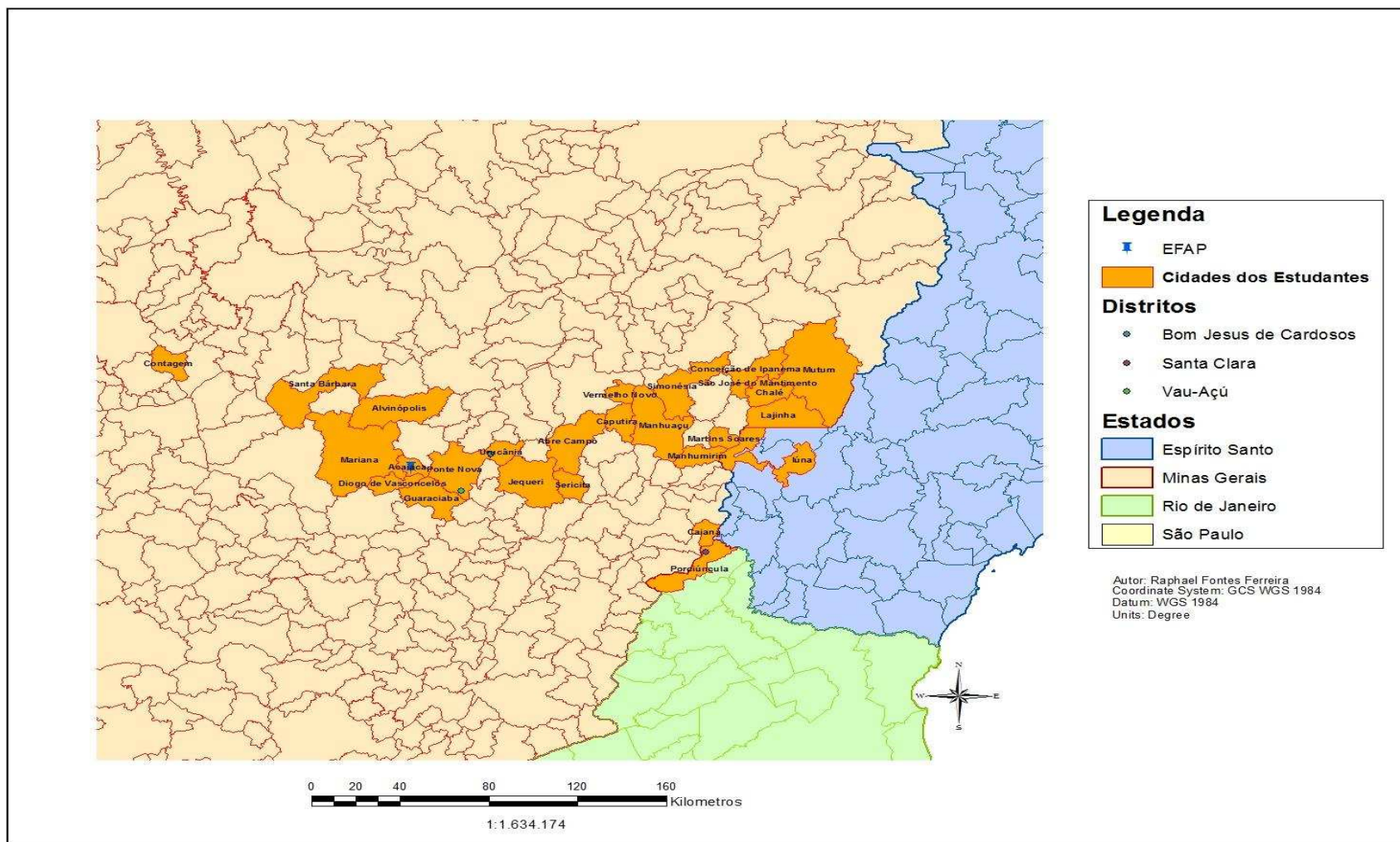
Os principais atores e parceiros que contribuíram no processo de criação da EFAP, apontados pelas entrevistas realizadas e pelos documentos analisados, foram: os jovens da primeira turma e suas famílias, a equipe de monitores e o Gilmar; a AREFAP; a AMEFA; a UNEFAB; os agricultores das comunidades rurais dos municípios de Acaiaca, Barra Longa, Mariana, Guaraciaba, Piranga, Ponte Nova, Diogo de Vasconcelos, Araponga, etc.; os STRs de Acaiaca e de outras cidades; setores e representantes da Igreja, tais como o padre e prefeito João do Carmo Macedo, o já falecido arcebispo de Mariana Dom Luciano, o padre Claret, a CEBs, a Paróquia São Gonçalo, de Acaiaca, as pastorais da Juventude e da Juventude Rural; representantes do poder público, tais como a prefeitura de Acaiaca e de outras cidades da região, os deputados César Medeiros e Padre João Carlos Siqueira, etc.; a EMATER/MG de Acaiaca; a Universidade Federal de Viçosa; a ONG Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira (CTA-ZM); associações e cooperativas da região, como a Associação dos Municípios do Vale do Piranga (MAP); entre outras.

Atualmente a instituição oferece o curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio, em regime de internato e por meio da Pedagogia da Alternância. O curso é reconhecido pelo MEC desde 2005 e pertence à Superintendência Regional de Educação de Ouro Preto-MG. A escola funciona em um prédio cedido, por regime de comodato, pela prefeitura do município de Acaiaca, onde funcionava anteriormente uma escola rural que foi

⁴ Semana em que os novos jovens experimentam o cotidiano da escola, antes do início do período letivo e de se tornarem efetivos estudantes das EFAs. Funciona como se fosse um processo seletivo dos estudantes.

desativada por meio do processo de nucleação das escolas rurais (EFAP, 2012). Esse curso, em 2013, era oferecido a cerca de 65 jovens provenientes de municípios da Zona da Mata, Leste e Região Central de Minas Gerais, além de outros Estados, como Rio de Janeiro e Espírito Santo. Nota-se, por meio dos mapas, que as cidades dos estudantes ficam, em sua maioria, no entorno da rodovia MG 262, na qual fica localizada a escola. Esse fato certamente pode ser justificado pela maior facilidade de acesso às instalações da instituição, encontrada pelos jovens de tais municípios.

Figura 3- Municípios atendidos pela EFAP no ano de 2013



Fonte: FERREIRA, Raphael Fontes

Os atuais parceiros da escola, mapeados por meio das entrevistas com os estudantes, funcionários e dos documentos analisados são: os jovens estudantes e suas famílias, a equipe de monitores; a AREFAP; a AMEFA; a UNEFAB os agricultores e comunidades rurais da região; o STR de Acaiaca; o CTA; a Igreja; a prefeitura de Acaiaca e de outras cidades da região; a EMATER/MG de Acaiaca; a UFV; a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG); A Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); a Articulação Mineira de Agroecologia; o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB); as associações, cooperativas e grupos de mulheres da região; o Deputado Padre João e o Deputado Rogério Corrêa; o Grupo APÊTI de Agroflorestas; o Sauípe; a EPAMIG; a Associação dos Grupos Culturais e Artistas da Terra (GCAT); a Associação de Artesãos e Produtores Rurais de Acaiaca (AAPRA); o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); grupos de quilombolas; a Rede Mineira de Educação do Campo; entre outros.

2.4. MINHA INSERÇÃO NA ESCOLA: PRIMEIROS OLHARES

Meu primeiro contato com a EFAP deu-se por meio de um pré-campo realizado no mês de março de 2013. A escola é de muito fácil acesso, pois fica às margens da rodovia MG 262. Antes de chegar na construção da escola propriamente dita, passei por um campo de futebol e por um galpão (de eventos), os quais descobri, posteriormente, que são de propriedade da comunidade, mas são utilizados frequentemente pela instituição.

Figura 4- Entrada da EFAP



Fonte: Marcella Costa.

Atravessei uma pequena ponte, visto que nos arredores da escola passa um pequeno riacho e há também uma cachoeira de pequeno porte aos fundos. Visualizei, desde já, as áreas plantadas e um viveiro de mudas. A escola, em geral, não dispõe de uma área muito extensa para a prática agrícola.

Figura 5- Viveiro de Mudas



Fonte: Marcella Costa.

Subi uma pequena escada e logo que se chega, há uma placa com os seguintes dizeres: “EFAP – Ensino Médio e Profissional a serviço da promoção do desenvolvimento sustentável e solidário”. De antemão, já é possível perceber as diretrizes pelas quais a instituição se pauta.

Figura 6- Escola Família Agrícola Paulo Freire



Fonte: Marcella Costa.

Deparei-me, ainda, com os corredores da escola, que, a priori, parece dispor de uma estrutura simples e básica. Nas paredes tem uma foto de Paulo Freire e a seguinte mensagem: “Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular”, além de cartazes sobre movimentos sociais, agroecologia X agrotóxicos, meio ambiente, frases e poesias produzidas pelos jovens, etc. Mais uma vez é possível perceber a materialização da proposta político-pedagógica da escola.

Nessa ocasião cheguei à escola sozinha, mas já havia sido avisado, por um dos monitores com o qual fiz contato, que eu iria visitar a instituição. Fui muito bem recebida pelos estudantes, profissionais e diversos sujeitos que estavam lá. Fui acompanhada por olhares curiosos, que certamente me mapeavam. Alguns monitores, principalmente, demonstraram certo receio com a minha presença.

Fiquei à vontade para conhecer as instalações da escola, guiada por esse monitor com quem eu havia feito o contato. AEFAP conta, em geral, com uma estrutura muito simples composta por: duas salas de aula; uma biblioteca; um quarto feminino, com capacidade para quinze jovens; dois quartos masculinos, com capacidade para dez

adolescentes cada; uma cozinha/cantina; uma secretaria; um refeitório, que fica ao ar livre e é um espaço muito frequentado pelos jovens nos horários vagos; quatro banheiros, sendo um dos funcionários, um masculino e dois femininos, dos quais um é muito pequeno; uma sala para os monitores; uma sala de informática; uma lavanderia, um jardim; uma pequena área de cultivo que consiste em hortas, viveiro de mudas, frutíferas, etc.; um chiqueiro e um galinheiro.

Fui encaminhada para uma reunião que seria realizada entre todos os profissionais, na qual apresentei a mim mesma e a minha proposta de pesquisa. Todos ouviram com atenção e alguns se pronunciaram, tiraram suas dúvidas, mas, ao final, acolheram a minha iniciativa, advertindo que não queriam ser tratados apenas como objetos de pesquisa, mas como sujeitos e que gostariam de algumas contrapartidas. Em linhas gerais, eles concordaram que a minha pesquisa tinha muito a contribuir com a realidade deles, uma vez que a própria escola já faz essa discussão e possui um instrumento pedagógico, intitulado Projeto Profissional Jovem (PPJ).

Após isso, fiquei à vontade para transitar pelas instalações da escola, para conhecer os estudantes, os quais me receberam com muita curiosidade, entusiasmo e interesse pelo que eu estaria fazendo ali. À tarde, uma das monitoras me encaminhou para a sala de aula do terceiro ano, visto que um dos professores havia faltado. Tive oportunidade de realizar uma conversa coletiva, no qual eu indaguei-os acerca da visão que eles tinham sobre a juventude e a juventude rural no mundo contemporâneo. Esse grupo respondeu com muita empolgação à proposta de atividade. Já de antemão pude criar muitos laços de amizade e afetividade com os jovens da escola.

Alguns meses depois, retornei para a realização da pesquisa de campo, que foi realizada em cerca de três meses, dentro dos quais eu tive oportunidade de ficar imersa, por alguns dias, na instituição. Mais uma vez fui recebida com muito carinho, entusiasmo e interesse. Nessa ocasião, a escola tinha sido pintada com tinta de solo e algumas paisagens, referentes à natureza e ao campo, haviam sido feitas em algumas paredes por um artista da região. A EFAP conta com uma área pequena, em geral, sempre muito decorada com muitos vasos de plantas e mensagens de cunho político, pedagógico, ideológico e religioso nas paredes.

A rotina era bem intensa. Os estudantes acordavam sempre por volta das seis da manhã e tinham até às sete para fazer a primeira refeição, o café da manhã, que era servido às seis e meia. Desde já, começavam os ruídos e as brincadeiras. O espaço do refeitório, como já foi dito, era muito utilizado para a socialização dos jovens,

principalmente nos horários informais. Alguns jovens já começavam as atividades de manutenção pela manhã, visto que tinham a responsabilidade em arrumar a mesa ao fim.

Por volta das sete e meia iniciava a primeira aula, que geralmente durava a manhã inteira, mas tinha um intervalo para o lanche às dez. Em alguns dias mudava-se de disciplina após esse intervalo. O almoço era servido ao meio dia e era seguido de um intervalo, no qual os jovens ou descansavam ou faziam atividades variadas de recreação. Por volta de uma e meia da tarde dava-se início a outra aula que ia até às quatro da tarde, horário em que era servido outro café. Após essa refeição, os jovens iniciavam as atividades de manutenção da escola, que compreendiam a limpeza dos espaços, manejo da horta, do viveiro e dos animais, etc...

Os jovens tinham um espaço de tempo livre que eles usavam para jogar futebol, conversar entre eles, ouvir música nos quartos, tomar banho, entre outras. O jantar era servido sempre às sete da noite. Logo após, ou os estudantes eram liberados ou havia os espaços que eles chamavam de serões, que compreendiam atividades extracurriculares, tais como oficinas, exibição de filmes, atividades com atores externos, etc...

A religiosidade estava muito presente na escola, apesar de ela se declarar formalmente laica, visto que os jovens e monitores eram, em sua maioria, católicos, e havia mensagens religiosas nas paredes. As místicas e as orações eram realizadas cotidianamente na hora do almoço e do jantar. Antes dessas referidas refeições, todos ficavam em círculo, faziam alguma atividade reflexiva e mística e só depois se serviam.

O ambiente escolar, em geral, é sempre muito alegre e tem a presença de muitos sons, uma vez que os jovens ficam durante todo o dia ouvindo músicas, cantando, rindo e brincando. Os espaços para a socialização, para além das questões curriculares, eram, geralmente, o campo de futebol e as áreas ao ar livre, que ficavam na frente da escola, além do próprio refeitório e os quartos.

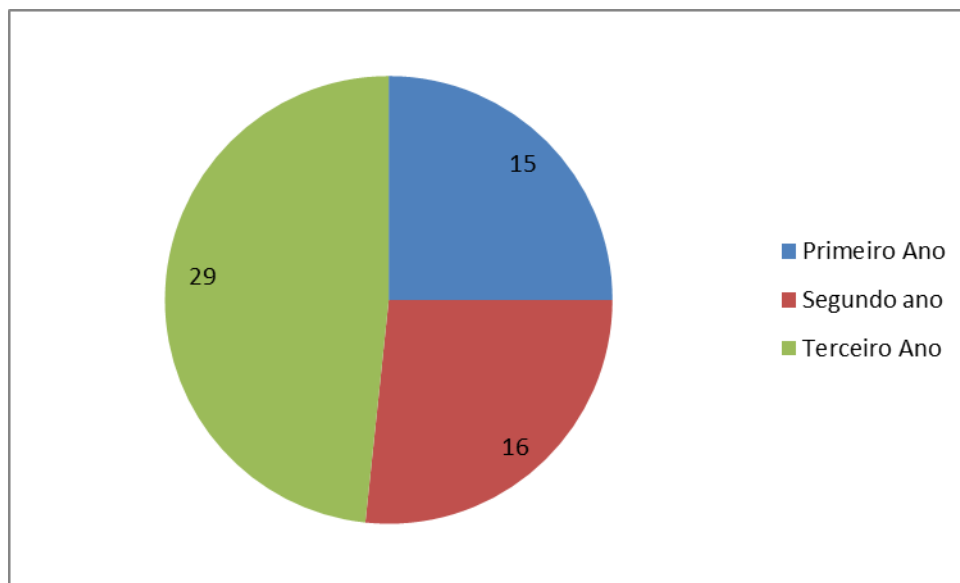
Cada mês letivo era dividido em duas sessões de quinze dias cada. Na primeira delas estavam presentes os cerca de cinquenta estudantes do segundo e terceiro ano e na outra os quinze jovens do primeiro ano. Isso ocorria porque não havia condições da estrutura física da escolar comportar os 65 estudantes ao mesmo tempo. Por isso, obviamente, a sessão do segundo e terceiro ano era sempre mais agitada, com mais ruídos e animação, ao passo em que a sessão do primeiro era um pouco mais silenciosa.

2.5. OS ESTUDANTES DA EFAP E SEUS FAMILIARES

Buscou-se nesta seção realizar uma breve caracterização socioeconômica dos jovens da EFAP, matriculados no ano de 2013, visto que eles foram os sujeitos dessa pesquisa. Para tanto, foi utilizada uma análise dos dados produzidos por meio de um questionário socioeconômico aplicado aos jovens da instituição em questão. Essa foi uma tentativa de caracterizar também, aspectos das famílias desses estudantes e da realidade social, econômica e cultural em que estes estão inseridos, uma vez que não foi possível entrevistar diretamente seus familiares e nem conhecer suas moradias e comunidades. Procurou-se aqui, portanto, identificar aspectos como: condições de moradia e saneamento básico, condições de trabalho das famílias, acesso à lazer, acesso às TICs, renda, escolaridade, cor, etc.

Foram aplicados questionários socioeconômicos junto a sessenta jovens da EFAP, estudantes do primeiro, segundo e terceiro ano. A idade média deles é de 17,5 anos, variando de 14 a 34 anos. Em números absolutos, a proporção da distribuição desses estudantes por série pode ser visualizada no gráfico 1. Nota-se uma presença maior no terceiro ano, porque houve, por motivos desconhecidos, uma procura menor pela escola nos últimos anos.

Gráfico 1- Ano escolar dos estudantes da EFAP

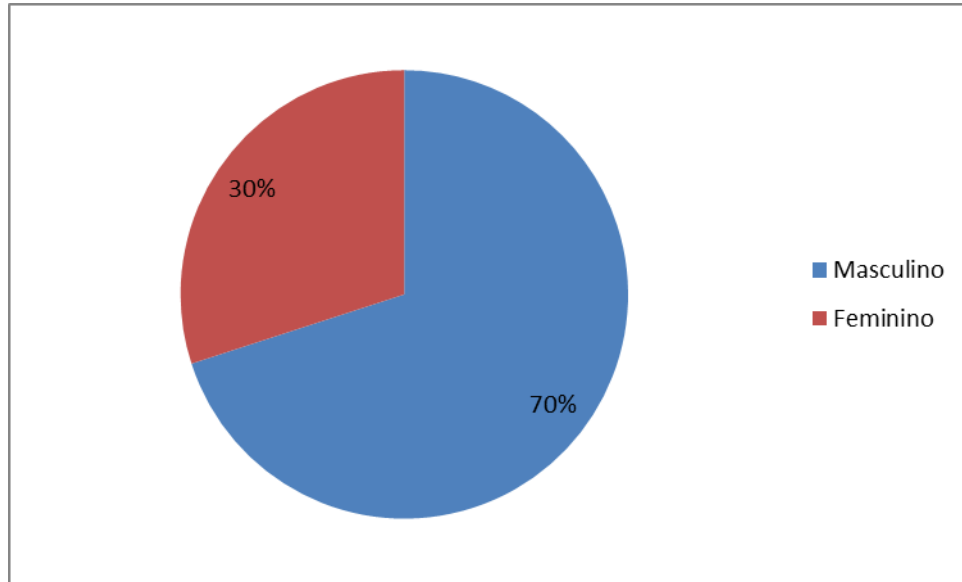


Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Dentre os estudantes entrevistados, 70% eram jovens do sexo masculino e 30%

do sexo feminino. Pode-se perceber com esses dados que há uma diferença significativa entre o número de mulheres e homens que a escola atende.

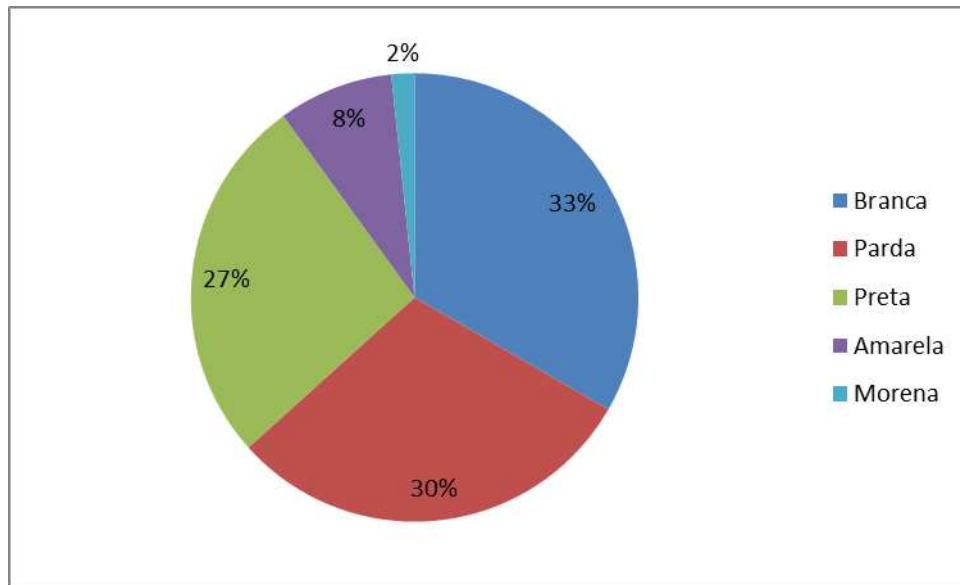
Gráfico 2- Sexo dos estudantes da EFAP



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

A maioria, 33% dos estudantes, declarou ser de cor branca. Mas foi proporcional também à quantidade de jovens que se declararam de cor preta e parda, que foram, respectivamente, 30% e 27%, como se pode visualizar no gráfico 3. Esses dados apontam para a significativa presença de negros e pardos, percentual acima da média da população brasileira, bem como regional (CENSO, 2010). Outro aspecto a destacar é o fato de que ninguém tinha filhos e todos eram solteiros, o que, a princípio, poderia representar um diferencial frente a outras realidades brasileiras, tanto rurais quanto urbanas. Contudo, cabe a pergunta: em que medida outros jovens da mesma área de abrangência atendida pela escola não teriam filhos ou família constituída? Se confirmada essa incidência, de modo significativo, isto apontaria para o nascimento do filho e a aliança/casamento como fatores que afastariam os jovens da escola. Do mesmo modo, o cruzamento de informações sobre essas trajetórias poderia nos apontar para eventuais estratégias e projetos de vida diferentes.

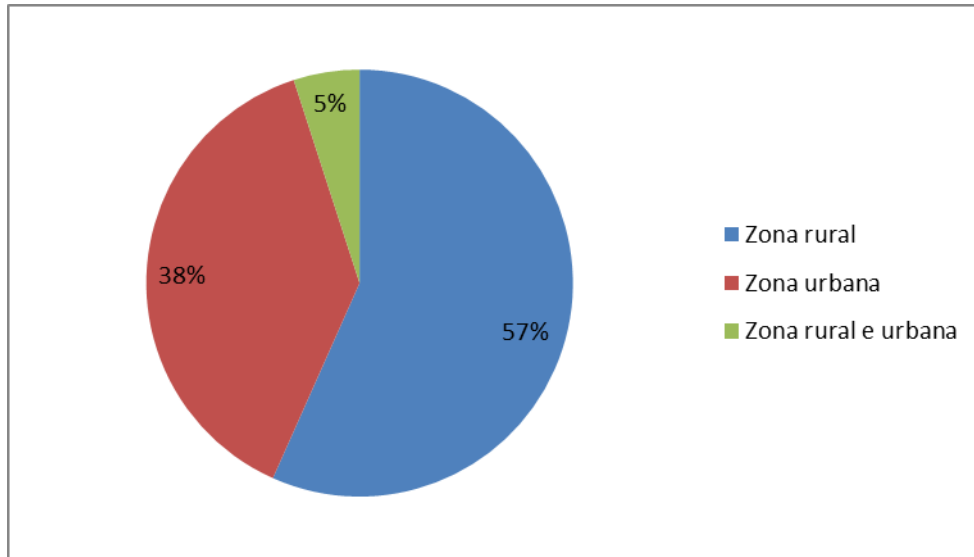
Gráfico 3- Cor dos estudantes



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Grande parte dos estudantes declarou residir na zona rural, totalizando 57%. Porém, é significativo também o número de jovens matriculados na EFAP, provenientes das zonas urbanas, totalizando 38%. Assim, apesar de ser também um curso técnico em agropecuária, o público alvo atingido pela escola no ano de 2013 extrapolou o âmbito das zonas rurais. Cabe lembrar que uma parte dos estudantes, 5%, mencionou viver nos dois meios, rural e urbano, uma vez que possuem propriedades nas duas localidades. Outros que alegaram viver na zona urbana também admitiram que têm estabelecimentos na zona rural e/ou guardam proximidade com o campo, ou por já terem vivido lá, ou por afinidade, ou porque têm parentes, ou mesmo porque moram em municípios muito pequenos.

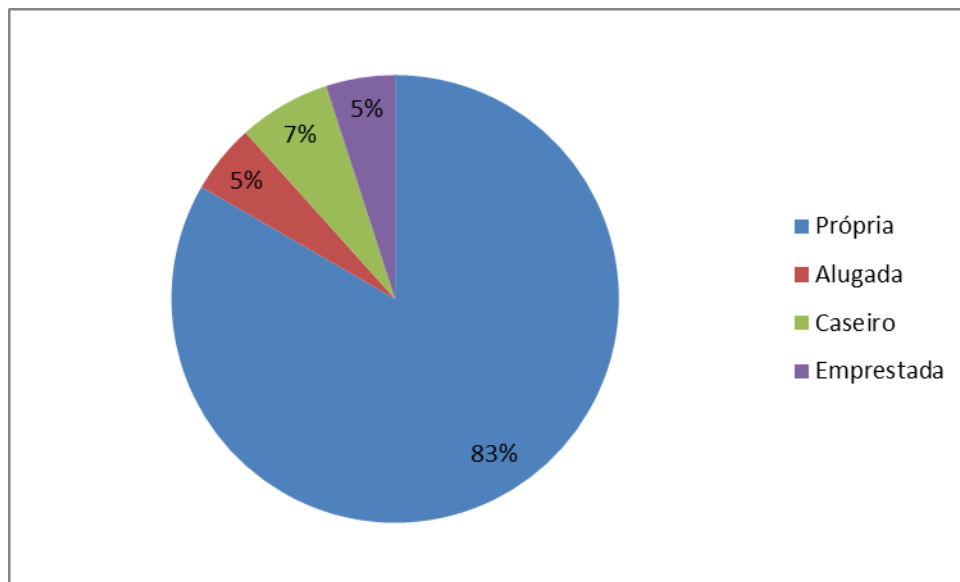
Gráfico 4- Local de residência dos familiares dos estudantes



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Como demonstra o gráfico 5, sobre as condições da moradia das famílias dos jovens da EFAP, notou-se que 83% delas dispõem de imóvel próprio. Apenas 5% das famílias vivem em casas alugadas, 5% em casa emprestada e 7% são caseiros de estabelecimentos rurais de terceiros. 100% das construções são de alvenaria.

Gráfico 5- Condição da moradia

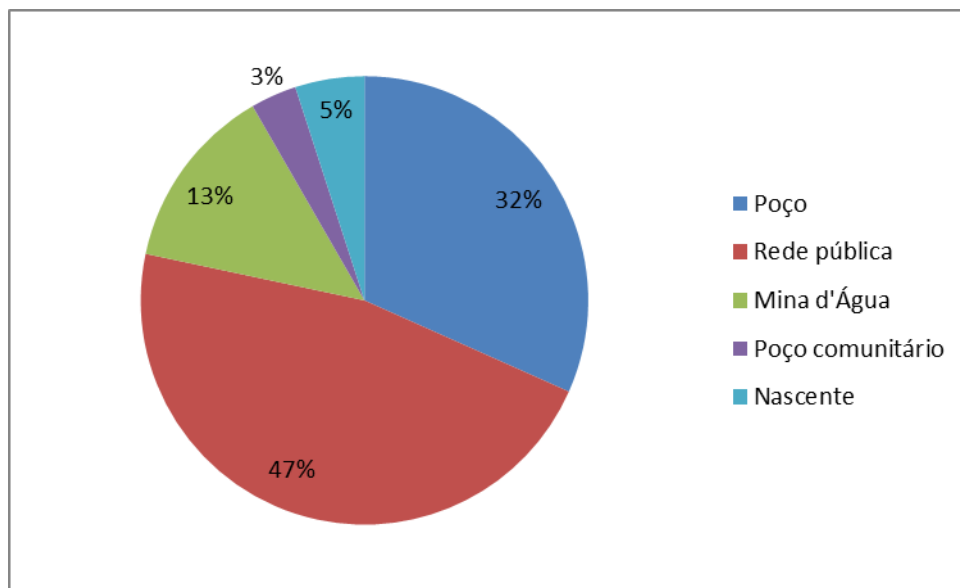


Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

As condições de saneamento básico das moradias das famílias podem ser traduzidas por meio dos gráficos 6, 7 e 8. Em geral, pode-se perceber que a maioria das

populações rurais ainda não tem acesso a esse serviço. No que tange o abastecimento de água, 47% dos informantes alegaram ter acesso à rede pública, dentre os quais apenas 7% são provenientes das zonas rurais. É relevante o número de moradias que utilizam a alternativa do poço artesiano, 32%, e da mina d'água, 15%, que são recursos muito comuns nas áreas rurais. Apenas 5% das famílias utilizam as nascentes como alternativa hídrica para as propriedades.

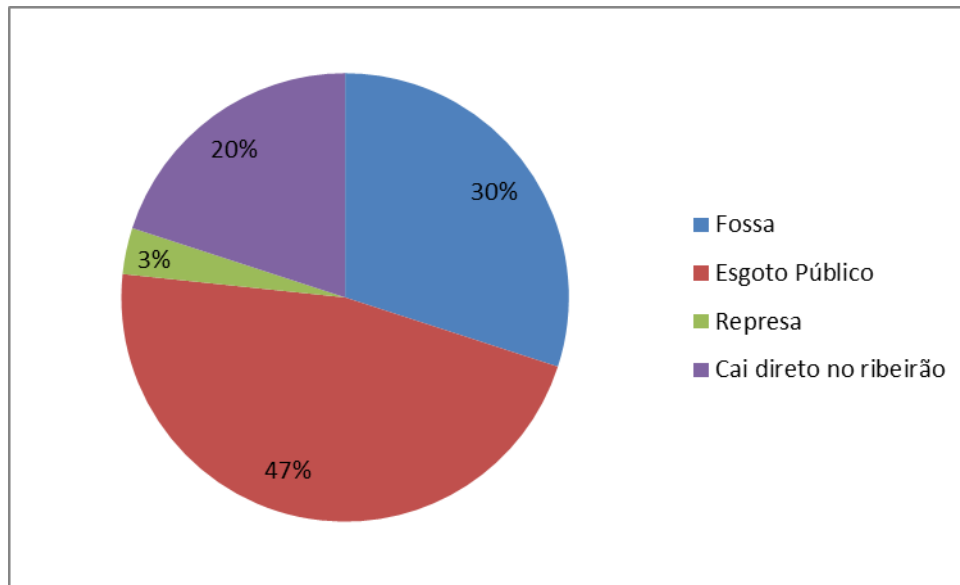
Gráfico 6- Abastecimento de água



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Sobre as condições de esgoto das residências, verificou-se que 47% dos jovens informaram que têm acesso ao tratamento público desses dejetos. Dentre esses apenas 5%, um montante pouco expressivo, de estudantes residentes nas zonas rurais já possuem também acesso a esse serviço público. Uma parte significativa, de 30%, utiliza a fossa e, 20% das famílias derramam o esgoto direto em ribeirões, sem nenhum tratamento prévio.

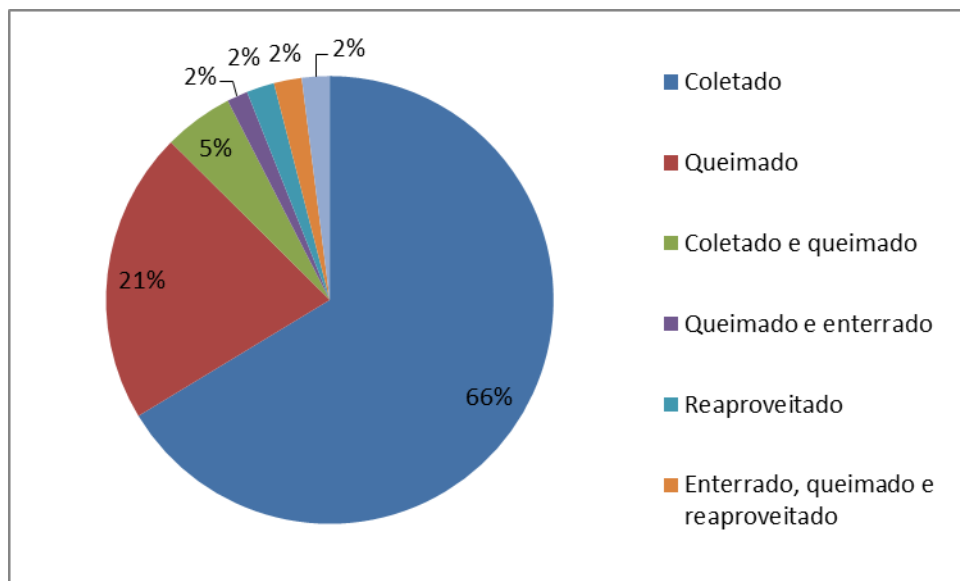
Gráfico 7- Esgoto



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

O gerenciamento dos resíduos sólidos por parte dos familiares é realizado em sua grande maioria por meio de coleta pública. 66% dos informantes declararam ter acesso à esse tipo serviço, dentre os quais quase a metade é formada pelas populações dos estabelecimentos rurais. A outra parte utiliza recursos como queimar, enterrar ou reaproveitar tais resíduos.

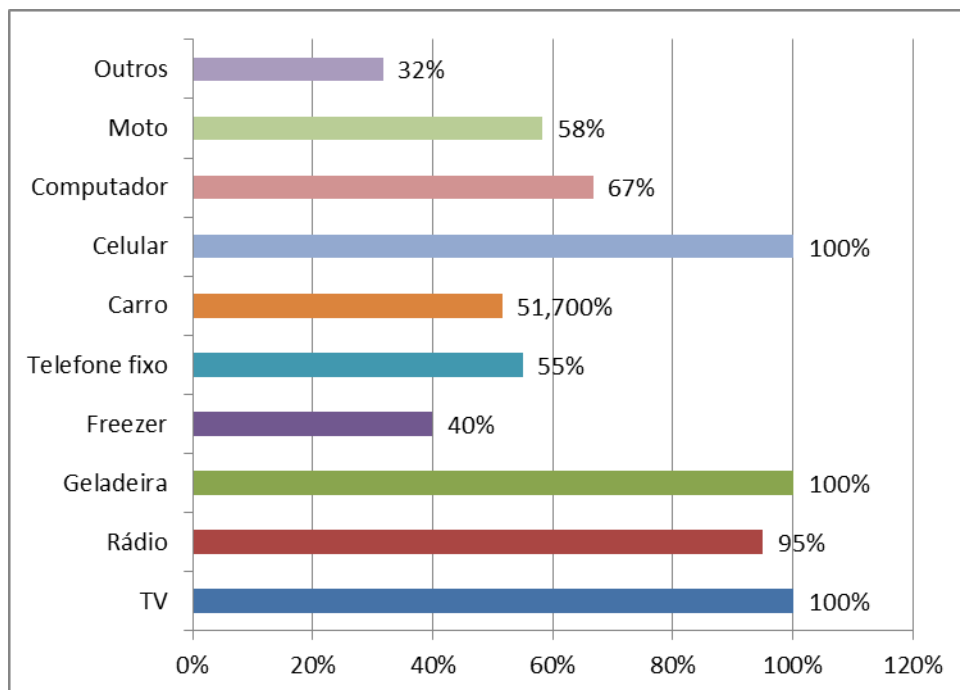
Gráfico 8- Manejo dos resíduos sólidos



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Por meio do gráfico 9, pode ser visualizado quais são os bens duráveis dos quais as famílias dos entrevistados dispõem. Todos eles têm acesso à TV, geladeira e celular. 95% dos mesmos possuem rádio ou aparelho de som. 67% possui computador. Mais da metade dispõe de telefone fixo, carro e moto. Com algumas dessas informações é possível inferir que significativa parcela das famílias está tendo acesso a equipamentos que, num passado relativamente recente, eram típicos de áreas urbanas. Segundo Favareto (2010), em pesquisa do IPEA de 2010, baseada nos dados do Censo Agropecuário de 2006, um dos fatores que contornam a ruralidade contemporânea é a uniformização dos mercados de bens econômicos e simbólicos, entre o meio rural e urbano. Tal aspecto é um elemento do encurtamento das distâncias, inclusive simbólica, entre esses meios. Isso também foi percebido na entrevista coletiva, realizada com os jovens da EFAP, na qual Cezar declarou: “Eu tenho tudo que eu quero e mais um pouco ainda. Porque os jovens da cidade, eles tem carro, moto, roupa nova, festa, e tudo isso eu tenho. Computador, celular, Playstation, eu tenho tudo” (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Gráfico 9- Bens duráveis que as famílias possuem

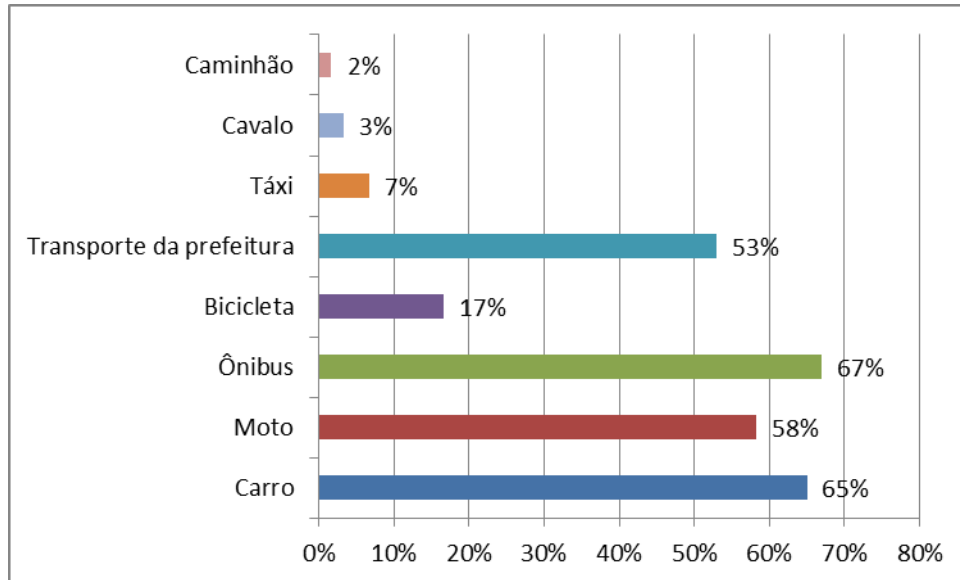


Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

O acesso e uso de meios de transporte também segue esse mesmo parâmetro de análise, uma vez que mais da metade dos jovens declarou ter acesso ao uso de carro ou

moto, aos serviços de empresas de ônibus e ao transporte público, realizado por prefeituras. Mais uma vez é expressiva a crescente utilização de bens e serviços consumidos pelas populações rurais.

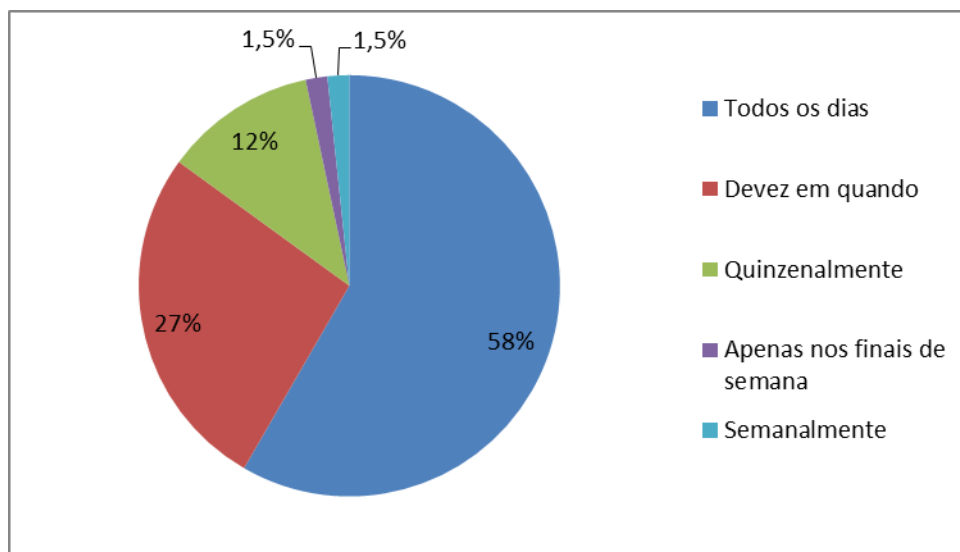
Gráfico 10- Acesso aos meios de transporte



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

A frequência do uso de transportes pelas famílias, inclusive as rurais, também é razoável. 58% das famílias acessam meios de transporte todos os dias e 27% de vez em quando, como verifica-se no gráfico 11:

Gráfico 11- Frequência do acesso aos meios de transporte

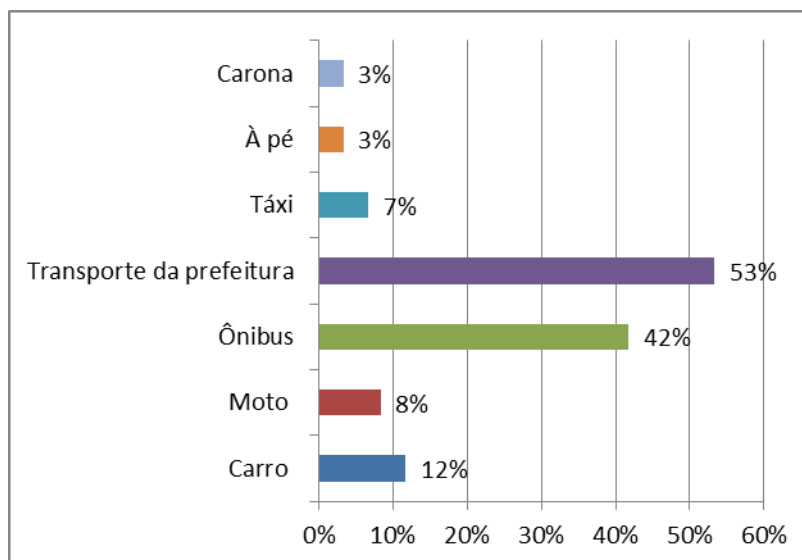


Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Para ir para a escola, os jovens utilizam, em 53% dos casos, o transporte público, oferecido pelas prefeituras locais, o que certamente facilita o acesso ao ensino. Além disso, 42% utilizam ônibus de linha, serviços de empresas privadas. Nesse sentido, houve o relato de Luisa, uma profissional da escola, que alegou que alguns estudantes, caso não estivessem numa EFA, já teriam evadido da escola, por morarem em lugares muito afastados e por não terem alternativa de locomoção diária para acessar a cidade, o que demonstra que ainda há fragilidade no que diz respeito a esse direito. Segundo ela, “muitas vezes tem estudante aqui, que até conversando com familiares, se morasse na região dele, na cidade, não tinha como fazer o ensino médio. Porque só tem ensino fundamental e não tem transporte e a casa é muito isolada e tal” (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013). Na visão de dois jovens, Maurício e Nicolau, isso também aparece, além da necessidade do jovem rural ter que ajudar a família nos estabelecimentos agrícolas: “Acho que esse curso integrado aí veio pra facilitar um pouco a vida do jovem rural, porque na maioria das vezes o jovem rural não tem oportunidade nem de terminar o ensino médio” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013); ou ainda:

“Oh ela foi o ponta pé pra diferenciar lá em casa, porque ia acontecer sempre o mesmo, a oitava incompleta, coisa assim, igual aos meus irmãos. Aí ela mudou porque proporcionou uma qualidade de ensino diferente e que visa os dois lados: o meu e o lá de casa, no caso. Pra não ficar longe de casa, ao mesmo tempo, ou senão lá mesmo no lugar. Aí ficou, atendeu os dois lados” (ENTREVISTA COM UM DO ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

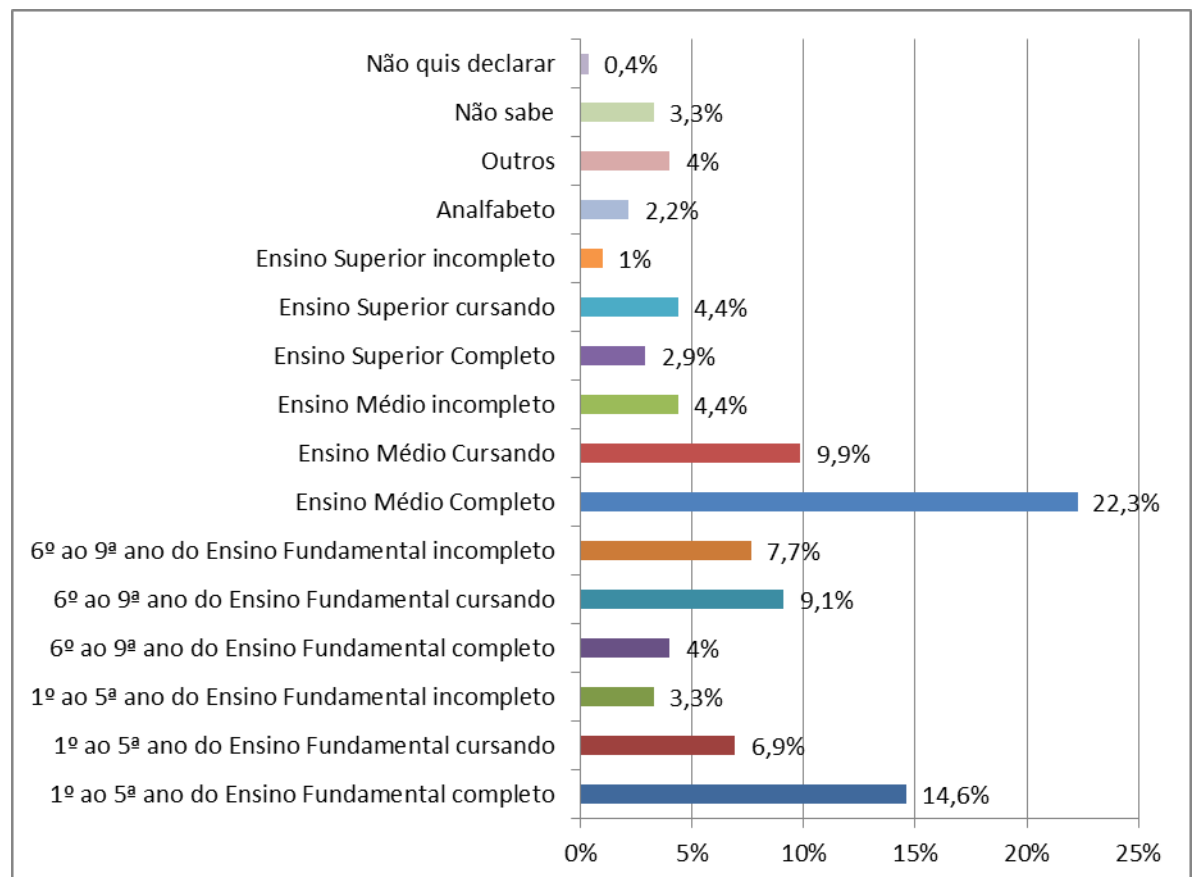
Gráfico 12- Condução até à escola



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Em relação às famílias dos estudantes, também é importante destacar que foram mencionados um total de 274 indivíduos que moram nas residências dos sujeitos entrevistados, perfazendo uma média de 4,6 moradores por residência. Dentre eles pais, mães, avós, avôs, irmãos e irmãs, tios e tias, primos e primas, padrastos e madrastas, etc., o que aponta para um padrão de família agregada pra além das conjugalidades de marido e mulher, mais os filhos. A escolaridade desses está apresentada no gráfico 13, sendo alta a incidência de indivíduos com o Ensino Médio completo (22%) e baixa a taxa de analfabetos (2%) e de pessoas com Ensino Superior completo (3%). Pelo mesmo gráfico é possível verificar que ainda é baixo o acesso desse segmento social específico ao ensino superior, uma vez que pelo somatório dos indivíduos que estão cursando ou têm o ensino superior completo e incompleto, chega a 8%. É notável também a porcentagem de familiares que chegaram a cursar até o quinto ano do ensino fundamental, os quais representam, na maioria dos casos, os pais ou os responsáveis pelos jovens. Nota-se que as gerações atuais estão aumentando seu grau de escolarização.

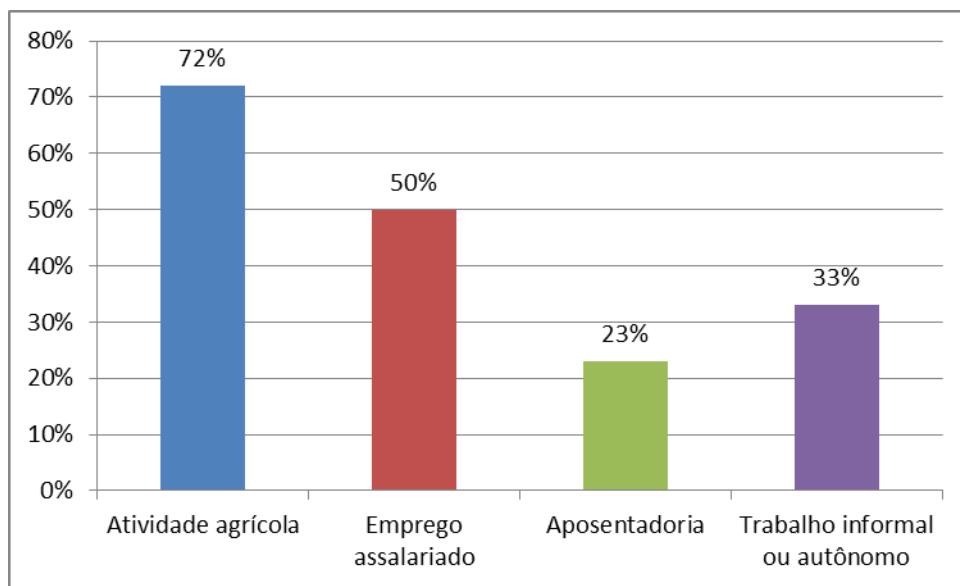
Gráfico 13- Escolaridade dos familiares



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

A renda média das famílias é de dois mil reais, o que corresponde a quase três salários mínimos, em 2013. De acordo com Ministério do Desenvolvimento Social, essas famílias se encaixariam como de baixa renda, pois possuem renda familiar mensal de até três salários mínimos. As atividades econômicas que geram renda para esses sujeitos compreendem, sobretudo, à atividade agrícola, ao trabalho assalariado fora dos estabelecimentos rurais, à aposentadoria e outras formas de trabalho informal ou autônomo, como pode ser visualizado no gráfico 14. Em muitos dos casos foram apontadas mais de uma fonte de renda no âmbito familiar. A maioria dos estudantes declarou que as famílias possuem formas diversificadas de se reproduzir materialmente. As profissões exercidas pelos responsáveis por tais estudantes foram as mais variadas possíveis, indo desde agricultor(a), caseiro ou suinocultor, atividades mais usualmente ligadas ao campo, até dona de casa, motorista, pedreiro, professor(a), costureira, vendedor(a), segurança, fotógrafo, doméstica e outras.

Gráfico 14- Fonte de renda das famílias



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Dentre os que moram no campo, 28% vivem apenas da atividade agrícola, o que certamente é um montante expressivo se comparado à tendência nacional a qual, segundo pesquisa do IPEA, datada de 2010, que utiliza dados do Censo Agropecuário de 2006, aborda que em “menos de 60 anos, a participação da ocupação agrícola no total caiu, no Brasil, de 70% para 15%” (BUAINAIN e DEDECCA, 2010, p. 132). A população economicamente ativa ocupada na atividade agrícola, caiu de 15,2 milhões

para 14,8 milhões na última década (ibid., 2010). O depoimento de Iuri confirma essas informações: “[...] a gente disputa o mercado no meio rural. Porque o mercado de trabalho no meio rural está, assim, entre aspas, meio em extinção” (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Por um lado, isso significa uma queda significativa, mas por outro, observa-se que ainda é muito relevante o mercado de trabalho agrícola, o qual ainda é responsável pela sobrevivência de um contingente considerável de pessoas, como é o caso de algumas famílias dos estudantes da EFAP. Sendo assim, a atividade agrícola ainda é muito importante no que tange à ocupação das populações rurais.

A fonte de renda dos demais, porém, é proveniente também, de atividades não agrícolas. Isto remete à discussão sobre pluriatividade ⁵ das propriedades familiares rurais, assunto muito abordado por autores como Veiga (2001) e Graziano da Silva (1999). Esses pensadores apontam a diversidade de atividades econômicas e trabalhos que são exercidos no âmbito das propriedades familiares rurais na atualidade, como estratégia de reprodução desse segmento social. O meio rural tem populações com ocupações muito diversificadas e a renda dos agricultores, em boa parte do Brasil, não vem mais apenas da atividade agrícola. O caso das famílias dos estudantes da EFAP corrobora com a visão desses autores, de um mundo rural que está cada vez mais dinamizado, em termos da atividade econômica. Assim, pode-se falar de um rural que não é predominantemente agrícola, o que pode ser percebido na visão de Elizabete:

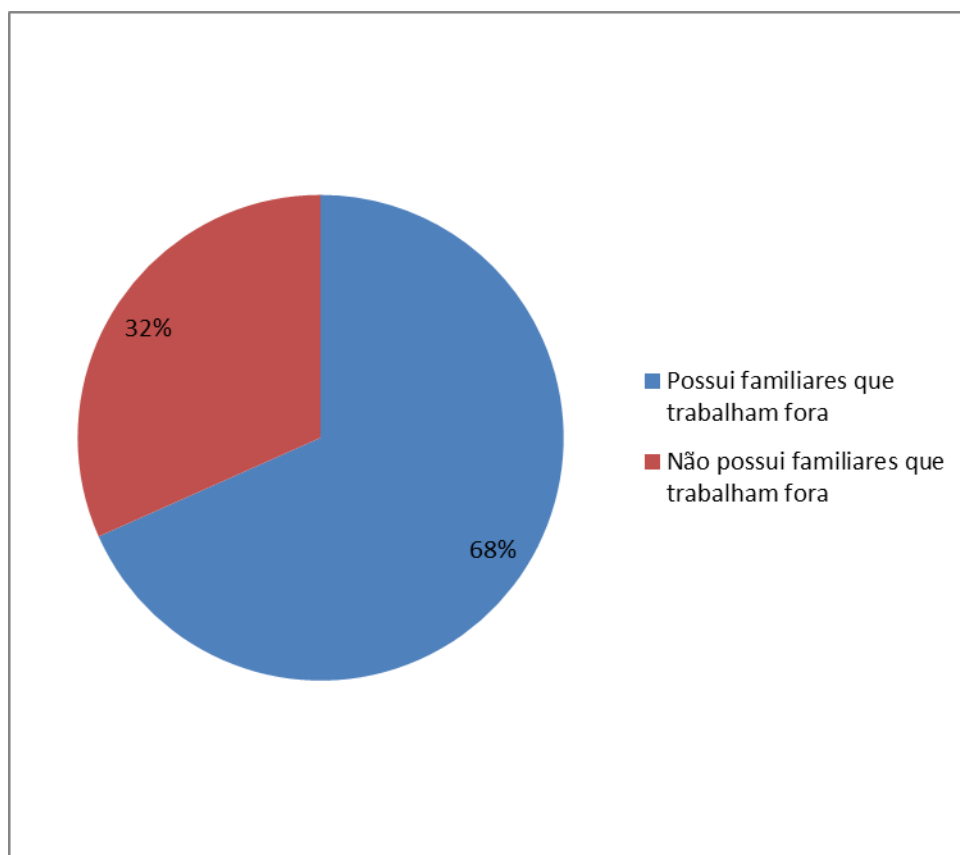
[...] o meio rural hoje ele não é mais só aquele agricultor, assim quadrado assim. Aquele agricultor que pega a enxadinha e vai para o mato todo dia. Não, o agricultor hoje ele tem a questão [...] da agricultura, mas [...] o período que ele não está plantando e não está colhendo, ele tem a questão que ele é um servente de pedreiro ou que ele é um pedreiro que faz um serviço para o vizinho. Então o mundo rural hoje ele não está fechado simplesmente no plantar e colher. Tá também outras profissões consideradas urbanas que estão no campo. Igual tem os mecânicos, o período que você não está na roça você está mexendo, consertando a moto do vizinho. Período que você não está ali na roça, você está fazendo um serviço de carpintaria, consertando um telhado pro outro. [...] Agricultura é o caminho, mas tem outras coisas além da agricultura pra conseguir viver no campo (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Ainda nessa mesma linha, o trabalho fora dos estabelecimentos rurais também é uma estratégia de reprodução econômica, mencionado pelos sujeitos desta pesquisa.

⁵A pluriatividade é um fenômeno, ocorre no meio rural, em que as famílias ocupadas tradicionalmente com as atividades agrícolas, buscam complementar suas rendas por meio de atividades não agrícolas como estratégia de complementação de renda (MACHADO E CAUME, 2008).

Wanderley (1996) aponta essa questão, assim como a pluriatividade, como um aspecto inerente à agricultura camponesa e que, não representa um elemento de desaglutinação desse grupo social, mas, pelo contrário, é uma estratégia de manutenção da própria atividade agrícola e da vida social no meio rural. Assim, para viabilizar a própria atividade agrícola, as famílias camponesas da contemporaneidade estão, frequentemente, utilizando outras formas de geração e renda. Como se pode ver no gráfico 15, 68% das famílias dos jovens da EFAP possuem integrantes que trabalham fora de suas propriedades, o que demonstra que o emprego parcial, fora da agricultura e que ocorre geralmente na cidade, também tem sido uma opção buscada por esses sujeitos. Os agrupamentos familiares na agricultura familiar ou camponesa mantém atualmente um vínculo com o mercado de trabalho urbano, sendo notória a ocupação de pessoas em atividades fora do âmbito da propriedade familiar (NAVARRO, 2010).

Gráfico 15 - Familiares que trabalham fora da propriedade



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

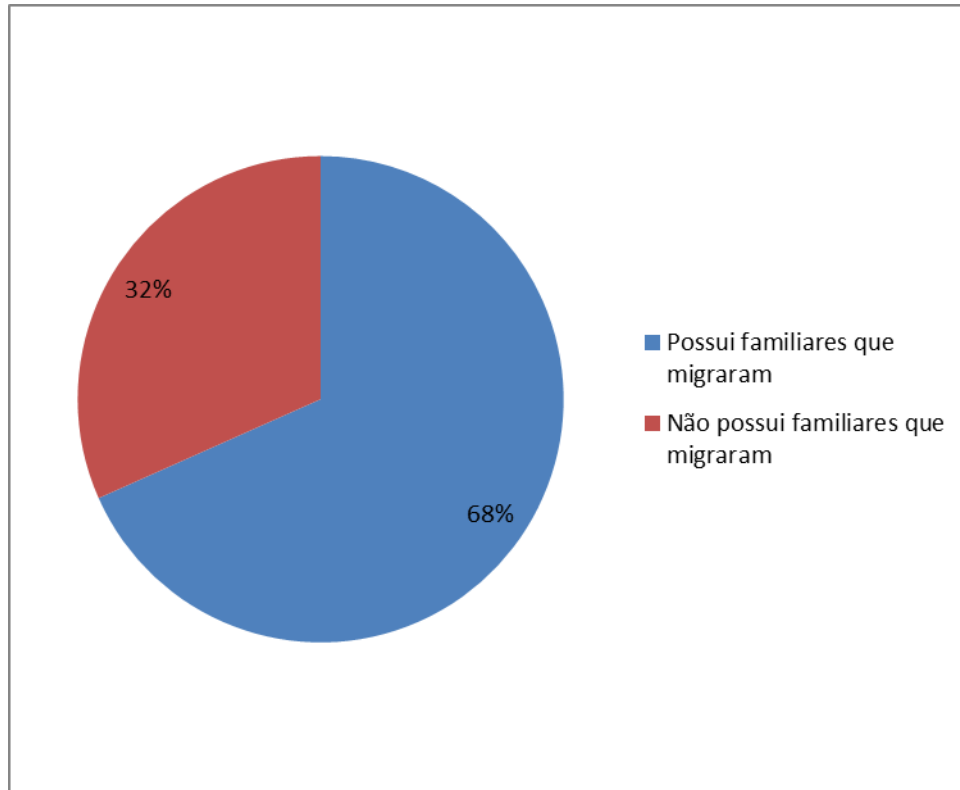
Do mesmo modo, alguns estudantes, cerca de 40% dos que vivem na cidade, também declararam viver da atividade agrícola. Um caso peculiar foi o de Joana, uma

jovem que relatou que a família vive da agricultura dentro da cidade. Ela contou que eles trabalham numa horta orgânica que está situada no centro do município de Acaiaca-MG: “[...] aonde eu moro é cidade, só que tem aí um lote pra baixo da casa. Aí a gente planta um monte de árvores, frutíferas... Tem a horta também e, praticamente, eu sou mais da zona rural[...]” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013)

Esse é um exemplo que desmitifica a ideia de que a atividade agrícola necessariamente está ligada ao campo (meio físico), tornando flexível a própria noção de rural ou urbano. Autores como Wanderley (2000) e Carneiro (2008) traduzem bem essa questão ao trazerem à tona a tese da “nova ruralidade”, que será mais bem abordada no próximo capítulo. Nessa linha, o que é tido como rural ou urbano torna-se flexível no mundo contemporâneo e, de tal modo que os dois se interpenetram, sendo possível, a exemplo da questão das profissões e geração de renda, um indivíduo viver no campo e ser agricultor e profissional liberal ao mesmo tempo, ou mesmo alguém viver num centro urbano na condição de agricultor. As fronteiras entre essas duas noções se diluem ou, ao menos, se tornam mais porosas. Além da atividade econômica, é possível assinalar essa interpenetração em processos sociais e culturais diversos, tais como o acesso ao lazer, o uso de tecnologias e a própria elaboração dos projetos de vida, tema do presente estudo.

Outro exemplo diz respeito aos deslocamentos e migrações, incluindo trânsitos entre o rural e o urbano. A migração permanente pode ser observada entre os familiares dos jovens da EFAP. Constatou-se que 68% dos jovens têm algum caso de migração no âmbito de suas famílias. Esses dados podem ser explorados por meio do gráfico 16.

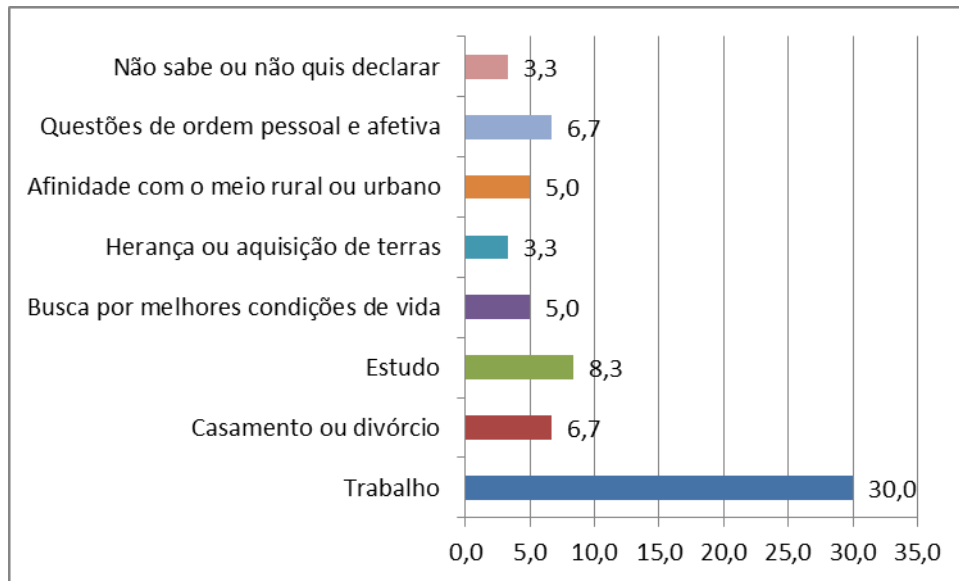
Gráfico 16- Migração na família



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Vários foram os motivos da migração, apontados pelos estudantes, tais como: casamento ou divórcio, busca por melhores condições de vida, afinidade com o meio rural ou urbano e outros. Foi significativo, entretanto, o percentual de estudantes, de 30%, que apontaram que a migração ocorreu como alternativa para o trabalho. A migração, dessa forma, pode ser entendida como mais uma estratégia de reprodução da vida material dessas pessoas. Verificou-se que eles não consideraram aqui, o próprio deslocamento que eles fazem para estudar na EFAP enquanto um processo migratório.

Gráfico 17– Motivo da Migração



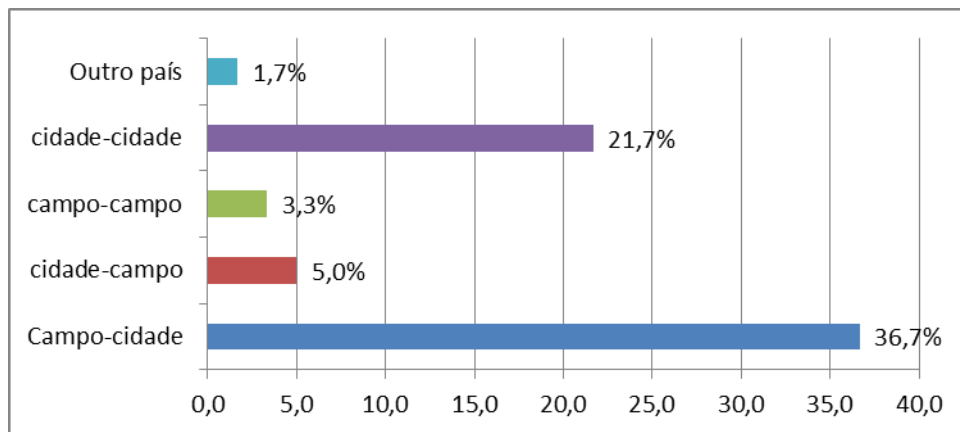
Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

No âmbito das populações rurais são muito frequentes os estudos que apontam que a migração campo-cidade ainda é muito significativa. Na já mencionada pesquisa do IPEA, realizada com base nos dados do Censo Agropecuário de 2006, Buainain e Dedecca (op.cit., 2010), ao discorrerem acerca das tendências recentes da população ocupada nas atividades agrícolas, afirmam que a velocidade da migração campo-cidade foi relativamente acentuada nos últimos anos. Para eles, o Brasil assistiu, ao longo do século XX, a um intenso processo de migração campo-cidade, o que diminuiu drasticamente as populações rurais. Esse processo perdeu ímpeto, mas ainda é muito expressivo nos tempos atuais.

Ainda, na visão de Alves e Rocha (2010), na mesma pesquisa, as famílias que compõem a população rural, sobretudo na agricultura familiar, estão sempre pressionadas a optar por migrar, frente aos custos de oportunidade de permanecer no campo ou ir para cidade. O mercado de trabalho urbano tem sido atrativo para as populações rurais que seguem migrando para a cidade. Há grande potencial de migração rural-urbana. Os autores atribuem essa necessidade de deslocamento à falta de prosperidade no campo. “O homem rural migra porque avalia que sua vida, ou a da sua família, melhorará” (ibid., 2010). Segue abaixo, no gráfico 18, uma ilustração acerca da origem e destino das migrações que ocorreram com os familiares dos estudantes da EFAP. Nela, pode-se perceber que 36,7% das famílias realizaram a migração campo cidade, o que vai ao encontro da literatura que, em geral, tem abordado sobre esses

contínuos deslocamentos. Também é significativa (20%) a quantidade de familiares que realizaram o deslocamento de uma cidade para outra. Ressalta-se que sobre esses últimos dados, muitos dos informantes apontaram casos de familiares que saíram de pequenas cidades para viverem em grandes centros urbanos, em busca de alternativa de trabalho.

Gráfico 18- Origem e destino da migração

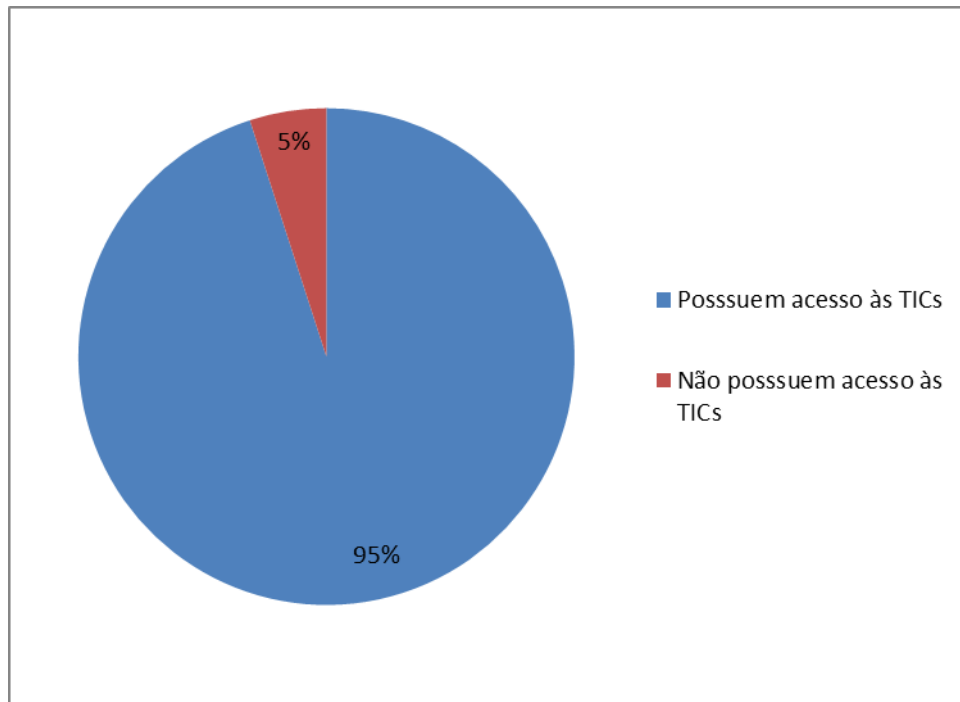


Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

No âmbito da migração campo-cidade, pode-se dizer também, que os jovens são uma fração desse segmento que ainda é muito impactada com a necessidade de realização de deslocamentos para os centros urbanos, em busca de oportunidades, uma vez que há poucas alternativas para eles dentro da agricultura familiar. A busca por acesso ao trabalho, a bens e serviços, é frequentemente apontada como causa da migração rural-urbana juvenil. Entretanto, o desinteresse pelo campo, associado a uma visão positiva dos grandes centros, no imaginário dos jovens rurais, também é uma abordagem que explica tais deslocamentos.

Foi perguntado também aos estudantes se eles e seus familiares possuíam acesso às TICs. Nesse sentido, obteve-se 95% de respostas afirmativas, um contingente muito expressivo. Em todo caso, 5% afirmaram que não possuem tal acesso, o que também não deve ser desconsiderado.

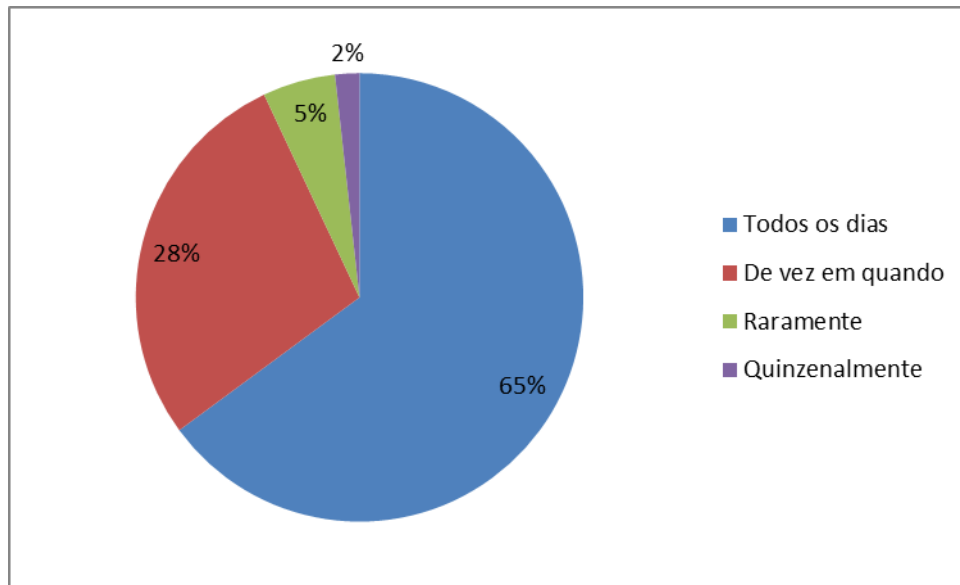
Gráfico 19- Acesso às TICs



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Em relação à frequência, também é possível inferir que muitos dos jovens da EFAP, 65%, acessam às TICs, cotidianamente. 28% acessam de vez em quando, 2% quinzenalmente e 5% raramente. Compreende-se com esses dados que as TICs estão ao alcance dos sujeitos dessa pesquisa, de forma considerável. Mas é relevante também o caso das famílias, principalmente as provenientes de zonas rurais, que não têm acesso ao sinal da internet ou celular, por exemplo. Paola, uma das estudantes alegou que o jovem urbano acessa mais tecnologias que o jovem rural, pois, na visão dela, “na zona rural não tem, igual o sinal de celular bom, o sinal de internet bom. Você tem menos acesso. E na zona urbana já é melhor” (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Outro ponto a se indagar é acerca do aspecto qualitativo desse acesso, isto é, se esse jovem é, por assim dizer, alfabetizado do ponto de vista digital, o que lhe possibilita ampliar, sobretudo no aspecto qualitativo, o uso de ferramentas tecnológicas.

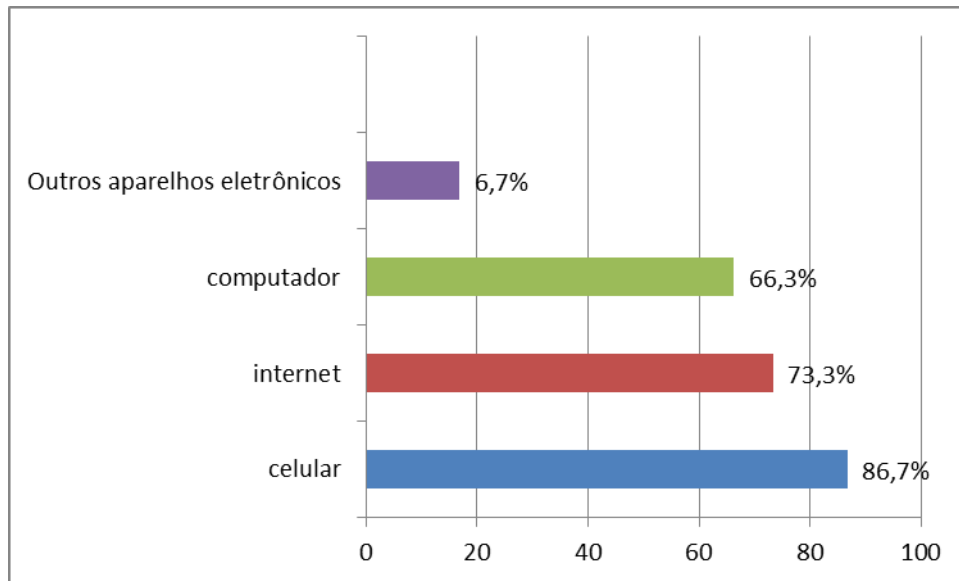
Gráfico 20- Frequência do acesso às TICs



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Quando perguntou-se, o que eles acessavam no âmbito das TICs, 86,6% deles respondeu o celular, 73,3% a internet e 66,3% o computador. Com isso é possível afirmar que as mídias, as novas tecnologias e as TICs foram muito mencionadas pelos jovens da EFAP. Esse foi, sobretudo, um aspecto muito percebido durante a observação participante realizada na pesquisa de campo referente ao presente estudo. Em linhas gerais, a maioria dos jovens estava sempre utilizando celulares e alguns dispunham de notebooks. O acesso ao celular – que utilizavam para ouvir músicas, usar a internet e redes sociais, se comunicar com familiares e amigos, etc. – é intenso na escola. É muito constante a presença de jovens que ficam grande parte do tempo utilizando os recursos desse aparelho, por exemplo, com fones nos ouvidos. Em um dos casos, uma entrevistada passou toda a duração da entrevista sem olhar para pesquisadora, apenas com o olhar voltado para a tela do seu celular, no qual ela teclava algumas coisas.

Gráfico 21- TICs acessadas

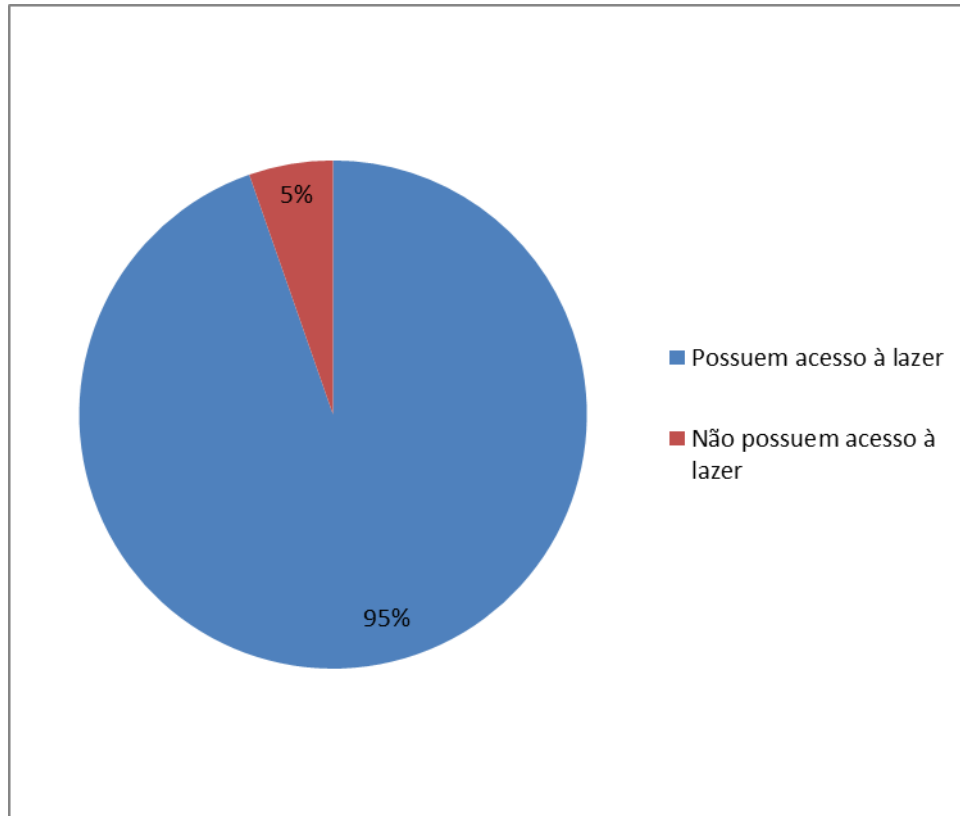


Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Nesse aspecto, vemos uma ratificação da imagem juvenil ligada à inovação tecnológica, mas também a perspectiva de similaridade na construção de uma identidade intrageracional que o uso das novas tecnologias permite entre jovens rurais e urbanos, possibilitando que a relação hierárquica entre cidade e campo se atenuar (CASTRO, 2009b). O consumo de aparelhos tecnológicos, tais como o computador e o celular, bem como a inserção no mundo virtual, são elementos identitários de interação com a vida urbana desses jovens, o que foi percebido também por Paulo (2011), ao pesquisar jovens rurais do município de Orobó-PE. Essa autora pontua, contudo, que isso não significa que a juventude rural não atribua ao uso de tais tecnologias um significado próprio da sua cultura.

Quando foram perguntados se tinham acesso a lazer, 95% dos jovens responderam que sim, como demonstra no gráfico 22. Apenas 5% responderam que não.

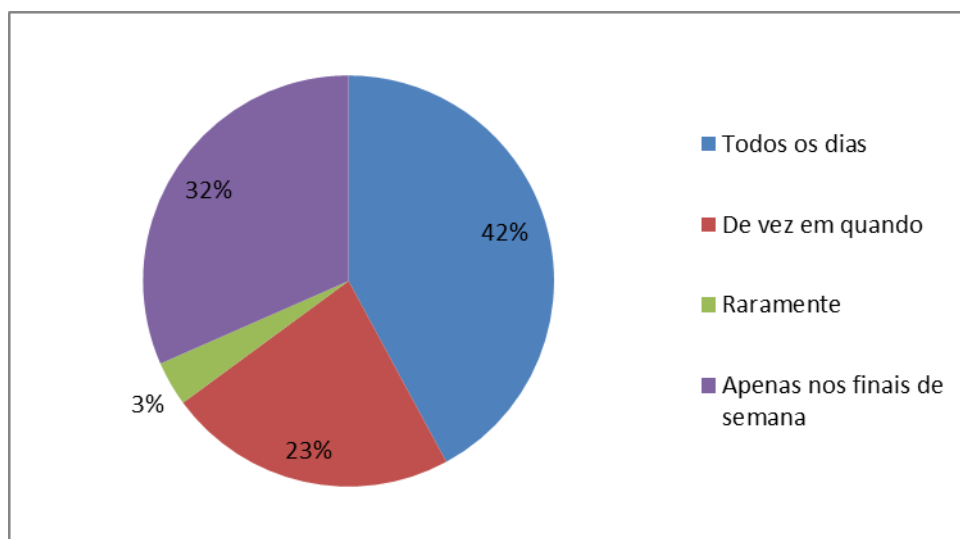
Gráfico 22- Acesso a lazer



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Diagnosticou-se também que a frequência de acesso ao lazer pelas famílias é razoável, visto que 42% acessam todos os dias, 32% nos finais de semana, e 23% de vez em quando.

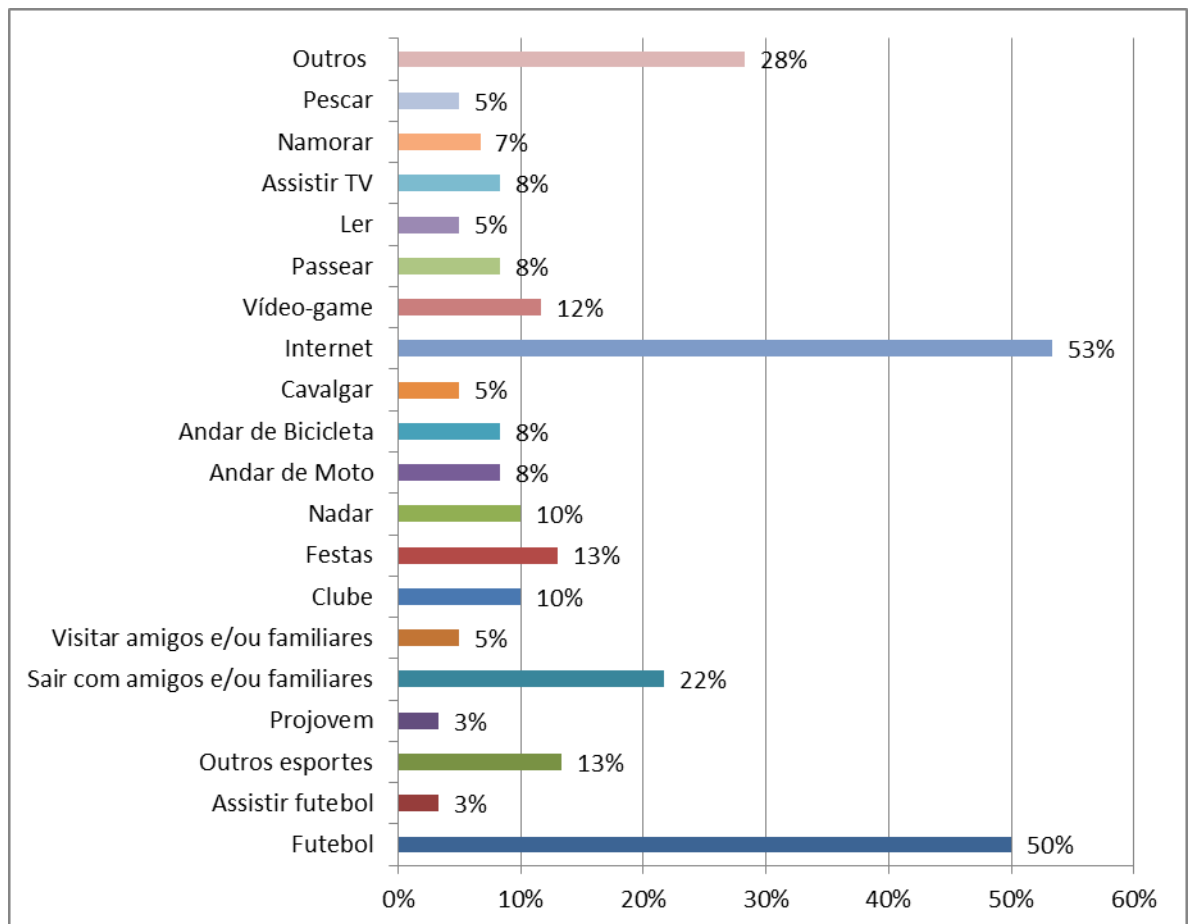
Gráfico 23- Frequência do acesso a lazer



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Foram apontadas diversas formas de lazer pelos jovens da EFAP, entre elas sair com amigos e familiares, ir a festas, jogar videogame, assistir TV, ler, namorar, pescar, nadar, andar de moto, andar de bicicleta, cavalgar, jogar e assistir futebol, passear, etc. As que tiveram maior circularidade entre os entrevistados foram: o futebol, com 50%, que inclusive é muito praticado na escola, que conta com um campo em suas instalações; e mais uma vez o uso da internet de forma recreativa, com 53% de respostas afirmativas, sendo que as redes sociais têm significativo espaço nesse âmbito. Esses últimos dados são indicadores de que a juventude contemporânea guarda profundos laços de identidade com as mídias e tecnologias de informação. Foi relevante também, a incidência de formas de lazer ligada à natureza, tais como cavalgar, pescar e nadar. Segue abaixo o gráfico 24, que resume as formas de lazer mencionadas pelos estudantes da EFAP.

Gráfico 24- Formas de lazer acessadas



Fonte: Caderno de Campo, 2013.

Com esse breve balanço da realidade socioeconômica das famílias dos

estudantes da EFAP, foi possível perceber que os jovens e suas famílias são sujeitos provenientes, em sua maioria, das zonas rurais ou que possuem uma ligação com o campo. Contudo, são sujeitos que vivem num mundo rural que se dinamiza, em termos econômicos e de acesso a bens e serviços, embora ainda guarde dificuldades de acesso a tais inovações e seus benefícios, que são fruto da modernização da sociedade brasileira na contemporaneidade. Apesar disso, em termos gerais, nota-se que a maioria dos estudantes vem de um contexto, denominado por Milton Santos (1994) de região agrícola, onde a ocupação espacial, econômica e social gira em torno da atividade agrícola, o que inclui pequenas cidades. Assim, os contextos urbanos do qual esses jovens são oriundos, têm na atividade agrícola sua principal forma de organização sócio espacial. Permanece significativa a situação pontuada por Castro (op.cit., 2009b), de um meio rural que, mesmo se aproximando espacialmente da cidade, ainda vivencia a diferença de acesso a bens e serviços, o que é produto de uma hierarquia campo e cidade, também presente na cidade, em termos de centro e regiões enobrecidas e periferias, aspectos que marcam a sociedade brasileira.

2.6. O PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DA EFAP

Como a presente pesquisa teve como um dos objetivos averiguar a relação entre as dimensões individuais e coletivas dos projetos de vida, tem-se em conta a noção de projeto como construção coletiva de um projeto ético-político (GRAMSCI, 1978). Neste sentido, o foco recai não apenas no indivíduo, mas também no movimento social do qual participa direta ou indiretamente, isto é, as mobilizações representadas pelas EFAs e outros atores e sua defesa de uma Educação do Campo. Dessa forma, buscou-se, nessa seção, compreender o projeto ético-político da escola por meio das entrevistas individuais e coletivas realizadas e dos documentos analisados.

A EFAP tem como aspecto do seu projeto a formação profissional dos estudantes, com vistas na sua inserção no mercado de trabalho. Compreendeu-se que a escola tem como objetivo trabalhar as noções técnicas na área da agropecuária, junto aos jovens da instituição. Foram muito frequentes os estudantes que apontaram, tanto nas entrevistas individuais quanto nos grupos focais, que a EFAP contribui muito nesse âmbito, visto que ela tem a premissa de proporcionar que eles já saiam da escola com uma profissão, capacitados no ramo da agropecuária.

Na visão dos profissionais entrevistados esse também é um dos objetivos da instituição, formar técnicos em agropecuária, ou seja, pessoas que consigam atuar ou nos seus próprios negócios, ou como pequenos agricultores ou como técnicos de entidades públicas ou privadas. Partindo do pressuposto de que as condições de acesso ao trabalho nas zonas rurais não são as melhores possíveis e que há uma significativa diminuição das ocupações na atividade agrícola, parte do projeto ético-político da escola é, portanto, contribuir para que os jovens adquiram o conhecimento necessário para acessar o mercado de trabalho. Na visão de Paulo, um dos monitores, o objetivo da EFAP: “é formar profissionais, é formar técnicos que voltem pra sua comunidade, ou pra sua propriedade e trabalhe ali, com técnica, que às vezes não tem” (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Cabe ressaltar, contudo, que a formação sócio-profissional é apenas uma das facetas da proposta que a EFAP busca realizar, segundo declararam alguns dos entrevistados. A escola, dessa forma, tem a premissa de realizar a formação integral dos jovens, ou seja, em diversos âmbitos, tais como o pessoal, o profissional, o social, espiritual, etc. Assim como discorrem García-Marirrodriaga e Puig-Calvo (op.cit., 2010), o processo educacional na EFAP, que ocorre por meio da Pedagogia da Alternância, tem como finalidade a formação integrativa dos sujeitos.

Na concepção de estudantes e profissionais, na escola o jovem não tem só a formação técnica, ele tem a formação integral, técnica, social, científica etc. Para Luisa:

“Essa questão da formação integral, você já deve ter ouvido. Que são aspectos éticos, culturais, humanos, tudo que você poderia imaginar que engloba a formação tanto como profissional quanto como ser humano, é um dos principais objetivos de formação. Não é só um objetivo, [...] são valores também.” (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Para um significativo contingente dos jovens entrevistados, a escola oferece uma ampla preparação pra vida, como um todo. É uma formação tanto profissional como pessoal. Nas palavras de Paola: “a escola pensa num todo, não pensa numa coisa só. Porque lá na escola convencional só pensa em formar o aluno. Não pensa em mais nada, na formação pessoal, e aqui já pensa” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Essa questão foi observada, ainda, durante a vivência na escola, que proporcionou compreender que o que os estudantes veem na EFAP uma escola para a vida, onde se adquire muito aprendizado, principalmente em termos de respeito à diversidade de personalidades e culturas. No conteúdo veiculado

pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) e no Regimento interno da EFAP, a formação integral dos jovens também é apontada como um dos pilares da proposta educacional da instituição.

O foco na agroecologia ⁶ também foi outro ponto abordado por meio das entrevistas. O conteúdo técnico da instituição tem, segundo a maioria dos informantes, um viés agroecológico e sustentável, com vistas na preservação da natureza, como um todo. A escola, segundo os entrevistados, preocupa-se com o respeito e valorização dos seres humanos, animais e com o meio ambiente. O curso técnico, portanto, foi classificado como diferente dos demais, pois não trabalha com a agricultura convencional, mas com a produção natural, agroecológica e orgânica e com o não uso de agrotóxicos. O ensino, prático e teórico, da escola é mais voltado para esse campo e a linha de formação está dentro dessa proposta agroecológica. Contudo, alguns informantes disseram que a escola não impede os estudantes de procurar outras possibilidades, como é apontado no depoimento de Luisa, uma das profissionais da escola:

Nosso foco é o agroecológico, a gente não esconde isso e as aulas vão priorizar o agroecológico. Mas por exemplo, se a pessoa, igual os meninos que trabalham com convencional, quer fazer um estágio numa empresa que mexe com veneno, ela tem liberdade pra isso, é escolha dela. Não tem como a gente obrigar. Pelo contrário, é bom que o jovem tenha essa escolha. (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Aprender a conviver também é um dos pilares da pedagogia da escola, verificado no PPP da instituição. Esse aspecto do projeto ético-político da EFAP consiste em contribuir para uma convivência comunitária, por aprendizagem da convivência coletiva, que ocorre entre os estudantes e os estudantes e monitores. Essa questão foi a que teve maior circularidade, sobretudo, entre os estudantes. Muitos informaram que a importância e o diferencial da escola é o fato deles poderem aprender a conviver com pessoas diferentes, num mesmo espaço, e ter que aprender a lidar e a respeitar as diferenças. Com isso, na visão dos jovens, eles se preparam para lidar com os desafios do mundo, para ter mais atitude fora da escola e, conseqüentemente para serem bons profissionais, que saberão se relacionar bem com a diversidade de culturas e opiniões. O diferencial da EFAP, “seria essa questão da convivência, de você começar

⁶A agroecologia, segundo Caporal, Costabeber e Paulus (2006) trata-se de uma forma de manejo ecológico com responsabilidade sobre os recursos naturais, um modelo de agricultura sustentável e uma ciência que busca contribuir para o manejo de sistemas agrícolas sustentáveis.

uma formação humana e começar um amadurecimento num processo, assim, pequeno para depois chegar num mundo maior” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

As próprias atividades de manutenção na escola, realizadas a partir do trabalho coletivo, são também uma preparação para a vida em sociedade. Sendo assim, um dos fundamentos da EFAP, verificado por meio das entrevistas, é contribuir para que os jovens possam, por meio do aprendizado da convivência em grupo, aprender também a lidar e se firmar no mundo. Como aborda García-Marirrodiga e Puig-Calvó (ibid.), essa convivência comunitária e a realização das atividades em grupo, favorecem a responsabilidade e a solidariedade entre estudantes, permitindo que esses se situem dentro do grupo e que sejam sujeitos atuantes, e que, conseqüentemente, aprendam a viver em sociedade. Na visão de Ellen, uma das jovens, a EFA é importante para a vida profissional, “porque aqui [...] aprende, você tem as suas tarefas, você tem que cumprir com as suas obrigações. E tudo mais. Então, de certa forma ela te ensina a conviver no meio, assim, no meio profissional” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

A convivência em grupo – as tarefas executadas, as aulas, os momentos recreativos e de refeições e lazer, etc. – implicam ainda, na criação de fortes laços de amizade entre os jovens, o que foi muito mencionado nas entrevistas, como um aspecto muito importante da proposta político-pedagógica da EFAP. Segundo Silva (op.cit., 2007) é esse aspecto que favorece a interação, a amizade, o diálogo e a confiança dentro do grupo, o que, sem dúvida, também é um estímulo para o processo educacional. Isso pode ser percebido no depoimento Willian:

[A EFAP é importante] porque eu tive oportunidade de estar conhecendo pessoas diferentes. Histórias diferentes de vida que me incentivou muito, me influenciou muito a estar aqui até hoje.. Você faz grandes amizades diferentes aqui. Aqui dentro não é como lá fora. Lá fora você vê a pessoa todo dia, mas você não tem aquele contato como aqui dentro. Então eu acho que mais na forma de estar, na convivência mesmo (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Essa convivência, ainda, foi comparada por alguns dos sujeitos da pesquisa a uma família. Muitos mencionaram que o ambiente escolar pretendido e proporcionado pela escola é semelhante ao cotidiano de uma família, tanto por causa do estreitamento dos laços afetivos, como por ter que lidar com conflitos e opiniões diferentes. Rafael foi um deles:

Aqui eu vejo que você vive em família [...]. Você dorme, passa a noite com os colegas, quinze dias... Aí fica como irmão, apesar de que alguns desentendimentos às vezes, em algumas ocasiões, mas é raro acontecer. Aqui diferente de outras escolas, [...] é só a convivência [...] (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

A própria dimensão da família, muito citada por autores como García-Marirrodriaga e Puig-Calvó (op.cit., 2010) e Silva (op.cit., 2005; 2007) como uma importante agente no processo educacional das EFAs, também foi frequentemente abordada pelos jovens e profissionais. A parceria escola e família é de suma importância tanto para a Pedagogia da Alternância ocorrer, quanto para a construção da própria proposta da escola. A participação e apoio das famílias foram pontos relevados entre os entrevistados, a exemplo de Elizabete:

O papel do educar é formar, não educar. Às vezes você tem que fazer o papel de pai e mãe, mas o papel de educar é do pai e da mãe. O papel da família aqui dentro da escola é pra questão do diálogo, da construção do processo da escola, da questão das decisões que não são tomadas sozinhas, mas em conjunto com a família. São essas questões. É fundamental, porque a família é um dos pilares das EFA” (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFESSORAS DA EFAP, 2013).

Ainda, nesse sentido, questões relacionadas à Educação do Campo apareceram também nos dados da pesquisa. Assim, foi possível perceber que a valorização do campo, sua cultura e tradições, que, muitas vezes é subalternizado (CASTRO, op.cit., 2009b), foi um dos aspectos do projeto ético-político diagnosticado. O projeto da escola, segundo Maura, é “esse resgate dessa cultura familiar, dos chás, sementes, da terra. [...] É resgatar essa parte aí do rural. De, não falo da agricultura, mas também da cultura” (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFESSORAS DA EFAP, 2013). Na mesma linha, também verificou-se que um dos objetivos da EFAP é o retorno do aprendizado para o fortalecimento das comunidades e famílias. Seria um processo de troca de saberes, que ocorre no processo de interação escola e família. Por meio da Pedagogia da Alternância, o projeto ético-político da EFAP busca preservar a identidade, a memória, a cultura e os valores dos sujeitos do campo e promover também a socialização do conhecimento adquirido no âmbito da escola. Assim, como prevê a Educação do Campo, a EFAP busca a construção do conhecimento a partir dos saberes dos jovens e em benefício dos seus respectivos familiares e comunidades, ou seja, é construída por e para esses atores. A entrevista com Sávio, um dos profissionais da EFAP corrobora com isso, ao afirmar que, o diferencial da EFAP e das EFAs, em geral:

é o contexto em que elas surgem. Nessa coisa da população do campo que estava sendo expulsa para as cidades. Mas já nasce com uma dinâmica de criar uma educação própria e apropriada pra manter, não é manter a palavra certa, mas dar condição de um jovem poder escolher uma condição de vida melhor no campo. Porque a educação tem uma tendência urbanocentrista. Então se você dá, se você mostra uma oportunidade de viver no campo, de valorizar as ações que o campo tem. Isso aí em si já é um diferencial muito grande, porque a escola [convencional] ensina que o campo é atrasado, que o campo é roça. A gente tem aquele preconceito de roça, sujo, enfim. Positivo é ir pra cidade. A cidade que tem um status da cidade. A cidade tem um status que conquista muita gente. Então a EFA trabalha com essa proposta, tem essa coisa do campo como possibilidade de vida. Não gosto nem de dizer manter, porque parece que é obrigado. O jovem tem opção, a gente deu a possibilidade de como que se pode viver no campo com qualidade, que tipo de atividade se pode estar fazendo aí. Várias potencialidades que a agricultura tem. Independente do caráter, se vai ser agricultura convencional, orgânica, em transição pra agroecologia, agroecologia. Mas mostrar as possibilidades e você trabalhar isso na educação é importante, porque também autovaloriza uma experiência que muitos deles já carregam. Se essa galera aqui fosse estudar numa cidade, o olhar seria outro sobre eles. “Ah! Aqueles meninos da roça. Não sabem isso e aquilo”. E aqui não, e aqui eles já sabem, e o conhecimento que eles já têm, eles já trazem aqui para o dia-a-dia. E isso não interpassa questões especificamente do rural. Isso aí, o conhecimento que eles tem, sei lá, sobre instalação elétrica, hidráulica, cozinha, tudo, bicho, animal (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2010).

Nesse sentido, o desenvolvimento do meio rural (no âmbito local das comunidades), também foi um aspecto percebido do projeto ético-político da EFAP. O desenvolvimento do meio é uma das finalidades das EFAs, como aludem García-Marirrodriaga e Puig-Calvó (op.cit., 2010) e este deve ter como protagonista os próprios sujeitos do campo. O Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário foi apontado como princípio da escola.

Esse desenvolvimento local vem no sentido, também, de proporcionar que os indivíduos possam permanecer no campo e não tenham que migrar em busca de melhores condições de vida. Foi muito recorrente entre os entrevistados, inclusive nos grupos focais, a ideia de que a EFAP tem a premissa de contribuir para que os jovens possam criar condições de permanecer no meio rural. A escola, segundo o PPP, busca contribuir para a permanência dos seus estudantes no campo, uma vez que uma das principais justificativas apontadas no texto para o surgimento da própria escola é criar a oportunidade para o jovem poder estudar sem se desvincular do meio em que vive e, ainda, poder buscar mais conhecimentos para permanecer nele. Em vários momentos o PPP retoma o problema do êxodo rural e justifica a sua metodologia, a Pedagogia da Alternância, afirmando que “os jovens filhos/as de agricultores há muito esperam por essa oportunidade, para poderem prosseguir seus estudos sem desvincular da família e

do mundo do trabalho” (EFAP, s.d., p. 3). Esse princípio aproxima-se da perspectiva abordada por Silva (op.cit., 2007), das EFAs serem uma alternativa que se adéqua às condições de vida das populações rurais, de acesso à escola sem ter que sair do meio familiar. Para Túlio,

isso facilita muito pra gente jovem do campo. E até também porque saber que a entidade, igual a EFA aqui, ela tá do lado do jovem ficar no campo, sabe? Permanecer no campo. Então é bom isso. É bom vim pra cá estudar por causa disso. Aqui, tipo assim, é parceira de você lá. Sabe? Aqui parece que te abre a sua mente para ver o quanto de valioso é estar lá, que é na roça, que é no meio lá, seja que for sua cultura ou não, tem que dá valor lá e não deixar pra vim pra cidade né, ilusão. Que na cidade é melhor do que a roça, porque não é. Entendeu? É mais ou menos assim” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

A maioria dos sujeitos da pesquisa concordou com essa última questão levantada e afirmaram que a escola veicula um conteúdo voltado para a realidade do campo. Essa questão é explicada, contudo, por Eizabete, que afirma que a EFAP dá ênfase às questões do meio rural, mas não tem a pretensão de obrigar nenhum de seus estudantes a permanecer no campo. Segundo ela:

Um dos princípios da escola, quando a gente começou, era exclusivamente que o jovem não evadisse do campo. Observando o mundo moderno, nós vimos que não é esse o caminho. O caminho é você dar condições de que um jovem consiga sobreviver em sociedade, em qualquer espaço que ele esteja, seja urbano, seja rural. Que ele seja um jovem, uma pessoa com sensibilidade de perceber as angústias, os problemas sociais e conseguir intervir naquela sociedade, conseguir trabalhar a partir daquele lugar que ele tá vivendo. [...] A preocupação é com que os jovens conheçam experiências que estejam dando certo. E conhecendo essas experiências que estão dando certo, ele pode optar por viver no campo ou não. Mas eu não tenho como obrigá-lo a viver no campo [...]. É porque a escola é uma instituição de ensino e por mais que seja discutida a questão do campo, ela é uma instituição de ensino. E como instituição de ensino ninguém pode obrigar ninguém a nada. Então, assim toda instituição de ensino ela pode te dar caminhos, bases, te levar a experiências, a buscar algo, a viver algo. Ela não pode te obrigar a fazer algo. (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

O papel da escola, nesse sentido, é de “contribuir, através da educação geral, humana e profissional de jovens camponeses/as para que se tornem agentes de transformação social” (EFAP, s.d., p.4). O papel de agente, nesse caso, é um recurso linguístico importante para entendermos como a escola se posiciona à falta de oportunidades dadas aos jovens rurais, representados comumente como fadados à migração ou passivamente atraídos pelo mundo urbano.

Na mesma linha, vários foram os apontamentos nas entrevistas que abordaram

outro aspecto do projeto ético-político da escola, de contribuir para a formação de pessoas – mentes pensantes, com opiniões, questionadores, revolucionários, debatedores, etc. – que possam se revoltar e vir a atuar na transformação da sociedade e em questões locais. Esse olhar aproxima-se da representação de juventude rural que classifica o jovem como herói e símbolo do protagonismo social (CASTRO, 2009a).

Na visão de Sávio, um dos professores, a EFAP tem a premissa de buscar uma educação libertária, uma formação crítica, que possa gerar auto-organização nos estudantes, “de não ser passivo, de ser ativo; de não ser espectador, ser protagonista” (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013). A essência da escola é formar atores sociais, pessoas que possam ser agentes de transformação. Para ele, os jovens:

[...] já saem daqui com 10 passos à frente da galera que vai entrar agora. De cabeça mesmo, de mundo. Eles não são aqueles meninos de terceiro ano inocente que entra na Universidade. Aqui já viajou, já protestou, entendeu? Faz movimento estudantil. Então [...], igual eu falo com eles aqui, eles são muito mais [...] pessoas críticas do que muita gente que se formou na Universidade, Pública! (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Conhecer e interagir com organizações e movimentos sociais da realidade local, como alude Silva (op.cit., 2007), também é outra premissa da EFAP. Várias foram as menções aos movimentos sociais ao longo das entrevistas realizadas, inclusive nos grupos focais. A EFAP busca proporcionar aos estudantes conhecer uma gama de atores sociais e organizações, com vistas na formação integral desses indivíduos e no exercício da participação e da atuação no contexto sociopolítico local.

Em suma, de acordo com seu PPP, a escola tem como objetivo uma formação que “respeite a vida, os seres humanos e os recursos naturais”. A escola busca,

promover uma formação integral desses jovens e adolescentes, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do meio rural e integrando famílias e comunidades; e juntar a sabedoria prática com a teórica possibilitando condições indispensáveis para serem protagonistas de uma sociedade em transformação (EFAP, s.d., p.5)

Ou na visão de Luisa, uma das informantes, a EFAP tem como projeto:

[...] a formação integral, a valorização do ser humano, a valorização do rural [...], o desenvolvimento rural e sustentável. Aí vem a questão de agroecologia, sustentabilidade, preocupação com o meio ambiente. Então envolve, assim, vários fatores, [...] que é a questão que volta para a formação integral que vai desde a formação técnica, a humana, a preocupação com as próximas gerações (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA

EFAP, 2013).

Assim, percebeu-se que o discurso dos sujeitos e dos documentos da escola, no âmbito do projeto político, traz aspectos, tais como: 1) a formação integral, que incluiria tanto a formação pessoal, quanto a profissional, para o mercado de trabalho; 2) o foco numa prática agropecuária agroecológica e sustentável; 3) o aprendizado para a vida, por meio da convivência sócio-escolar; 4) a valorização do meio e o Desenvolvimento Rural Sustentável, no âmbito das localidades; 5) O resgate dos saberes e da cultura do campo, bem como a socialização, o retorno do conhecimento para as comunidades, ou seja, a troca dos saberes; 6) a contribuição para que o jovem possa criar condições de permanecer no campo; 7) e a formação de sujeitos críticos que possam ser protagonistas de uma transformação social e que atuem junto aos movimentos sociais. A escola pauta-se, enfim, em construir uma Educação do Campo que possa formar integralmente os indivíduos para que eles possam ser agentes da transformação das condições de vida no meio rural.

3. JUVENTUDE RURAL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: O CASO DA EFAP

Este capítulo tem como objetivo principal contribuir para o debate acerca da juventude na contemporaneidade, mais especificamente da juventude rural, a partir do contexto estudado, buscando compreender o que é ser jovem no contexto específico da EFAP. Para tanto, foi feito, primeiramente, um levantamento das abordagens teóricas sobre juventude e juventude rural. Outros temas, que são caros à compreensão dos dilemas da juventude na sociedade contemporânea, também foram abordados: juventude e a “nova ruralidade”; e juventude e escola. Por fim, buscou-se realizar, por meio de análise das entrevistas dos estudantes e profissionais da escola, bem como por meio de análise documental, um mapeamento das representações de juventude no âmbito da escola.

3.1. ABORDAGENS SOBRE A JUVENTUDE E A JUVENTUDE RURAL

As categorias juventude e juventude rural podem ser analisadas de diferentes maneiras e variam conforme a época e a sociedade em questão. Como qualquer classificação social, juventude é uma categoria socialmente construída (WEISHEIMER, *op.cit.*, 2005). Dada a heterogeneidade de olhares e a plasticidade desse tema, foi preciso fazer o esforço de reunir abordagens de alguns teóricos que trataram de estudá-lo, as quais contribuiriam diretamente com o esforço realizado na última seção desse capítulo, de construção das representações presentes no contexto da EFAP. Cabe ressaltar, ainda, que, na visão de alguns autores, como Weisheimer (*ibid.*) e Carneiro (*op.cit.*, 2008), a produção bibliográfica acerca da temática juventude rural é bem reduzida e, mesmo com as crescentes iniciativas em estudar esse tema, ele ainda apresenta-se como um objeto de pesquisa pouco recorrido e invisível aos olhos dos pesquisadores. Além disso, muitas vezes prevalece a visão estereotipada da juventude ligada ao meio urbano. Nas linhas que seguem foram mapeadas quatro correntes sobre a temática juventude e juventude rural: 1) a juventude entendida a partir de elementos físicos, psicológicos e comportamentais; 2) a juventude como problema ou solução; 3) juventude como juventudes construídas socialmente; 4) a juventude entendida a partir das relações intergeracionais.

3.1.1. Juventude entendida a partir de elementos físicos, psicológicos ou comportamentais

Algumas abordagens definem a categoria juventude a partir de elementos físicos, psicológicos, como faixa etária, mudanças físico-biológicas e/ou comportamentais. Nessa perspectiva, a juventude apareceria como uma unidade social e passível de definição universal, na qual os jovens rurais estariam inseridos, sem nenhuma especificidade. A juventude seria, portanto, um grupo que partilha interesses comuns, relacionados a uma idade biológica.

Segundo Weisheimer (op.cit., 2005), autor que realiza um levantamento bibliográfico sobre os estudos de juventude no Brasil, alguns pesquisadores enfatizam a abordagem da faixa etária e definem juventude utilizando como critério a idade, apoiando-se em indicadores demográficos estabelecidos internacionalmente para definir o que é jovem. O autor chama a atenção para o problema dessa abordagem, visto que as fronteiras entre os grupos de idade são socialmente construídos. “A definição de limites etários é obviamente arbitrária e não dá conta das diferenças entre idade biológica e idade social” (ibid.). Pais (1990), ao também fazer uma revisão acerca das publicações sobre a temática, afirma que haveria uma tendência da sociologia da juventude em tomá-la como um conjunto social homogeneizado em termos de aspectos culturais. O autor fala, dessa forma, de uma possível “cultura juvenil” ancorada em termos etários.

Uma das abordagens mais utilizadas é a da juventude como estado transitório da vida, definição assumida pela Unesco a partir da Conferência Internacional sobre Juventude, realizada em Grenoble, 1964. Nesse sentido, juventude seria uma fase transitória da vida humana de começo definido pelo aparecimento da puberdade e término variado. A juventude, nessa perspectiva é vista como um estágio de passagem para a vida adulta (ou vida social plena). Um aspecto de relevância nessa perspectiva da transição juvenil é o ingresso no trabalho, que garantiria ao jovem mais autonomia e responsabilidade, em termos de direitos e deveres (op.cit., 2005).

A juventude rural também pode ser tomada como uma fase de transição para a vida adulta. Pode-se afirmar que Wanderley (2007) utiliza essa abordagem uma vez que admite que a juventude seria uma etapa da vida, culturalmente determinada, que consistiria em um momento de transição entre a infância e a idade adulta. A demarcação dessa fase seria imprecisa, referindo-se ora à saída da casa paterna, ora ao início da vida profissional, ora ao fim dos estudos ou ora ainda à constituição da nova

família. Os jovens rurais, porém, conforme Wanderley (ibid.) possuem particularidades, frente ao universo de jovens brasileiros, pois vivenciam uma dupla dinâmica social entre o campo e a cidade. A experiência dos jovens rurais e sua inserção na sociedade guardam, por um lado, uma ligação com o passado, a tradição e a família e, por outro uma ligação com o futuro, com as perspectivas de vida profissional, educacional, matrimonial, estratégias de ruptura ou continuidade do mundo rural.

3.1.2. A juventude como problema ou solução

Castro (op.cit., 2009a) identifica também uma perspectiva de pensamento que associa a juventude e o jovem aos problemas sociológicos ou à transformação social. Abordada dessa forma, a juventude seria representada, por exemplo, como juventude “vanguarda” ou juventude “revolucionária”, ou seja, como um agente social privilegiado – “um olhar quase heroico da ‘juventude’” (ibid.). Esse perfil de jovem rural é constantemente associado à inovação, ao futuro e à superação das profundas desigualdades sociais que marcam o campo brasileiro.

Ao estudar jovens de movimentos sociais do campo, Castro (op.cit., 2009b) traz à tona em suas considerações que sempre existiram jovens nos movimentos sociais e muitos desses movimentos são protagonizados por jovens. Dessa forma, a juventude pode ser entendida como uma categoria social e política, pois os próprios jovens estudados afirmaram que podiam ocupar um papel estratégico por mudanças políticas no campo. Muitos deles reforçaram o rural como meio de vida, trabalho e de relação com a natureza, mas que seria melhor se tivesse acesso a bens e serviços.

Por outro lado, haveria uma perspectiva do jovem como “delinquente”. Sob esse prisma, Pais (op.cit., 1990) também apresenta um olhar sobre a juventude a qual historicamente foi enxergada como problema social, e o jovem como irresponsável e desinteressado. Para ele, histórica e socialmente, a juventude tem sido associada a determinados problemas sociais relativos: às drogas, à delinquência, aos pais, etc... Nessa perspectiva, e com ênfase em estudos urbanos, a chamada Escola de Chicago tendeu a identificar os jovens como classes perigosas, o que fez com que diversos estudos sobre gangs fossem realizados. Essa perspectiva foi posteriormente revista, pela própria Escola de Chicago e pelo interacionismo simbólico, considerando-se então a categoria de “desvio”, como crítica social e não mais como estado patológico.

No que concerne mais especificamente à juventude rural, podemos acrescentar a leitura que caracteriza esses jovens como sujeitos profundamente afetados: pela precariedade (própria das zonas rurais) de acesso a bens e serviços socialmente necessários; pelo desemprego; e, conseqüentemente, pela necessidade da migração campo-cidade. Segundo Castro (op.cit., 2009b) existe uma literatura clássica que vincula a imagem da juventude rural ao problema social da migração, do desinteresse pelo campo e atração pela cidade. Ferreira (op.cit., 2009) aponta a migração como tema recorrente nos estudos que buscam a compreensão do jovem rural. A tendência migratória e desinteresse pelo campo por parte desses jovens é justificada em grande parte pela visão negativa que têm da atividade agrícola, além, obviamente, pelas dificuldades de acesso a serviços e pela falta de oportunidade de trabalho no meio rural (ibid.).

3.1.3. A Juventude como “juventudes”, configuradas socialmente

Para Bourdieu (1983) ser jovem ou velho não é algo dado, mas construído socialmente no conflito entre gerações (jovens e velhos). “[...] A fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades” (ibid.). Sempre somos o jovem ou o velho de alguém. A idade é um dado manipulável e manipulada, ou seja, classificações por faixa etária acabam por impor limites e produzir uma ordem. O autor fala, portanto, da existência de “juventudes”. O jovem teria interesses coletivos de geração, mas o que sobressai da interpretação de Bourdieu (ibid.) é a ideia da juventude como um objeto de manipulações da sociedade, a qual alarga ou estreita essa fase, dependendo das condições do mercado de trabalho para incorporar esse jovem.

Ainda nessa perspectiva, Castro (op.cit., 2009a) argumenta que a juventude deve ser considerada a partir dos processos de interação social e das configurações em que está imersa. Para ela, a juventude é uma forma de classificação social caracterizada por relações de hierarquia. Ser jovem é vivenciar relações de poder e hierarquia social.

Sobre a juventude rural, a autora compreende que essa é, de fato, uma categoria subalterna na sociedade atual, mais ainda quando os jovens são mulheres ou homossexuais. Ser jovem no meio rural significa: enfrentar um meio desigual e violento, o qual enfrenta a hierarquia campo e cidade que permanece reproduzida na sociedade brasileira; vivenciar as dificuldades de acesso a bens e serviços; e vivenciar,

ainda, o preconceito e estigma em “ser do campo” (ibid.).

Dayrell (2007) aproxima-se de Bourdieu (op.cit., 1983) e Castro (op.cit., 2009a) na medida em que suscita as condições do mercado de trabalho brasileiro como fator estruturante da vida dos jovens, principalmente dos pertencentes a camadas populares. As precárias condições de trabalho dos jovens determinam seus campos de possibilidades e produzem incertezas em suas vidas:

É necessário situar as mutações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho que, no Brasil, vem alterando as formas de inserção dos jovens no mercado, com uma expansão das taxas de desemprego aberto, com o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários, que atingem, principalmente, os jovens das camadas populares, delimitando o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro. (DAYRELL, op.cit., 2007, p. 1108).

Pais (op.cit., 1990) também identifica uma corrente classicista a qual caracteriza a cultura juvenil como uma cultura ancorada na classe social e com sentido político, e, no entanto de resistência. Nessa abordagem, a reprodução das classes sociais dominaria a reprodução social e essa regra, portanto, serviria para a categoria juventude, a qual também seria influenciada pelas classes.

Essa corrente também carrega um olhar em que juventude não pode ser definida de forma universal. Fala-se, então, de “juventudes”. Nesse contexto, a juventude pode ser definida, portanto, como representação social e autorrepresentação, enfatizando-se a necessidade de apreender o que significa ser jovem em cada contexto sociocultural. Dessa forma, fala-se de uma condição juvenil (e não de faixa etária), a qual é percebida “como realidade múltipla, fundada em representações sociais diversas. Entre as diferentes representações acerca do que é a juventude, temos aquelas elaboradas pelos próprios jovens” (WEISHEIMER, op.cit., 2005, p. 23). Para Pais:

Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertencas de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Neste outro sentido, seria, de fato, um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum (PAIS, op.cit., 1990, p. 140).

Na perspectiva de Carneiro (op.cit., 2008), a noção de juventude rural é diversa e heterogênea, pois há várias ruralidades no Brasil e, além disso, mesmo internamente a

uma localidade, há muitos fatores – econômicos, de escolaridade, de gênero, etc. – de diversidade. Dessa forma, a autora afirma ser impossível construir um perfil ou tipo ideal da juventude brasileira. Ela ressalta, contudo, a necessidade de discutir o rural para tratar dessa juventude, visto que há muitas imprecisões também no que tange a definição dessa categoria. É necessário fazer uma revisão do rural, o qual agora passa a não ser apenas agrícola, mas incorpora atividades diversas. Essa “nova ruralidade” tem afetado com maior intensidade a juventude. Esse jovem rural, segundo Carneiro (op.cit., 1998), vivencia as inovações da modernidade e se identifica com aspectos culturais diversos. Vivencia, ainda, a ambiguidade entre permanecer no campo ou migrar para a cidade, entre a cultura local e a ampla (global).

3.1.4. A juventude entendida a partir das relações intergeracionais

Outras pesquisas ancoram a definição de juventude na abordagem da geração, negando também o fator idade como predominante na definição de uma geração, dando importância, dessa forma, aos aspectos sociais e históricos. O principal pensador da teoria das gerações é Karl Mannheim, o qual é pioneiro dentro da teoria das gerações e referência dessa temática, ainda nos dias atuais.

Em vista disso, ainda hoje, a maior referência de estudo sobre o conceito de geração e a participação da juventude no processo de mudança geracional é a obra de Karl Mannheim, datada de 1928. Nela, o autor apresenta uma brilhante perspectiva sobre “o problema das gerações”, sendo a definição do conceito tão atual que seu nome é fortemente lembrado dentro da sociologia do conhecimento e como o pioneiro da sociologia da juventude (MOURA, 2012, p. 71).

Essa perspectiva define geração, então, como:

[...] ideia de “situação” no processo social, estabelecendo um paralelo com a circunstância de classe. O conceito de geração corresponde à similaridade de situação num mesmo tempo histórico. Assim, os membros de um grupo etário têm uma situação comum perante as dimensões históricas do processo social (Mannheim apud Weisheimer, op.cit., 2005, p. 22).

Possuir a mesma idade, porém, não significa pertencer a uma mesma unidade geracional. Indivíduos da mesma idade podem vivenciar experiências e acontecimentos distintos e até mesmo contraditórios, o que os remeteriam a diferentes gerações. Por

exemplo, jovens com mesma idade, morando em Viçosa- MG, podem ser universitários, vivenciar um cotidiano acadêmico, ou podem não ter sequer concluído o ensino médio e serem trabalhadores braçais – ajudantes de pedreiro, por exemplo – o que possivelmente os levaria a vivenciar e ter acesso a um arcabouço cultural muito diferente do universitário, podendo ser esses dois grupos apontados, de gerações diferentes. Portanto, na teoria das gerações, segundo Donati (1999), Mannheim remonta o conceito em que o caráter biológico não diz tanto sobre os fenômenos sociais. Nascer em uma mesma época e ter a mesma idade não implica uma tendência coletiva aos indivíduos. Mannheim contribui, então, na medida em que trata das gerações no âmbito relações sociais, as quais precisam ser compreendidas através da história (ibid.).

O autor traz, assim, a ideia de situação no processo histórico, o que quer dizer que o nascimento de indivíduos os coloca em um lugar no processo histórico. A unidade das gerações é provocada por essa ideia de situação dos indivíduos dentro do sistema social. É a posição dos indivíduos na história que os condicionam a ter acesso a certos produtos culturais e os possibilitam viver experiências e modos de pensar específicos. Gerações são, portanto, grupos concretos cujos indivíduos estão vinculados por suas situações no processo histórico e que têm, dessa forma, acesso a uma herança cultural específica e recíproca entre si. Por isso, alguns autores aproximam a teoria de Mannheim ao conceito de classe de Karl Marx (ibid.).

Corroborando com essa perspectiva, Ghiardo (2004) afirma que a teoria de Mannheim acerta na medida em que contribui para a ideia de que compartilhar de uma mesma idade não basta para formar uma geração. A contemporaneidade do nascimento não constitui uma situação comum no processo histórico e social. Apenas a vivência de experiências e acontecimentos comuns permite que a situação de nascimento se converta em uma questão sociológica. A semelhança biológica (etária) não se traduz e não explica fenômenos sociológicos. São as condições sociais e culturais que determinam as experiências vivenciadas pelos sujeitos, e por consequência, configuram as gerações ou unidades geracionais, grupos concretos determinados por situações histórico-sociais específicas. Assim, a partir de indivíduos com mesma idade ou de um mesmo conjunto de sujeitos contemporâneos podem surgir gerações distintas e até mesmo opostas. Gerações, não são, portanto, grupos etários (ibid.).

Castro (op.cit., 2009b) também faz alusão à teoria das gerações de Mannheim e define gerações como “uma construção da modernidade de linearidade histórica” (ibid.), ou seja, é uma ideia de que os sujeitos se sucedem em gerações ao longo da história,

percebida numa visão linear. O “problema das gerações” teria, portanto caráter sociológico e histórico. A autora aborda três relevantes construções conceituais do autor para o debate sobre juventude: a) o recorte biológico; b) a unidade geracional; c) e os grupos concretos.

O que define um corte geracional é o nascimento [...]. [Unidade geracional] pode ser lida como processos identitários em um contexto histórico [...]. Seria a percepção social de que dada população faz parte de uma categoria social que se opõe a outra por uma identidade geracional – é o caso da categoria juventude em oposição aos velhos, adultos, crianças [...]. A terceira dimensão conceitual de Mannheim é a do grupo social concreto, ou seja, seria a identificação nativa de geração em um mesmo contexto local (ibid., p. 162-163).

Para Donati (op.cit.1999), ainda, o argumento central de Mannheim é o processo de mudança em que surgem constantemente novos grupos de idade, os quais entram em contato com a herança cultural acumulada e a modificam. A chegada de novos participantes e saída dos anciãos resultam na reformulação de valores, ideias e comportamentos. Cada geração participa de uma sequência limitada do processo histórico, ou seja, o processo histórico é conduzido por grupos diferentes em espaços de tempos diferentes. E é o encontro entre esses indivíduos, numa espécie de dialética, que produz a mudança de gerações. A juventude, segundo Donati (ibid.), tem papel relevante na formulação de ideias e modos de pensar, bem como na condução do processo histórico.

Pais (op.cit., 1990) identifica também essa concepção teórica que evidencia as descontinuidades intergeracionais como a base para a formação da juventude. Cada geração se determina ao se ver distinta ou se autorreferir às demais. “A questão essencial a discutir no âmbito desta corrente diz respeito à continuidade e descontinuidade dos valores intergeracionais”. (ibid., p. 152). Os jovens, nessa abordagem são responsáveis pela condução do processo histórico e de produção cultural.

3.2. A JUVENTUDE NO CONTEXTO DA NOVA RURALIDADE

Raymond Williams (2011) analisa a relação entre campo e cidade frente às mudanças e variações das comunidades e das formas de vida rural, com o advento da

modernidade, a partir de uma abordagem histórica, social, literária e intelectual. Por meio das representações do rural, presentes na literatura inglesa, o autor aborda as transformações ocorridas a partir da revolução industrial, a qual transformou o campesinato tradicional em capitalismo agrário.

Com o advento da modernidade, para Williams (ibid.), a cidade e o campo se transformaram. O campo também estava inserido nas transformações ocorridas com o capitalismo: o mundo rural, sobretudo, tornou-se um espaço de produção de riquezas, por um lado, e de pauperização e exploração do trabalho, por outro. O modo de produção (capitalista), segundo Williams (ibid.) ressignificou a relação campo e cidade na medida em que hierarquizou esses espaços. Com a crescente especialização do trabalho, o campo e os rurais, passaram a aparecer em segundo plano. “A Revolução Industrial não transformou só a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional” (ibid., p. 12).

Para o autor, porém, mesmo com toda essa força transformadora do capitalismo agindo sobre as comunidades e as formas de vida rurais, muitos aspectos dessas persistiram, mesmo depois da sociedade inglesa ter se tornado predominantemente urbana. Com as acentuadas mudanças advindas com o modo de produção capitalista, o qual também atingiu o campo e transformou a relação campo-cidade, a realidade rural tornou-se diversa, pois as formas de vida no campo mantiveram alguns aspectos tradicionais e adquiriram, em contrapartida, aspectos modernos.

A “forma de vida campestre” engloba as mais diversas práticas [...] do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e plantations às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais (ibid., p. 11).

Para a realidade brasileira, autoras como Carneiro e Wanderley, em estudos mais recentes, abordam uma nova definição de ruralidade, articulada à urbanidade. Nessa perspectiva o campo, influenciado pelas modernas transformações capitalistas que ocorreram mais tardiamente no Brasil, passa a ter aspectos diversos, e não apenas agrícolas, mas, ao mesmo tempo, não perde todas as suas características locais. Essas autoras não negam, contudo, a influência que o urbano passa a ter sobre o rural, ressaltando, porém, que o caminho inverso também vem ocorrendo na contemporaneidade.

Para Wanderley (op.cit., 2000), a modernização da sociedade não significou a unificação cultural do mundo a ponto de fazer desaparecer particularidades de atores sociais do campo. É sabido, contudo, que o rural sofreu profundas mudanças, principalmente de ordem econômica. O campo sem dúvida se integrou aos outros setores da economia, perdendo autonomia, mas isso não significou sua morte. A autora aponta, enfim, para a emergência de uma “nova ruralidade” em detrimento das teorias que defendem o fim do rural a partir do advento da modernidade:

As profundas transformações resultantes dos processos sociais mais globais – a urbanização, a industrialização, a modernização da agricultura – não se traduziram por nenhuma “uniformização” da sociedade, que provocasse o fim das particularidades de certos espaços ou certos grupos sociais. A modernização, em seu sentido amplo, redefine, sem anular, as questões referentes à relação campo/cidade, ao lugar do agricultor na sociedade, à importância social, cultural e política da sociedade local etc. O agricultor moderno, particularmente o agricultor familiar, predominante nos países ditos “avançados”, pelo fato mesmo de ser familiar, guarda laços profundos – de ordem social e simbólica – com a tradição “camponesa” que recebeu de seus antepassados. (ibid., n. p.)

Segundo Carneiro (2003), no contexto da “nova ruralidade”, o campo se reestrutura culturalmente, absorvendo hábitos, técnicas e valores urbanos (e vice-versa) e esses universos (rural e urbano) se interpenetram. O campo passa a não ser apenas agrícola, mas incorpora atividades diversas. “Processos recentes [...] têm transformado o mundo rural em um espaço cada vez mais heterogêneo e diversificado” (CARNEIRO, op.cit., 2008, p. 244).

Segundo a autora, ainda, as ideias de ruralidade e urbanidade devem ser tomadas no que tange as relações sociais e não à delimitação de um espaço ou um modo de vida específico.

As categorias rural e urbano não designariam espaços ou propriedades empiricamente observadas, mas representações sociais. Assim, chegamos à desnaturalização de referências empíricas que sustentam essa dualidade, tornando possível reconhecer experiências e relações sociais tidas como rurais, mas que se manifestam em espaços considerados urbanos. Nesses termos, o rural pode ser, em alguns contextos, expressão da tradição, da autenticidade das relações interpessoais, do simples, do atraso, como também pode, através de uma reelaboração simbólica por parte dos atores sociais, conter ícones da modernidade e ser expressão de uma modernização que se realiza em espaços tipicamente urbanos (CARNEIRO, op.cit., 2003, p. 9).

Na “nova ruralidade” que se configura no campo, os jovens rurais são um segmento social profundamente impactado, uma vez que, para Carneiro (op.cit., 1998) e

Wanderley (op.cit., 2007), os jovens rurais são o grupo social mais afetado pela diluição da fronteira entre o rural e o urbano, bem como pela falta de perspectiva para a agricultura familiar brasileira. Eles vivenciam, dessa forma, uma dupla dinâmica social. Seus projetos de vida são afetados pela cultura global (ampla) e esses oscilam entre a permanência no campo e a migração para a cidade:

[...] oscilam entre o projeto de construírem vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de “melhorarem o padrão de vida”, de “serem algo na vida”, e o compromisso com a família, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, já que a família é o espaço privilegiado de sociabilidade nas chamadas “sociedades tradicionais”. Dentro dessa ambigüidade está em curso a construção de uma nova identidade. Cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem e, ao mesmo tempo, vêem sua auto-imagem refletida no espelho da cultura “urbana”, “moderna”, que lhes surge como uma referência para a construção de seus projetos para o futuro, geralmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem (CARNEIRO, op.cit., 1998, n.p.).

A perspectiva da “nova ruralidade” pode ser percebida no contexto específico dos jovens da EFAP. Nesse sentido, os relatos dos jovens entrevistados apontam para vivências em um campo cujas relações sociais estão cada vez mais próximas da dinâmica cultural em escalas mais ampla, e não apenas local. Sendo assim, aspectos ligados ao imaginário urbano – como uso de tecnologias, do celular, da internet e do computador; o acesso a bens e serviços, tais como os meios de transporte, os eletrodomésticos, etc.; bens culturais e aspectos simbólicos e expressivos manifestados por meio da música, da dança, do uso de piercings e outros; a pluriatividade e a existência de atividades não agrícolas entre os familiares – foram frequentemente relatados e vivenciados junto aos jovens da EFAP. Por outro lado, aspectos das culturas locais também foram muito evidenciados e evocados como elementos de identificação desses sujeitos. Percebeu-se, em suma, a diluição da fronteira entre o rural e o urbano, refletida nos processos sociais verificados. Essas questões serão mais detalhadas ao final deste capítulo.

3.3. JUVENTUDE E ESCOLA

Dayrell (op.cit., 2007) afirma que é de suma importância discutir a relação

juventude e escola apontando para as dificuldades da escola atual em perceber e incorporar os indivíduos apenas como alunos, e não como sujeitos plurais, fruto de interações, experiências e socializações diversas, ou seja, não como jovens em suas diferenças. Em linhas gerais, o autor discute a socialização do jovem na escola contemporânea e a forma como (com quais características) esses jovens estão chegando às instituições de ensino atualmente. O autor defende que há uma crise da escola, na sua relação com a juventude e esse é um desafio a ser superado. Segundo ele:

[...] as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mudanças profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços (ibid., p. 1107).

Por conta disso, Dayrell (ibid.) busca compreender a condição juvenil atual, ou seja, o novo modo de ser jovem que se revela com vistas nas já citadas mudanças do mundo contemporâneo. Segundo esse autor, essas novas práticas, símbolos e expressões desse sujeito colocam em questão o sistema educativo e a própria pedagogia da escola. Nesse processo, é a escola que tem que se reformular para responder a essa nova condição juvenil que é posta: “[...] é a escola que tem de ser repensada para responder aos desafios que a juventude nos coloca. Quando o ser humano passa a se colocar novas interrogações, a pedagogia e a escola também têm de se interrogar de forma diferente” (ibid.).

O jovem que chega à escola pública, segundo o autor citado, possui características, práticas sociais e universos simbólicos marcadamente diversos e específicos, ou seja, uma condição juvenil muito diferente das gerações anteriores. O autor atribui às transformações socioculturais, ocorridas no mundo ocidental na contemporaneidade, significativa relevância na configuração dessa nova condição juvenil, pois o lugar social desses jovens interfere diretamente na trajetória de vida e no campo de possibilidades deles. Para Dayrell:

[...] temos de levar em conta também que essa condição juvenil vem se construindo em um contexto de profundas transformações socioculturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, fruto da resignificação do tempo e espaço e da reflexividade, dentre outras dimensões, o que vem gerando uma nova arquitetura do social (Giddens, 1991). Ao mesmo tempo, é necessário situar as mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho que, no Brasil, vem alterando as formas de inserção dos jovens no mercado, com uma expansão das taxas de desemprego aberto, com o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários, que atingem, principalmente, os

jovens das camadas populares, delimitando o universo de suas experiências e seu campo de possibilidades (ibid., p. 1108).

Mesmo com toda a limitação imposta pelo lugar social desses jovens, o autor pontua que a cultura, os aspectos simbólicos e expressivos assumem um papel de posicionamento dos jovens na contemporaneidade. Essa nova condição juvenil, portanto, é marcada por formas de expressões culturais diversas, tais como: a música, a dança, o visual do corpo, os vídeos etc... “O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (ibid., p. 1110).

As sociabilidades e as amizades também são outros importantes aspectos dessa nova condição juvenil. Assim, as sociabilidades são significantes para os jovens na medida em que essas respondem aos seus anseios por identidade, solidariedade, democracia, autonomia, trocas afetivas, etc... “A turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, ‘trocam ideias’, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um ‘eu’ e um ‘nós’ distintivos” (ibid., p. 1111). É a partir dos grupos de amigos também que a violência aparece como expressão dessa cultura juvenil.

A condição juvenil, segundo o autor também é fruto de socializações diversas. O jovem é um ator social plural e vivencia experiências múltiplas e até contraditórias:

Podemos afirmar que, na sociedade contemporânea, os atores sociais não são totalmente socializados a partir das orientações das instituições, nem a sua identidade é construída apenas nos marcos das categorias do sistema. Significa dizer que eles estão expostos a universos sociais diferenciados, a laços fragmentados, a espaços de socialização múltiplos, heterogêneos e concorrentes, sendo produtos de múltiplos processos de socialização. Nesse sentido, podemos constatar que a constituição da condição juvenil parece ser mais complexa, com o jovem vivendo experiências variadas e, às vezes, contraditórias. Constitui-se como um ator plural, produto de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos, dentre os quais ganham centralidade aqueles que ocorrem nos espaços intersticiais dominados pelas relações de sociabilidade. Os valores e comportamentos apreendidos no âmbito da família, por exemplo, são confrontados com outros valores e modos de vida percebidos no âmbito do grupo de pares, da escola, das mídias etc. Pertence, assim, simultaneamente, no curso da sua trajetória de socialização, a universos sociais variados, ampliando os universos sociais de referência (ibid., p. 1114).

Nessa perspectiva, os jovens são fruto de socialização para além dos muros da escola, que se diluem. A autonomia das instituições no processo de socialização dos jovens já não é assegurada nos dias atuais. A mídia e a família, por exemplo, adentram as instituições de ensino. “A escola também assiste a um ruir dos seus muros, tornando-

se mais permeável ao contexto social e suas influências” (ibid., p. 1115).

Além disso, outro processo de transformação das escolas foi a própria massificação e popularização da mesma. As camadas mais pobres passaram a ter acesso às instituições de ensino público, que antes eram frequentadas apenas pelas camadas altas e médias da sociedade.

A partir da década de 1990, com a sua expansão, passam então a receber um contingente cada vez mais heterogêneo de alunos, marcados pelo contexto de uma sociedade desigual, com altos índices de pobreza e violência, que delimitam os horizontes possíveis de ação dos jovens na sua relação com a escola. Esses jovens trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares e colocando novos desafios à escola (ibid., p. 1116).

Ainda hoje, porém, a escola não se reformulou para atender às mudanças ocorridas. Para Dayrell (ibid.), a estrutura da escola pública e inclusive seus projetos políticos-pedagógicos não atendem a essa nova parcela da juventude e aos novos desafios que estão postos para a educação. “Se a escola se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade” (ibid., p. 1117).

Além disso, para o autor, a escola reproduz representações estigmatizadas e preconceituosas desses indivíduos, não os reconhecendo como jovem, mas como aluno.

É muito comum, nas escolas, a visão da juventude tomada como um “vir a ser”, projetada para o futuro, ou o jovem identificado com um hedonismo individualista ou mesmo com o consumismo. Quando se trata de jovens pobres, ainda mais se forem negros, há uma vinculação à ideia do risco e da violência, tornando-os uma “classe perigosa”. Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer. A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta (ibid., p. 1117).

A escola não vem conseguindo superar esses desafios, advindos com essa nova condição juvenil. Ela tende a naturalizar a categoria “aluno”, a qual foi gestada na sociedade moderna, na qual era clara a separação entre escola e sociedade, e não reconhecer sua dimensão de jovem. Nesse modelo de escola esperava-se um aluno obediente, pontual, eficaz, disciplinado. Com o ruir dos muros, a escola vem recebendo um aluno muito influenciado por sua condição juvenil, suas características, expressões e

símbolos. “A escola aparece como um espaço aberto a uma vida não-escolar, numa comunidade juvenil de reconhecimento interpessoal” (ibid., p. 1121). Nesses espaços, portanto, é constante a tensão entre ser aluno e ser jovem e os conflitos aparecem no âmbito da escola, da sala de aula e no próprio processo de ensino-aprendizagem, cujo currículo muitas vezes não atende às demandas dessa nova condição juvenil.

Essa tensão, manifesta nessas diferentes dimensões, concretiza-se nos mais diversos percursos escolares, marcados pela participação e/ou passividade, pela resistência e/ou conformismo, pelo interesse e/ou desinteresse, expressão mais clara da forma como cada um elabora a tensão entre o ser jovem e o ser aluno. Há um continuum diferenciado de posturas, no qual uma pequena parte deles adere integralmente ao estatuto de aluno. No outro extremo, encontramos aqueles que se recusam a assumir tal papel, construindo uma trajetória escolar conturbada e, para a maioria, a escola se constitui como um campo aberto, com dificuldades em articular seus interesses pessoais com as demandas do cotidiano escolar, enfrentando obstáculos para se motivarem, para atribuírem um sentido a esta experiência e elaborarem projetos de futuro. Mas, no geral, podemos afirmar que se configura uma ambigüidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura, uma forma de garantir um mínimo de credencial para pleitear um lugar no mercado de trabalho, e pela possível falta de sentido que encontram no presente (ibid., p. 1122).

Mas também é considerável a tensão e os conflitos que se dão na escola por ela não lidar com o jovem, mas com o aluno e por manter uma proposta educativa disciplinadora, oriunda de uma estrutura escolar já ultrapassada. Em contrapartida, é necessário também um investimento público para além da escola, que considere a cidade como espaço educativo, e que considere ainda, esse jovem cuja socialização se dá em múltiplos lugares.

Em suma, em se tratando do caso específico da EFAP, é possível afirmar que essa instituição contribui em parte na construção dessa nova condição juvenil, haja vista que a escola não possui o monopólio da socialização dos jovens, a qual vem ocorrendo também em espaços e tempos múltiplos, pois a escola busca: a inserção desses estudantes em uma gama de processos sociais locais; e a abertura do seu espaço de socialização, como previsto em seu PPP.

Nesse sentido, percebeu-se, por meio das entrevistas realizadas e pela observação, que a escola tendeu a não ignorar o jovem que existe no estudante, uma vez que a própria dinâmica da pedagogia da alternância, que prevê o internato de quinze dias no espaço escolar, favorece que os indivíduos realizem várias atividades extracurriculares, formais e informais, tais como as conversas entre eles, a interação por meio da dança e da música, as viagens, as festas locais, etc... A interação e a

convivência dentro da escola favorecem as amizades e as sociabilidades que são importantes anseios da nova condição juvenil, de que trata Dayrell (ibid.). Percebeu-se, assim, que o cotidiano escolar da EFAP também permitia que os jovens se manifestassem por meio de seus símbolos e expressões culturais, produtos da sociedade contemporânea.

Em contrapartida, há a expectativa em receber estudantes com perfil obediente e disciplinado, ou seja, a partir dos parâmetros escolares de outros contextos históricos. Isso foi percebido por meio das constantes regras às quais os estudantes são submetidos, que muitas vezes, são construídas pelas famílias, que contribuem na gestão interna da instituição. A própria tradição da educação familiar rural pode estar vinculada à formulação de tais regras de convivência, das quais, muitos dos jovens reclamaram. Assim, percebe-se, no discurso de alguns dos professores essa preocupação com os “valores” com os quais os jovens estão adentrando a EFAP, como é possível verificar por meio do depoimento de um dos monitores:

[...] eu vou ser sincero, quando eu entrei em 2009, eu via um diferencial muito grande, assim, os meninos, por ser uma escola rural, os meninos vinham com aquele ensinamento assim de zona rural, mais educados, era até gostoso de você trabalhar numa EFA [...] (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Já a perspectiva da maioria dos estudantes pode ser resumida por meio da entrevista de Patrícia, uma das jovens:

Eles acham que lidar com o jovem é você impor regras pra ele e ele tem que seguir aquilo, mas não, o jovem não é assim. Se você impor regras pra ele, ele não vai seguir, ele vai fazer coisas piores. Então eu acho que é fazer isso mais, é conversar com as pessoas lá, porque o jovem, como eu já disse, ele é rebelde, então ele não vai seguir uma regra, mas se você for um pouco liberal, ele também não vai deixar de seguir aquelas regras, que ele sabe. Eu acho que o jovem hoje em dia ele sabe muito separar o que é bom e o que é ruim (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Ou, ainda, na visão de Cezar:

o ensino, a pedagogia da EFA, às vezes deixa a desejar sim, até mesmo pelas, assim eu considero punições, eu não considero por causa de algumas atitudes dos alunos, eu não acho que necessitaria de algumas punições que eles dão. Entendeu? Eu acho que o sistema de punições, o sistema de regras da escola, assim, eu acho que deixa muito a desejar. Eles colocam umas regras que às vezes não tem muito a ver. (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Ao fazer um paralelo com tais visões, à luz das considerações de Dayrell (ibid.),

é possível dizer que na instituição de ensino em questão há tensões e conflitos, resultantes das contradições que se apresentam, de um lado, pela proposta da educação do campo e pedagogia da alternância da escola, de outro, por manter práticas educacionais disciplinadoras, oriunda de uma proposta de escola tradicional, que entende a educação e a escola como atreladas à reprodução social dos valores sociais, de maneira coercitiva.

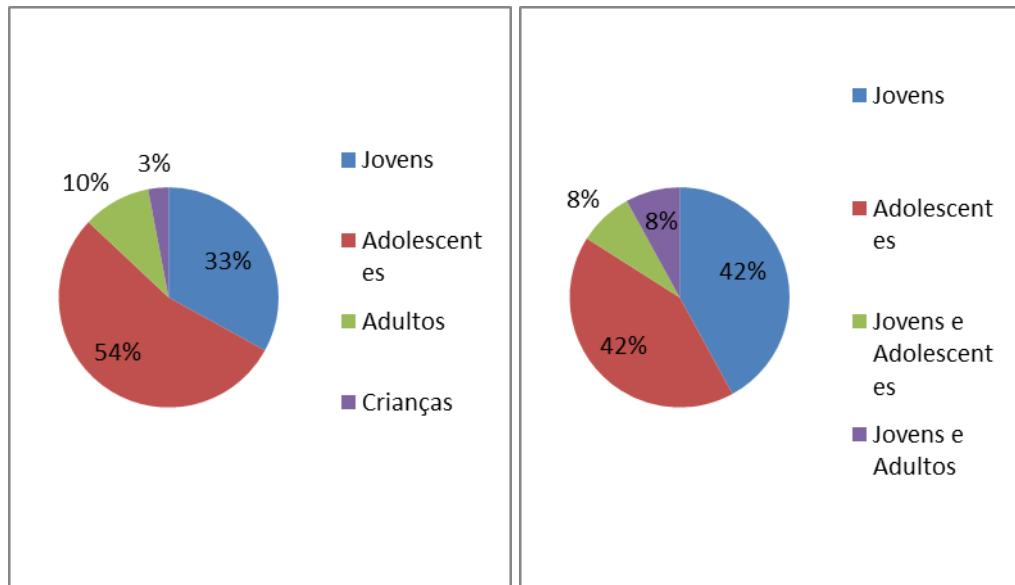
3.4. REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE NO CONTEXTO DA EFAP

Juventude e juventude rural são, enfim, temas que reúnem uma heterogeneidade de olhares que variam conforme a época e a sociedade em questão (WEISHEIMER, op.cit., 2005). A noção de juventude não pode ser definida, portanto, de forma universal, mas por meio das representações sociais, dentro de contextos sociais específicos.

Nesta seção busca-se compreender o que é ser jovem para os estudantes e profissionais da EFAP, mapeando qual a visão que eles têm sobre juventude, tendo em vista que a representação é um produto do pensamento coletivo e que, como pontuam autores como Durkheim & Mauss (2001), Jodelet (2001) e Pesavento (1995), exprimem uma realidade coletiva. A origem social dessas representações também é outro aspecto importante a ressaltar; elas dizem respeito ao coletivo específico de estudantes, monitores e demais profissionais da EFAP e sofrem influências dos fatores sociais e históricos específicos do contexto educacional que esses atores vivenciam.

Durante as entrevistas foi perguntado aos estudantes e profissionais da escola como eles se identificavam em relação à fase da vida (infância, adolescência, juventude, adulta, velhice) na qual eles se encontravam ou, especificamente para os profissionais, questionou-se como eles identificavam os estudantes. A maioria, 54%, dos estudantes entrevistados, como se vê no gráfico 25, se identificou como adolescente. Mas foi relevante também o número, de 33%, de estudantes, que se classificaram como jovens. Já os profissionais da EFAP classificaram os estudantes como jovens e adolescentes, de forma equitativa, conforme demonstrado no gráfico 26:

Gráfico 25 e 26: Classificação dos estudantes da EFAP



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Antes de prosseguir é importante ressaltar que há diferença entre os conceitos de juventude e adolescência, principalmente porque o segundo é usualmente atribuído ao campo de análise da psicologia, que volta seu olhar aos processos de transformação de pensamentos, afetivos e sociais, no âmbito dos sujeitos. A categoria juventude tem sido atribuída mais à antropologia, sociologia, história, educação, etc... Em todo caso, aqui adolescência e a juventude serão tomadas como construções sociais, representações que são construídas através das diferentes épocas e processos sociais (LEÓN, 2005). No contexto dessa pesquisa, portanto, os indivíduos serão tomados como um grupo concreto de estudantes, composto por jovens e adolescentes que vivenciam processos sociais em comum.

Percebeu-se que alguns dos entrevistados basearam-se em critérios etários para realizar a classificação (de juventude, adolescência, adulta ou velhice), ou seja, fizeram referência à idade biológica, definindo-os de forma universal, tendência pontuada por Weisheimer (op.cit., 2005). Frequentemente alguns dos estudantes justificaram que se consideravam jovens ou adolescentes porque tinham determinada idade. Foi o caso de Eduardo e Márcio que relataram, respectivamente: “[Sou] adolescente porque eu estou com 18, ainda” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013); e “[a pessoa deixa de ser criança] pra mim é, assim, acima de uns 13 anos, 14 anos de idade” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

O jovem ou o adolescente foi definido, assim, em termos etários, como se pode perceber, ainda, no depoimento de Luisa:

Não sei em questão de, por exemplo, de governo e tal, eu não sei como que é hoje, de idade. Mas assim, jovens. Adolescência eu não sei até que idade que vai hoje. Eu não sei de idade, 13, 14, 18, eu não sei. Mas assim, é saindo da adolescência e indo pra fase adulta. Porque tem estudantes mais novos, com 14 anos. E tem com 21, 22 (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFESSORAS DA EFAP, 2013).

A juventude, relacionada a um comportamento específico, mas não necessariamente a uma idade biológica, também foi identificada nas falas dos entrevistados, como se houvesse uma forma de pensar e agir comum entre os jovens. Ou ainda, alguns dos entrevistados, entre eles Gorete, mencionaram a possível existência de um “espírito juvenil” que independe da idade:

“Ser jovem? Ser jovem está relacionado à faixa etária, sim, mas também relacionado à própria pessoa, a como que ela vê a vida. Às vezes é uma pessoa com 40 anos, mas tem um espírito jovem [...]. Então acho que ser jovem é relativo, depende da postura”. (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFESSORAS DA EFAP, 2013).

Ou ainda, na visão de Sávio, outro profissional da escola:

“Jovem primeiramente tá na mente. Acho que não na idade. Acho que na forma como têm vontade de realizar as coisas. Acho que essa intensidade das coisas que caracteriza um pouco o espírito juvenil e não a idade necessariamente. Apesar de nessa idade a gente conseguir ver tudo isso mais materializado”. (ENTREVISTA COM UM DOS PROFESSORES DA EFAP, 2013).

Também foram identificadas representações que classificaram a juventude como uma etapa da vida ou uma fase de transição entre ser criança e ter a responsabilidade de adulto, o que vai ao encontro da abordagem da juventude como fase transitória da vida ou de transição para a vida adulta plena, também mapeada por Weisheimer (ibid.). Muitos relataram que a adolescência ou a juventude é uma fase de transição em que o indivíduo se torna adulto, adquirindo mais responsabilidade, com a vida profissional, o casamento e os filhos, por exemplo, como se a vida social iniciasse, de fato, nesse momento. Osvaldo, um dos estudantes relatou que a pessoa se torna adulto “a partir do momento que ela entrou nessa fase de conhecer o mundo e estar vivendo. [...] Entrando

nas dificuldades, entrando em tudo, no meio sócio mesmo” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Houve circularidade durante as entrevistas com os estudantes em relação à associação entre ser jovem e ter mais responsabilidade. Nesse contexto, atributos como ter mais sabedoria, maturidade, ser correto, apareceram com frequência muito significativa configurando-se como uma imagem positiva e boa do jovem. Mas em contrapartida, Túlio, um dos entrevistados, pontuou uma imagem inversa a essa, que também apresentou consenso, sobre a juventude como uma fase em que não se preocupa, ainda, com muitas coisas. Ele construiu essa representação em oposição à representação que ele tinha do adulto, demarcando a constituição de uma família como ritual de transição para a vida adulta. Para esse estudante, portanto:

Ser jovem é bom demais. O que você pode fazer, você faz ali. Quando você é adulto você tem que pensar “mil e umas”, tem que raciocinar, pensar se pode ou não. [...] quando mais você tem uma família aí que a responsabilidade dobra, porque quando você é jovem você faz coisa sem pensar. Mas quando você é maduro, tem uma família, aí você “peraí, opa”, tem que pensar se isso vai poder ou não, se vai ter algumas consequências. É mais ou menos nessa linha assim (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Foram recorrentes também os estudantes que apontaram que a fase adulta – a responsabilidade, o trabalho, o próprio casamento, etc. – chegam mais cedo para os jovens rurais. Na visão de Cezar, por exemplo, ele “[...] sai de casa cedo, tem que se virar sozinho no mundo” (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Ou ainda, para Raul, o jovem rural “pensa em estar trabalhando, construir uma família pra ele, porque o importante pra ele é mostrar que ele é um homem de verdade e que tem muita responsabilidade, que pode estar, assim, tomando conta de uma família [...]” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Muitos dos entrevistados usaram esse aspecto como elemento identitário de diferenciação e valorização do jovem rural frente ao jovem urbano. Foram utilizadas qualidades tais como responsabilidade, maturidade e seriedade, para caracterizar o jovem rural, que, muito cedo, começa a realizar atividades dentro do próprio âmbito familiar. No imaginário de muitos dos entrevistados, dessa forma, o jovem rural é mais centrado, tem mais objetivos e responsabilidades e compromisso com a reprodução social de suas famílias. Para Túlio:

[...] o jovem rural tem o objetivo melhor que o jovem da rua. Por quê? O jovem da cidade pelo fato de ele crescer ali, então, ele vê o colega com carro, vê ele beber, pegar a mulherada. Então o jovem do meio rural, o objetivo dele é o quê? É dar continuidade àquilo que [...] o avô dele e que o pai dele deixou pra ele. Então ele é mais centrado, mais cabeça. Sabe o que ele pode fazer e o que ele não pode. Eu acho que o jovem do meio rural, ele tem o objetivo [...] mais assim, ele sabe o quê quer (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Ou ainda, na visão de Joana:

[...] o jovem rural é mais responsável do que o jovem urbano, porque desde sempre ele já é acostumado a ir lá no pasto buscar a vaca, que tem que buscar a vaca, que tem que tirar o leite, que tem que ajudar o pai na capinheira, a cortar o capim. E jovem urbano não, eu acho que tem muitos jovens que acham que a vida na cidade é fácil que é só farrear, farrear, farrear... que a responsabilidade nunca vai chegar. Eu acho que é essa a diferença (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Essa representação está presente até no PPP da instituição, o qual afirma que a Pedagogia da Alternância procura aliar escola e trabalho em um momento que, como a bibliografia sobre a juventude indica, é crucial na definição das identidades juvenis e nas formas de demarcação da passagem para a vida adulta. Diferente de parcela da juventude urbana, que dispõe de uma moratória social para o prolongamento da fase de estudos (DAYRELL, 2012), jovens de contextos populares e rurais ingressam na vida do trabalho muito cedo e, especificamente no campo, as necessidades das famílias em contarem com os jovens como força de trabalho, o que corrobora com a opinião de João: “as pessoas de zona rural, fica mais, assim, trabalhando, que os pais coloca para trabalhar” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). O PPP da EFAP deixa isso claro quando defende que:

As famílias precisam de uma escola que ensine aos seus filhos/as a lidarem com a terra, o meio ambiente, de forma criativa, inovadora e independente de fatores externos à sua propriedade e que lhes proporcione segurança, através do conhecimento de valores éticos, morais, intelectuais, meios de convivência com o meio rural, onde os jovens possam adquirir todos os conhecimentos da base nacional comum e ainda preparar para exercer empreendimento dentro da sua comunidade, não precisando sair (EFAP, s.d., p.5).

Nessa passagem também ficam claras algumas representações sobre os jovens rurais, notadamente aquelas que estabelecem um diálogo com outras representações presentes na sociedade mais ampla, que identificam na juventude o protagonismo das mudanças sociais, mas também o problema das migrações (êxodo rural), do desinteresse

ou do desapego às tradições. As condições para essa permanência estão dadas a partir daquilo que, na visão do projeto pedagógico, seriam os atrativos próprios da condição juvenil: criação, inovação e independência, ideias que, em conjunto, elegem o jovem como símbolo do protagonismo social e definem seu status heroico (CASTRO, op.cit., 2009a).

Assim, percebeu-se que a representação dos jovens rurais como agentes privilegiados de transformação ou da juventude “engajada” e “militante”, abordada teoricamente por Castro (op.cit., 2009a; 2009b), também apareceu entre os sujeitos dessa pesquisa. Isso foi percebido tanto entre os que representaram o jovem como esperança de uma sociedade melhor, tanto entre os que representaram a juventude com um sentido político, ativista. Essa visão aparece principalmente para remeter a uma representação de juventude da EFAP. Nessa linha, foram atribuídas várias características que representariam esses jovens, tais como: revolucionários, mentes abertas, pensantes, atuantes, críticos, questionadores, ativos, etc. Os jovens da EFAP, portanto, na visão de Sávio, um dos monitores: “são cabeças pensantes. São ativos. Eles são bem ativos, não são passivos não [...] São pessoas que [...] querem mudar, querem transformar, não querem ficar estagnados. Têm suas opiniões [...]” (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP). Nessa abordagem, é possível verificar com mais clareza a ressonância de aspectos do discurso do projeto ético-político da própria escola, que tal como exposto em seu PPP, consiste em formar agentes de transformação social.

Ainda nesse sentido, o jovem representado como solução dos problemas do campo também foi uma das representações mapeadas no contexto da EFAP. Foi abordado por alguns dos entrevistados, que os jovens da EFAP, sobretudo os de origem rural, são responsáveis por trazer inovações e contribuir para superar os problemas de suas comunidades e pelo desenvolvimento das localidades em que moram, o que também faz parte da representação de juventude presente no projeto ético-político da escola. O jovem da EFAP foi representado por Patrick, assim, como aquele que “que adquire conhecimento e tenta re praticar ele na sua propriedade” (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Por meio dessa abordagem, também é possível fazer uma ponte com a teoria das gerações de Mannheim, a qual já foi trabalhada teoricamente nesse capítulo. Pelas representações mapeadas, o jovem da EFAP ou o jovem rural, teria um papel crucial no que tange a condução dos processos históricos e sociais no meio rural. A preocupação

do próprio projeto da escola revela essa representação do jovem que tem um compromisso com a herança cultural e histórica e com as futuras gerações no meio rural. A própria premissa da instituição de contribuir para que esses jovens possam criar condições de permanecer no campo também corrobora com a visão de que eles têm um papel importante na continuidade dos valores intergeracionais, ou seja, têm um relevante papel na formulação de ideias, no âmbito de suas comunidades. Como aponta o depoimento de Maura, a importância do jovem da EFAP é:

[...] essa força de não deixar a tradição [...] sumir. Igual por exemplo em Acaiaca, o congado estava sumindo. A banda tava sumindo. Nas regiões deles deve ter também esses grupos, pequenos assim. Tinha as mulheres lá em Acaiaca, [...]. Era um grupo que saía na festa de Nossa Senhora do Rosário. Eu esqueci o nome. Mas tinha que ir passando isso de geração em geração. Então os jovens, a importância deles é de não deixar essas tradições da comunidade sumir. Igual eles, alguns que são da zona rural, sementes... São importantes pra não ficar comprando essas sementes industrializadas, [...] resgatar as sementes nativas (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Também foi possível perceber a ambiguidade entre permanecer no campo ou migrar para a cidade, que autoras como Wanderley (op.cit., 2007), Carneiro (op.cit., 2008) e Castro (op.cit., 2009b) pontuam. Na fala de Túlio, percebe-se um possível problema geracional no campo, ou seja, de sucessão e dificuldade de permanência dos jovens. Ele aponta o seguinte problema:

Eu acho que, se hoje o jovem está desanimando, acho que devia ser feito não só aí as políticas públicas, mas eu acho que tinha que assim, botar a mão na consciência e pensar que se o próprio jovem não está querendo ficar no campo, então quem vai ficar daqui a uns tempo? Por que se você for olhar a maior parte aí de quem está ficando no campo são pessoas idosas, que não aguenta mais trabalhar. Ou seja, então vai ficar ali, talvez tem terra que poderia ser cultivada, plantar alguma coisa e vai virar mato, porque ninguém vai trabalhar mais. Então, vai acontecer o que está acontecendo: sair todo mundo da roça pra aglomerar na cidade. Então isso não é bom (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

A representação de juventude como problema, à qual faz menção Castro (op.cit., 2009a), também surgiu nos depoimentos dos informantes, sobretudo no que tange à questão da migração, a saída do campo. Associado a isto, surgiram várias alusões ao jovem representado como um sujeito profundamente impactado pelas dificuldades de acessos – a bens materiais, serviços, tecnologias, transporte, emprego, etc. – nas zonas rurais, levando-os a optarem pela migração. Na contramão do que defende o projeto ético-político da EFAP, ainda, o jovem desinteressado pelo campo e atraído pelo

imaginário urbano, também foi uma representação que teve significativa circularidade no contexto da EFAP. Houve uma discussão no grupo focal realizado com os estudantes, do terceiro ano, que dividiu as opiniões e retrata muito bem essa questão. Cezar mencionou que:

[...] Tem jovem mesmo que quer ir pra cidade, mas só que tem jovens que batalham, quer ficar na sua terra, quer construir, ter sua raiz. Ele não quer desfazer da raiz dele. Tem jovem que quer ir pra cidade e jovem que talvez depende da cidade. Porque, assim, existem vários dons. Então às vezes um jovem tem um dom que se ele ficar no meio rural talvez não vai dar pra suprir pra ele. Mas se ele for para o mercado lá, na cidade é bem maior. Então, [...] ele vai começar e vai acabar suprindo. E já, às vezes, o jovem ir pra cidade por precisão, às vezes é o que eu digo, o trabalho no meio rural está se acabando pouco a pouco. Então a gente mesmo, eu posso me considerar que eu busco as minhas origens e corro atrás pra não deixar [...], porque até então eu vivo no meio rural e me sinto muito bem vivendo no meio rural. Talvez eu precise um dia ou pra estudar mais, ou pra tirar uma carteira, tirar habilitação, porque no meio rural é complicado [...]. Então é uma das poucas coisas que no meio rural não tem. Então, de vez em quando com certeza eu preciso ir pra cidade, mas não, assim, ir pra ficar (GRUPO FOCAL COMO OS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Na mesma linha, os jovens foram caracterizados como marginalizados, uma vez que a eles são negados vários de seus direitos E, muitas vezes, eles são obrigados a viver à margem do sistema. A insurgência de situações sociais de extrema violência, como a mortalidade juvenil, a criminalidade e o uso do crack, também foram citadas, como forma de ilustrar essa imagem do jovem marginalizado, produto de uma sociedade marcada por relações de poder e hierarquia social (Castro, op.cit., 2009a). A categoria de juventude subalterna, utilizada por Castro (op.cit., 2009b) aproxima-se dessa visão, uma vez que a autora afirma que ser jovem rural é vivenciar a reprodução da desigualdade e a violência presentes no meio rural.

A imagem do jovem delinquente, desviado, desinteressado, irresponsável, baderneiro, bagunceiro, rebelde, destacada por Castro (op.cit., 2009a), foi uma representação explicitada nas entrevistas. A associação do ser jovem a problemas, tais como: o uso de drogas, bebidas alcoólicas, e badernas foi recorrente. Nesse sentido, destacam-se algumas falas, de Raul e Givanna, a respeito dessa imagem do ser jovem: “Muitos acham que é beber, fumar, usar droga” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013), ou ainda “[...] uma parte pode ser descrita como pessoas que estão querendo só farrear, querem só se divertir e não querem nada com nada. Mas outra parte quer, [...] acredita nos seus ideais, têm um [...] um modo de pensar diferente” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Mas essas representações não foram necessariamente assumidas como autotaxificações, ou seja, foram mencionadas como conhecimento das representações que “os outros” fazem da juventude ou que eles fazem de outros jovens. Nesse sentido, pode-se perceber que os jovens evocam “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada [...] e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” mais amplo e que circula inclusive no ambiente escolar (JODELET, *op.cit.*, 2001, p. 22).

Entre os profissionais da EFAP também foi possível perceber essa representação do jovem como irresponsável, como “quem não quer nada com a vida” ou do “jovem sem limites” [...]. Evidencia-se, aqui, a questão das diferenças intergeracionais entre os profissionais e os jovens, uma vez que essa representação foi construída pelos primeiros por meio da autorreferência à própria imagem do estudante da época deles, ou seja, aqui fica claro que houve uma mudança dos valores, ideias e comportamentos pelos jovens da atualidade, o que são aspectos de diferenciação em termos geracionais, que possivelmente causam o estranhamento. Isso remete, ainda, às considerações de Dayrell (*op.cit.*, 2007) sobre a nova condição juvenil que se constrói nas escolas contemporâneas e que não condiz com a imagem do aluno obediente, pontual, eficaz, disciplinado. Essa mudança exige uma transformação da própria concepção das escolas, que “continuam lidando com os jovens com os mesmos parâmetros consagrados por uma cultura escolar construída em outro contexto” (*ibid.*, p. 1122). As escolas, agora, têm que buscar a lidar com o jovem e suas novas formas de expressão, produto das múltiplas interações com o mundo social, para além dos muros das instituições de ensino.

Houve, entre os jovens e os profissionais também, quem associasse essa imagem do jovem delinquente exclusivamente ao meio urbano, ou seja, a imagem do jovem da cidade – irresponsável, sem valores, que só quer saber de farra, festa, etc. – apareceu em contraponto à imagem do jovem rural, o qual, na visão de alguns entrevistados, é fruto de uma educação mais rígida e tradicional e, conseqüentemente, é mais responsável, trabalhador, comprometido com a família, etc... Para Ellen e Túlio, respectivamente: “os jovens da cidade eles [...] não tem um foco certo, assim. Eles estão pensando [...], só quer saber de beber, usar drogas. Eles estão confundindo muito... É claro que na zona rural tem também [...] mas é bem menos” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013); ou, ainda,

[...] a diferença do jovem [urbano] pro jovem do campo é [...], o jovem do campo pensa em construir uma família, ficar ali mesmo, nas suas terras, construir alguma coisa ali. Agora já o jovem da cidade passa a pensar só, em tipo assim, em beber, em pensar em usar drogas. E casamento [...], é a última coisa que ele pensa. Muitas das vezes a gente vê jovem aí tão novo e já tá perdido no mundo. Às vezes nem fica aí pra ver [...], pra contar história. Às vezes é morto, assassinado, falta de prudência também de alguns... (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Também foi relevante os informantes que declararam que ser jovem é “curtir a vida”. A socialização escolar, a convivência e as amizades formam aspectos que muitos jovens mencionaram como marcantes em relação à fase da juventude e adolescência. Nessas perspectivas, eles se representaram e foram representados como sujeitos divertidos, brincalhões e extrovertidos, que gostam de festas, etc. Estar em um contexto educacional justifica a amizade que também aparece com frequência na representação dos estudantes sobre juventude, sendo a escola um espaço de socialização intrageracional privilegiado. Isso foi muito percebido durante o período da pesquisa de campo. Em geral, prevaleceu o clima de interação e amizade na escola. No próprio depoimento de Rosa, uma das jovens, aparece essa representação do ser jovem:

[...] pra mim é curtir os momentos que vão passar e vão vim outros novos. Aproveitar assim, poder brincar ainda, conversar mais. Que depois que vira uma pessoa, uma mulher, um homem formado, aí isso fica tudo pra trás. Isso fica de lado. (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

As relações afetivo-amorosas também foram aspectos que alguns estudantes levantaram como elementos que marcam a passagem da infância para a juventude. Sobretudo, foi apontado que os namoros se iniciam nessa fase. Durante a pesquisa de campo foram constantes os diálogos sobre esse assunto, nos quais a percepção da juventude ligada às relações afetivo-amorosas e à iniciação sexual foi recorrente.

A representação da juventude como uma fase de muita energia foi utilizada, principalmente pelos profissionais entrevistados. Nesse sentido, surgiram afirmações que caracterizaram a juventude como “o auge da vida”, “um momento em que se tem muita coragem”, vontade e energia para fazer as coisas. Ou, na própria visão de Sávio, a juventude é “uma mistura explosiva. [...] Se riscar um fósforo explode” (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013). O autor dessa frase justificou-a discorrendo que a juventude é uma fase de muita energia, inclusive mental, o que leva os jovens a ter vontade, a não ficarem parados, a serem ativos e a quererem mudar,

transformar o ambiente a sua volta. Além disso, o substantivo mistura aparece no sentido de simbolizar a diversidade de questões que envolvem o ser jovem.

Essa questão também foi muito vivenciada no cotidiano da escola, por meio da observação participante. Os jovens da EFAP dispõem, de fato, de uma energia muito grande e o ambiente escolar é sempre muito vivaz, alegre, intenso, cheio de brincadeiras. Eles estavam sempre fazendo muitas atividades ao mesmo tempo, conversando, ouvindo músicas, dançando, cantando, praticando esportes, etc... Em alguns trechos do caderno de campo, isso foi anotado: “A escola é muito intensa. Os estudantes são eufóricos, têm muita energia, brincam, dançam, cantam e ouvem música durante todo o dia”, ou ainda, “o que mais está me marcando é o entusiasmo, a alegria em que se vivem. É contagiante. Estou muito feliz com essa vivência [...]” (CADERNO DE CAMPO, 2013).

A imagem do jovem ligado à afinidade com a música também apareceu como representação no contexto escolar. A música é um elemento muito marcante da identidade desses jovens, em linhas gerais. Houve, dessa forma, o depoimento de Caetano que exemplifica essa questão: “[...] na minha adolescência eu acredito que foi mais a música que me marcou mais [...]” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Sob o olhar de um dos monitores, ainda, “o silêncio na quinzena do primeiro ano só é quebrado pelo funk” (CADERNO DE CAMPO, 2013), declarou, referindo-se à sessão escolar que tem poucos estudantes. Essa foi uma situação muito vivenciada no campo realizado na escola, no qual percebeu-se que a música, sobretudo ritmos como o funk e o sertanejo, são aspectos com os quais os jovens, rurais ou urbanos, se identificam muito. Notou-se no ambiente escolar, que os estudantes estavam sempre ouvindo músicas e dançando, desde o amanhecer até a hora de dormir. Havia sempre a presença de muitos sons no ambiente.

Esse último certamente pode ser considerado como um aspecto identitário que aproxima os jovens urbanos dos jovens rurais, uma vez que é possível falar que ele está ligado à cultura mais ampla que, na atualidade, adentra todos os espaços. No grupo focal com os estudantes do terceiro ano, inclusive, o funk foi apontado como elemento que é apreciado tanto por jovens urbanos e rurais, e que gera identidade para a geração deles. Aqui também, é possível fazer uma ponte com o que DAYRELL (ibid.) aborda, em relação aos aspectos simbólicos e expressivos como forma do jovem se posicionar diante do mundo e demarcar uma identidade juvenil. A música e a dança apareceriam, dessa forma, com expressões culturais que servem para essa demarcação identitária dos

jovens da EFAP. O uso de piercings, peças de vestuário e outros artefatos, símbolos dessa identidade geracional e que reforçam o imaginário urbano, também foram observados nos jovens.

O acesso às novas tecnologias, já citado no primeiro capítulo dessa pesquisa, foi intensamente diagnosticado no contexto da EFAP. Dessa forma, o uso de celulares, internet e redes sociais foram apontados e percebidos, como aspectos que marcam a juventude em questão. Houve declarações, tais como: “Ser jovem é entrar no facebook” (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013) ou, ainda, a internet é um elemento que definiria o jovem, pensando nas proximidades entre o jovem rural e o jovem urbano (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Na visão de um dos profissionais da escola o celular é como se fosse a extensão de um membro do corpo deles. O acesso às TICs, então, foi apontado como um aspecto aglutinador do ser jovem, no qual os jovens rurais estão também incluídos, obviamente, com a ressalva de que nas zonas rurais ainda há, em certa medida, problemas com o acesso a tais tecnologias. De acordo com o depoimento de Anita:

Hoje em dia eu acho que tá tudo muito igual, porque o pessoal da zona rural hoje em dia tem a mesma influência, a mesma abrangência que o pessoal da zona urbana. Exemplo: telefone, internet. Então o pessoal da roça não fica só naquele mundinho. Final de semana vai pra cidade, conhece novas pessoas. Experimenta novas coisas. Então eu acho que não tá indo muito mais atrás não. É claro que falta, como as pessoas dizem, falta alguma coisa. Mas eu acho que a mentalidade vem crescendo junto. A televisão, rádio, internet... (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

A abordagem da “nova ruralidade” – da diluição das fronteiras entre o rural e o urbano, que reestrutura culturalmente o mundo rural e impacta principalmente os jovens – está muito presente nessa representação do jovem rural, influenciado pela cultura mais ampla. Assim, o símbolo do moderno, do inovador, da moda e do uso de novas tecnologias, imagem que geralmente era associada ao jovem de contextos urbanos, também sobrecai sobre o jovem rural na atualidade, o que é mais um fator de similaridade intrageracional, que possibilita que diminua a relação hierárquica entre cidade e campo (CASTRO, op.cit., 2009b).

O jovem relacionado à busca de novos conhecimentos e de novos aprendizados também foi uma representação presente no contexto da EFAP. Nesse sentido foram levantadas questões que dizem respeito tanto ao aprendizado com a vida, que eles ainda têm muito pela frente, quanto ao aprendizado relacionado à questão do contexto sócio-

escolar e à inovação. Frequentemente o aprendizado foi apontado como um aspecto marcante em relação à fase da juventude e adolescência. O jovem foi aí representado como um indivíduo que busca aprender, que tem novas ideias, é curioso, interessado, etc...

A ideia da juventude como uma fase da vida ligada a se ter mais autonomia e liberdade foi bastante citada, mas geralmente este aspecto foi apontado em comparação à infância, fase na qual depende-se mais diretamente dos pais. Ser jovem, nessa perspectiva, apareceu nas falas de alguns informantes, tais como Suelen e Rafael, como o momento em uma pessoa: “[...] deixa de ser criança, quando ela passa a tomar as suas próprias decisões [...]” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013) ou “[...] vai começando a ter mais liberdade, [...] vai crescendo e os pais passam a dar mais liberdade [...]” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP). Na visão de Anita, outra entrevistada, ainda, ser adolescente ou jovem é “viver sem limites”. Sendo assim, a juventude foi representada como um momento em que os indivíduos ganham significativa liberdade de fazer escolhas e de ação. Na visão de Sávio, um dos monitores, a liberdade aparece com uma conotação política, da juventude como agente social de transformação (CASTRO, op.cit. 2009a), que já foi trabalhada nesse capítulo. Para ele, então, a juventude é:

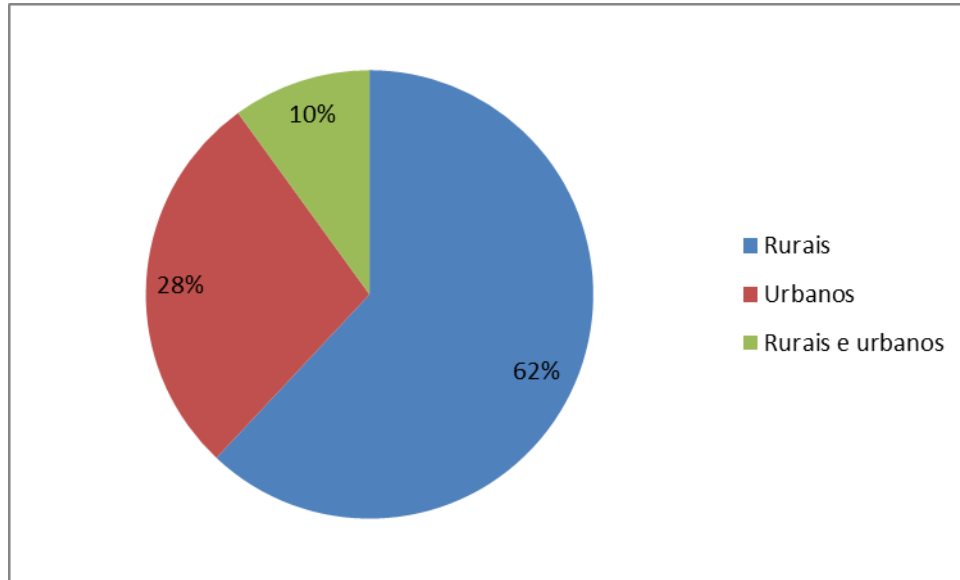
ter liberdade. Juventude é muito legal, porque a juventude ousa ser livre no mundo em que a gente é cada vez mais aprisionado por diversos mecanismos, aí vem, tecnológicos, mentais. A gente é condicionado a ser preso, a se prender. Então juventude tem que procurar liberdade, procurar ser livre. [...] E é bom ver isso sem as palavras. Tipo assim, igual eu falei com você, eles não falam movimento estudantil, eles não falam liberdade, mas no ato deles, na ação deles, você repara muito esses termos. Entendeu? (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013)

Entre outras questões, percebeu-se que, por se tratar de um contexto educacional, sobressaiu uma visão positiva do jovem: responsável, maduro, sábio, trabalhador, protagonista, interessado, engajado, atuante, questionador, crítico, pensante, divertido, extrovertido, brincalhão, etc... Esses aspectos também são privilegiados pelo projeto ético-político da escola, que atribui ao jovem uma imagem de sujeitos que estão em busca de sabedoria para tornar-se agentes do Desenvolvimento Rural e da transformação social.

Para finalizar, em relação a essa questão da identidade dos jovens, foi perguntado, se eles se classificavam como rurais ou urbanos. 62% declararam que se

consideraram jovens rurais, 28% jovens urbanos e 10% se consideraram as duas coisas, como pode-se visualizar por meio do gráfico 27.

Gráfico 27- Os jovens da EFAP se classificam como rurais ou urbanos?



Fonte: Caderno de Campo: 2010

O ser jovem urbano foi definido como: morar na cidade; ter mais afinidade com o meio urbano; não ter muito contato com a terra e com a atividade agrícola; ser muito ligado ao uso das tecnologias e da internet; ter mais informações e comodidades; ter mais interação com a cultura mais ampla; etc... Nesse sentido, vê-se a representação do jovem urbano como um indivíduo mais globalizado e “antenado”, principalmente no que tange o acesso as TICs e às novas tecnologias. Na visão de Davi, um dos estudantes: “Eu acho que [ser jovem urbano] é tá sempre ‘antenado’, vamos dizer, tá sempre ligado nas coisas. [...] Eu me considero um jovem urbano, que lá em casa eu fico o dia inteiro na internet...” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Houve, também, alguns estudantes que, mesmo morando em zonas rurais, se declararam como jovens urbanos, com vistas nas características que já foram apontadas.

O contrário também aconteceu, como pode-se visualizar por meio de depoimento de uma das jovens da escola:

Eu me considero uma jovem rural, mesmo morando na cidade [...] É porque, igual eu questiono muito com a minha mãe: tem aquelas meninas que saem da zona rural, tipo assim, só pra passar um dia lá sentada na praça e quando a

gente passa com bota no pé, roupa tudo suja de esterco, cabelo por cabelo a fora, tudo despenteado, com o cabelo amarrado, tudo suja. Elas ficam olhando assim, eu não sei se é de inveja ou de tipo assim: nossa como ela tem coragem. Eu me considero mais uma menina rural, ainda mais por ajudar a minha mãe, que a gente vive ali, trabalha e eu não tenho vergonha de assumir que eu trabalho, que eu pego na bosta de boi com a mão, que eu coloco ela no canteiro, que eu pego bicho de pé mesmo e tem que tirar, senão vira batata e fica horrível.

Percebeu-se, por meio da última declaração da estudante da EFAP, elementos identitários do ser jovem rural, que demarcam a identidade com o campo. Assim, alguns aspectos do ser jovem rural, muitos dos quais já foram mencionados ao longo desse capítulo, são: morar no campo; ter afinidade com o meio rural, com a terra e com a atividade agrícola; trabalhar desde cedo; ser responsável e focado; ter uma ligação com a natureza; etc. Essas representações sobre juventude rural apareceram nas entrevistas e nos grupos focais, principalmente como forma de reforçar e enaltecer a identidade desses jovens como diferentes dos jovens urbanos.

Paulo (op.cit., 2011), ao pesquisar jovens rurais do município de Orobó-PE, aborda elementos de distinção no que tange à construção de suas identidades, refletindo sobre o significado de ser jovem rural. Segundo a autora, percebeu-se que essa identidade (de jovem rural) processou-se relacionalmente, “só tendo sentido falar de jovens rurais ao se considerar os urbanos como o diferente” (ibid., p. 142). O modo de vida, assim como Paulo (ibid.) constatou em Orobó-PE, também apareceu na EFAP como elemento que diferencia os jovens rurais dos urbanos. Como bem pontuou a autora, “a cultura e o modo de vida, são elementos considerados pelos jovens como definidores de sua identidade” (ibid., p. 165), principalmente no que tange ao trabalho e à ajuda aos pais nas atividades agrícolas. Nas falas de Júlio e Túlio, dois dos informantes da EFAP, surgiram questões como: “O jovem rural tem sua cultura, alguns têm pensamento diferente” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP); “O jovem da roça não é ser bobo. Eles [os jovens urbanos] acham que são espertos, porque falam gírias, mas a gente que planta pra comer”; “[Ser jovem rural é] ter conhecimento que os jovens da cidade não têm (que é a prática)” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP).

Por outro lado, como no caso dos jovens rurais de Orobó-PE, os jovens estudantes da EFAP também reforçaram a identidade do jovem rural como igual ao jovem urbano, ou seja, atribuíram valores gerais ao “ser jovem”. Surgiram, nas entrevistas de Thereza e Cássio, elementos tais como: “ser jovem rural é a mesma coisa

que ser jovem urbano” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP); “antigamente o jovem rural não tinha acesso à tecnologia, agora é tudo igual” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP). Mais uma vez percebe-se a imagem do jovem ligada ao uso das novas tecnologias, que também recai sobre o jovem rural.

Houve um apontamento, por fim, que gerou muita polêmica e discussão no grupo focal com o terceiro ano, na qual Iuri, um dos estudantes, disse que o jovem rural quer ser igual o jovem urbano e se interessa pelas coisas da cidade.

[...] Não desmerecendo o jovem rural, mas eu acho que o jovem rural ele tem muita influencia do jovem urbano. Então porque eles veem tudo lá na cidade. Na cidade está acontecendo tudo mais [...] (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Entretanto, essa opinião gerou discordâncias, como se pode verificar por meio do depoimento de Cezar, outro dos estudantes, o qual buscou reforçar a identidade do ser jovem rural:

Assim, eu não tenho, assim, ninguém me influencia a ir pra cidade. Eu gosto da roça e eu gosto da minha roça, eu tenho tudo que eu preciso e até mais do que tem na cidade, eu tenho [...]. Eu tenho tudo que eu produzo. Eu como do bom e do melhor porque eu sei que eu to comendo, porque eu to plantando, eu to colhendo, eu to cultivando. Então eu tenho tudo o que eu quero. Porque eu tenho tudo que eu quero e mais um pouco ainda. Porque os jovens da cidade, eles tem carro, moto, roupa nova, festa, tudo isso eu tenho. Computador, celular, Playstation, eu tenho tudo. Então eu acho que não influencia porque a gente às vezes, o salário no campo, se a gente não batalhar, com certeza, na maioria das vezes, é mais baixo do que do que o do jovem da cidade, que eles tem mais, o mercado que disputa eles. Já a gente disputa o mercado no meio rural. Porque o mercado de trabalho no meio rural está, assim, entre aspas, meio em extinção. Porque a gente não tem, ultimamente a gente não tá tendo tanto serviço como antigamente. Mas o serviço que a gente tem. Igual a gente que tem uma profissão, o serviço que a gente tem já é muito valorizado no meio rural. Então do mesmo jeito que eles fazem lá, a gente faz aqui. A gente pode ter tudo que eles tem, mas sempre com um pouquinho mais de trabalho. Pra eles às vezes é mais fácil. Mas, assim, o lazer que eles tem, tudo isso a gente tem. Então eu não acho que um jovem seja influenciado não, porque a pessoa tem que ter opinião própria (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Essas últimas declarações guardam proximidade com as considerações de Carneiro (op.cit., 1998) acerca da situação do jovem rural na perspectiva da “nova ruralidade”, uma vez que, os estudantes deixaram explícito nessa discussão a ambiguidade da identidade do jovem rural na atualidade, que oscila, muitas vezes, entre a cultura mais ampla e a cultura local. Fica claro, mais uma vez também, a questão da

migração que ocorre ora por interesse pelo imaginário urbano e desinteresse pelo rural, ora por necessidade e por busca por melhores condições de vida e trabalho (Castro, op.cit., 2009a). Resta saber o que tem surgido como referência para a construção do projeto de vida dos jovens da EFAP, o que vai ser trabalhado no próximo capítulo, que tem como objetivo perceber qual a possível relação das escolhas individuais dos jovens e o projeto ético-político da escola, bem como a relação com a sociedade mais ampla.

4. PROJETOS DE VIDA E CAMPO DE POSSIBILIDADES DOS ESTUDANTES DA EFAP

Este capítulo tem como objetivo compreender o projeto de vida dos estudantes da EFAP e a relação que esses eventualmente possam ter com o projeto ético-político da escola, ou seja, com os aspectos construídos coletivamente no âmbito da instituição. Assim, buscou-se entender se as escolhas individuais dos jovens são perpassadas por questões, já mapeadas no capítulo 1, tais como: 1) a formação integral dos jovens – profissional, pessoal, espiritual, social, etc.; 2) a agroecologia e as práticas agropecuárias sustentáveis 3) o aprendizado para a vida, que ocorre principalmente por meio da convivência escolar 4) o Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário e a valorização do meio; 5) a troca de saberes entre escola e comunidade 6) a contribuição para que o jovem possa criar condições de permanecer no campo; 7) e a formação de jovens que possam ser agentes de mudanças sociais no campo e no mundo.

Além disso, buscou-se compreender se os jovens da EFAP basearam-se em questões pertinentes à “nova ruralidade” que se configura no campo, na atualidade. Sendo assim, procurou-se perceber se aspectos da cultura mais ampla perpassam as escolhas de vida dos estudantes da EFAP e se esses são elementos que os motivam a optar: por migrar ou permanecer na cidade; ou migrar ou permanecer no campo.

É objetivo desse capítulo, ainda, fazer um mapeamento, por meio dos dados coletados, acerca de qual é o campo de possibilidades para o qual a instituição de ensino em questão vem preparando os seus estudantes, ou seja, qual formação a escola tem oferecido e para quais perspectivas de projetos de vida, sobretudo profissionais.

Para tanto, será feita, primeiramente, uma breve contextualização acerca dos conceitos de projeto de vida e campo de possibilidades. Posteriormente dar-se-á início à reflexão e análise acerca dos projetos de vida, no âmbito profissional e pessoal, dos jovens por meio da narrativa dos relatos dos indivíduos. Será retomada, ainda, a discussão acerca do campo de possibilidades para o qual a EFAP tem preparado seus estudantes. E, por fim, será feita uma análise acerca da expectativa de migração ou não dos jovens, ou seja, buscar-se-á compreender se os estudantes estão planejando ir embora ou permanecer no meio rural, e por quê.

4.1. PROJETO DE VIDA E CAMPO DE POSSIBILIDADES

É importante levar em conta a categoria projeto, presente em Velho (1999), uma vez que é o objetivo principal desse estudo analisar o projeto de vida dos jovens que frequentam a EFAP, em interação com a família, a instituição de ensino, etc... Na perspectiva das ordenações geracionais, é intenção dessa pesquisa, perceber de que forma esses jovens contribuem para a valorização das culturas locais e para suas continuidades no campo, aspectos gerais do projeto ético-político da EFAP, e como esse processo é percebido em seus projetos individuais, influenciados que são por duplas dinâmicas – campo e cidade, rural e urbano. Para analisar esses jovens e suas escolhas, bem como as interações sociais em que estão inseridos, faz-se necessário compreender as noções de projeto e campo de possibilidades, presentes em alguns autores da teoria social.

Projeto e campo de possibilidades, categorias de Shultz (1970-1971) estudadas por Gilberto Velho (ibid.), no âmbito da ação social, são de suma relevância para esse estudo. Projeto é a conduta organizada para atingir finalidades específicas e campo de possibilidades é a dimensão sociocultural ou espaço para a formulação e realização de projetos (SHULTZ apud VELHO, 1999).

Para Velho (ibid.), na moderna sociedade, o projeto é construído com frequência dentro do âmbito familiar, delimitado pelo campo social e estruturado pela sociedade mais ampla. O indivíduo, porém, possui aspectos subjetivos de sua vivência que interferem na escolha desse projeto. O indivíduo está em constante negociação, convivendo com o campo de possibilidades em que está inserido, manifestando projetos, por vezes até antagônicos e contraditórios. Família e individualidade, bem como os demais atores envolvidos no projeto, estão em constante negociação.

[...] o projeto é um instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim, ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo (ibid., p. 103).

A noção de projeto está intimamente ligada à ideia de indivíduo (sujeito), pois, segundo Velho (ibid.), parte-se do pressuposto de que na configuração de seus projetos de vida, os indivíduos podem fazer escolhas, conscientes e racionais, dentro do campo de possibilidades. O projeto é sempre referido a um indivíduo-sujeito, mas existe na intersubjetividade e interação com outros atores.

O indivíduo permanentemente tem a possibilidade de reelaborar seu projeto, o qual pode ser objeto de conflito (tensões) e de periódicas revisões:

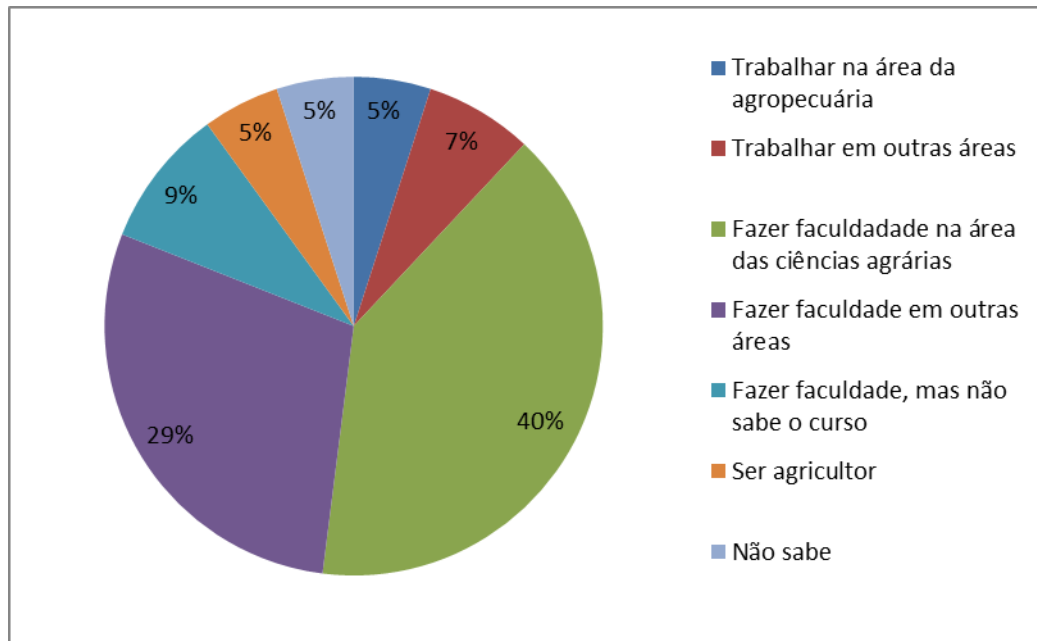
Sem dúvida, um sujeito pode ter mais de um projeto, mas, em princípio existe um principal ao qual estão subordinados os outros que o têm como referência. De forma aparentemente paradoxal em uma sociedade complexa e heterogênea, a multiplicidade de motivações e a própria fragmentação sócio-cultural ao mesmo tempo que produzem quase que uma necessidade de projetos, trazem a possibilidade de contradição e de conflito. Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados [...] (ibid., p. 104).

Esses conceitos serão utilizados como base para a compreensão dos projetos de vida dos jovens estudantes da EFAP e de seus campos de possibilidades, principalmente pensando na preparação oferecida pela escola. Em linhas gerais, as considerações trazidas até aqui, contribuirão para a compreensão das motivações dos estudantes, no âmbito da configuração de seus projetos individuais, profissionais, afetivos, etc. Assim, é objetivo desse capítulo, e da pesquisa em geral, compreender quais são as contribuições das famílias, da EFAP e da sociedade mais ampla para a formulação dessas escolhas individuais, ou seja, quais são os aspectos da vivência desses jovens, no âmbito familiar, escolar e social, que estruturam os projetos de vida desses sujeitos.

4.2. OS PROJETOS PROFISSIONAIS DOS JOVENS ESTUDANTES DA EFAP

Para efeitos de síntese e melhor compreensão dos projetos de vida dos jovens da EFAP, foi feita uma tentativa de categorização dos mesmos, que podem ser visualizados por meio do gráfico 28. Cabe ressaltar que esse esforço de síntese foi feito apenas para uma melhor visualização dos projetos e das frequências com que aparecem. Mas o fato é que tais projetos são, em sua maioria, muito mais complexos e as escolhas de um mesmo indivíduo podem conter uma infinidade de possibilidades e caminhos as serem percorridos antes de um projeto final ou um sonho maior, a ser realizado, por exemplo. Ou como já abordou Velho (ibid.), um mesmo sujeito, frequentemente, apresenta mais de um projeto, mas aqui foi feita a tentativa de mapear aquele considerado principal, ao qual estão subordinados os outros, para cada indivíduo. Sendo assim, o gráfico a seguir, de certa forma, é uma vulgarização dos dados, cuja riqueza mais bem apreciada por meio das narrativas dos casos, que prosseguem nesta seção.

Gráfico 28- Projetos profissionais dos estudantes da EFAP

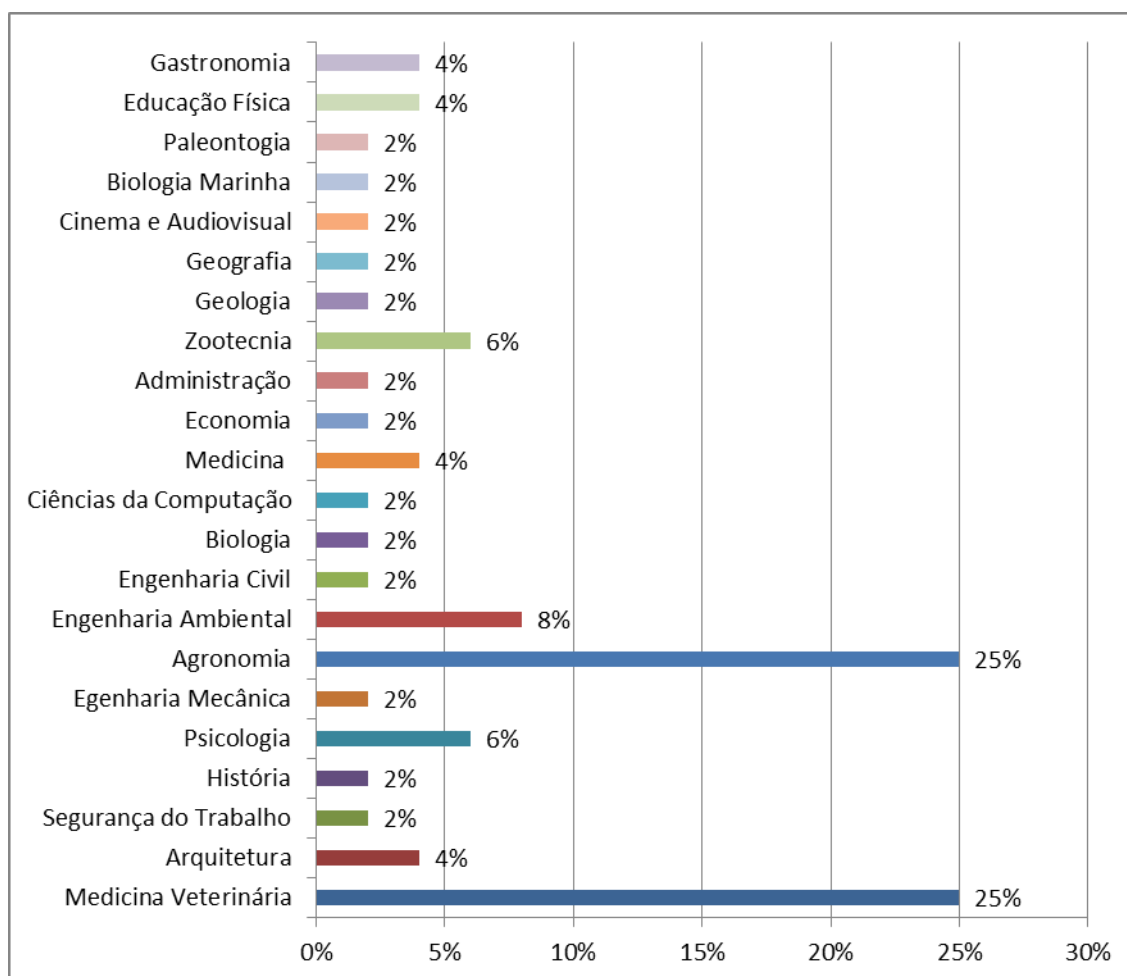


Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Em todo caso, não se pode negar o quanto é expressivo a porcentagem, de 80%, de estudantes, que têm a pretensão de fazer um curso superior, o que aproxima-se do que apontou Castro (op.cit., 2009b) acerca dos jovens rurais de movimentos sociais do campo estudados, cuja maioria tem buscado aumentar seu nível de escolarização. Isso, tanto no caso de Castro (ibid.), como na realidade específica dos estudantes da EFAP, guarda uma relação com o apoio familiar para que esses jovens continuem os estudos. A continuação dos estudos e ingresso no ensino superior é, portanto, um aspecto das escolhas desses jovens que envolvem as famílias. De certa forma, isso reflete uma ideia presente no imaginário brasileiro acerca da Universidade como meio para ascensão social e melhoria das condições de vida. Na visão de Bauman (2013), o diploma foi por muito tempo, o melhor investimento que os pais poderiam dar para os filhos. Esse discurso ecoa na visão dos próprios estudantes, como é possível perceber por meio do depoimento de Jean e Rafael: “Meus pais me incentivam bastante também a eu poder continuar estudando, pra mim não deixar passar essa oportunidade”(ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013); “meus pais [...] falam que eu tenho que estudar e conseguir alguma coisa boa na vida, porque na época deles eles não tiveram oportunidade de estudar e hoje nós estamos tendo essa oportunidade de mão beijada” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Por meio do gráfico 29, pode-se visualizar a diversidade de cursos superiores mencionados pelos jovens. Esse gráfico buscou medir a frequência em que tais cursos foram citados pelos estudantes como alternativa a ser cursada no âmbito das Universidades e faculdades. Aqui, mais uma vez, foram recorrentes os jovens que apontaram duas ou até três opções de graduação.

Gráfico 29- Cursos universitários citados pelos estudantes da EFAP



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Foram muito frequentes, ainda, os estudantes (40%) que descreveram seus desejos de fazerem cursos na área das ciências agrárias. Isso, possivelmente, pode ser um exemplo da relação direta do projeto ético-político da escola, que visa formar profissionais na área da agropecuária e que possam se voltar para a atuação no campo, com vistas no desenvolvimento rural. A motivação para tal escolha pode, dessa forma, guardar uma íntima relação com a proposta da EFAP, como aprofundaremos mais a frente.

Mas a escolha por ser estritamente um agricultor não foi revelada por muitos dos estudantes. Assim, a perspectiva de retorno para o campo na condição de agricultores, que não deixa de ser uma aposta da escola, não foi verificada na maioria dos projetos de vida dos estudantes. Como foi percebido em alguns discursos, o aspecto do projeto ético-político da escola, que tem como orientação a busca por melhores condições de vida no campo, não está presente no projeto dos jovens, tendo em vista a perpetuação da atividade agrícola em si. Isso não significa, como também será mais bem abordado adiante, que tais jovens não queiram habitar no meio rural ou contribuir com o desenvolvimento e valorização do mesmo. Ao contrário, como já foi dito, a maioria deles, tem significativa afetividade pelo campo e apontaram profissões que têm relação íntima com esse lugar.

De fato, é pouco expressiva, 5%, a quantidade de sujeitos que disseram que querem trabalhar diretamente na área agrária, sem cursar nenhuma faculdade. Esses compreendem, em linhas gerais, os jovens que apontaram que querem seguir a formação oferecida pela EFAP: o curso técnico em agropecuária. São casos em que o projeto ético-político da escola também está diretamente presente nas escolhas dos jovens. Mas pode significar, ainda, uma limitação material em continuar os estudos, ou seja, pode ser que fazer faculdade, caminho que já está tão cristalizado no imaginário social brasileiro, não esteja no campo de possibilidades desses jovens, que é delimitado pelo seu campo social. Ou, como pontua Dayrell (op.cit., 2007), o campo de possibilidades dos jovens brasileiros, principalmente os pertencentes às camadas populares, é constantemente delimitado pelo mundo do trabalho, marcado por altas taxas de desemprego, desassalariamento e por postos de trabalho precários, o que gera tensão entre a necessidade de sobrevivência desses indivíduos e seus projetos, ou seja, entre o que se pode e o que se deve e que se quer fazer. Para o autor, as escolhas profissionais dos jovens são permeadas por esses constrangimentos estruturais.

Isso, ainda, pode ser a motivação para os 7% que declararam que irão trabalhar em outras áreas que não a agropecuária, sem, necessariamente ter que fazer algum curso superior. Ao longo das narrativas que se seguem nas próximas seções, essa questão do estreitamento do campo de possibilidades dos jovens de baixa renda, poderá vir à tona, como pode-se verificar por meio da leitura de um dos jovens, no qual percebe-se a ressonância da abordagem de Dayrell (ibid.):

Eu to aqui porque é a melhor coisa que apareceu pra mim, porque eu sou filho de pobre, eu não aguento pagar uma coisa melhor. Eu falei não eu vou lá. Porque é a melhor coisa que eu posso fazer. É o que me apareceu. Quem aqui tem condição de pagar um curso caro? (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Os jovens que desejam fazer cursos superiores em outras áreas que não as agrárias representam 29% dos estudantes, entre os quais se buscará entender quais são suas motivações para a configuração dos seus projetos de vida. E os estudantes que não sabem o que querem fazer da vida são representados por uma porcentagem pouco relevante. Nesse âmbito foram incluídos os indivíduos que não manifestaram definições de projeto de vida. Muitos deles tinham muitas dúvidas, mas esse grupo específico é retratado pelos que não apresentaram interesse específico, em termos de escolhas para o futuro. Assim, surgiram relatos, tais como o de Augusto e Alexandre: “então, sei lá, só sei que eu vou formar. [...] Deixa a vida me levar, tem que relaxar, curtir o vento, é sério uê” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013); “ah eu to debaixo das nuvens. Não dá nada não. Precisa ter plano não” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Isto posto, será feita, em seguida, uma análise das narrativas acerca dos projetos de vida dos jovens no âmbito de cada categoria de projeto, conforme mapeado no gráfico 28: 1) aqueles que querem estudar na área das ciências agrárias; 2) os que querem trabalhar na área da agropecuária; 3) os que querem ser agricultores ou pecuaristas; 4) os que querem estudar em outras áreas do conhecimento, que não as agrárias; 5) e os que querem trabalhar em outras áreas. Cabe lembrar que, a título de preservação das identidades dos indivíduos, seus nomes foram substituídos por versões fictícias.

4.2.1. Narrativas dos projetos de vida dos jovens que querem estudar na área das ciências agrárias

Os jovens que apontaram querer estudar na área das ciências agrárias, como projeto de vida principal, formam um grupo extenso de estudantes que é composto por aqueles que desejam fazer cursos superiores de Zootecnia, Agronomia e Medicina Veterinária, somando 40% dos indivíduos. Infere-se que, o fato de a proposta da escola ser voltada para essa área justifica tamanha incidência, já que a própria escolha pela

EFAP e por um curso técnico já diz muito acerca das afinidades profissionais desses sujeitos. É relevante, ainda, a porcentagem de jovens que apontaram esses cursos mencionados como uma alternativa para cursar a faculdade: a Agronomia e a Medicina Veterinária foram citadas por 25% e a Zootecnia por 6% deles.

O estudante 1, do primeiro ano, que aqui será chamado de João, sonha em ser um veterinário. Ele, contudo, ao relatar os seus planos para o futuro, advertiu que não gostaria de trabalhar num grande centro e nem de ser um trabalhador braçal, na roça, como aparece em seu depoimento: “Meu plano para o futuro eu gostaria de ser veterinário. E, não gostaria, assim, de sair pra trabalhar em cidade grande. Não gostaria de ter um trabalho, assim, igual os outros falam, bater pasto, mexer em criação, assim, tirar leite” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). João relatou também que quer mexer com animal, ser veterinário ou zootecnista. Mas não quer mexer com trabalho pesado. Para tanto ele declarou querer morar na zona rural, pois gosta muito do campo, uma vez que nasceu e morou a vida inteira nesse meio. Inclusive sua mãe sempre o aconselhou a permanecer na roça. Para ele, mesmo que algum dia tenha que ir trabalhar na cidade, ele sempre vai querer ter uma casinha no campo, que é o que lhe faz feliz. João contou, enfim que a EFAP tem muita importância no sentido de estar contribuindo para a formação dele, oferecendo conhecimento na área.

Por meio do depoimento de João pode-se inferir que ele configurou o seu projeto de vida principal, o de ser um veterinário, levando em conta a sua própria história de vida, o seu campo social, intimamente ligado ao mundo rural. A família também foi apontada como referência no tocante à elaboração das escolhas de João. E pode-se perceber, ainda, que o perfil do projeto de vida dele também guarda afinidades com o projeto ético-político da EFAP, de contribuir para que jovem se volte para a valorização do meio rural e para o desenvolvimento do campo. Com vistas nas declarações desse estudante, percebe-se que ele tem muito clara a pretensão de ter o meio rural como um lugar de vida. O que é significativo em suas considerações, é que, apesar de ele querer permanecer no campo, ele não o vislumbra como um lugar de trabalho e nem a atividade agrícola como meio para a sua reprodução social, haja vista que são muitas as dificuldades encontradas nesse âmbito.

No caso da estudante 2, que também é do primeiro ano, aqui identificada como Thereza, ela também trouxe à tona que quer ser uma veterinária: “Meu plano é terminar o curso técnico, ingressar na faculdade para veterinária”(ENTREVISTA COM UMA

DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Seu sonho, ainda, é ser proprietária de um haras e morar no meio rural, pois gosta muito de animais e não gosta da zona urbana. Ela afirmou que o curso oferecido pela EFAP é muito importante para ela, pois vai de encontro ao seu projeto de vida, de ser uma veterinária. O conhecimento veiculado pela escola, portanto, tem sido de suma relevância para Thereza. Nos planos dessa estudante também foi verificada a incidência da proposta política-pedagógica da escola, que visa preparar os estudantes para serem profissionais voltados para o meio rural, ou até mesmo empreendedores rurais, como é o caso de Thereza e sua ideia de ter um haras.

Ainda nesse sentido, Rosa, que também é do primeiro ano, declarou que quer ser veterinária, mas antes quer terminar o curso de homeopatia da EFAP, com vistas a tornar-se uma profissional diferenciada, ou, com base nas palavras dela mesma, que não usa “remédios fortes”. Antes, ela queria ser paleontóloga, mas desistiu, pois descobriu que teria que ficar viajando e ela não quer se afastar da sua mãe. Ela também tem planos de continuar desenvolvendo um projeto com os adolescentes de sua comunidade, intitulado “Pequenos Grandes Agricultores”, que ela realiza com apoio da EFAP. Ela gosta muito de cozinhar e, por isso, pretende fazer um curso de culinária. Quando foi perguntada se ela quer morar na zona rural ou urbana, ela respondeu que queria ficar na zona rural, mas que vai mudar de município, morar em Teixeira-MG, para realizar o sonho da sua mãe. Em suma, ela quer sempre estar perto e ajudar a mãe.

Nos planos manifestados por Rosa, pode-se perceber a diversidade de projetos e uma multiplicidade de motivações, por vezes conflituosas e contraditórias. Um exemplo é que ao mesmo tempo em que ela desejou fazer paleontologia algum dia, ela também tinha os planos de permanecer perto da mãe, o que gerava incompatibilidade entre os dois desejos. Além disso, Rosa também se preocupa com o desenvolvimento local e valorização do meio, aspectos do projeto ético político da EFAP, quando enuncia o sonho de continuar realizando um projeto com os adolescentes de sua comunidade. A perspectiva de ser uma médica veterinária que trabalha com homeopatia, também é um indicador da relação do projeto de vida de Rosa com o projeto da escola. Outro aspecto que a estudante relevou em seu relato é a relação afetiva que ela tem com a própria mãe, o que pode ser um marcador da relevância da interação familiar no processo de configuração dos projetos de vida dos indivíduos (VELHO, op.cit., 1999).

Raul, estudante do segundo ano, informou que pretende terminar o curso técnico na EFAP e fazer o curso de agronomia ou Engenharia Ambiental. Seu sonho, contudo, além de ter um bom emprego e que ele goste de seu trabalho, além de casar e ter filhos.

Ele contou que quer morar no meio rural, pois na sua visão, na cidade há muitos problemas: bagunça, poluição, lixo, drogas, mortes e pessoas sendo muito maltratadas. Ele sonha com um mundo melhor do que esse. Ele apontou a EFA como muito importante para a concretização de seu projeto de vida e que tem muito apoio da família também. Seus planos profissionais são, portanto:

Olha na minha formação eu penso em tá, quando eu formar aqui, eu penso em tá cursando Agronomia e senão Engenharia Ambiental. Então, assim, pra mim isso já é um passo à frente. Porque as matérias técnicas que tem aqui, o que eu to aprendendo, matéria que eu nunca imaginava que tinha na vida, assim, eu descobri aqui. Então, assim, muita coisa também, assim, da EFA, por exemplo, tem a EJER, que é a Empresa Jovem Empreendedor Rural, Empresa Júnior. Isso é uma coisa que eu nunca pensei que eu poderia ter, encontrei aqui. Faço parte hoje e, assim, aproveito bastante, assim, aproveito as matérias aqui bastante que, o que eu preciso mesmo, assim, no meu modo de pensar, o que eu preciso pra tá seguindo alguma coisa na vida, tá aqui. Eu to aprendendo aqui. Então, assim, igualzinho eu to pensando em cursar agronomia ou engenharia ambiental. A minha primeira opção é agronomia, segunda engenharia ambiental. Então assim, o que vier pra mim [...] porque isso aqui está sendo essencial pra mim, meu modo de pensar é esse. Isso tá sendo essencial (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Por meio do discurso de Raul, mais uma vez é possível perceber as diretrizes políticas e pedagógicas da EFAP como referência para a construção de seus planos para o futuro. Isso porque, além da perspectiva de viver no campo e ser um profissional da área agrícola, o jovem também relatou que sonha com um mundo melhor, o que vai ao encontro do conteúdo veiculado pelo próprio PPP da escola, da formação de jovens que se envolvam na perspectiva de transformação da sociedade e do meio rural.

Passando para o caso de Mayara, uma estudante do terceiro ano, que mora na zona urbana, em um pequeno município, verificou-se que ela deseja fazer o curso de agronomia e posteriormente mestrado em Agroecologia. Segundo Mayara, ela também quer trabalhar na comunidade dela (na sua cidade), porque acha que tem o dever de trazer conhecimento para o lugar onde mora (ENTREVISTA COM UMA ESTUDANTE DA EFAP, 2013). Mayara informou que sonha em, depois que formar-se, ficar rica, casar, ter filhos e ter uma casa no meio rural. Ela quer morar no campo, pois acha que a vida na cidade é muito corrida e ela acredita se sentir bem e ter mais qualidade de vida no campo como pode-se perceber por meio de um trecho de sua entrevista

Eu quero morar no meio rural, mas não numa casinha assim, num lugar que não tem nem como sair de casa, que eu acho que a gente tem que morar na

zona rural, mas tem que ter condições de vida lá. Então eu quero uma casinha bonitinha, com acesso à informática, às tecnologias normais. Porque eu acho que não é só porque a pessoa mora no campo, que ela tem que se isolar do mundo [...] Eu acho que as pessoas não conseguem perceber isso e vê o campo como só fonte de trabalho, mas ele não é só fonte de trabalho. Ele, no campo a gente pode ter vida digna, e às vezes bem mais digna que na cidade, porque naquela correria, naquele estresse. E não é porque a gente vai morar no campo, que a gente tem que ficar isolado. A gente pode estar morando num lugar que tem mais fácil acesso (ENTREVISTA COM UMA ESTUDANTE DA EFAP).

As declarações de Mayara guardam uma ligação muito próxima com o projeto que a EFAP constrói com seus estudantes, baseado na Educação do Campo, e na defesa de que é possível que os jovens permaneçam no meio rural, em condições dignas de vida. No projeto de vida da estudante está presente, ainda, a perspectiva de valorização do meio rural e o retorno do conhecimento para as comunidades, que também é um aspecto do projeto ético-político da escola. Além de buscar uma graduação voltada para o meio rural, ela ainda mencionou os planos de se especializar em agroecologia, um dos pilares da prática agropecuária veiculada pela instituição em questão. Em suma, pode-se inferir que Mayara configurou seus planos referenciando-se em vários elementos contidos no projeto da EFAP, tais como: 1) ter o campo como meio de vida e trabalho; 2) a prática agrícola agroecológica; 3) o desenvolvimento rural sustentável e a valorização do meio. Ela mesma afirmou que tudo que ela aprendeu em relação à visão de que o campo pode ser um lugar pra se viver, foi com a EFAP. Dessa forma, a estudante também declarou que a escola tem muita importância no que tange à concretização de seus sonhos, tendo em vista o preparo técnico oferecido, além do preparo para a vida, vivenciado por meio da convivência escolar e com movimentos sociais.

Além disso, no discurso de Mayara evidenciam-se claramente aspectos da “nova ruralidade”, uma vez que a estudante declara que anseia viver num campo influenciado pela sociedade mais ampla, com acesso a tecnologias, a bens e serviços, e não em um campo isolado. Assim, é possível perceber essas múltiplas identificações na fala da estudante, que deseja ao mesmo tempo viver no meio rural sem ter que se desvincular do mundo moderno.

Para Giovanna, outra estudante do terceiro ano, a EFAP trouxe muita maturidade, além de oportunidades de emprego. A jovem avaliou, portanto, que a escola foi ótima e ela declarou estar saindo muito preparada para o mercado de trabalho. Ela tem como projeto de vida principal fazer o curso de agronomia. Porém, para conseguir

chegar até esse objetivo ela vai ter que trabalhar antes de estudar, pois seus pais não têm condições de manter seus estudos. Por isso, a jovem tem a pretensão de sair da escola e tornar-se monitora de outra EFA, emprego que já está garantido para ela.

Além disso, Giovanna quer colocar seu PPJ (Projeto Profissional Jovem), que é um dos instrumentos pedagógicos da EFAP, em prática na sua casa, que fica na cidade de Mariana-MG. Trata-se de um projeto de horticultura e ela informou que deseja gerar renda por meio dele. A estudante também quer trabalhar como técnica em agropecuária e se todo seu trajeto der certo, enfim, cursar Engenharia Agrônoma. Ela disse que aprendeu a gostar de tudo isso por meio da escola, o que, inclusive, motivou-a a querer morar no meio rural: “antes de eu entrar na EFA, ih! Eu queria ir embora! Roça pra mim: ‘ah não quero ficar na roça não, quero ir pra cidade’. Agora só Deus me tira da roça, mais nada” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Ela, afirmou, ainda, que quer casar, ter filhos, uma família sólida e uma casa.

Mais uma vez pode-se vislumbrar a EFAP como referência para a elaboração dos planos de Giovanna, haja vista que foi a instituição que a motivou a voltar-se para uma atuação no meio rural. A própria afinidade com o campo surgiu por meio da formação da escola. E, além disso, um dos projetos pessoais dela foi construído por meio de um instrumento pedagógico da escola. Nos projetos de vida de Giovanna, verifica-se, portanto, com muita clareza, a ressonância do projeto ético-político da EFAP. Outra questão percebida, no caso específico da estudante, foi a delimitação de seu campo de possibilidades, por sua condição material e financeira. Assim, como abordou Dayrell (op.cit., 2007) em relação aos jovens brasileiros provenientes de camadas populares, Giovanna vai ter que traçar um longo percurso, a distância entre o que se pode e o que se quer fazer, para chegar ao seu sonho de ser agrônoma.

No caso de Maurício, um jovem do terceiro ano, seu projeto de vida relatado em entrevista, foi o seguinte:

[...] eu pretendo sair daqui, trabalhar aí, ganhar experiência no mercado de trabalho, uns dois ou três anos. Eu ainda to novo, eu tenho 20 anos, mas eu não considero que eu sou velho. Então eu acho que eu vou fazer uma faculdade. [...] Eu pretendo fazer medicina veterinária. Esse é o meu plano, o meu projeto profissional.

Maurício deseja, portanto, trabalhar como técnico em agropecuária por alguns anos e, posteriormente, realizar o seu sonho de tornar-se um veterinário. Ele advertiu que, durante essa primeira fase, ela pode descobrir que gosta de agronomia e mudar de

ideia, em relação à faculdade que deseja cursar. Ele também tem o projeto de construir uma família, baseada na que seu pai tem, pois só assim se sentirá realizado. O estudante teve dúvida quando foi perguntado se ele desejava viver no meio rural ou urbano, pois ele é apaixonado pelos dois lugares. Ele resolveu o impasse afirmando que deseja morar na cidade, numa casa perto do trabalho e ter outra casa na roça, para passar os fins de semana e relaxar, curtir a paz e o silêncio. Para ele, por fim, a EFAP foi muito importante, inclusive para que ele pudesse fazer essas reflexões em relação ao futuro. É na escola que ele está fundamentando seus princípios e vontades: “No caso, se fosse uma construção, a EFA seria a base da minha construção, dos meus planos” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Em sua avaliação, a escola o preparou em termos de conhecimento, de formação para encontrar um bom emprego e, conseqüentemente, para a execução dos seus planos.

O caso de Maurício é mais um exemplo de jovem que tem na EFAP a base para a construção de seu projeto de vida, uma vez que ele pretende seguir a formação de técnico em agropecuária, oferecida pela escola, e, ainda, sonha em se graduar na área das ciências agrárias. Esse aspecto do projeto coletivo da EFAP, de formação de profissionais voltados para o meio rural, pode, então, ser notado nos planos de Maurício. Por outro lado, o estudante também tem como referência aspectos da sociedade mais ampla ao construir seu projeto, visto que ele quer habitar a cidade, um lugar em que, na visão do estudante, se tem mais acesso à informação, à internet, à telefonia móvel e fixa. Maurício é um jovem nascido e criado na zona rural, que declarou reconhecer a importância dos jovens rurais, pois eles é que vão dar continuidade às atividades dos agricultores, mas que quer ir morar no meio urbano, sem ter que, necessariamente, perder o contato com o campo. Pode-se inferir, por meio do depoimento desse jovem, que ele vivencia a dupla dinâmica social, aspecto da “nova ruralidade” abordado por Carneiro (op.cit., 1998) e Wanderley (op.cit., 2007), uma vez que seu projeto de vida é afetado tanto pela cultura global quanto pela local, o que o leva a querer migrar para a cidade, sem negar seu local de origem.

Cezar, do terceiro ano, assim como Giovanna, pretende sair da EFAP como monitor de outra EFA da região, um emprego que já está confirmado. Seu sonho, contudo, é cursar Zootecnia, Medicina Veterinária ou Geologia, numa Universidade. Antes disso, ele tem como projeto fazer o curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo, na UFV. Quando ele era mais novo ele sempre quis fazer o curso de Educação Física, o que também não perdeu de vista. Outro sonho que sempre teve

foi o de adquirir um pedaço de terra para os seus pais morarem e viverem bem. Ele não tem vontade de morar no meio urbano, pois já é muito acostumado com o meio rural. Assim, relatou:

Até o meu pai um dia, eu ouvi uma frase assim que me emocionou bastante, na televisão. Que, sobre, lapidar um diamante. Aí ele virou pra mim e falou que é o que a EFA está fazendo com a gente, comigo e com o meu irmão, nos lapidando (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Para Cezar, a EFAP o está “lapidando”, tornando-o uma pessoa melhor e mais capaz. Assim, a escola tem muita importância para ele, pois foi por meio dela que ele aprendeu a maioria das coisas que sabe, ao exemplo de seu envolvimento social e com movimentos sociais e das próprias escolhas profissionais que fez. Em suas próprias palavras: “[...] a partir de que eu pisei aqui dentro, mudou completamente o meu modo de pensar” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Alguns aspectos do projeto ético-político da EFAP podem ser verificados nas escolhas de Cezar. Assim, pode-se afirmar que esse jovem formulou seus planos para o futuro tendo como referência a escola, que faz parte de seu campo social. Em seu projeto verificam-se: a formação profissional para o meio rural, o envolvimento social e com movimentos sociais, e o desejo de permanecer no campo. A própria escolha em cursar o uma Licenciatura em Educação do Campo, reflete sua preocupação em valorizar os processos sociais do meio rural.

Por fim, Álvaro, estudante matriculado no terceiro ano, também discorreu sobre seu projeto de vida, em entrevista:

Pretendo fazer agronomia. Meu principal objetivo como profissional é ser Engenheiro Agrônomo. Depois tudo fica mais fácil e aí eu penso em montar uma loja, casa agropecuária, e a corretora, junto com assistência técnica. Casar e ter filhos lá pelos 30 anos. Fazer a minha vida primeiro, e depois pensar em casar, quando eu tiver condições de sustentar uma casa, fazer as despesas (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Álvaro pretende, então, além de ser um engenheiro agrônomo, ser um micro empreendedor, visto que tem o objetivo de abrir uma loja de produtos agrícolas e assistência técnica e uma corretora de café, projeto que foi apresentado por um coletivo de estudantes da EFAP no âmbito do PPJ dos mesmos. Ele contou, ainda, que não sonha em ser rico, quer apenas viver bem. Junto com o pai, ele sonha em comprar um sítio e “ter uma vaquinhas, umas galinhas, uns porquinhos. Pra eu mesmo ter controle do que

eu produzo, do que eu como, vivendo tranquilamente” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Quando foi perguntado se seus pais apoiam seu projeto de vida, esse jovem respondeu que sim e que seu pai está dentro do seu projeto de vida, pois eles vão montar um sítio juntos e ele também seria um sócio da sua loja de produtos agropecuários. Nesse caso vemos mais uma vez o projeto de vida sendo construído em interação com a família.

Para o estudante, a EFAP foi muito importante, pois o ajudou a montar seu currículo e abriu portas de emprego para ele, em uma cooperativa de café e em outra EFA. Apesar disso, na visão de Álvaro, a escola deixa a desejar, pois às vezes enfrentam dificuldades como: a falta de professores; e o ensino, que em algumas matérias é muito fraco. Inclusive, ele faz aulas de reforço à parte. Para Álvaro, na escola o estudante tem que correr atrás por si só, o que contribui com o crescimento profissional e pessoal:

A gente tem que dar nossos próprios pulos, ser independente. A gente tem que correr atrás. Quem faz as coisas somos nós [...] Apesar da dificuldade muito grande aqui dentro em relação à estrutura e às vezes a falta de apoio dos monitores, a escola é muito importante. Acho que a principal metodologia de ensinamento da EFA é ser independente, porque aqui temos que correr atrás dos nossos próprios objetivos sem depender de ninguém. Esse é o crescimento pessoal. Profissionalmente foi através da pedagogia da escola que eu consegui o pequeno conhecimento que tenho para entrar no mercado de trabalho. Consegui estágios,... Aqui não é tudo negativo. Aqui a gente pode ir pra guerra que a gente já está preparado. Na verdade mesmo, na escola a gente não aprende nada. A gente vai aprender mesmo na prática, quando a gente for trabalhar (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

No projeto de vida de Álvaro, mais uma vez, é possível apontar elementos que dizem respeito às diretrizes político-pedagógicas, ou seja, é possível inferir que Álvaro configurou seu projeto tendo como referência o projeto ético político da EFAP, que visa à formação profissional dos estudantes, com vistas na sua inserção no mercado de trabalho, ou seja, formar indivíduos que atuem como técnicos em agropecuária ou em negócios próprios. E esse é o caso de Álvaro, que deseja abrir uma casa agropecuária e trabalhar prestando assessoria técnica. O estudante apontou, ainda, que a EFAP lhe proporcionou uma formação pessoal, o que também é um aspecto do projeto da instituição. Além disso, o próprio desejo de comprar um sítio e viver no campo é um indicador de que esse jovem vislumbra o meio rural como lugar para se viver com

qualidade, o que é um dos discursos mais presentes na proposta política-pedagógica da instituição.

O que, de certa forma, destoa da proposta política da escola, é o projeto da Corretora de Café, que foi construído como PPJ, por um grupo de estudantes da escola. Ao que parece esse projeto busca trabalhar com a produção de café nos moldes agrícolas convencionais o que se distancia da proposta da prática agrícola agroecológica, que é um dos pilares do projeto ético-político da EFAP.

Em suma, essa seção buscou trazer à tona as narrativas dos estudantes que têm como projeto de vida, principalmente, realizar um curso de graduação na área de conhecimento das ciências agrárias, grupo que é majoritário entre os jovens da escola. Em linhas gerais, percebeu-se que os aspectos do projeto ético-político e coletivo da EFAP foram constantemente utilizados por esse coletivo de jovens, aqui representados por alguns casos, para referenciar a elaboração de suas escolhas individuais. Da mesma forma, notou-se, em algumas situações, a “nova ruralidade” refletida nas escolhas dos sujeitos entrevistados.

4.2.2. Narrativas dos projetos de vida dos jovens que querem trabalhar na área agropecuária

Nesta seção serão abordadas as narrativas dos sujeitos que destacaram como projeto de vida principal trabalhar na área da agropecuária, sem fazer nenhum curso superior, posteriormente. Esse grupo é mais reduzido, pois representa apenas 5% dos estudantes. Ele diferencia-se de alguns casos já relatados, de estudantes que têm a pretensão de exercer a profissão oferecida pela escola, mas que também vêm o ensino superior como norte. Aqui, será abordado, portanto, acerca dos jovens que buscam ser técnicos em agropecuária.

Antônio, estudante do segundo ano, deseja, depois que ele formar, procurar um emprego: “Primeiramente caçar um emprego, onde que tiver um eu tô colado lá” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Mas sua preferência é pelo trabalho como técnico em agropecuária. Caso ele não encontre, vai procurar outro tipo de serviço ou buscar uma faculdade, para graduar-se em outra área. Por enquanto ele não tem nenhum sonho, pois, na visão do estudante, ainda tem muita coisa para ocorrer em sua vida ou, em suas próprias palavras: “tem muita água pra

correr debaixo da ponte ainda” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Se tiver jeito, ele pretende morar no meio rural, por ser mais pacífico, ter menos trânsito e barulho e ar puro. Antônio declarou, enfim, que o conteúdo técnico e metodológico da EFAP é apenas razoavelmente importante para a sua formação, pois está sendo fraco e precisa melhorar.

É perceptível no projeto de vida de Antônio, o objetivo da EFAP de formação profissional dos indivíduos na área técnica em agropecuária. O princípio da EFAP de contribuir para que os jovens criem condições de permanecer no meio rural também está presente nos planos que o referido estudante buscou elaborar para sua vida, haja vista que ele pretende morar no campo, caso seja possível.

Já o projeto de vida profissional de Patrick, que também é do segundo ano, é trabalhar como técnico em agropecuária. Segundo ele, uma possibilidade é trabalhar na EMATER, próximo à sua casa. Um sonho manifestado por ele é poder trabalhar na polícia ambiental e fazer um curso de legislação ambiental, mas isso é em longo prazo. Ele pretende casar e ter filhos, pois gosta muito de crianças. Como pretende trabalhar na EMATER, está pensando em ir morar na cidade. A EFA é muito importante para a concretização dos seus sonhos, pois, por meio dela, ele pode aprender sobre as leis ambientais e sobre a área da agricultura, que contribuirão em seus objetivos de ser, respectivamente, polícia ambiental e técnico em agropecuária. Mas, segundo Patrick o conhecimento veiculado pelos técnicos da EFAP é limitado e eles deveriam saber mais para poder passar mais conhecimento para os estudantes.

Ao contrário de Antônio, Patrick não tem planos de morar no meio rural, apesar de querer seguir a formação para a qual a EFAP busca prepará-los. O que sobressai da narrativa de Antônio é a sua motivação em relação ao cuidado com o meio ambiente, que verifica-se por meio de seu desejo de fazer parte da polícia ambiental. Nesse âmbito, seu projeto individual aproxima-se do projeto ético-político da EFAP, que leva em conta a perspectiva da valorização e proteção da natureza.

O estudante Rafael, matriculado no segundo ano, tem planos “de ser um bom técnico em agropecuária e conseguir boas coisas na vida”. Para isso, ele acredita que tenha que ir para a cidade. Mas sonha também em poder voltar para o meio rural, para fazer a sua vida e formar uma família. Além de exercer o técnico em agropecuária, Rafael sonha, portanto, em posteriormente poder ser um agricultor, pois viveu a vida inteira no campo e tem o domínio do manejo da atividade agrícola. A EFA vai ter uma importância razoável na sua vida uma vez que ele pretende continuar na agricultura.

É perceptível no depoimento de Rafael a necessidade que ele vislumbra de ter de migrar para o meio urbano, em busca de melhores condições de trabalho, ou seja, o problema social da migração do jovem rural, que, segundo Castro (op.cit., 2009a; 2009b) está muito presente nas abordagens sobre juventude rural. A questão da limitação do seu campo de possibilidades pelas questões financeiras e a ambiguidade aparece no que esse jovem quer fazer – que é viver no meio rural, enquanto agricultor – e o que ele pode fazer – que é ir para cidade tentar exercer sua profissão de técnico em agropecuária. O caso de Rafael poderia, também, estar inserido na próxima seção, que tratará dos jovens que sonham em ser agricultor ou pecuarista, uma vez que ele planeja ser técnico, mas também sonha em poder viver no campo e da atividade agrícola. A perspectiva de poder fazer do meio rural um meio de vida e trabalho, que faz parte das diretrizes da escola, está presente nas escolhas individuais que esse jovem faz para sua vida.

Em linhas gerais, os casos de projetos de vida apresentados aqui parecem ter como referência aspectos da proposta da EFAP, tais como a formação profissional na área técnica em agropecuária e o retorno do conhecimento para ao meio rural, com vistas no seu desenvolvimento e a perspectiva de poder viver no campo. Esses indivíduos fazem parte do universo de cerca de 15% de estudantes que não manifestaram o sonho de entrar numa Universidade ou faculdade. Não há como inferir, precisamente, qual o motivo dessa escolha, seja por de afinidade ou não, ou pelo fato de o campo de possibilidades deles serem delimitados por sua realidade material ou por outras questões. O que gera unidade no presente conjunto de jovens é que eles concordam em relação ao fato de que a EFAP tem oferecido um conteúdo limitado, em termos técnicos, assunto esse que será mais bem abordado adiante, na seção que tratará acerca do campo de possibilidades para o qual a escola está preparando os seus estudantes.

4.2.3. Narrativas dos projetos de vida dos jovens que querem ser agricultores ou pecuaristas.

O objetivo da presente seção é abordar as narrativas dos projetos de vida dos jovens que vislumbram ser agricultores, ou pecuaristas. Esse grupo é representado por

5% dos jovens, que percebem o meio rural como meio de vida e trabalho, o que é um aspecto muito relevante do projeto ético-político da EFAP.

Bernardo, estudante do terceiro ano, declarou que tem como prioridade ficar no distrito em que mora, que fica no meio rural. Ele não tem vontade de sair de lá. Bernardo queria permanecer no campo, trabalhando no curral, mexendo com bois, etc... Mas seus familiares não apoiam essa vontade dele. Eles apoiam o rapaz a estudar, e não a ficar na zona rural. No próprio depoimento de Bernardo é possível perceber a influência da família no processo de configuração de seu projeto de vida: “Aí eu não sei se eu vou sair, vou estudar e vou voltar ou se eu vou ficar lá direto. Mas eu acho que a minha tia não vai me deixar ficar lá direto não. Eu vou ter que estudar mesmo. Vai ter outro jeito não” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Caso fosse estudar, ele faria Engenharia Agrônoma ou Medicina Veterinária. Mas seu sonho mesmo é permanecer no campo, pois ele tem mais afinidade, e comprar uma fazenda para ele. Seu projeto principal, portanto, é ser fazendeiro e mexer com animais. Para Bernardo, ainda, a EFAP tem tudo a ver com os planos que ele está fazendo para o futuro e, por isso, o conhecimento que ele adquiriu vai ser de suma importância para poder alcançá-los.

Entre os demais estudantes, Bernardo apresentou um depoimento peculiar, pois, ao contrário do que se verificou, ele preferia não estudar e tornar-se um fazendeiro, ou seja, permanecer no campo na condição de pecuarista, sendo o meio rural, dessa forma, um meio de trabalho e vida. A perspectiva do projeto ético-político da EFAP, de proporcionar que jovens permaneçam no campo sem ter que migrar em busca de melhores condições de vida, pode ser verificada nos planos de Bernardo, que é um exemplo da aproximação entre as dimensões coletiva e individual do projeto da escola e dos estudantes. Mais uma vez também é significativa a interação com a família no que tange o processo de formulação das escolhas dos indivíduos. Nesse caso, a ela parece ser crucial no sentido de não deixar que Bernardo pare de estudar. Bernardo admitiu concordar com os familiares, uma vez que para atingir seu sonho maior, de ser fazendeiro, ele terá que estudar e trabalhar primeiro, para poder adquirir a sua propriedade.

O projeto de Marcelo é ser agricultor e mexer com criações. Assim como Bernardo, ele tem a Universidade como segundo plano. Se ele não conseguir ser agricultor ele vai tentar fazer um curso universitário de arquitetura. Mas ele declarou que quer, sobretudo, ser pecuarista. Outra profissão que ele disse que exerceria também

é a de engenheiro civil, o que acredita ser muito difícil, pois ele não se acha muito bom em matemática. Seus planos são, ainda, morar no meio rural, que é mais tranquilo. Para finalizar, Marcelo afirmou que a EFAP tem importância razoável em sua vida, pois o curso técnico é bom e, muitas vezes, têm pessoas que já saem da escola com emprego garantido. Além disso, a EFAP proporciona aos estudantes uma reflexão acerca do que eles querem ser na vida.

Pode-se dizer que há no discurso de Marcelo a ressonância de aspectos da proposta política pedagógica da EFAP e do movimento da Educação do Campo, que busca a formação de indivíduos que se voltem para o meio rural, também na condição de agricultores ou pecuaristas. No caso do referido estudante, nota-se que ele tem essa pretensão, de viver no campo e gerar sua própria sobrevivência por meio da atividade pecuária.

Outro depoimento relevante, nesse sentido, é o de Otávio, estudante do segundo ano, que informou que também tem como projeto de vida ser agricultor:

[...] eu comecei a pensar que eu to afim, que eu tenho um terreno lá. Aí ele ta meio que tipo abandonado. Aí eu to a fim de plantar arvores frutíferas como citrus, laranja, mexerica. Plantar uns pés de jabuticaba também, coco. [...] Um pomar gigante (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Para isso ele advertiu que ainda precisa angariar fundos, a fim de investir na iniciativa. Depois que ele fizer isso, ele ainda tem que plantar e mexer no terreno. E aí ficaria mais fácil, porque é só cuidar: “Depois disso é só questão de adubar, tirar ervas, essas coisas, só coisa mais simples”. Essa iniciativa tem a ver com o que Otávio aprendeu na EFAP, pois ele declarou que vai tentar plantar tudo orgânico. Paralelamente a isso, ele também pode ter outro trabalho. Seu plano é, no futuro, poder morar no meio rural, onde, na sua visão, se tem uma vida mais tranquila e saudável. Mas acredita que antes disso terá que passar pela cidade, como pode-se ver em suas próprias palavras:

Minha vontade é de ficar no meio rural, mas primeiro eu vou ter que passar pela vida urbana um bocado, pra eu, não sei às vezes eu vou conseguir um emprego melhor na zona urbana. Então eu vou morar lá uns tempos. Mas eu não tenho vontade. (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Além dos planos profissionais, Otávio tem vontade de casar e formar uma família. Para finalizar, Otávio declarou que a EFAP é muito importante para o seu

projeto de vida, pois foi ela que mais o incentivou a isso. Ele informou também que aprendeu muito como técnico na escola, que o está preparando bem. Inclusive, foi por meio da EFAP que ele conseguiu um estágio na EPAMIG.

No caso específico de Otávio, pode-se notar tanto a proximidade com os aspectos do projeto ético-político da EFAP, como as abordagens sobre migração juvenil, uma vez que o mesmo advertiu que talvez tenha que migrar para a cidade, em busca de melhores condições de trabalho. A formação de profissionais voltados para o meio rural e que venham atuar de maneira sustentável, também é um elemento do discurso político da EFAP presente nas escolhas individuais desse jovem, pelo fato de ele vislumbrar a produção orgânica. É possível afirmar com clareza, por fim, que Otávio referenciou-se no projeto da escola, construído no âmbito coletivo, para formular seu projeto individual. O próprio estudante afirmou que tem na EFAP uma apoiadora dos seus objetivos. O campo social, representado pela escola, está muito visível na delimitação dos planos de Otávio.

Em suma, os jovens reunidos aqui, têm como projeto profissional serem agricultores ou pecuaristas, ou seja, a prioridade deles seria morar no meio rural e viver da atividade agrícola ou pecuária. Em todo caso, alguns manifestaram que vão ter que ir para cidade primeiro, ou para estudar ou para trabalhar, para conseguirem se manter no campo. Esse grupo, portanto, não dialoga com as abordagens de juventude que descrevem o jovem rural como um sujeito desinteressado pelo campo. Ao contrário disso, eles manifestaram significativa afinidade com o meio rural e a possibilidade de migração campo-cidade só aparece em razão da necessidade, em termos de acesso ao trabalho. Isso pode guardar proximidade com o projeto ético político da EFAP e sua defesa de que é possível se manter no meio rural e viver da atividade agrícola. Contudo, o rural descrito por esses estudantes é perpassado pela diversificação econômica, visto que eles também admitiram a possibilidade de ter outro emprego paralelamente aos planos de serem agricultores ou pecuaristas, o que vai ao encontro da “nova ruralidade” que se configura no campo, que cada vez mais se integra a outros setores, perdendo seu caráter estritamente agrícola (WANDERLEY, op.cit, 2000).

4.2.4. Narrativas dos projetos de vida dos jovens que querem estudar em outras áreas do conhecimento, que não as agrárias

Nessa seção foram reunidas as narrativas dos projetos de vida dos jovens que declararam que desejam seguir formações universitárias de outras áreas do conhecimento acadêmico, que não às ciências agrárias. Esse grupo é composto por um número expressivo de estudantes, que somam 29% dos mesmos, e, além disso, apresenta uma pluralidade de escolhas para o futuro, muitas das quais não se aproximam da formação profissional oferecida pela EFAP. Vários cursos universitários foram citados pelos estudantes nesse âmbito, tais como Engenharia Ambiental, Psicologia, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, História, Geografia, Gastronomia, Educação Física, Paleontologia, Cinema, Biologia, Biologia Marinha, Geologia, Administração, Economia, Medicina, Ciências da Computação, Arquitetura e o tecnólogo em Segurança do Trabalho.

Fábio, estudante do primeiro ano, participa muito da Igreja e tem o sonho de ser padre. Além disso, ele quer fazer história ou psicologia, num futuro mais longo. Por hora, ele declarou querer exercer o curso técnico em agropecuária, na área ou de bovino ou de piscicultura, e montar isso na propriedade do pai dele. Ele tem planos de ajudar crianças de 0 a 15 anos. E gostaria, ainda, de poder morar numa cidade pequena e não perder o vínculo com o meio rural e nem com o urbano, conciliar as duas coisas, pois, na própria visão dele:

[...] eu acho que há toda uma cultura [...] na zona rural, há uma questão de vivência mesmo, que é um ar mais puro, é uma coisa assim mais ampla. E há a questão das informações que eu tenho mais acesso na zona urbana. Se bem que hoje na zona rural tem muita informação também [...]. Então eu não optaria nem por um e nem por outro. Gostaria da cidade pequena para conciliar essas duas coisas. (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013)

Para o projeto de vida de Fábio no curto prazo, ele avaliou que a EFAP tem grande influência e importância, em termos técnicos. Mas para seu projeto principal, a escola teria pouca importância, como pode-se verificar por meio de suas próprias palavras:

No contexto a curto prazo, que seria o técnico em agropecuária e a piscicultura com a bovinocultura de corte, acho que por ter o técnico em agropecuária e tudo, eu acho que a EFA tem grande influência, então seria

muito importante. Agora já para a formação a longo prazo que é padre, história e psicologia eu acho que a EFA teria pouca importância. O que eu levaria é o convívio, aprender a conviver socialmente, a ver como que é a sociedade e tudo. Mas de uma formação assim, mais de preparar assim, preparar mesmo, eu não conseguiria levar pelo fato que as coisas que eu sei que eu vou estudar não tem muito a ver com o técnico em agropecuária e nem nada. (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Verificou-se por meio do depoimento de Fábio que ele não configurou seu projeto de vida tendo como referência o projeto ético-político da EFAP de formar sujeitos que vão viver ou atuar no campo, contribuindo para o desenvolvimento rural. Como ele mesmo declarou, seus planos principais não tem muito a ver com a preparação oferecida pela escola. Possivelmente esse jovem se referenciou mais pela igreja, que é parte do seu campo social, para elaborar o seu sonho. Contudo, é possível perceber que o discurso da escola de valorização da dos saberes e da cultura no campo é percebido no projeto de vida de Fábio, com vistas na sua vontade de permanecer numa cidade pequena, onde ele vai poder ter certo contato com tais questões. Da mesma forma, esse jovem quer ter acesso às tecnologias e às facilidades do meio urbano. Pode-se inferir, portanto, que ele configurou seu projeto, influenciado pela dupla dinâmica – da cultura mais ampla e da cultura tradicional camponesa – que atinge, segundo Carneiro (op.cit., 2003) e Wanderley (op.cit., 2000), os jovens rurais atuais.

Patrícia informou que tem muitos sonhos. Entre eles, ela destaca a sua vontade de estudar numa Universidade e cursar Engenharia ambiental. Além disso, ela tem o projeto de aprender outra língua, o inglês ou o espanhol. Ela também declarou que quer ser independente e formar sua própria família. Ela acredita que tenha que morar na zona urbana para fazer um curso superior. Mas logo que ela acabar, seu plano é morar no meio rural e comprar uma fazenda, pois, para ela, no campo se tem mais liberdade, além de ser possível construir outras coisas, além da casa. Seus pais apoiam o seu projeto de vida, mas sempre advertem que não é tão fácil realizar os sonhos: “Eles apoiam bastante e eles me mostram realmente como é a vida, não é tudo fácil, você não vai ter tudo na mão” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Para Patrícia, a escola a possibilitou conhecer muitas coisas diferentes e, com isso, ela adquiriu muito conhecimento, tanto para a vida profissional quanto pessoal. As atividades fora da escola, como as viagens, por exemplo, também contribuíram muito para esse processo, segundo a estudante. A EFAP foi considerada muito importante para a concretização do projeto de Patrícia:

Assim, ela tem muita importância porque essa escolha, esse projeto de vida, eu falo a verdade, quando eu estudei em escola do governo, vamos dizer assim, eu não tinha um projeto de vida. Eu achava que eu ia formar no terceiro ano e, vamos dizer, virar uma Zé Ninguém. Porque eu não tinha um projeto de vida. Eu não tinha uma coisa que me influenciava a ter um projeto de vida. Quando eu entrei aqui na escola que eu tive esse projeto de vida, eu uni as coisas que eu gostava: [...] eu acho que foi uma junção com alguma coisa que tem aqui na escola com essa coisa de gostar do meio rural. E é bastante legal. E foi a escola que me influenciou bastante nesse projeto de vida meu. Foi porque, sei lá, eu nunca pensei em engenharia ambiental (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

No sonho de Patrícia é possível perceber a ressonância de aspectos do projeto ético-político da EFAP, haja vista que essa jovem tem vontade de fazer o curso de Engenharia ambiental, o que vai ao encontro das perspectivas da sustentabilidade e da preservação da natureza, defendidas pela instituição. Fica muito claro, por meio do depoimento da estudante, que ela elaborou seu projeto vida tendo como referência a experiência vivenciada na EFAP. Mesmo com a perspectiva de ter que migrar para estudar, ela deseja se firmar no meio rural, aspecto que também é fundamental na proposta da escola, que visa contribuir para que os jovens contribuam para o Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário e possam criar condições de permanecer no campo. O seu desejo de aprender inglês ou espanhol, contudo, pode ter relação com a influência de aspectos da cultura mais ampla.

Cauã, estudante matriculado no segundo ano, também, como Patrícia, pretende, desde pequeno, cursar Engenharia Ambiental. Segundo ele, a EFAP tem muita importância nesse sentido, pois foi a partir da escola que ele começou a ter mais noção acerca de suas expectativas acadêmicas e, mais precisamente, sobre o curso de Engenharia ambiental. As matérias técnicas oferecidas pela escola foram muito favoráveis para a sua escolha e para o conhecimento adquirido: “[...] quando eu vim pra cá eu não sabia nada ‘desses trem’, eu não sabia nem capinar. Não sabia fazer nada. Agora graças a Deus eu já sei fazer esses trem tudo” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP).

Outra contribuição da EFAP, mencionada por Cauã, foi o fato de os jovens conhecerem, por meio das viagens e atividades oferecidas pela instituição, uma diversidade de experiências da realidade social, para além dos muros da escola. Sendo assim, ele informou que se sente muito preparado para realizar o seu projeto individual. Seus planos consistem, ainda, em viver no meio urbano, onde a vida é mais fácil em termos de trabalho e emprego. Mas ele quer poder voltar a morar no meio rural, um lugar pelo qual tem mais afinidade devido ao contato com a terra, ao ar puro... Na visão

dele, na cidade há muita poluição e o trânsito é muito intenso, o que são elementos que não lhe agradam.

Os planos para o futuro manifestados por Cauã, semelhantes ao de Patrícia, têm relação com a proposta política-pedagógica da escola, a qual defende o respeito ao meio ambiente por meio de práticas agropecuárias sustentáveis. Esse aspecto tem relação intrínseca com a escolha de Cauã, por ser um Engenheiro Ambiental, segundo ele mesmo mencionou. A necessidade de migração campo-cidade também foi verificada no projeto de vida desse jovem, o qual também declarou que terá que ir pra cidade para ter acesso a melhores condições de trabalho e emprego. Ao contrário do que a maioria das abordagens sobre migração aponta, ele não quer migrar por desinteresse pelo campo, pois ele deseja retornar ao meio rural, lugar pelo qual guarda muito afinidade, o que também pode ser reflexo do projeto ético-político da EFAP.

Já Joana, estudante do segundo ano, apresentou uma diversidade de projetos de vida. Ela já quis ser professora de matemática, mas desistiu por ter encontrado dificuldades com a matéria. Ela também declarou que pensa em cursar gastronomia, mas para isso ela teria que ir para o Rio de Janeiro, o que também não está disposta a fazer por agora, quem sabe no futuro. Sendo assim, atualmente tem dúvida entre os cursos de Educação Física, administração, geografia, artes plásticas,... Enfim, Joana demonstrou ter dúvidas, mas de uma coisa ela tem certeza: “[...] eu quero estudar. Quero ser doutora. Do que eu for pegar pra fazer, eu quero ser doutora. Eu quero fazer doutorado” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Seu maior sonho é ser feliz na profissão que ela escolher, ser bem recompensada e poder proporcionar uma vida boa para a sua mãe. Ela acredita que terá que viver na zona urbana no começo de sua vida, mas deseja comprar um sítio, quando for mais velha. Para ela, a zona urbana é muito agitada e no meio rural você pode descansar melhor, ouvir o canto dos pássaros, o sapo na lagoa,... Joana declarou, enfim, que a EFAP será muito importante para a realização do seu projeto de vida, pois a escola a está formando como cidadã e contribuindo para que ela tenha um olhar diferenciado sobre a sociedade.

Percebeu-se que o projeto de vida da Joana foi reelaborado diversas vezes, o que pode ser reflexo da heterogeneidade e fragmentação da sociedade contemporânea, que produz uma infinidade de motivações nos indivíduos (Velho, op.cit., 1999). Essa jovem pode ser um exemplo do reflexo dessa necessidade de projetos, que se configura na atualidade, uma vez que ela apresentou muitas dúvidas e conflitos em relação á sua escolha individual. Em todo caso, também é possível identificar a manifestação de dois

aspectos do projeto ético político da EFAP nos planos dessa estudante: 1) a possibilidade de viver no meio rural e a formação de sujeitos críticos que possam vir a atuar como agentes de transformação da sociedade; 2) outra questão que sobressai do projeto dela é a sua perspectiva de estudar, independente de qual seja o curso, o que guarda uma proximidade como ideário social brasileiro acerca das Universidades como um caminho a ser percorrido para se alcançar qualidade de vida e ascensão social.

Davi, que também é um estudante matriculado no segundo ano, contou que tem o sonho de conseguir uma bolsa na Universidade para cursar medicina. Caso ele não consiga, sua segunda opção é cursar medicina veterinária ou agronomia, o que, na sua visão, tem mais a ver com a escola, com a terra e com a natureza. Um sonho que ele guarda para a vida pessoal é o de constituir família e ser um bom pai, uma vez que ele não pôde ser criado pelos seus genitores. Apesar de gostar do meio rural e achar que há muita poluição e propagação de doenças no meio urbano, sua vontade é morar numa cidade grande, pois é muito ligado à tecnologias, e, para ele, no meio rural não há muito acesso à isso.

A EFAP, na concepção de Davi, é muito importante para a realização dos seus sonhos, pois ela o ensinou a conviver com as pessoas:

Então, assim, no caso se eu for ser um médico, que eu vou ter que conviver com pessoas diferentes, ir pra lugar diferentes se for preciso. Então, assim, a EFA é uma das maiores patrocinadoras do meu sonho [...] ela que me dá a maior força. Em primeiro lugar a minha família, mas ela, assim, me dá a maior força em tudo que eu preciso. Meus colegas aqui da EFA, meus amigos, me dão apoio, me ensinam coisas diferentes. Aqui na EFA eu vejo coisas diferentes, aprendo coisas diferentes. Então, assim, isso vai me enriquecendo, os meus conhecimentos, o que vai me valorizar muito lá na frente, no mercado (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Já em relação ao preparo para o vestibular e específico para o curso que Davi quer cursar, a medicina, a EFAP tem deixado a desejar, segundo ele, pois ela não tem laboratórios e algumas disciplinas oferecidas não dão o preparo ideal para os jovens e deixam carências no processo de aprendizagem. Assim, muitas vezes, ele tem que buscar informações por meio de outras fontes. Dessa forma, a EFAP não tem oferecido um suporte teórico e técnico para que ele saia bem formado da escola e preparado para prestar o vestibular.

Apesar de não ter relação direta com a escola, alguns aspectos presentes no projeto individual de Davi podem ser vinculados ao projeto construído pela EFAP em conjunto com os seus atores. Esses são: a formação pessoal e para a vida, por meio da

convivência sócio-escolar. Suas escolhas também parecem refletir certo conflito entre o meio rural e o meio urbano, uma vez que, mesmo com afinidade que ele tem pelo campo e os problemas sociais que vê na cidade – a poluição e as doenças, que inclusive estão presentes no discurso da instituição de ensino em questão – ele quer morar em um centro urbano, uma vez que quer ter acesso à aspectos da sociedade mais ampla, como a tecnologia.

Outros estudantes, que fizeram considerações significativas no âmbito desta pesquisa, foram Vitor e Adriano, dois estudantes do terceiro ano que têm projetos de vida semelhantes, talvez por serem amigos, viverem na mesma cidade, e partilharem do mesmo campo social. Eles pretendem sair do terceiro ano e conseguir um emprego na cidade de Santa Gertrudes-SP, polo cerâmico brasileiro. Ambos já têm familiares que realizaram esse processo de migração para esse referido município, no qual, na visão dos jovens, é muito mais fácil conseguir emprego nas indústrias cerâmicas. Eles querem trabalhar e, posteriormente, conseguir cursar a Universidade.

Vitor, nascido e criado no campo, filho de cafeicultor, deseja fazer Administração ou Agronomia. Ele declarou que tem planos de morar no meio urbano, em Santa Gertrudes- SP, pois é um lugar no qual se tem mais facilidades de acesso e melhores condições de trabalho e estudo, como pode-se visualizar em seu depoimento:

[...] igual eu vivo no campo, mas hoje o preço, igual lá o forte lá é o café, eu acho que o preço do café lá não tá muito bom nada. Por isso eu pretendo ir embora, porque, sei lá, ficar batalhando lá e não conseguir nada na vida é ruim. [...] A gente quer, igual, conseguir um emprego, lá você consegue um emprego e você consegue um salário todo mês. Mas aqui, você vai trabalhar com café, na mesma hora que tá num preço, tá em outro, não tem uma... É, e a dificuldade de mexer com café aqui hoje é, onde eu moro, é muito difícil porque, é estrada, é tudo quanto há. É muito difícil mexer na roça. Pra mim, eu acho. Prefiro ir lá, porque lá, igual eu quero estudar também, então aí vai facilitar mais (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Para ele, a EFAP contribuiu na formação para a vida e para ser independente, poder morar sozinho, uma vez que na escola se aprende muitas coisas: cozinhar, lavar roupas, economizar, etc. A EFAP, na visão de Vitor, é razoavelmente importante para a concretização dos seus sonhos, pois ela envolve mais questões do campo do que da cidade e, conseqüentemente, prepara os jovens para a atuação voltada para o meio rural: “a escola ela trata mais sobre o campo, o foco dela, na verdade” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Já Adriano, que também deseja ir para Santa Gertrudes-SP, trabalhar em uma das indústrias de cerâmica e quer ser engenheiro Civil. O seu sonho é poder montar um escritório e trabalhar na área de engenharia civil. Ele declarou que está motivado a viver no meio urbano, pela questão do acesso ao trabalho e porque, segundo ele, não haverá como crescer na zona rural. Ele demonstrou, contudo, certo conflito interior com a situação, pois afirmou não ter escolha e estar sendo obrigado, parece que por falta de oportunidades.

Depois que ele conseguir montar seu escritório, ele sonha em comprar uma casa para o seu pai na cidade, perto dele, e tirá-lo da zona rural, pois acha o serviço no campo muito exaustivo e, além disso, é muito difícil a vida para uma pessoa idosa, haja vista as precárias condições de mobilidade (transporte) e acesso à saúde no meio rural. Para a sua formação, ele informou que a EFAP vai contribuir mais no sentido de tê-lo proporcionado uma convivência com outras pessoas, de aprender a saber lidar com o outro:

Todo profissional ele tem que ter, saber lidar com as pessoas. Seja ela pobre, rica, da maneira que for. Saber tratar bem e tudo. Eu acho que eu aprendi a ser mais humilde aqui na EFA, entendeu? E todos gostam de uma pessoa humilde. E assim eu vou conseguir, creio eu, que vou conseguir conquistar mais clientes (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Além disso, Adriano apontou que a EFAP contribuiu muito por ele ter aprendido a se virar sozinho, cozinhar, limpar, lavar roupas, etc. A escola, segundo esse estudante, também é importante pelo fato de ter evitado que ele entrasse em outros caminhos, nos quais ele não teria motivação nenhuma na vida. A escola contribuiu e o estimulou a ter vontade. Mas para a atuação profissional que ele escolheu, de engenheiro Civil, ela não contribuiu diretamente, pois, como pode-se perceber por meio da sua entrevista:

Não, não prepara muito não. Porque de acordo com o curso técnico, ele já deixa a gente is encaminhado pra ficar na roça e ser um técnico em agropecuária. Só que alguns tem outras opiniões, outros futuros, outras escolhas. Lógico que em outra ocasião, outra, por exemplo, se a gente não conseguir, sempre vai estar aberto o caminho de ser um técnico em agropecuária (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

No caso desses dois estudantes fica explícita a necessidade de migração campo-cidade como alternativa para ter acesso ao trabalho e melhores condições de vida. Ambos retrataram as dificuldades enfrentadas no meio rural, principalmente por se

tratarem de filhos de produtores de café que, sendo uma commodity, seu preço é regulado pelo mercado financeiro internacional, o que gera uma oscilação e instabilidade para os agricultores e profundos impactos em suas vidas. Nesse sentido, percebe-se que esses jovens não encontram, dessa forma, uma alternativa de meio de vida em suas localidades e, estão buscando a migração como estratégia de reprodução social, haja vista também que eles enxergam na cidade um lugar em que se têm mais acessos e facilidades.

Essa limitação da questão da produção do café, que, muitas vezes, levam os sujeitos a optar por migrar, também foi percebida em outro depoimento de Túlio, estudante do terceiro ano:

Então, na verdade assim, o meu plano, o meu objetivo, é formar aqui, embora pra cidade, obrigado a ir pra cidade, porque eu vou te explicar porque obrigado. [...] obrigado porque hoje na verdade porque o produto que a gente produz hoje na agricultura familiar, e, de forma específica, não tá sendo muito valorizado. Então, tipo assim, essa crise do café, por exemplo, café 240, 260 reais a saca. É um preço assim inferior a tudo que eu fiz durante o ano, entendeu? Então, assim, quase que a minha produção, assim, eu não tive... Eu tive uma produção boa, mas assim, meu preço, eu não tive um preço acessível ao meu produto. Então, é, vejo que sou obrigado a ir pra cidade trabalhar em empresa, numa empresa e voltar. E quando voltar, aí sim, botar em prática o que eu aprendi aqui, [...] como profissional (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

As escolhas dos referidos jovens, portanto, sobretudo as profissionais, não se aproximam do projeto ético-político da EFAP, o qual defende que é possível criar condições de permanecer no campo com qualidade de vida, pois eles não têm a pretensão de atuar no meio rural. Entretanto, os dois apontaram a formação pessoal, por meio da convivência escolar e da preparação para a vida – aprender a lavar, cozinhar, limpar, etc. – como um aspecto importante da perspectiva da escola que vai contribuir muito com os planos para o futuro deles.

Outro projeto de vida que também é muito peculiar é o de Caetano, do terceiro ano, que sonha em ser cineasta (diretor) e intérprete. Para tanto, ele tem planos de cursar a faculdade de Cinema e Audiovisual. Ele já está até procurando Universidades que oferecem o curso e pensando no vestibular. Sua motivação para tais planos podem ser percebidas por meio do seguinte depoimento:

Eu sou assim uma pessoa mais sentimentalista e aquela pessoa que tem uma crítica maior, tenho uma visão mais diferente das coisas. [...] Eu não sei, eu tenho que questionar as coisas, sabe? Eu vejo as coisas de um lado mais artístico. Eu não sou igual os estudantes que querem fazer ‘engenharia não

sei do quê' pra ganhar um dinheirão e tal. Tipo assim, eu gosto de mostra o que eu faço pra receber elogios. [...] eu gosto de ser muito bom naquilo que eu faço. Não é trabalhar pra ter o dinheiro, eu sei que é fundamental pra vida, mas [...], eu não sei, a arte é alguma coisa do sentido. Eu quero que os outros me vejam e me elogiem. Ser aplaudido pelo talento que eu tenho. [...] É o reconhecimento sabe. Não ser o melhor, mas ser, fazer aquilo que eu gosto, fazer aquilo melhor e bem feito, e bonito. (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Ele declarou que não tem muito apoio dos pais nessa sua escolha individual, pois eles querem que ele faça um concurso público, mas ele não se sentiria bem dessa forma, ele contou que quer ser algo maior: “Eu quero uma coisa maior, eu quero uma coisa melhor. E eu quero [...] que todo mundo veja do que eu sou capaz. Sabe? Eu não quero ser melhor do que ninguém [...] eu quero mostrar a capacidade que eu tenho. Eu quero mostrar” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Caetano informou, ainda, que tem um sonho, para a vida pessoal, de poder ajudar as pessoas que necessitam, assim que ele tiver uma boa condição financeira para isso. Ele quer valorizar o ser humano, e isso, muito em decorrência da história de vida da sua mãe, que sofreu muito e chegou a ser moradora de rua. A EFAP também contribui para que ele tivesse esses valores, uma vez que na escola aprendeu a ter respeito e amor pelo próximo. “E a EFA faz eu repensar sobre o que eu quero ser nesse mundo, o que eu quero mudar nesse mundo. E eu quero mudar muito [...] fazer a minha parte. Eu quero que o mundo seja um lugar melhor” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Como cineasta ele contou que terá que morar na cidade, mas também quer morar no campo, para ter um descanso, de tempos em tempos, ou seja, quer conciliar sua residência no meio rural e no meio urbano. Por fim, ele avaliou que a escola é muito importante para a concretização do seu projeto de vida, pois ele será um profissional com valores e saberá respeitar as diferenças. Outra questão é que, caso não dê certo com o cinema, ele já terá uma profissão poderá trabalhar no campo. Segundo ele, tem um dos monitores que é uma das únicas pessoas que está acreditando nele e o proporcionou ter uma experiência com uma peça teatral, uma iniciativa da escola que ele dirigiu. Esse monitor o motivou a continuar, animando-o, o que lhe deu muita autoestima.

Esse estudante, que mora no meio rural, aparentemente apresentou um projeto de vida que tem uma significativa relação com os aspectos da sociedade mais ampla, ou seja, certamente esse jovem encontrou motivação em fazer cinema por meio da vivência que ele tem das inovações da contemporaneidade, que traz em si manifestações culturais diversas. Pode-se inferir, dessa forma, que “nova ruralidade” que vem se configurando

no campo, resultante de transformações sociais mais globais, tangenciou a elaboração das escolhas individuais para o futuro de Caetano. O projeto ético-político da EFAP, igualmente, também tem proximidade com projeto de vida dele, haja vista que o estudante declarou que quer morar parcialmente no campo, o que pode ter sido motivado, entre outras coisas, pela experiência escolar numa instituição que tem como princípio a defesa de que o campo também pode ser um lugar de vida digna. Com isso, pode-se inferir, ainda, que o projeto de vida desse jovem apresenta a ambiguidade entre a cultura mais ampla e os aspectos da sua localidade de origem, visto que ele manifestou um projeto de ser cineasta e morar no campo, o que, a priori, parece conflituoso. Por fim, é possível concluir também, que nos planos de Caetano está presente a perspectiva da escola de formar agentes de transformação social, pois ele tem a pretensão de se tornar um profissional mais humano, de ajudar as pessoas, e de tornar o mundo um lugar melhor.

Para finalizar essa seção tem-se o depoimento do Miguel, outro estudante que tem o seguinte projeto de vida:

Pretendo montar loja agrícola na minha cidade e dar assistência técnica, porque não quero que seja em vão. Pretendo fazer faculdade de geografia. E como hobby, investir na minha banda, The human fragility. Toco punk, rock e grunge. Pretendo fazer geografia na minha cidade mesmo e fazer curso a distância. Quero pagar a minha própria faculdade e ficar por lá mesmo. É melhor porque se a gente for para uma cidade maior, é bom para ter acesso às coisas. Mas por outro lado a gente sofre, encontra violência, drogas. Quero casar, ter dois filhos, ou não. Acho que para ter um filho tem que pensar muito, porque ele vai sofrer. Tem até uma frase do vocalista da minha banda que diz: 'o maior amor que um pai pode ter por um filho é não colocá-lo no mundo'. Quando eu estou com meu baixo eu esqueço tudo, do mundo, é tipo uma terapia. É qualquer instrumento, não é só o baixo. A música influencia muito a minha vida (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013)

Em linhas gerais, profissionalmente esse jovem quer trabalhar como técnico em agropecuária e, posteriormente, poder fazer faculdade de geografia e atuar como professor. Além disso, quer ter uma ligação com a música, por meio da sua banda, e viajar muito, conhecer Machu Picchu e outros lugares. Ele declarou que tem planos de morar na sua cidade, na zona urbana, onde se tem mais acessos, mas quer ter um pedaço de terra para trabalhar e passar os finais de semana. Contudo ele descreveu que a sua cidade tem muitos aspectos ligados à noção de rural, o que vai de encontro à definição, de Carneiro (2003), de ruralidade e urbanidade enquanto relações sociais e não espaços ou modos de vida:

Mas se for ver a minha cidade é uma roça mesmo, não está dentro dos padrões de uma cidade. Parece que para ser cidade tem que ter hospital, fórum e lá não tem. Tem um posto de saúde, mas é muito ruim. Apesar disso, quero ficar lá, porque é um lugar tranquilo, bom de viver (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013)

Para ele, a EFAP foi muito importante, porque foi por meio da escola que ele descobriu que tem interesse pelas ciências humanas. Ele declarou que pretende, ainda, fazer um curso de História, além da Geografia. “A escola me fez perceber que é isso aí que eu estava querendo, me deu mais noção, mais caminhos” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

O projeto de vida apresentado por Miguel, assim como o de Caetano, se referênciam por aspectos da cultura global e suas manifestações culturais diversas, tais como a música e o cinema. É significativo o espaço que ele guarda, dentro dos seus planos, para a sua banda de punk, rock e grunge, que são gêneros musicais ligados à sociedade mais ampla. Alguns aspectos do projeto coletivo da EFAP também foram percebidos nos planos desse jovem, tais como: a própria formação profissional na área da agropecuária, uma vez que ele deseja exercer o curso técnico oferecido pela escola; e a valorização e a atuação voltada para o desenvolvimento do meio rural, com vistas na expectativa que esse jovem tem de poder morar parcialmente no campo e poder exercer atividades agrícolas. Ao mesmo tempo em que ele busca, portanto, vivenciar experiências culturais mais globais, ele também não quer perder a ligação com o meio rural.

Esse subcapítulo teve como objetivo apresentar as expectativas de futuro dos jovens que querem exercer carreiras e fazer cursos Universitários em outras áreas, para além das ciências agrárias. Dessa forma, ele apresentou uma pluralidade de projetos de vida, os quais, em sua maioria, são muito referenciados por aspectos da sociedade mais ampla, a qual vem adentrando o meio rural. Esses jovens foram, até aqui, o grupo no qual mais se verificou: a incidência da relação da “nova ruralidade” com as escolhas individuais dos jovens; e do conflito entre viver na cidade ou no campo, entre vivenciar aspectos da cultura global e das culturas locais. Contudo, também foi possível perceber elementos do projeto ético-político como referência para a configuração dos projetos de vida dos estudantes, sobretudo os que dizem respeito à formação pessoal dos indivíduos. Foi nessa seção, também, em que se verificou uma circularidade em torno da opinião de que a EFAP não contribuiu diretamente com a formação profissional

desses sujeitos, com exceção dos que optaram por fazer Engenharia Ambiental, os quais declaram, com clareza, que a escola terá muita importância em relação ao trabalho que eles escolheram. Foi significativa, também, a incidência de casos de jovens que não dispõem de uma moratória social para o prolongamento da fase de estudos (DAYRELL, op.cit., 2012), e que vão ter, portanto, que trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

4.2.5. Narrativas dos projetos de vida dos jovens que querem trabalhar em outras áreas, que não a agropecuária

A proposta dessa seção foi reunir os relatos acerca dos projetos de vida dos jovens que têm a pretensão de trabalhar em outras áreas, que não a da formação oferecida pela escola, de técnico em agropecuária, compreendendo qual é a possível relação de suas escolhas com o projeto construído pela EFAP no âmbito coletivo, ou seja, entender se existe uma relação do projeto ético-político da escola com as escolhas individuais desses jovens. Buscou-se, entender, ainda, quais são as motivações, desse grupo específico, no processo de configuração dos seus planos para o futuro.

Os planos para o futuro de Pedro, do primeiro ano, consistem em fazer um curso de segurança, para trabalhar nessa área. Esse jovem declarou também que está fazendo o curso na EFAP, mas não sabe se pretende exercer o técnico em agropecuária. Por enquanto informou que não quer estudar mais, além do Ensino Médio, pois não tem muita afinidade com isso. Seu sonho é comprar uma casa. Tem também o objetivo de morar no meio urbano, caso consiga um trabalho. Ele acha que a escola o prepara pouco para a sua escolha, uma vez que, na concepção de Pedro, não tem nada relacionado à profissão de segurança no processo de ensino-aprendizagem da EFAP.

O caso de Pedro é um exemplo de projeto de vida no qual não foi possível perceber relação nenhuma com o projeto coletivo, que a EFAP constrói juntamente com os seus atores, uma vez que ele quer exercer uma profissão para a qual ele declarou que a escola não o prepara e, além disso, pareceu não ter afinidade e nem esboçar o desejo de ficar no campo. Pode-se inferir, apenas, o que também não é possível afirmar com toda certeza, que o campo de possibilidades desse jovem é estruturado pela a sociedade mais ampla e pela atração e interesse pelo meio urbano. Além disso, pode ser que o fato de ele não ter mencionado fazer faculdade tenha a ver com a questão dele não dispor de uma moratória social para o prolongamento da fase de estudos (ibid.), ou ainda, por seu

campo de possibilidades ser delimitado pelas suas condições financeiras e materiais (DAYRELL, op.cit., 2007)

Jean declarou que não tem em mente o que quer fazer da sua vida profissional, ainda. Ele tem como plano formar no terceiro ano e ficar um ano trabalhando em qualquer coisa que ele encontrar, só para descansar dos estudos e pensar no que vai fazer da vida. Ele tinha o projeto de cursar Engenharia Civil, mas desistiu, pois viu que não era tão fácil e que a EFAP não deu a preparação necessária para isso, pois faltam muitos professores na instituição. Ele não pretende, também, continuar como técnico em agropecuária. No seu projeto, está incluído morar no meio urbano, pois Jean acredita que na cidade se tem acesso a várias tecnologias, saúde e outras coisas básicas. Para ele, a EFAP o preparou muito, em termos da sua formação pessoal, pois aprendeu a organizar suas coisas, respeitar o espaço dos outros, lhe deu autonomia. Também contribuiria profissionalmente, caso ele fosse continuar como técnico em agropecuária, mas esse não foi a opção manifestada por esse jovem.

Os planos manifestados por Jean, de se inserir no mercado de trabalho, qualquer que seja a profissão, também pode ser relacionado a uma possível indisponibilidade material desse jovem e de sua família, que o possibilitaria a estar continuando seus estudos. Isso, possivelmente pode estar impondo a sua necessidade de inserção imediata no mercado de trabalho. Mas isso, mais uma vez, é apenas uma interpretação, nada passível de certeza. Em todo caso, está presente nos planos desse jovem a atração e interesse pela cidade, o que vai levá-lo a migração campo-cidade, tema tão abordado pela literatura sobre juventude rural (Castro, op.cit., 2009a; 2009b). Além disso, um aspecto do projeto político ético-político da EFAP que foi mencionado como importante para a concretização do projeto de vida dele foi a formação pessoal, ou seja, a preparação para a vida e para convivência com os outros.

O sonho de Saulo, estudante do terceiro ano, é ser agrônomo. Porém, seu projeto de vida compreende cursar Engenharia Agrônoma, mas não no curto prazo. O projeto de vida manifestado por ele, a priori, é seguir a carreira de modelo e ir para São Paulo-SP, onde já tem um contrato com uma Agência. Seu projeto de vida profissional resume-se, portanto, nas seguintes questões, percebidas por meio do depoimento desse jovem:

[...] eu sempre gostei da área de agropecuária, mas quando eu vim pra cá eu vi que é isso mesmo que eu queria. Essa área. Então eu escolhi fazer agronomia. É o que eu penso em fazer. Não sei se é isso que Deus quer também. Mas aí apareceu uma oportunidade pra mim. Fui, porque essa oportunidade é, uma agência de modelos veio atrás de mim, me procurou, fiz,

particpei de um concurso, e eles me contrataram. Aí o ano que vem eu to pensando em ir embora. Fazer uns cursos que eu tenho direito de fazer na agência e, assim, já apareceu outras oportunidade na mesma área, que podem me levar a um lugar melhor. Então eu penso em fazer os cursos, que eu posso, que eu tenho direito de fazer na agência e, assim, depois fazer um teatro e, como eu já tenho alguns contatos, tentar fazer um teste pra alguma emissora, alguma coisa do tipo. E assim, quando eu tiver arrecadando um dinheiro, um capital bom, aí eu vou, penso em pagar uma faculdade pra mim, sempre aprimorando os meus conhecimentos (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Saulo manifestou o projeto de ser modelo ou ator, mas seu propósito é utilizar essa carreira como forma de conseguir alcançar seu maior sonho, que é ser agrônomo, ou seja, para atingira a sua finalidade de ser agrônomo, a conduta dele será tentar a carreira de ator ou modelo. “Ator eu sempre gostei da área. Eu sempre tive uma parte de mim que queria ser ator. Mas o que prevalece mesmo é agronomia” (ENREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Sua expectativa é morar no meio urbano alternando com o meio rural, pois tem afinidades com os dois lugares. Seus planos também compreendem se formar e voltar para a pequena cidade em que nasceu, para construir família. A EFAP tem grande importância para Saulo porque ela é uma preparação para a realidade: “Mesmo que a pessoa não siga essa área, isso já é uma preparação pra vida, como pode ser lá fora, sem alguns colegas, sem os pais, longe da família” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Para o sonho de ser agrônomo a EFAP foi significativa, dando o suporte necessário. Inclusive foi na própria escola que ele pode chegar à conclusão de que é isso mesmo que ele quer para a sua vida profissional.

Por meio do depoimento de Saulo pode-se verificar a ressonância de aspectos do projeto ético político da EFAP e são eles: 1) a atuação profissional voltada para o meio rural, com vistas no desenvolvimento do mesmo; 2) a possibilidade de ter no campo um lugar para se viver; 3) e a formação pessoal, para a vida. Percebe-se, ainda, a ambiguidade do projeto de vida desse jovem, que oscila entre viver no campo ou na cidade, numa cidade pequena ou num grande centro, entre uma profissão tipicamente urbana e uma mais próxima da realidade do meio rural.

Os planos para o futuro de Eva compreendem ir para São Paulo, capital, para morar com a sua tia. Inicialmente ela pretende arrumar um emprego, até ir se adaptando com a cidade. Por volta de 2015, ela vai começar a trabalhar no que é o seu projeto de vida principal: a música. O sonho de Eva é ser uma cantora. Para isso, ela pretende: começar a e inscrever em programas de TV, que têm concursos musicais; e gravar um

CD para divulgar o seu trabalho. Ela não tem o objetivo de fazer um curso superior e declarou que só vai buscar estudar música, fazer cursos, aulas de canto, etc. Seus pais apoiam muito o seu sonho e a preparam desde pequena. Eles querem muito que ela siga essa carreira: “Eu acho que se eu não seguir com a música eles vão me deserdar. To brincando. [risos]. Mas eles dão muita força, eles querem muito isso. Se eu não for eles ficam muito chateados também. [...]” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Seu projeto de vida também inclui viver no meio urbano, pois, na visão dessa estudante, para ela viver de música terá que estar por dentro de tudo que está acontecendo: “Se surgir um jeito novo de eu está divulgando, rede social, por exemplo, que é um jeito mais fácil de eu divulgar meu trabalho ou se surgir algum tipo de aplicativo que ajuda as coisas também [...]” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Segundo Eva, o ensino da EFAP não tem nada a ver e não a preparou diretamente para a carreira profissional que ela quer seguir. Mas caso não dê certo, ela declarou que tem a opção do técnico em agropecuária para seguir. Uma importante contribuição que veio através da escola foi o seu primeiro violão, que ela ganhou da comunidade rural acaiaquense, em que fica localizada a instituição de ensino, como pode ser visto por meio do seu próprio depoimento:

[...] eu ganhei um violão aqui da comunidade. Assim, me ajudou bastante, porque eu não tinha. Ele vai entrar pra minha história. Entendeu? Foi uma fase da minha vida, três anos aqui e as pessoas gostaram e me deram um violão. Então aquilo ali vai ser uma história que eu vou poder contar um dia. Ajudou muito. Muito, muito mesmo. Eu nem sei quando eu ia poder ter um violão (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Como a própria estudante declarou, seu projeto de vida não vincula-se diretamente à proposta política-pedagógica da EFAP, de formar sujeitos que voltem os seus olhares para o meio rural. Ao contrário disso, a jovem está apostando em uma carreira tipicamente urbana ou que, normalmente, exige que as pessoas procurem os grandes centros. Assim, percebeu-se que a cultura mais ampla e suas manifestações artísticas e culturais estão muito presentes na configuração das escolhas de Eva. Além disso, também ficou muito clara a influência da família no processo de elaboração de seu projeto, que foi construído, desde sua infância, em interação e negociação com esses atores sociais específicos. E, ainda, a questão levantada por Dayrell (op.cit., 2007) da delimitação do campo de possibilidades dos jovens de camadas populares, que muitas

vezes têm que fazer suas escolhas levando em conta a articulação entre o que se quer, o que se deve, e o que se pode fazer, foi percebida no caso específico de Eva, que vai ter que trabalhar em outra profissão para conseguir alcançar seu projeto de vida principal de ser cantora, o que, afinal, é muito comum entre os músicos.

Por fim, Guilherme, estudante do terceiro ano, o único que mora em um grande centro urbano, pretende permanecer na cidade em que vive atualmente, pois quer controlar a sua vida financeira e conseguir as suas próprias coisas. Profissionalmente seu sonho é ter o próprio negócio e ser bem sucedido. Ele também sonha em poder mudar para o meio rural, quando ele estiver mais velho, para terminar de viver sua vida, uma vez que o campo, na sua concepção, é um lugar mais tranquilo. Por hora, ele pensa em prosseguir administrando a empresa de limpeza da sua mãe, pois ela está querendo voltar para a zona rural, ou seja, ficar aonde mora e assumir tal empresa. Uma segunda opção apresentada por esse jovem foi a de conseguir outro emprego. Ele até pretende fazer cursos de capacitação, mas não pensa em ensino superior, por enquanto.

Guilherme informou que a EFAP tem importância no sentido de proporcionar uma formação pessoal, para a vida, pois “aqui ensina a pessoa viver de outro modo, [...] um modo mais saudável, [...] não tenho a palavra chave não, mas muda o pensamento da pessoa, muda a cabeça, muda pra melhor” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Para seu projeto de vida, a EFAP é muito importante, mas ela contribuiu mais pessoalmente do que profissionalmente, como experiência de vida, pois ele não vai seguir o curso técnico em agropecuária. “Aqui a gente aprende um pouquinho de tudo. A gente aprende a viver, aprende a estudar, aprende a trabalhar.” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

No caso específico de Guilherme, também pode-se inferir que seu projeto não aproxima-se da visão da EFAP, construída coletivamente pelos atores da escola, de formar indivíduos que possam ou viver ou atuar profissionalmente no meio rural. Em contrapartida, ele apresentou uma expectativa de carreira para o meio urbano. O que pode-se relevar em termos dos aspectos do projeto da escola, mais uma vez é a formação pessoal, para a vida. Ficou claro, contudo, a duplicidade do seu projeto de vida que oscila entre o desejo de ficar na cidade e melhorar suas condições de vida e ir para o campo, quando estiver mais velho, uma vez que também possui afinidade com o meio rural. A propósito, esse interesse pelo campo pode significar também uma influência da formação da EFAP.

A maioria dos projetos de vida reunidos nessa seção não guarda relação direta com o projeto da EFAP de contribuir para que o jovem possa viver e atuar profissionalmente no meio rural. Salvo alguns casos, eles declararam que não tiveram a contribuição direta da escola, em seus projetos profissionais. A formação pessoal dos indivíduos, que também é um aspecto da proposta da EFAP, foi o que mais apareceu como referência para a configuração dos projetos de vida desses jovens. Infere-se, ainda, que esse é um conjunto de indivíduos cuja moratória social da fase de estudos está claramente reduzida, uma vez que eles já pretendem se inserir no mercado de trabalho, sem passar pelo Ensino Superior. Não há como medir, porém, qual é a margem de escolha desses indivíduos e se, acaso, eles estão sendo obrigados, com vistas nos constrangimentos sociais – desemprego aberto, desassalariamento, postos de trabalho precários – que caracterizam o mundo do trabalho na atualidade e atingem, sobretudo, os jovens de camadas populares (ibid.).

4.3. OS PROJETOS PARA ALÉM DA VIDA PROFISSIONAL

Até aqui foram expostos os projetos de vida dos jovens, com ênfase na carreira profissional que esses escolheram. Nessa seção, serão apresentadas as narrativas dos projetos de vida dos indivíduos que destacaram outras situações em seus projetos, para além da questão da profissão. Muitos dos jovens, que já foram abordados, declararam que tem sonhos, de cunho afetivo-amoroso ou familiar, por exemplo, como casar e ter filhos. Mas nos planos para o futuro, manifestados pelos estudantes da presente seção, essas questões, que não dizem respeito à expectativa de carreiras, se sobressaíram. Não que os outros não tenham feito essas considerações, mas esses deram uma importância maior a tais aspectos.

Como foi o caso de Raul, do primeiro ano, que já foi mencionado nesse capítulo. Ele apresentou seu projeto profissional de ser agrônomo ou engenheiro ambiental, morar no meio rural, mas com “uma família do lado”. Ele, desde muito novo, sonha em encontrar uma companheira, casar e ter filhos:

[...] eu sou uma pessoa, assim, como posso dizer, entre aspas, como você falou, o jovem rural. Então, assim, eu tenho a cabeça nisso, eu gosto de criança, eu gosto de família, uma pessoa do meu lado que possa me entender, que eu possa estar desabafando, falar a minha vida toda pra ela. Então, assim,

eu sou desse tipo (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Suelen, do segundo ano, logo que foi questionada acerca de qual é o seu desejo para o futuro, ela respondeu, de antemão, que deseja se casar com seu atual namorado: “Primeiramente eu pretendo casar no ano que vem” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Depois que ela se casar é que pretende fazer o curso de Biologia e se mudar para Ipatinga-MG, saindo da zona rural, onde mora atualmente. Ela acredita que na cidade tem mais oportunidades de emprego e é melhor para se viver. Seus planos se resumem, portanto, em ser bióloga e se casar. Para tanto, a jovem tem muito apoio dos pais. A EFAP tem importância razoável para a concretização do seu sonho, pois ela influenciou na sua intenção de ser bióloga e, além disso, ela conheceu o seu atual namorado no trajeto para escola, como pode-se perceber por meio de sua declaração:

É porque ele trabalha onde a gente parava para lancha, no meio do caminho [risos]. [...] Aí eu acho que a escola tem um papel bem importante, que se eu não tivesse vindo pra escola, eu não teria conhecido ele. (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Alice e Iara são duas irmãs, matriculadas no terceiro ano, que deram significativa relevância à realização pessoal na elaboração de seus projetos individuais. Nesse caso, pode-se inferir que a própria educação familiar, parte do campo social em que elas vivem, pode ter sido tomada como referência para seus planos, ou seja, a família pode ter sido muito relevante para a configuração dos seus projetos de vida. Em linhas gerais elas querem constituir família e ter uma casa. As duas manifestaram, contudo, que, antes disso, desejam ser mulheres independentes. Então, mesmo com a ênfase dada às escolhas de ordem afetivas e pessoais, elas também pretendem realizar um curso superior – Biologia Marinha e Zootecnia – e ter uma profissão. “Quando eu me tornar independente, uma mulher com o meu emprego, com meu estudo, eu quero casar e montar minha família” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Já Túlio declarou várias vezes, na entrevista e em conversas informais, que estava com planos de mudar para outra cidade, pois havia conhecido uma moça e estava apaixonado. Ele declarou que estava disposto a mudar todo o trajeto da sua vida para ficar ao lado dessa pessoa. Inclusive, podia até postergar o seu sonho de ser agrônomo

pelo seu relacionamento. Dessa forma, seus planos consistiam em mudar para a cidade da moça no final do ano de 2013 e começar a trabalhar. Num segundo momento ele retomaria seu projeto de tornar-se um agrônomo. Para ele, não há nada mais significativo no mundo, para um homem, do que constituir família:

“o fato de eu tá na roça desde novo, [...] então, eu vou crescendo, pensando naquilo, em construir uma família, de poder ter uma companheira, de poder ter meus filhos e de poder passar tudo aquilo que o meu pai passou pra mim, pros meus filhos. Entendeu? Morar na roça...” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

A ideia de Túlio é poder conciliar sua união com os estudos, uma vez que ele só se sentirá realizado quando for um engenheiro agrônomo. Assim que ele se firmar em sua carreira profissional e conseguir proporcionar conforto para sua família, Túlio declarou que pretende voltar para o meio rural, em sua cidade natal, pois ele tem afinidade em trabalhar com a terra e se sente capaz de se tornar um agricultor.

Outro projeto de vida que tem relevância, por ser impulsionado pela afetividade, é o de Bianca, uma jovem do terceiro ano que contou que iria se casar. Já estava com o noivado e o casamento marcado. Esse relacionamento para ela, também era um meio de poder sair de casa, pois a estudante contou que morava a uma longa distância da cidade, o que a impedia de ter acesso a várias coisas, como o próprio estudo. Segundo Bianca, se ela tivesse que tirar carteira de habilitação, por exemplo, teria que andar até a cidade mais próxima, que fica a cerca de 30 km de onde morava com os pais. O casamento para essa jovem, portanto, além de ser movido por questões de ordem afetiva, também foi uma estratégia, uma conduta organizada, para ela conseguir alcançar outras finalidades, como estudar, trabalhar, etc.

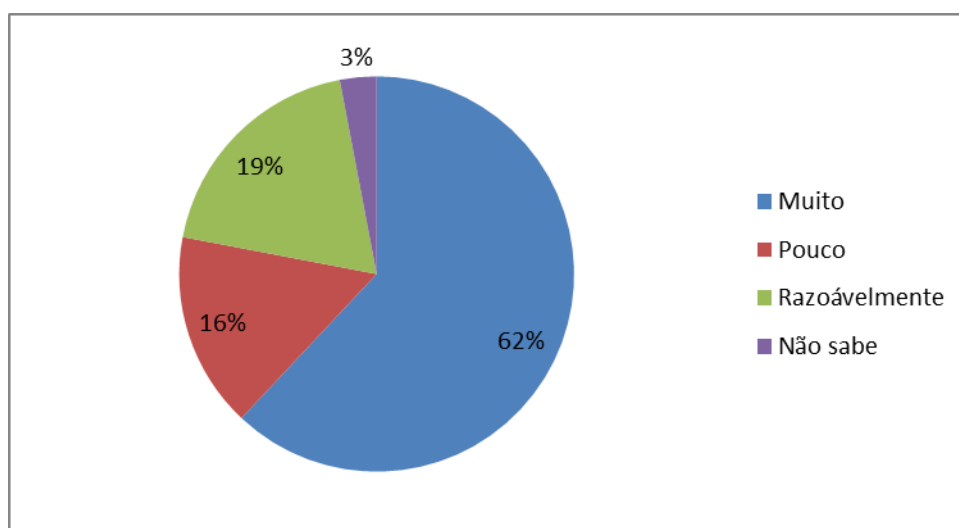
Os estudantes apresentados nessa seção, coincidência ou não, são todos jovens que vivem no meio rural. Esses relatos, portanto, podem se relacionar com a representação do jovem rural, mapeada no segundo capítulo do presente estudo, como um sujeito cuja vida adulta – o casamento, os filhos, o trabalho, etc. – chega mais cedo, ou seja, a abordagem do jovem rural que quer se casar e constituir família e que é mais responsável do que o jovem urbano. Nesse caso, ainda foi possível perceber, mais claramente em um dos casos, que para além do interesse e da afetividade, o matrimônio ainda se configura como uma estratégia de reprodução da vida material de algumas mulheres no meio rural.

4.4. O CAMPO DE POSSIBILIDADES DOS JOVENS DA EFAP

Buscou-se nesse subcapítulo, mapear, por meio das entrevistas com os jovens e profissionais da EFAP, do grupo focal e da Observação Participante realizada, qual é o campo de possibilidades, ou seja, qual é a dimensão sociocultural ou espaço para a formulação e realização de projetos dos estudantes da instituição em questão. Sendo assim, buscou-se compreender para quais projetos de vida os sujeitos dessa pesquisa estão sendo preparados pela escola.

Inicialmente, é importante salientar que quando foram perguntados se a EFAP é importante para a concretização dos seus projetos de vida, ou se a escola os prepara para conquistar seus objetivos profissionais, 62% dos jovens responderam que sim, a escola é muito importante, 16% apontaram que tem pouca importância e 19% que a instituição de ensino os prepara razoavelmente, como pode ser verificado por meio do gráfico 30. Resta saber, para quais projetos de vida a escola tem preparado seus estudantes.

Gráfico 30- Contribuição da EFAP para a concretização do projeto de vida dos estudantes

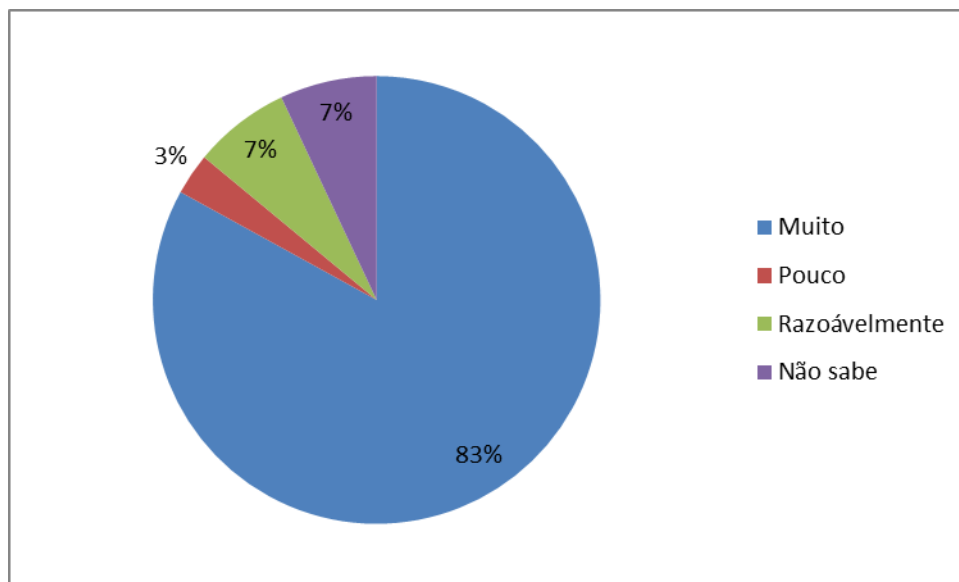


Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Boa parte dos jovens entrevistados afirmou que a EFAP os prepara a permanecer no meio rural, ou na condição de agricultores ou exercendo profissões que contribuam, de alguma forma, com a valorização e desenvolvimento do meio rural. Entre os jovens que declararam que sonham em fazer algum curso universitário na área das ciências agrárias, ou em ser agricultores, ou trabalhar como técnico em agropecuária, 83% deles acredita que a escola tem muita importância para a concretização dos seus projetos,

apenas 3% acha que a escola vai contribuir pouco e 7% razoavelmente, o que pode ser visualizado no gráfico 31:

Gráfico 31- Contribuição da EFAP para a concretização do projeto de vida dos estudantes que querem atuar na área da agropecuária



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Para esse esses projetos de vida, específicos, portanto, a EFAP tem sido muito importante na preparação dos seus estudantes, como já foi verificado durante as narrativas elaboradas ao longo desse capítulo. Além da formação pessoal, que muitos também citaram, a escola tem contribuído ao veicular o conhecimento necessário para que esses jovens se preparem para a carreira que eles escolheram, na área da agropecuária, uma vez que, pra muitos dos entrevistados, o ensino é direcionado para o campo e relaciona-se diretamente com cursos universitários, tais como Agronomia, a Veterinária e a Zootecnia. A formação profissional, pretendida pela escola, é claramente percebida, dessa forma, no caso específico das escolhas desses sujeitos. Isso significa dizer, portanto, que a escola prepara e oferece aporte introdutório, teórico e técnico, para os estudantes entrarem na Universidade ou trabalharem na área das agrárias. Isso verificou-se por meio de alguns depoimentos, tais como o de Roberto e João: “Porque é relacionada aqui a agronomia e veterinária, relacionada ao campo. E o que eu desejo é veterinária ou agronomia” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013) ou ainda, “É que ela tá ajudando a gente também, pra gente ter essa formação, do

que a gente quer ser, igual eu quero ser veterinário, ela tá ajudando a gente bastante” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Em alguns casos, como os de Otávio e Iuri, os jovens estão muito satisfeitos com o conteúdo técnico aprendido e a EFAP foi apontada como muito importante, nesse sentido: “Eu aprendi muitas coisas, [...] como técnico, entendeu?” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013); “Quando eu fui pra EFA eu não sabia quase nada de mexer com terra, com animais. Eu era bem novo também. E na EFA eu aprendi muita coisa que eu não tinha aprendido em casa como plantar, [...] mexer com os animais” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Em outros, porém, eles declararam que, mesmo eles escolhendo já referida área de atuação, que a escola não os tem preparado o suficiente, pois oferece um conteúdo fraco e, muitas, vezes o jovem tem que correr atrás dos seus objetivos sozinhos e buscar outras fontes de conhecimento. Como pode ser observado nos depoimentos de Heitor e Alisson: “Tá me preparando, mas tem que buscar mais conhecimento, porque só a escola não ajuda, a gente mesmo tem que correr atrás. Melhor, pra adquirir mais conhecimento” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013); “Não, suporte técnico deu o básico. [...] A gente é, que nem alguns monitores falam: aqui mesmo é o básico, se você quer realmente conseguir aquilo que você quer, você tem que correr atrás. E é isso que eu faço” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Apesar de muitos terem afirmado nas entrevistas individuais que estão saindo preparados para seguir seus projetos de vida, houve circularidade acerca da opinião de que a EFAP deixa um pouco a desejar em relação à questão técnica da agropecuária. Isso foi percebido, sobretudo, no grupo focal realizado com o terceiro ano. Para eles, a EFAP está veiculando um conteúdo técnico razoável. Eles geralmente aprendem as técnicas por meio das oficinas oferecidas pelas Universidades e outras entidades. Os estágios, que fazem parte do currículo escolar, também são outros meios pelos quais eles têm acesso ao conhecimento técnico. Mas a escola em si, na visão de parte dos jovens, teria que melhorar a parte do conteúdo técnico, como pode-se perceber por meio do depoimento de Rubens:

Eu queria só colocar, assim, um ponto de vista que eu acho que todo mundo que está aqui mais ou menos percebeu na semana de adaptação. Quando eu particularmente cheguei aqui eu não vi estrutura nenhuma pra dar aquilo que

o curso está oferecendo, um curso técnico. Então, assim, eu acredito que se a gente ficou aqui até hoje é mais por aquilo que eu to te falando mesmo: pela capacidade que a escola tem de formar pessoas pra vida, mais até do que para o curso agropecuária (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013)

Alguns profissionais concordaram que a EFAP realmente não prepara os jovens em termos técnicos, como foi o caso de Paulo:

É, não tem uma, principalmente a parte técnica, não tem uma técnica boa. Então, assim, falta muita... Esse ano até teve bastante visita, teve bastante intervenções, tudo. Mas ter aquela prática contínua. Ter mais criações, a área da escola não permite. Então, assim, eu vejo até esse lado, que os meninos às vezes reivindicam e não tão muito errado não. (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Mas na visão de Elizabete, outra monitora, isso se deve ao fato de a escola proporcionar um conhecimento básico:

Ela dá o essencial. Na verdade, não sei se você pode perceber ali que, a base. Que ela é a base de suporte, que a partir daqui conhecem, que eles conseguem buscar as pesquisas, a partir daqui eles conseguem fazer os estágios. Que a base a escola dá. Agora tem muita coisa que é individual de cada um, do caminho que ele quer seguir. (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Outra ênfase dada na formação oferecida pela instituição é a agroecologia. Assim, a escola, segundo boa parte dos informantes, prepara os jovens para atuar na área da agropecuária, mas com o foco agroecológico. Logo, todas as iniciativas de ensino-aprendizagem da EFAP – as aulas, práticas e teóricas, os cursos oferecidos, as viagens realizadas e as intervenções externas, etc. – são todas direcionadas para a agroecologia. Isso pode ser percebido por meio da entrevista de Sávio, um dos profissionais, que afirmou que a escola enfatiza as práticas agroecológicas no seu cotidiano, “a partir da realidade camponesa, com o foco agroecológico. Que é o curso médio e técnico em agropecuária com o foco em agroecologia. Então isso aí perpassa sempre” (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013). Na visão de outra monitora, ainda, a escola opta pela agroecologia, mas não obriga os estudantes a fazerem a mesma escolha.

Em relação a esse tema, ainda, houve uma discussão no grupo focal que dividiu as opiniões. Os jovens concordaram que a escola os prepara para exercer uma prática agroecológica. Alguns, porém, declararam que a escola teria a obrigação de ensiná-los outras formas de lidar com a agricultura, uma vez que para a inserção no mercado de

trabalho, eles vão ter que dominar outras ferramentas, da agricultura convencional também. Na visão de alguns jovens, se o mercado de trabalho exigir que eles apliquem técnicas convencionais, eles teriam que saber fazer e a EFAP, portanto, deveria ensiná-los tais questões, visto que ela oferece um curso técnico em agropecuária, como pode-se perceber por meio da declaração de Giovanna:

Isso, porque assim, igual eu, por mais que eu queira seguir o agroecológico, o sustentável, eu acho que numa escola técnica eu deveria estudar o que é certo, o convencional e o orgânico. Que afinal nós estamos formando em agropecuária. O mercado lá fora se ela quer que eu aplique no terreno dela o convencional, eu como técnica em agropecuária eu tenho que saber o que fazer [...] (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Ou ainda na visão de Túlio:

Porque [...] eu vim pra cá pra aprender aquela coisa, dosagem de produto [...]. Aqui a gente não teve isso, questão de dosagem de produto. É mais aquela coisa assim, orgânico, agroecológico. Então pecou muito em conhecimento [...] Porque o que movimenta hoje o mercado é a quantidade das coisas. [...] (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Por outro lado, houve os que defenderam que o mercado de trabalho tem valorizado profissionais como eles, que aprenderam a lidar com uma agricultura mais sustentável, como a orgânica e a agroecológica, por exemplo. Na opinião de Júlio e Cezar, portanto: “quem tá estudando a sustentabilidade tem mais garantia de emprego. [...] Porque nas empresas [...] é moda falar sustentabilidade” (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013);

Hoje pra você se sustentar no mercado você tem que condicionar de outro modo, você tem que ter o diferencial. E o diferencial do mercado hoje é a agroecologia. E já que o negócio é produção, sustentabilidade econômica. Convencional todo mundo consegue produzir muito fácil. Já o agroecológico é uma coisa muito difícil, então por isso é o diferencial do mercado. Se você quiser se sustentar no mercado você tem que ter o diferencial. E por isso você ganha mais um pouco. Já que o trem é o dinheiro, o povo tá querendo é o dinheiro, não é o capitalismo. A agroecologia consegue produzir quase o mesmo tanto que o convencional e tem o diferencial do lucro. (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

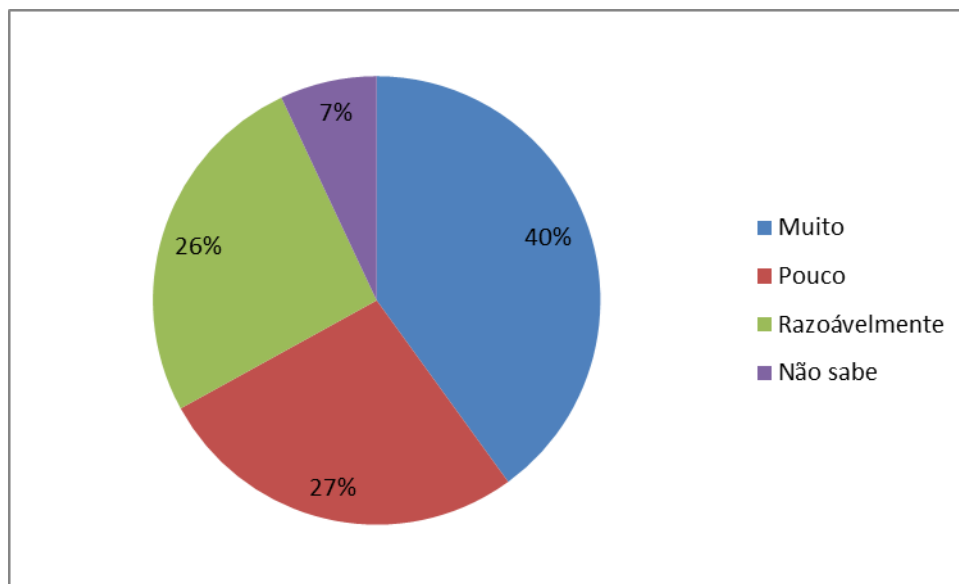
Essa questão da escola preparar os jovens para atuarem na área técnica em agropecuária, mas com o foco na agroecologia, dividiu, portanto, as opiniões quanto à vantagem ou desvantagem que essa formação vai ter diante do mercado de trabalho. É interessante, contudo, que mesmo com esse conflito em relação ao âmbito profissional, a maioria deles declarou que se fosse para realizar alguma iniciativa para si próprio, como uma horta ou uma plantação, eles utilizariam a perspectiva agroecológica. Nesse

sentido percebe-se a ressonância do projeto ético-político da escola, que propaga a prática agroecológica, como pode-se visualizar por meio do depoimento de Álvaro:

Eu sou à favor da agricultura orgânica, mas se eu precisar trabalhar com a agricultura convencional, eu vou ter que trabalhar, ao menos na venda. Mas para mim, eu sou à favor de uma produção natural. Minha preferência de trabalho é agricultura orgânica. O mercado de trabalho me exige que eu trabalhe com convencional e se eu não fizer posso até passar fome (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

No outro grupo de estudantes, que manifestaram outros projetos de vida, de trabalhar ou estudar em outras áreas, para além das agrárias, foi menor a incidência de jovens que apontaram que a EFAP os prepara para a concretização de seus sonhos, totalizando 40% dos mesmos. O número de estudantes que declararam que a escola contribui pouco e razoavelmente, foi de 27% e 26%, respectivamente. Nesse sentido, pode-se inferir que a EFAP prepara os jovens mais para atuarem no âmbito da agropecuária, que é o curso oferecido pela escola, do que em outras áreas.

Gráfico 32- Contribuição da EFAP para a concretização do projeto de vida dos estudantes que querem atuar em outras áreas



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Entre esses jovens foi muito pequena a incidência dos que apontaram que a escola os prepara para suas escolhas profissionais, com conhecimento e conteúdo que se aproxime de tais projetos. Mesmo que uma boa parcela deles, de 40%, tenha afirmado que a EFAP é muito importante para a concretização dos seus planos, percebeu-se que essa preparação não diz respeito, necessariamente, à formação profissional, pois a EFAP

não prepara, na visão deles para exercer tais profissões, mas para atuações voltadas para o campo, como pode-se verificar nas declarações de Vitor e Adriano: “Igual, a escola ela trata mais sobre o campo, o foco dela, na verdade. Então já que eu quero ir pra cidade, eu acho que não envolve tanto” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013);

Não, não prepara muito não. Porque de acordo com o curso técnico, ele já deixa a gente encaminhado pra ficar na roça e ser um técnico em agropecuária. Só que alguns têm outras opiniões, outros futuros, outras escolhas. Lógico que em outra ocasião, outra, por exemplo, se a gente não conseguir, sempre vai tá aberto o caminho de ser um técnico em agropecuária (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Houve algumas exceções, ou seja, alguns estudantes que avaliaram que a EFAP os prepara para suas escolhas profissionais, mesmo não sendo elas específicas da área da agropecuária, como pode-se ver no depoimento de Cauã:

Pra minha vida é que eu to querendo, depois que eu formar aqui, eu to querendo fazer faculdade e mexer com engenharia ambiental. Então, essa escola foi mais, eu tive mais noção porque eu não sabia nada sobre esse trem. E ai eu fui me tocando aos poucos. E com eu já fiz o curso aqui eu já vou ter uma noção básica e na faculdade já vai reforçar tudo que eu aprendi aqui (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

O fato é que, possivelmente, o que justifica a relevância dada à preparação da escola, por boa parte dos estudantes que não querem exercer o técnico em agropecuária e nem qualquer profissão nessa área, é a formação pessoal adquirida por meio da vivência escolar. Esse grupo de estudantes apontou que a escola é importante para a concretização de seus projetos, principalmente porque ela oferece uma preparação para vida e para eles poderem morar sozinhos. Muitos deles, tais como Saulo e Alice, afirmaram que a convivência entre eles vai contribuir muito para que eles futuramente saibam lidar com as pessoas, com as diferenças e com os conflitos, no meio profissional:

Hoje, uma coisa que eu sempre digo com os colegas aqui de classe é que muitas vezes a gente reclama da escola, mas ela, igual eu tinha falado antes na entrevista, ela é uma preparação pra realidade da vida. Pra uma pessoa que vai pra uma Universidade, que estuda numa estadual, é uma mudança radical. E aqui não, aqui a gente já tá preparando. Mesmo que a pessoa não siga essa área, isso já é uma preparação pra vida, como pode ser lá fora, sem alguns colegas, sem os pais, longe da família. Então tem uma grande importância na minha vida (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Ou ainda:

Isso me ajuda tanto no pessoal quanto no profissional, porque eu aprendo, assim, mais a ser firme no que eu quero, no que eu quero fazer, no que eu faço. É, eu tenho mais experiência, porque isso aqui é um pedacinho do mundo. Dificuldades, atritos que a gente encontra aqui, a gente vai encontrar até piores no mundo (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP).

Essa perspectiva também foi confirmada por alguns dos profissionais da escola, quando eles foram questionados se a EFAP oferece preparação para os jovens que desejam ir morar na cidade. Vários deles responderam que a escola proporciona um aprendizado pessoal, para a vida em sociedade. Isso pode ser visualizado por meio do depoimento de Ivone:

Por causa disso mesmo, está preparando o jovem a sair daqui, poder estar morando sozinho, trabalhando num outro lugar, longe da família. Que eles já sabem lavar, sabem cozinhar, têm horário pras coisas (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DE EFAP, 2013).

A próxima declaração, de Gabriela, também se aproxima com essa visão:

Porque aqui muitos meninos, às vezes, chegam aqui e não sabem fazer nada. Então aqui ele já aprende, aprende a fazer um café, aprende a lavar uma roupa. Porque ficar quinze dias aqui, eles aprendem muita coisa. Lavar roupa, fazer um café, lavar umas vasilhas, porque às vezes tem muitos que em casa nem fazem. Então eu acho que isso aí já é uma preparação para o mundo (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Em relação à preparação para o vestibular e para prestar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), ou seja, para a efetiva inserção dos jovens da EFAP em cursos superiores, a maioria dos informantes declarou que a escola não tem oferecido uma preparação suficiente. Foi apontado por alguns jovens que a EFAP tem certa carência em termos de conteúdo e de professores. Alguns profissionais também compartilharam dessa visão e afirmaram, ainda, que os estudantes não têm, em linhas gerais, interesse em se preparar para esse procedimento de ingresso na vida universitária, pois eles não têm a iniciativa de estudar, de correr atrás. Em suma, não se percebeu que a EFAP prepara seus estudantes para fazer o vestibular, como pode ser verificado na declaração de Sávio, um dos profissionais da escola:

[A EFAP] Não é uma escola que tem essa característica [...] de..., intensiva com isso daí. Tem muito problema nos conteúdos, nas aulas. Mas não... Em geral não adianta a escola também querer fazer uma preparação, se eles não tem essa dedicação. Se for só eles ir na aula, igual eu to falando com você. Discute determinado conteúdo, que pode ou não vir a cair no vestibular. Mas se eles não dedicam também. Se eles tivessem uma dedicação a tudo que eles estudavam aqui nesse ano, certamente eles estariam muito mais fortalecidos

para o vestibular. Não é também culpa da escola e do corpo pedagógico. Óbvio que a gente reconhece as nossas deficiências, que a gente poderia ser mais ativo. Sei lá, ter, por exemplo, aqui mal tem. Aqui na escola não tem nem uma apostila. Livros tem. Tem livros didáticos que tem questões objetivas, discursiva, com resposta e tudo, pra consultar, facilitar. Mas poderia ter um material mesmo, sei lá. Trazer intervenções externas pra isso. Umás aulas... porque acaba que essas aulas preparatórias são diferentes das aulas do nosso cotidiano. São aulas mais... Eu particularmente não trabalho tanto com esse viés intensivo ali [...]. Minhas aulas já são mais abertas, mais críticas. Deixo a coisa correr mais solta. Fechada assim pra um vestibular, igual um pré-vestibular da vida é. É coisa para ser pensada, por nosso corpo pedagógico da escola, repensar isso para o próximo ano. Mas tem que conta também com eles. Com a vontade de verdade deles. Porque investe pouco né. A expressão prática. Desejo existe, mas poderia... Eu mesmo no final do ano em geografia eu comecei a pegar mais numas questões objetivas, pra eles fazerem, estudar. Eu falei, olha, vamos fazer, várias questões interdisciplinares, do terceiro ano. Então, questões aí que vocês já viram ao longo da vida de vocês. Então, vamos discutir. Vamos sentar em grupo. Tentar buscar a dúvida e não a resposta primeiro. Buscar a dúvida, que nos livros tem as respostas. [...]. Vocês tem que buscar a dúvida. [...]. Então eu tento trabalhar isso com eles... (ENTREVISTA COM UM DOS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

Dentro do campo de possibilidades dos jovens, procurou-se compreender também, se a EFAP os prepara para o ingresso no mercado de trabalho. Obviamente, tem problemas que regem esse mercado - que como abordou Dayrell (ibid.), é perpassado por vários constrangimentos estruturais, haja vista os altos índices de desemprego - que não estão dentro da alçada da escola sanar. Em todo caso, buscou-se verificar se os jovens acreditam estar saindo preparados para conseguirem empregos. Nesse sentido, foi possível perceber que há muitas discordâncias no que tange essa questão específica. Há um grupo de estudantes que acredita que sim, que a EFAP está contribuindo para que eles possam se inserir no mercado de trabalho e tem alguns, inclusive, que apontaram que já até têm propostas pré-firmadas, como pode-se verificar no depoimento Júlio, que se segue: “A formação é geral, porque eu já tenho uma visão do mercado de trabalho. Já sou empregado. Já tive oportunidade de vários empregos. Escolhi um, na EFA, eu vou ser monitor da EFA Dom Luciano” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Ou ainda, na visão de Álvaro: “profissionalmente foi através da pedagogia da escola que eu consegui o pequeno conhecimento que tenho para entrar no mercado de trabalho. Consegui estágios...” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013)

Por outro lado, houve os que apontaram que o conhecimento adquirido na escola é muito fraco, em termos de conteúdo, o que certamente será uma limitação para que esses eles encontrem emprego. Esse foi o caso de Túlio:

Porque o conhecimento que eu adquiri aqui na EFA, assim, é um conhecimento bom, mas pra falar a verdade pra mim hoje ir pro mercado de trabalho é um conhecimento fraco. [...] se eu não tivesse buscado recursos como estágios, como outras oportunidades, eu não estaria preparado, entendeu? Mas é assim a escola pode dar conhecimento daquilo que ela pode. Mas [...] eu esperava mais da escola (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013)

Nessa linha até a própria discussão acerca do foco dado pela instituição à agricultura agroecológica, o que, como já foi mencionado, dividiu as opiniões dos jovens em relação ao fato disso ser uma vantagem ou desvantagem para a atuação deles como técnicos. Em outras palavras, alguns acreditam que à ênfase dada à sustentabilidade pela EFAP, podem torná-los profissionais diferenciados, mas, por outro lado, há os que acreditam que o mercado de trabalho exija um perfil profissional mais voltado para a agricultura convencional.

Verificou-se, ainda, que a EFAP oferece uma preparação voltada para o meio rural, e, em linhas gerais, esse é um princípio do projeto ético-político da escola que está presente em suas ações. A maioria dos sujeitos, portanto, apontaram que a formação oferecida pela EFAP é voltada para a atuação no campo. Isso não significa, porém, que a escola não prepare os jovens que querem ir pra cidade, como já foi verificado. Mas em termos do conhecimento veiculado pela escola, foi possível perceber que ela dá uma ênfase para que os jovens possam criar condições de viver no meio rural, sem a premissa de obrigá-los.

Dessa forma, os sujeitos entrevistados apontaram que a escola está sempre buscando mostrar as experiências bem sucedidas no meio rural. A EFAP dá essa ênfase, portanto, na preparação para que os jovens atuem no campo. E mesmo que venham estar exercendo profissões tipicamente urbanas, que eles possam ser sensíveis à realidade do meio rural. Na visão de Elizabete, a preocupação da escola é, dessa forma, fazer “com que os jovens conheçam experiências que estejam dando certo. E conhecendo essas experiências que estão dando certo, ele pode optar por viver no campo ou não. Mas eu não tenho como obrigá-lo a viver no campo” (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013). Ou, ainda, para Cássio, um dos jovens, a escola visa “formar profissionais pra o campo. Para viver no campo. Não fazer o jovem perder a sua raiz no campo. Isso porque o jovem que estuda em EFA, ele é camponês, ele é agricultor, ele é filho de agricultor” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013). Na opinião de Giovanna, outra estudante, também:

[...] o projeto da EFA é capacitar o jovem, tanto no meio profissional quanto no meio intelectual pra enfrentar o mundo lá fora. E saber realmente da onde foi que ele saiu. [...] Ele pode sair pra trabalhar fora, fazer o que for, mas ele tem certeza que da onde que ele saiu, o que ele é hoje, ele deve às suas raízes. Então é mais ou menos isso. Você trabalhar, você se envolver, mas ciente que aquilo que você tem, aquilo que você é, é graças às suas raízes, graças as culturas, e às pessoas que viveram ao seu lado (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Por meio da análise realizada nesse capítulo, pode-se concluir que o campo de possibilidades para o qual a EFAP busca preparar os jovens, em termos profissionais, compreende o âmbito da atuação voltada para o meio rural, principalmente nas áreas da agropecuária, que é o principal espaço para a formulação e realização de projetos de vida dos estudantes da EFAP. Ressalta-se, contudo, que essa preparação tem suas limitações de conteúdo prático e técnico, e é direcionada para uma forma de agricultura agroecológica. A EFAP prepara, portanto, os jovens a estarem ou voltando para o meio rural ou atuando profissionalmente dentro desse campo. Isso, inclusive, é um dos aspectos que se pode destacar do projeto ético-político da escola.

Em contrapartida, os jovens que apontaram que desejam ir para o meio urbano ou exercer profissões nas demais áreas, também se declararam preparados para tais projetos de vida. Essa preparação oferecida pela escola a esse grupo de indivíduos, e aos jovens como um todo, está mais relacionada à formação enquanto pessoa e para enfrentar as dificuldades que eles vão encontrar na vida em sociedade.

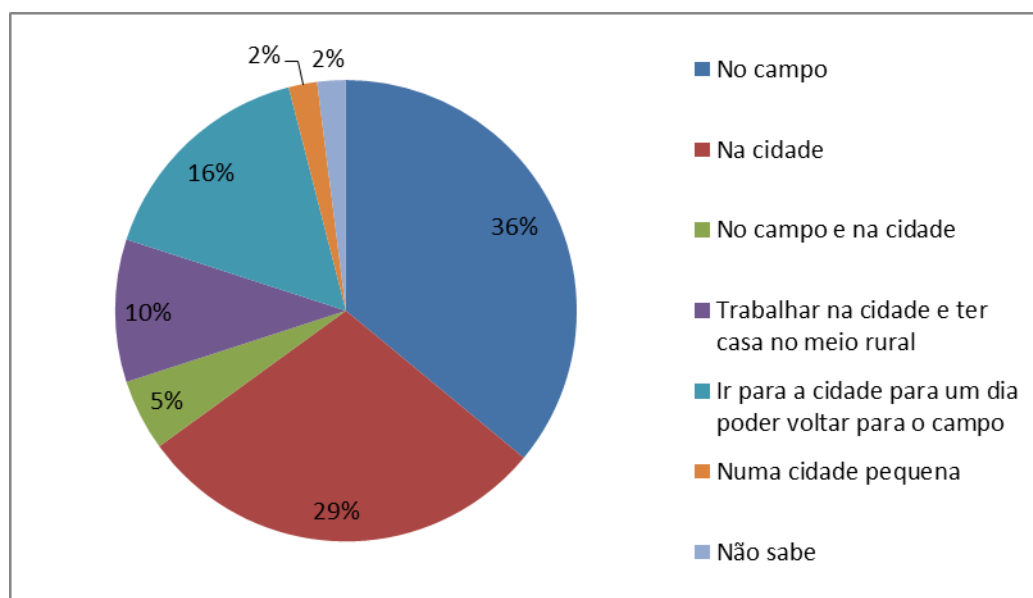
4.5. OS JOVENS DA EFAP QUEREM IR EMBORA?

Para finalizar a reflexão sobre os projetos de vida dos jovens da EFAP, exposta nesse capítulo, tem-se a discussão em torno da migração campo-cidade juvenil que, como já foi trabalhado, é um tema recorrente na literatura sobre juventude (op.cit., Castro 2009a; 2009b). No caso específico da EFAP, o objetivo dessa seção é compreender se os estudantes têm como plano para o futuro, permanecerem ou migrarem para o campo ou permanecerem ou migrarem para cidade, visto que boa parte deles é proveniente de áreas urbanas. Nesse sentido, buscou-se entender como a temática da migração, que por muitos anos tem sido estruturante na vida dos jovens rurais, tem perpassado a configuração dos projetos dos estudantes da EFAP. Cabe

ressaltar, contudo, que as questões a serem colocadas aqui referem-se ao que os jovens desejam ser e nada dizem acerca da possibilidade de realização de tais projetos.

Como foi possível perceber, por meio das narrativas dos jovens, muitos deles apontaram que desejam morar no meio rural. Outros também informaram que vão precisar ir para cidade para trabalhar, mas desejam um dia poder voltar para o campo. Teve, ainda, quem disse que deseja conciliar a moradia entre o campo e a cidade, ou passar apenas os finais de semana no meio rural. No caso dos jovens urbanos o mesmo ocorreu, uma parte deles declarou que quer permanecer na cidade e outros tantos vislumbraram o campo como um meio de vida e trabalho. O resumo disso pode ser visualizado por meio do gráfico a seguir (Gráfico 33):

Gráfico 33- Local em que os jovens da EFAP pretendem morar no futuro



Fonte: Pesquisa de Campo, 2013.

Como pode-se perceber, é significativo o número, de cerca de 65%, de estudantes que declarou querer continuar tendo um vínculo com o meio rural, ou morando permanentemente, ou parcialmente, ou, ainda, buscando viver no meio rural num futuro mais longo. No caso específico da EFAP, portanto, é possível inferir que o desinteresse pelo meio rural e atração pelas “coisas da cidade”, que geralmente são motivações para a migração campo-cidade (ibid.), não é uma assertiva, haja vista que os jovens, em geral, demonstraram querer permanecer no meio rural, o que pode ser percebido por meio depoimento de Mirian e Joana: “[A EFAP] teve muita importância porque foi aqui que eu descobri que eu não quero morar na cidade, que não me interessa

nem um pouco ir pra lá” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP), ou, ainda, “Ah porque zona urbana ela é muito, vamos dizer assim, muito agitada. Você não consegue descansar, você não consegue colocar a cabeça no lugar. Em zona rural você consegue: você ouve o canto dos pássaros, o sapo lá na lagoa... Então você consegue descansar mais” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP).

Dessa forma, pode-se inferir ainda, que o projeto ético-político da EFAP, de contribuir para que os jovens criem condições de permanecer no campo com dignidade, pode estar sendo uma referência para que esses jovens incluam em seus projetos de vida os planos de buscar viver no meio rural, no curto e/ou no longo prazo. Pode-se afirmar com clareza, que o projeto coletivo da escola tem uma relação direta com as escolhas individuais desses jovens, no que tange a suas escolhas entre permanecer no campo ou migrar para a cidade. Assim, observou-se que o projeto da escola de fazer com que o jovem perceba o meio rural como um lugar em que é possível se viver com qualidade tem sido incorporado pelos jovens, na configuração de seus projetos individuais. No imaginário da maioria dos jovens da escola, está presente a ideia de o campo é um lugar melhor para se viver, pois é mais tranquilo, se tem mais paz, ar puro, alimentação saudável, etc.

Por outro lado, foi significativa também, a quantidade de jovens que apontaram que terão que ir para a cidade para depois poder voltar para o campo, em busca de melhores condições de trabalho, uma vez que no campo eles têm enfrentado muitas dificuldades. O tema da migração aparece mais uma vez, nesse sentido, mas não como mero interesse pelo imaginário urbano e pelas “coisas da cidade”, mas como uma necessidade frente às limitações impostas pelas questões materiais e estruturantes da sociedade, ou seja, pela impossibilidade que os jovens encontram de reprodução social no meio rural. “Ou, ainda, a migração frequentemente pode vir a ser, não o caminho para a realização dos sonhos, mas o meio de escapar, de alguma forma, das restrições da vida local (WANDERLEY, op.cit., 2007)”.

Isso foi percebido por meio de algumas declarações, das quais a primeira delas é do jovem Júlio, que afirmou que quer ficar no meio rural, mas não tem acesso a terra: “Igual, por exemplo, muita gente que está aqui é filho de agricultor, mas tem a propriedade pequena. Como que vai sobreviver eu e o meu pai num pedacinho de terra do tamanho de um ovo? Aí ele procura outras maneiras de sobreviver” (GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DA EFAP).

Na mesma linha, Túlio apontou a falta de investimento e de políticas públicas para os jovens rurais, como um elemento que ocorre muito pouco ainda e poderia melhorar, com vistas na diminuição da migração campo-cidade:

Incentivo do governo, eu tenho, mas é pouco ainda. Pouco, poderia ser melhor ainda. Pra nós jovens, pra quem está no campo. Porque hoje a ideia... Antigamente era você ficar no meio rural. Hoje não, você sair da roça pra ir pra cidade [...] E a cidade é ilusão, [...], experiência própria, eu, por exemplo, hoje eu moro na cidade e é ilusão (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

E, ainda, na visão de Elizabete, é possível encontrar condições de trabalho no campo, que vão além da atividade agrícola, inclusive. Mas ela questiona que talvez isso não seja uma oportunidade real para todos os indivíduos. Para ela, portanto, os jovens estão indo para a cidade,

[...] segundo eles, em busca de uma vida melhor. Mas eu pergunto que vida melhor é essa? Eu fico me questionando. Eu também vim do meio rural, eu também passei um período de buscar a vida melhor. E acabei voltando para o campo. Mas só com uma diferença, eu to no campo, atuando no campo, mas numa profissão considerada urbana, que é ser educador. E aí: e quem não tem essa condição de trabalhar vivendo no campo, trabalhar além da agricultura? Agricultura é o caminho, mas tem outras coisas além da agricultura pra conseguir viver no campo (ENTREVISTA COM UMA DAS PROFISSIONAIS DA EFAP, 2013).

O tema da migração dos jovens rurais para a cidade, também foi um tema problematizado nos grupos focais realizados com os jovens da EFAP. Nessa ocasião, houve um intenso debate em cima da questão do jovem rural ser ou não influenciado pelo jovem da cidade, o que o leva a querer vivenciar as experiências urbanas e, ainda, se esse jovem migra por necessidade, em busca de trabalho. As opiniões que circularam podem ser resumidas pelo seguinte depoimento, de Júlio:

Tem jovem que quer ir pra cidade e jovem que talvez depende da cidade. Porque, assim, existem vários dons. Então às vezes um jovem tem um dom que se ele ficar no meio rural talvez não vai dar pra suprir pra ele. Mas se ele for pro mercado lá, na cidade é bem maior. Então, [...] ele vai começar e vai acabar suprindo. E já, às vezes, o jovem ir pra cidade por precisão, às vezes é o que eu digo, o trabalho no meio rural está se acabando pouco a pouco. Então a gente mesmo, eu posso me considerar que eu busco as minhas origens e corro atrás pra não deixar [...], porque até então eu vivo no meio rural e me sinto muito bem vivendo no meio rural. Talvez eu precise um dia ou pra estudar mais, ou pra tirar uma carteira, tirar habilitação, porque no meio rural é complicado [...]. Então é uma das poucas coisas que no meio rural não tem. Então, de vez em quando com certeza eu preciso ir pra cidade, mas não, assim, ir pra ficar.

Certamente, houve, entre os casos pesquisados, jovens que manifestaram interesse pelo universo urbano, haja vista a porcentagem de 29% de jovens, que declararam que desejam morar na cidade. A realização profissional e a facilidade de encontrar emprego foram motivações muito apontadas por esses indivíduos. Muitos também indicaram que a cultura mais ampla é uma referência para elaboração dos seus projetos de vida, que incluem morar na cidade e ter acesso às tecnologias, às informações e a outras manifestações socioculturais tidas como urbanas. O que remete, ainda, à “nova ruralidade” que se configura no campo, impactando principalmente os jovens, os quais constroem seus projetos de vida oscilando ora entre cultura local e a cultura da sociedade globalizada. Foi muito recorrente, nessa linha, declarações como as de Davi e Eva: “Ah eu sou muito ligado nessas coisas de tecnologia, essas coisas, e no meio rural já não tem muito isso. Eu, assim, essas tecnologias que eu falo é assim: é computador, esses trem” (ENTREVISTA COM UM DOS ESTUDANTES DA EFAP, 2013); “Eu sou muito ligada a tecnologia. Não sou assim de chegar lá, época que eu pegava em terra é aqui e quando eu era criança, entendeu? Eu posso ser, eu sou a mais urbana, mesmo” (ENTREVISTA COM UMA DAS ESTUDANTES DA EFAP, 2013).

Em linhas gerais, é possível afirmar que uma parte considerável dos jovens da EFAP não quer evadir do campo e uma parte significativa de jovens que, atualmente moram na cidade, deseja viver no meio rural. Isso certamente guarda uma relação com o projeto ético-político da escola que procura construir junto com esses atores uma imagem positiva do campo, como um lugar de vida e trabalho. Essa representação do meio rural é partilhada por um expressivo número de jovens que veem no campo um lugar melhor para se viver. Nesse sentido, pode-se inferir que os estudantes da EFAP, em sua maioria, não querem ir embora do campo. Isso não significa, porém, que eles vão ter condições reais de realizar tais projetos. Inclusive, boa parte deles já manifestou, de antemão, que terão que ir pra cidade, apesar de preferirem o campo, uma vez que lá terão acesso a melhores condições de vida. Da mesma forma, também é possível dizer que outra parte dos jovens da EFAP deseja ir pra cidade e constroem seus projetos de vida tendo como espelho a imagem da cultura mais ampla.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, foi possível compreender que os jovens da EFAP e seus familiares fazem parte de um mundo rural que cada vez mais vem se diversificando e se aproximando do universo tipicamente urbano, em termos de atividade econômica, acesso às TICs, acesso a lazer, acesso a condições de saneamento básico, acesso à bens e serviços, etc... Por meio da caracterização socioeconômica realizada, percebeu-se que há muita carência, ainda, em relação a essas questões específicas, sobretudo no meio rural. Mas os indicadores sociais e econômicos desses sujeitos não estão muito aquém do que normalmente se encontra em populações de baixa renda das cidades.

O campo socioeconômico deles é um exemplo, portanto, do encurtamento entre as distâncias entre os meios rural e urbano, tendo-se em conta o crescente acesso a bens e serviços, saneamento básico, TICs, etc. Como já foi analisado, num passado relativamente recente, isso era de acesso restrito às populações urbanas. Atualmente é possível assistir a transformações dos modos de vida e das relações sociais no meio rural.

Em termos de acesso à escolarização, pode-se afirmar que, comparando aos seus pais e responsáveis, as gerações atuais, formadas pelos jovens e seus irmãos e demais familiares, têm aumentado o grau de alfabetização, uma vez que eles têm acessado séries mais avançadas. A própria taxa de acesso ao ensino superior verificada, de 8%, também não está distante da realidade brasileira. As condições de acesso à escola pelas populações rurais, contudo, ainda não são totalmente favoráveis, uma vez que o problema do transporte ainda foi apontado por alguns informantes, os quais, se não fossem pelo regime de alternância oferecido pela EFAP, possivelmente já haviam evadido da escola.

O que sobressaiu da análise socioeconômica realizada foi, sobretudo, a emergência da “nova ruralidade” no caso específico dos jovens da EFAP, uma vez que muitas vezes foi possível perceber o campo como um lugar no qual a atividade agrícola, apesar de ainda existir com muita expressividade, não é a mais a principal fonte de renda das famílias. No caso específico dos indivíduos da EFAP, percebeu-se a adoção de estratégias, tais como o trabalho parcial fora das propriedades e a pluriatividade, haja vista a diversidade de profissões exercidas pelos pais e responsáveis pelos estudantes. Para além do âmbito econômico, foi muito significativa também a presença dessas

transformações em situações mais subjetivas, que envolvem os gostos dos jovens e a própria configuração de seus projetos de vida.

A contextualização socioeconômica desses jovens apontou, portanto, para um cenário otimista, uma vez que muitas das famílias estão conseguindo se manter no meio rural, tendo acesso cada vez mais a bens e serviços. Por outro lado, a própria estratégia da migração campo-cidade, presente em cerca de 70% das famílias, motivadas na maioria das vezes pela busca por trabalho, é um indicador de que o meio rural ainda é perpassado por vulnerabilidades que merecem atenção das políticas públicas.

Em relação ao projeto ético-político da escola, o qual foi mapeado no primeiro capítulo, por meio dos dados da pesquisa, foi possível concluir que escola busca construir juntamente com seus atores os princípios que também regem o movimento da Educação do Campo e que envolve sujeitos para além da EFAs. A escola tem a pretensão, dessa forma, de contribuir com a valorização dos processos sociais no campo e com o Desenvolvimento Rural Sustentável. Ela faz isso por meio da socialização junto aos seus estudantes de iniciativas bem sucedidas no campo, que os mostram que é possível viver no meio rural com qualidade de vida e acesso ao trabalho. A EFAP busca, em suma, a formação profissional, em técnico em agropecuária, e pessoal dos indivíduos, para que eles possam ser agentes de transformação social, principalmente no âmbito do meio rural.

Em relação ao mapeamento da representação de juventude presente no meio escolar, foi possível perceber que o ser jovem no contexto específico da EFAP, talvez por se tratar de um meio escolar, esteve ligado, na maioria das vezes, a aspectos positivos, como ser responsável, sério, maduro, protagonista, interessado, engajado, atuante, questionador, crítico, pensante, divertido, extrovertido, brincalhão, etc.

Elementos de diferenciação e demarcação do ser jovem rural, foram muitas vezes mencionados pelos jovens, como forma de defini-los em termos identitários. Dessa forma, o jovem rural muitas vezes foi definido como um sujeito mais responsável e sério que o jovem urbano, que tem afinidade com a atividade agrícola e com a natureza, etc... Essas formas de representação foram atribuídas aos jovens rurais muitas vezes como forma de diferenciação e enaltecimento do modo de vida e da cultura do campo.

Por outro lado ser jovem rural também foi representado como igual ao ser jovem urbano e, nesse sentido, apareceu principalmente o acesso às TICs, as mídias e as tecnologias da informação, como o uso dos celulares, computadores, internet e redes

sociais, que foram intensamente diagnosticados no contexto da EFAP. Assim, os jovens da EFAP afirmaram suas identidades de jovens rurais, mas sem necessariamente estabelecerem um antagonismo com os jovens da cidade.

Mais uma vez a “nova ruralidade” aparece aí, no que tange o âmbito da ambiguidade da identidade do jovem rural, que oscila, muitas vezes, entre a cultura mais ampla e as culturas locais. As representações de juventude que perpassam o universo da EFAP guardam proximidade com a perspectiva da diluição entre as fronteiras entre as próprias noções de rural e o urbano, que agora são perpassados por relações sociais diversas.

Para finalizar, cabe trazer o tema dos projetos de vida dos jovens da EFAP, que foi o principal foco de análise pretendido pela presente pesquisa. Em linhas gerais, foi possível perceber que planos profissionais para o futuro dos jovens da EFAP são os mais diversos possíveis, indo desde ser um técnico em agropecuária ou agrônomo até a possibilidade de ser cineasta, ator ou cantora. Envolve, dessa forma, uma gama de escolhas, muitas delas bem próximas da proposta política-pedagógica da escola e outras não tanto.

A maioria, contudo, declarou querer estudar ou trabalhar na área da agropecuária, grupo no qual mais se verificou a ressonância do projeto ético-político da escola, que inicia com a própria formação profissional nessa área. A perspectiva da formação de indivíduos que venham voltar à sua atuação para o meio rural, ou que possam, ainda, viver no campo, com vistas na contribuição para a superação das dificuldades desse lugar social, foi verificada como uma possível referência utilizada por esse grupo de sujeitos para a configuração dos seus projetos de vida. Porém, foi muito baixa a incidência de jovens que querem ser agricultores ou pecuaristas, o que não deixa de ser uma aposta da escola.

Em outros tantos casos, porém, essa referida diretriz da escola, que é um de seus pilares, não foi verificada diretamente. Muitos dos jovens querem exercer profissões para as quais eles terão que buscar viver no meio urbano. Notou-se que esse grupo de indivíduos, os quais apresentaram uma pluralidade de projetos de vida, elaboraram suas escolhas tendo como referencia aspectos da sociedade mais ampla. Foi também o grupo no qual mais se verificou a ressonância da “nova ruralidade” e o conflito entre viver no meio rural ou urbano, entre aspectos da cultura global e das culturas locais. O que sobressaiu do projeto ético-político da EFAP nesses últimos sujeitos foi menos a formação profissional oferecida pela instituição de ensino em questão, e mais a

formação pessoal para enfrentar as dificuldades na vida em sociedade. Nesse contexto, cabe indagar se as EFAs também não teriam que se reformular para receber esse perfil de jovem que adentra a escola, com expectativas que vão além da formação oferecida pela instituição.

Outros sujeitos apresentaram uma priorização das questões de cunho afetivo-amorosas na elaboração dos seus projetos de vida. Nesse sentido, apareceram jovens que desejam, acima de tudo, se casar e serem bons pais ou boas mães. Esses foram, em sua maioria, jovens que declararam que vivem no meio rural, o que pode ser aproximado da representação do jovem rural com um sujeito mais responsável, cuja vida adulta, o casamento, os filhos e próprio trabalho, chegam mais cedo do que para os jovens urbanos. No caso específico da EFAP, essa representação foi verificada, inclusive no âmbito da formulação dos seus projetos de vida.

Em linhas gerais também foi possível verificar que os estudantes da EFAP são um grupo de indivíduos cuja moratória de estudos possivelmente vai ser interrompida pela necessidade de inserção no mercado de trabalho, uma vez que foi frequentemente apontado que eles terão que trabalhar num futuro próximo, inclusive para conseguir pagar suas faculdades. O tão sonhado acesso ao Ensino Superior, que está presente no imaginário brasileiro, também foi verificado entre os jovens da EFAP, visto que cerca 80% deles declararam que querem entrar na Universidade. Mas antes ou paralelamente a isso, muitos também declararam que terão que trabalhar. Em vários dos casos, portanto, foi percebida a necessidade de articular os seus principais desejos com o que eles de fato podem fazer, ou seja, os campos de possibilidades de parte desses jovens são delimitados pelos seus campos sociais, os quais são perpassados por diversas questões estruturais, de ordem material, que muitas vezes, reduz a margem de escolha desses sujeitos.

Sobre o campo de possibilidades para o qual a EFAP tem preparado os seus jovens, foi diagnosticado que esse se resume, principalmente, na inserção profissional desses jovens na área da agropecuária, o que está diretamente ligado com o projeto ético-político da escola. Um número muito grande de jovens apontou que se sente preparado pela instituição para inserirem no mercado de trabalho e para concretizarem seus sonhos, mas, na íntegra, os jovens que querem ou ir pra cidade ou exercer funções tipicamente urbanas, vislumbram a importância da instituição mais no âmbito da formação pessoal que profissional.

Pra finalizar, também houve grande circularidade entre os jovens, a vontade de viver no meio rural, mesmo que antes eles tenham que passar pela cidade. Nesse sentido, pode-se concluir que a EFAP, de certa forma, pode estar referenciando o projeto de vida desses jovens, os quais, certamente, tornaram-se sujeitos sensíveis aos problemas sociais do campo, enxergando-o como um meio de vida. Da mesma forma, também apareceu a migração campo-cidade, uma vez que muitos jovens também apontaram que desejam morar no meio urbano, ou por questões de busca de melhores condições de trabalho ou por interesse pelo imaginário urbano, pelas tecnologias, etc. Tanto o projeto ético-político da escola, como os aspectos que permeiam a “nova ruralidade” que se configura no campo, foram percebidos como referências para a elaboração dos projetos de vida dos jovens estudantes da EFAP.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Eliseu e ROCHA, Daniela de Paula. In: GASQUES, José G. et al (org.). **A agricultura brasileira**. Desempenho, desafios e perspectivas. Brasília: IPEA, 2010.

AMEFA. Nossa História. Disponível em: <amefa.wordpress.com> Acesso em: 05/06/14

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre Educação e Juventude**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero Limitada, 1983. 121p.

BUAINAIN, Antônio Márcio e DEDECCA, Cláudio Salvadori. Mudanças e Reiteração dão Heterogeneidade do Mercado de Trabalho Agrícola. In: GASQUES, José G. et al (org.). **A agricultura brasileira**. Desempenho, desafios e perspectivas. Brasília: IPEA, 2010.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: Silva, F.C.T.; Santos, R.; Costa, L.F.C. (Org.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

_____. Ruralidade na sociedade contemporânea: uma reflexão teórico-metodológica. In: **El Mundo Rural: transformaciones y perspectivas à la luz de la nueva ruralidade**. Bogotá, 2003.

_____. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, W. e MARTONI, P. P. (org). **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2008.

CASTRO, E. G. Juventude Rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latino Americana de Ciências sociais, Niños y juventud**, v. 7, n.1, enero-junio, 2009a, p. 179-208.

_____. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009b.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**. V. 28, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, Juarez et al (Organizadores). **Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

DONATI, Pier Paolo. Familias y generaciones. **Desacatos, Revista de Antropología Social**, n. 2, México, 1999. Disponível em: <<http://www.ciesas.edu.mx/desacatos/ini.html>> Acesso em: 02/12/2012

DURKHEIM, Emile e MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. Contribuição para o estudo das representações coletivas. In: **Ensaio de Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FAVARETTO, A Expansão Produtiva em Regiões rurais: há um dilema entre crescimento econômico, coesão social e conservação ambiental? In: GASQUES, José

G. et al (org.). **A agricultura brasileira**. Desempenho, desafios e perspectivas. Brasília: IPEA, 2010.

FERREIRA, Brancolina e ALVES, Fábio. Juventude Rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, Jorge Abrahão de (org.). **Juventude e Políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.

FOERSTE, Erineu e JESUS, Janinha Jerke de. Escolas Famílias Agrícolas: um projeto de educação específico para o campo. Disponível em: <<http://educacaodocampo-bibliotecavirtual.blogspot.com.br/2011/02/7-escola-familia-agricola-casa-familiar.html>> Acesso em: 30/04/2013

GARCÍA-MARIRRODRIGA, Roberto e PUIG-CALVÓ, Pedro. **Formação em Alternância e Desenvolvimento Local**: o movimento educativo dos CEFFA no mundo. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

GASQUES, José G. et al (org.). **A agricultura brasileira**. Desempenho, desafios e perspectivas. Brasília: IPEA, 2010.

GHIARDO, Felipe. Generaciones y Juventud: una Relectura desde Manheim y Ortega y Gasset. **Ultima década**. V.12, n.20, 2004, p. 11-46

GI, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp, 1999.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Trad. de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LEÓN, Oscar Dávilla. Adolescência e Juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. de (org.). **Juventude e Adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOLINA, Mônica Castagna e FREITAS, Helana Célia de Abreu (orgs.). Por uma educação do Campo. **Em aberto**, v. 24, n.85, Brasília, abr. 2011, p. 1-177.

MOURA, Larissa Geórgia Bráulio. **Vozes da Resistência**: tradição, inovação e participação da juventude no Congado de Estrela do Indaiá- Minas Gerais. Viçosa, 2012. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural)- Universidade Federal de Viçosa.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy. Escola Família Agrícola: uma resposta alternativa à educação do meio rural. **Revista da UFG**. V. 7, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agro/Q02_escola.html> Acesso em: 30/04/2013

NAVARRO, Zander. A Agricultura Familiar no Brasil: entre a política e as transformações da vida econômica. In: GASQUES, José G. et al (org.). **A agricultura brasileira**. Desempenho, desafios e perspectivas. Brasília: IPEA, 2010.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Revista Análise Social**. V.25, 1990, p. 139-165.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Juventude Rural**: suas construções identitárias. Recife: EDUFPE, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**. v. 15, n. 29, 1995.

PESSOTTI, Alda L. **Escola Família Agrícola**: uma alternativa para o ensino Rural. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SCHULTZ, Alfred. **Collected Papers**. The Hague, Martius Nijhoff, v. 3, 1970-1971.

SILVA, Enid Rocha Andrade da e ANDRADE, Carla Coelho de. A política Nacional de Juventude: avanços e dificuldades. In: CASTRO, Jorge Abrahão de (org.). **Juventude e Políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. SILVA, José Graziano da. O Que Há de Novo no Rural Brasileiro. 1999.

SILVA, Lourdes Helena da. Educação do Campo em Foco: avanços e perspectivas da Pedagogia da Alternância em Minas Gerais. In: 28ª. Reunião Anual da Anped (GT Movimentos Sociais e Educação), 2005.

SILVA, Lourdes Helena da. Educação do Campo e Pedagogia da Alternância: a experiência brasileira. **Sísifo/Revista de Ciências da Educação**, n.5, jan/abr. 2007.

UNEFAB. Histórico. Disponível em: <www.unefab.org.br> Acesso em 05/06/2014.

VEIGA, José Eli da. O Brasil Rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estudos Avançados**, 15 (43), set/dez. 2001, p. 101-119.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. XX Encontro Anual da ANPOCS (GT Processos Sociais Agrários), Caxambu, out. 1996.

_____. A emergência de uma “nova ruralidade” nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 15, out de 2000, p. 87-145. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/quinze/nazare15.htm>> Acesso em: 13/12/2012.

_____. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J e CASTRO, E.G. (org). **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 21-33.

WEISHEMER, N. **Juventudes Rurais:** mapa de estudos recentes. Brasília. Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005, 76p.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. Trad. de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DOCUMENTOS:

EFAP. PLANO DE AÇÃO, 2009.

EFAP. REGIMENTO INTERNO, 2012.

EFA. PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, s.d.